

BestBolso

MORRIS WEST



O advogado do diabo

"Uma leitura emocionalmente bem intensa."

– *The New York Times Book Review*

DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade poderá
enfim evoluir a um novo nível."

EDIÇÕES BESTBOLSO

O advogado do diabo

Morris West (1916-1999) nasceu na Austrália, filho de pais irlandeses. Formou-se pela Universidade de Melbourne em 1937. Por 12 anos fez parte da Congregação dos Irmãos Cristãos, renovando os votos anualmente até 1941, quando deixou a ordem. Casou-se no mesmo ano e entrou para a Real Força Aérea Australiana. Usando pseudônimo, publicou seu primeiro livro em 1945, mas foi a partir de 1955 que sua carreira literária deslançou. Mais conhecido como autor de *O advogado do diabo* e *As sandálias do pescador*, seus livros foram traduzidos para 27 idiomas e venderam milhares de exemplares. Entre as muitas honrarias que recebeu destacam-se a Ordem da Austrália e títulos de doutor *honoris causa* em universidades americanas e australianas.

MORRIS WEST

**O
advogado
do diabo**

Tradução de
BRENNO SILVEIRA

1ª edição

EDIÇÕES

BestBolso

RIO DE JANEIRO – 2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

West, Morris, 1916-1999

W537a O advogado do diabo [recurso eletrônico] / Morris West; tradução Brenno Silveira. – 1. ed. – Rio de Janeiro: BestBolso, 2020.
recurso digital

Tradução de: The devil's advocate

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5855-000-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção australiana. 2. Livros eletrônicos. I. Silveira, Brenno. II. Título.

20-65985

CDD: 828.99343

CDU: 82-3(94)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

O advogado do diabo, de autoria de Morris West.

Título número 340 das Edições BestBolso.

Primeira edição impressa em junho de 2013.

Título original australiano:

THE DEVIL'S ADVOCATE

Copyright © 1959 by Morris L. West.

Copyright da tradução © by Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Direitos de reprodução da tradução cedidos para Edições BestBolso, um selo da Editora Best Seller Ltda. Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A. e Editora Best Seller Ltda são empresas do Grupo Editorial Record.

www.edicoesbestbolso.com.br

Design de capa: Sérgio Campante sobre imagem de Stephen Carroll Photography intitulada "Mysterious man in overcoat and hat in fog and trees" (Getty Images).

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil em formato bolso adquiridos pelas Edições BestBolso um selo da Editora Best Seller Ltda. Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5855-000-6

Quando abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que deram.

Apocalipse 6:9

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

Sua profissão era preparar os outros para a morte; chocava-o, no entanto, o fato de estar tão pouco preparado para a sua própria.

Era um homem sensato, e a razão dizia-lhe que a sentença de morte de um homem já está escrita na palma de sua mão no dia de seu nascimento; era um homem frio, que a paixão pouco inquietava e que de modo algum se molestava com a disciplina. Não obstante, seu primeiro impulso foi o de agarrar-se cegamente à ilusão da imortalidade.

Fazia parte da decência da Morte surgir sem se fazer anunciar, o rosto coberto e as mãos ocultas, num momento em que era menos esperada. Vinha lenta e suavemente, como o seu irmão, o Sono – ou, então, rápida e violentamente, como a consumação do ato do amor, de modo que o momento da rendição fosse uma quietude e uma saciedade, em vez da dilacerante separação do espírito e da carne.

A decência da Morte. Era a coisa que os homens esperavam, vagamente, a coisa pela qual rezavam, se estavam dispostos a rezar, ou que lamentavam amargamente, ao saber que isso lhes era negado. Blaise Meredith lamentava-o agora, sentado sob o tênue sol de primavera, observando os cisnes lentos, processionais, sobre o Serpentine, os casais em idílio sobre a relva, os poodles, ajoujados em suas trelas, caminhando entediados pelas alamedas junto às saias esvoaçantes de suas donas.

Em meio a toda aquela vida – a relva germinando, as árvores estuantes de seiva nova, os açafrões e os narcisos inclinando-se nos

ramos, o lânguido namoro dos jovens, o vigor dos passeantes mais velhos – somente ele, parecia, tinha sido assinalado para morrer. Não havia dúvida quanto à urgência ou à finalidade do mandato. Fora escrito, para que todos o lessem, não na palma de sua mão, mas no retângulo de uma chapa fotográfica, onde uma pequena mancha cinzenta enunciava a sentença a que ele estava condenado.

– Carcinoma.

O dedo insensível do cirurgião deteve-se um instante no centro da mancha cinzenta e, em seguida, moveu-se para fora, traçando a difusão do tumor:

– De desenvolvimento lento, mas bem nítido. Vi muitos deles para que me engane com este.

Enquanto observava a pequena tela translúcida e o dedo espatulado que se movia sobre ela, Blaise Meredith deu-se conta da ironia da situação. Passara toda a sua vida fazendo com que os outros se defrontassem com a verdade acerca de si mesmos, as culpas que os atormentavam, as concupiscências que os degradavam, as loucuras que os diminuía. Agora, olhava suas próprias entranhas, onde um pequeno tumor maligno se desenvolvia como uma raiz de mandrágora, estendendo-se na direção do dia em que o destruiria.

Perguntou, bastante calmo:

– É operável?

O cirurgião apagou a luz atrás do quadro de exames e a pequena morte cinzenta se extinguiu, opaca; depois se sentou, ajustando a lâmpada de mesa, de modo que o seu próprio rosto ficasse na sombra e o de seu paciente, iluminado, como uma cabeça de mármore num museu.

Blaise Meredith notou o pequeno ardil e compreendeu. Eram ambos profissionais. Cada qual, em sua própria profissão, lidava com animais humanos. Cada qual devia conservar um certo desprendimento clínico, para que não gastasse muito de si mesmo e não ficasse tão fraco e medroso como os seus pacientes.

O cirurgião recostou-se em sua cadeira, apanhou um corta-papel e segurou-o no ar tão delicadamente como se fosse um bisturi. Esperou um momento, reunindo as palavras, escolhendo esta,

descartando aquela, e juntando-as, depois, numa forma verbal meticulosamente exata.

– Posso operar, sem dúvida. Se eu o fizer, o senhor estará morto dentro de três meses.

– E se não o fizer?

– Viverá um pouco mais e morrerá de maneira um pouco mais dolorosa.

– E quanto tempo mais terei de vida?

– Seis meses. Talvez um ano, no máximo.

– É uma escolha sombria.

– Que o senhor mesmo terá de fazer.

– Compreendo perfeitamente.

O cirurgião sentou-se mais à vontade em sua cadeira. O pior tinha passado. Não se enganara com respeito àquele homem. Era inteligente, ascético, senhor de si mesmo. Sobreviveria ao choque e procuraria conformar-se diante do inevitável. Quando chegasse a agonia, iria suportá-la com certa dignidade. Sua Igreja atenderia às suas necessidades e o sepultaria com honra quando morresse – e, se não houvesse ninguém para chorar por ele, isso também poderia ser contado como uma recompensa final do celibato: sair furtivamente da vida, sem lamentar seus prazeres nem temer as obrigações não cumpridas.

A voz calma, seca, de Blaise Meredith interrompeu-lhe o pensamento.

– Pensarei no que o senhor me disse. Caso eu decida não ser operado... e voltar ao meu trabalho... o senhor me faria a gentileza de escrever um relatório ao meu médico? Um prognóstico completo ou, talvez, uma prescrição.

– Com prazer, monsenhor Meredith. O senhor trabalha em Roma, não é? Infelizmente, não sei escrever em italiano.

Blaise Meredith permitiu-se esboçar um sorriso gélido:

– Eu mesmo o traduzirei. Será um exercício interessante.

– Admiro sua coragem, monsenhor. Não pertencço à fé católica ou, na verdade, a qualquer outra fé, mas imagino que o senhor possa encontrar nela, numa ocasião como esta, um grande consolo.

– Espero que possa, doutor – respondeu, com simplicidade, Blaise Meredith –, mas sou sacerdote há muito tempo para alimentar tal esperança.

Agora estava sentado ao sol num banco de jardim, com o ar pleno de primavera e o futuro apenas uma breve e vazia perspectiva a derramar-se na eternidade. Certa vez, em seus dias de estudante, ouvira um velho missionário pregar acerca da ressurreição de Lázaro: como Cristo se detivera diante do sepulcro selado e ordenara que este fosse aberto para que o cheiro da podridão se desfizesse no ar parado e seco do verão; como Lázaro, atendendo ao chamado, saíra, tropeçando na mortalha, e ficara de pé, piscando sob o sol. Que sentira ele naquele momento, indagara o velho? Que preço ele havia pagado por aquela volta ao mundo dos vivos? Acaso depois continuara para sempre estropiado, de modo que cada rosa lhe cheirasse a podridão e cada jovem dourada lhe parecesse um esqueleto desengonçado? Ou caminhara cheio de deslumbramento diante da novidade das coisas, o coração terno de piedade e amor pela família humana?

Essa especulação interessara a Meredith durante anos. Chegara, mesmo, em certa ocasião, a alimentar a ideia de escrever um romance a respeito. Agora, finalmente, ele tinha a resposta. Nada era tão doce ao homem como a vida; nada mais precioso do que o tempo; nada mais tranquilizador do que o toque da terra e da relva, o sussurro da brisa, o som das vozes, do trânsito e dos pássaros.

Eis aí o que o perturbava. Havia vinte anos era sacerdote, voltado à afirmação de que a vida era uma imperfeição passageira; a Terra, um pálido símbolo de seu criador; a alma, uma coisa imortal na argila mortal a debater-se fatigada em busca de libertação nos braços acolhedores do Todo-Poderoso. Agora que sua própria libertação lhe era prometida, com data marcada, por que não podia aceitá-la, se não com alegria, pelo menos com confiança?

A que se aferrava ele que já não tivesse, havia muito, rejeitado? Uma mulher? Um filho? Uma família? Não havia criatura viva alguma que lhe pertencesse. Bens terrenos? Estes eram bem poucos: um pequeno apartamento próximo da Porta Angélica, alguns objetos de decoração, uma sala cheia de livros, um modesto estipêndio da

Congregação de Ritos, uma renda anual que a mãe lhe deixara. Nada que pudesse tentar um homem que se encontrava no limiar da grande revelação. Carreira? Talvez houvesse algo aí... auditor da Sagrada Congregação de Ritos, assistente pessoal do próprio prefeito, o cardeal Eugênio Marotta. Era uma posição de influência, de lisonjeira confiança. A gente sentava-se à sombra do pontífice. Observava o funcionamento complexo, sutil, de uma grande teocracia. Vivia-se com simplicidade, mas confortavelmente. Tinha-se tempo para estudar, liberdade para agir sem peias dentro dos limites da prudência e da discrição. Talvez houvesse algo aí... mas não o bastante: nem a metade do que seria necessário a um homem que ansiasse pela União Perfeita que pregava.

Talvez estivesse aí a essência do problema. Ele jamais ansiara por coisa alguma. Sempre tivera tudo o que desejara e jamais desejara nada além do que estava ao seu alcance. Aceitara a disciplina da Igreja, e a Igreja dera-lhe segurança, conforto e escopo para o exercício de suas aptidões naturais. Conseguira maiores satisfações em sua vida do que a maioria dos homens – e, se não pedira jamais a felicidade, foi porque nunca tinha sido infeliz. Isso, até então... até aquele desolado momento ali, ao sol, o primeiro sol da primavera, a última primavera que Blaise Meredith teria.

A última primavera, o último verão. O troco final da vida, mastigado e chupado até ficar seco como um bastão de açúcar-cande que depois se lança ao lixo. Havia ali amargura, o gosto azedo do fracasso e da desilusão.

Que mérito ele poderia computar e levar consigo para o Juízo Final? O que deixaria atrás de si para que os homens pudessem lembrar-se dele?

Jamais gerara um filho, plantara uma árvore ou colocara pedra sobre pedra na construção de uma casa ou de um monumento. Não tivera ódios, mas também não dispensara caridade. Seu trabalho se desfaria em pó nos arquivos do Vaticano. Qualquer virtude que acaso tivesse florescido em seu ministério era sacramental, não individual. Os pobres não o abençoariam pelo seu pão, nem os enfermos pelo consolo de suas palavras, nem os pecadores pela salvação de suas almas. Fizera o que dele haviam exigido; não

obstante, morreria vazio e, dentro de um mês, seu nome seria um pouco de pó soprado sobre o deserto dos séculos.

Súbito, sentiu-se aterrorizado. Um suor frio inundou-lhe o corpo. Suas mãos começaram a tremer, e um grupo de crianças que brincava com uma bola junto a um banco próximo afastou-se do macilento clérigo que ali estava sentado, fitando, com olhos que não viam, as águas tremeluzentes do lago.

Os calafrios passaram lentamente. O terror cessou, e ele se sentiu calmo de novo. A razão apoderou-se dele, e pôs-se a pensar de que modo deveria organizar sua vida durante o tempo que lhe restava.

Ao ficar doente em Roma, quando os médicos italianos haviam feito, em caráter experimental, os primeiros diagnósticos, sua decisão instintiva fora voltar para Londres. Se tinha de ser condenado, preferia que fosse em sua própria língua. Se o tempo de vida de que dispunha tinha de ser reduzido, então desejava passar o que lhe restava dela em meio à suave atmosfera da Inglaterra, caminhando pelas chapadas gredosas, pelos bosques de faias, ouvindo o canto elegíaco dos rouxinóis à sombra de velhas igrejas, onde a Morte era mais familiar e mais afável, uma vez que os ingleses haviam passado séculos a ensinar-lhe boas maneiras.

Na Itália, a morte era rude, dramática – um final de grande ópera, com coros de carpideiras, penachos ao vento e negros ataúdes barrocos rolando diante de palácios de estuque rumo às criptas de mármore do Campo Santo. Ali, na Inglaterra, ela tinha um aspecto mais gentil: a cerimônia religiosa era murmurada discretamente numa nave normanda, a sepultura aberta em grama ceifada entre túmulos batidos pelas intempéries, as libações na taberna de vigas de carvalho, situada logo do lado oposto ao portão coberto de musgo.

Também isso, agora, provava ser uma ilusão, uma falácia patética, não constituindo, de modo algum, uma couraça contra o cinzento inimigo entrincheirado em suas próprias entranhas. Não podia escapar dele, como tampouco podia fugir à convicção de seu fracasso como sacerdote e como homem.

Que fazer, então? Submeter-se ao bisturi? Abreviar a agonia, truncar o medo e a solidão até um limite exequível? Não seria aquilo um novo fracasso, uma espécie de suicídio que os moralistas talvez justificassem, mas que a consciência não poderia jamais perdoar? Já tinha muitos débitos para levar ao seu ajuste de contas final; esse último poderia conduzi-lo inteiramente à falência.

Voltar ao trabalho? Sentar-se à velha mesa, sob o teto decorado do Palácio das Congregações, em Roma. Abrir os enormes in-fólios, onde as vidas, as obras e os escritos dos candidatos à canonização, mortos havia muito, eram registrados pela mão de milhares de copistas. Examiná-los, dissecá-los, analisá-los e fazer suas anotações. Questionar quanto às suas virtudes e lançar dúvidas quanto às maravilhas que lhes eram atribuídas. Fazer novas anotações em novos manuscritos. E isso com que fim? Para que um novo candidato às honras canônicas talvez viesse a ser rejeitado por ter sido, em vida, menos do que heroico, ou menos do que sábio, em suas virtudes; ou para que daqui a um século, ou talvez dois, um novo papa pudesse vir a proclamar, em São Pedro, que um novo santo fora incluído no calendário.

Acaso se importavam, aqueles mortos, com o que ele escrevia a respeito deles? Acaso se importavam que se permitisse a uma nova estátua o uso de uma auréola, ou que os impressores pusessem em circulação um milhão de pequenos cartões com seus rostos na frente e uma lista de suas virtudes no verso? Ririam de seus brandos biógrafos ou franziriam a testa diante de seus detratores oficiais? Tinham morrido e sido julgados havia muito, como ele deveria morrer e ser julgado. O resto era tudo adenda, *post scriptum* e dispensável. Um novo culto, uma nova peregrinação, uma nova missa na liturgia não os comoveriam de modo algum. Blaise Meredith, sacerdote, filósofo, canonista, poderia trabalhar doze meses ou doze anos em seus registros sem que acrescentasse um til à felicidade deles ou um único sofrimento à condenação de suas almas.

Não obstante, aquele era o seu trabalho, e ele devia realizá-lo, já que estava entregue às suas mãos e ele estava demasiado cansado e doente para começar qualquer outro. Diria missa todos os dias,

cumpriria diariamente sua tarefa no Palácio das Congregações, pregaria ocasionalmente na Igreja Inglesa, ouviria em confissão seus colegas em férias, voltaria todas as noites ao seu apartamento na Porta Angélica, lia um pouco, fazia suas preces e, depois, se debateria nas noites inquietas, até a áspera manhã. Durante doze meses. Depois, estaria morto. Por um período de uma semana, diriam seu nome nas missas... “o nosso irmão Blaise Meredith”; depois, se uniria aos anônimos e aos esquecidos na lembrança de todos... “todos os fiéis que partiram”.

Agora fazia frio no parque. Os namorados limpavam a relva de seus paletós e as moças alisavam as saias. As crianças eram arrastadas, indiferentes, pelas alamedas, atrás de pais que as repreendiam. Os cisnes voltavam, arrepiados, para as ilhotas, na hora máxima do zunzunar do tráfego de Londres.

Era hora de ir embora. Hora de monsenhor Blaise Meredith enfardar seus angustiantes pensamentos e recompor seu magro rosto, pondo nele um sorriso cortês para o chá do administrador, em Westminster. Os ingleses eram um povo civilizado e tolerante. Esperavam que um homem cuidasse recatadamente de sua salvação ou se condenasse com discrição às penas eternas, que soubesse beber como um cavalheiro e guardasse consigo mesmo seus problemas. Desconfiavam dos santos, não viam os místicos com simpatia e quase acreditavam que o Deus Todo-Poderoso sentia o mesmo. Até na hora de seu Getsêmani privado, Meredith alegrava-se com aquela convenção social que o obrigaria a esquecer-se de si mesmo e atentar no que tagarelavam seus colegas.

Levantou-se entorpecidamente do banco, ficou um longo momento parado, como se não estivesse seguro de habitar o próprio corpo, e depois desceu com passos firmes em direção de Brompton Road.

O DR. ALDO MEYER tinha as próprias preocupações naquela suave noite mediterrânea. Estava procurando embriagar-se – da maneira mais rápida e indolor possível.

Tudo estava contra ele. O lugar onde bebia era uma taberna de paredes de pedra, teto baixo e chão de terra batida que cheirava a vinho azedo. As pessoas que lhe faziam companhia eram o proprietário, um camponês bronco e uma volumosa e sólida jovem de pescoço e ancas de boi, com os seios de melão forçando o vestido negro e ensebado. A bebida era uma causticante grapa que, segundo se garantia, afogaria mesmo a mais obstinada tristeza. Mas Aldo Meyer era demasiadamente comedido e inteligente para que pudesse apreciá-la.

Estava sentado, encurvado, diante da mesa rústica, tendo ao lado uma vela gotejante, e fitava seu copo, traçando desenhos monótonos na bebida derramada que fluía lentamente atrás de seu dedo. O *padrone* achava-se recostado ao balcão, palitando os dentes com um raminho seco e chupando, ruidosamente, através dos vãos, o resto do jantar. A moça, sentada na sombra, esperava o momento de encher o copo, logo que o médico o esvaziasse. A princípio bebera com rapidez, a grandes sorvos; depois, mais devagar, à medida que o álcool tomava conta dele. Nos últimos dez minutos, não tocara no copo. Era como se estivesse aguardando que algo acontecesse antes da rendição final ao esquecimento.

Tinha trinta e nove anos, mas parecia um velho. Seus cabelos eram brancos e a pele de seu belo rosto judaico estendia-se vincada sobre os ossos. Possuía mãos longas e ágeis, mas calejadas como as de um trabalhador. Usava uma roupa citadina fora de moda, punhos puídos e lapela brilhante, mas seus sapatos estavam engraxados e a camisa, limpa, salvo quanto às manchas nos lugares onde tinham caído pingos de grapa. Havia nele um ar de passada distinção que se adaptava estranhamente à rudeza do ambiente e à grosseira vitalidade da jovem e do *padrone*.

Gemello Minore achava-se situada muito longe de Roma e mais longe ainda de Londres. A miserável taberna não se assemelhava em nada ao Palácio das Congregações. Não obstante, o Dr. Aldo Meyer, como Blaise Meredith, estava preocupado com a morte e, embora fosse um céptico, via-se envolvido com a beatitude.

Ao cair da tarde, fora chamado à casa de Pietro Rossi, cuja esposa encontrava-se em trabalho de parto havia dez horas. A

parteira estava desesperada e o quarto, cheio de mulheres que tagarelavam como galinhas, enquanto Maria Rossi gemia e se contorcia em espasmos, mergulhando, depois, em fraco queixume, quando a deixaram. Fora da choupana, as mulheres permaneciam reunidas, falando em voz baixa e passando uma garrafa de vinho de mão em mão.

Quando ele se aproximara, calaram-se, observando-o de soslaio, com olhos especulativos, enquanto Pietro Rossi o fazia entrar. Vivia entre eles havia vinte anos; não obstante, ainda era um estranho. Naqueles momentos de sua vida tribal ele talvez lhes fosse necessário, mas jamais o recebiam de bom grado.

No quarto, com a mulher, a história foi a mesma: silêncio, desconfiança, hostilidade. Ao debruçar-se sobre a grande cama de ferro, para apalpar e examinar o intumescido corpo, a parteira e a mãe da moça ficaram bem perto dele, e quando veio um novo espasmo, houve um murmúrio de escândalo, como se ele o houvesse produzido.

Decorridos três minutos, ele já sabia que não havia esperança de parto normal. Tinha de ser feita uma cesariana. Tal perspectiva não o preocupou demais. Já as praticara antes, à luz de velas e lampiões, sobre mesas de cozinha e bancos de madeira. Com água fervente, anestésico e o vigoroso corpo das mulheres da montanha, as probabilidades de êxito pendiam a favor da paciente.

Esperava que houvesse protestos. Aquela gente era teimosa como uma mula e duas vezes mais assustadiça – mas ele não estava preparado para uma explosão como a que se verificou. Foi a mãe da moça quem começou tudo, uma megera corpulenta e musculosa de cabelos escorridos, com falhas de dentes e olhos negros de serpente. Cercou-o, gritando-lhe em carregado dialeto:

– Nada de facas na barriga de minha filha! Quero netos vivos, não mortos! Os médicos são todos iguais. Quando não podem curar as pessoas, cortam e enterram a gente. Mas não minha filha! Mais um pouco de tempo, e essa criança saltará para fora como uma ervilha. Tive doze filhos. Devo saber o que estou dizendo. Nem sempre a coisa foi fácil, mas eu tive eles sem precisar que nenhum açougueiro me cortasse a barriga!

Uma explosão de risos estridentes abafou os gemidos da parturiente. Aldo Meyer ficou a observá-la, sem dar importância às mulheres. Apenas disse:

– Se eu não operar, ela estará morta antes da meia-noite.

Isso havia funcionado em outras ocasiões – o frio pronunciamento profissional, o desprezo pela ignorância dos que o cercavam –, mas dessa vez falhou por completo. As mulheres riram na cara dele.

– Desta vez não, “seu” judeu! E sabe por quê? – indagou, metendo a mão dentro do vestido e tirando um pequeno objeto envolto em pano vermelho e desbotado, que lhe agitou diante do nariz: – Sabe o que é isso? Claro que não sabe, sendo um infiel e um matador de Cristo. Temos agora um santo aqui conosco. Um santo de verdade! Estão arranjando para que ele seja canonizado em Roma a qualquer momento. Isto é um pedaço da sua camisa. Uma verdadeira relíquia viva, manchada com o sangue dele. Ele vem fazendo milagres. Milagres de fato! E estão todos escritos. Foram enviados ao papa. O senhor acha que pode fazer mais do que ele? Acha? Qual deles escolhemos, pessoal? O nosso São Giacomo Nerone ou este sujeito?

A moça gritou na cama, tomada de súbita agonia, e as mulheres calaram-se, enquanto a mãe se debruçava sobre o leito, proferindo breves ruídos de consolo e esfregando a encardida relíquia sobre o inchado ventre debaixo das cobertas. Aldo Meyer aguardou um momento, à procura das palavras exatas. Depois, quando a moça tornou a aquietar-se, disse-lhes, sobriamente:

– Mesmo um infiel sabe que esperar milagres, sem que procuremos ajudar-nos, é um pecado. Não podemos jogar fora os remédios e esperar que os santos nos curem. Além disso, Giacomo Nerone ainda não é santo. Demorará muito tempo antes que comecem sequer a discutir o seu caso em Roma. Rezem para ele se quiserem, mas peçam-lhe que dê a mim uma mão firme e a esta moça um coração forte. Agora, deixem de ser tolas e tragam-me água quente e lençóis limpos. Não disponho de muito tempo.

Ninguém se mexeu. A mãe interceptou-lhe os passos, impedindo-o de aproximar-se da cama. As mulheres permaneciam enfileiradas

em estreito semicírculo, dirigindo-o na direção da porta, onde se achava Pietro Rossi, pálido, a observar o drama. Meyer voltou-se para ele, num desafio:

– Você aí, Pietro. Você quer um filho? Quer sua mulher? Então, pelo amor de Deus, ouça-me. A menos que eu a opere sem perda de tempo, ela morrerá e a criança morrerá com ela. Você sabe o que posso fazer... Há vinte pessoas na aldeia que podem lhe dizer. Mas você não sabe o que esse tal Giacomo Nerone pode fazer... mesmo que seja um santo... do que duvido muito.

Pietro Rossi balançou a cabeça, obstinado:

– Não é natural arrancar uma criança como se fossem as tripas de um carneiro. *Ele* é nosso. Ele nos pertence. Cuidará de nós. É melhor que o senhor vá embora, doutor.

– Se eu for, sua mulher não sobrevivera à noite.

O rosto inexpressivo do camponês era vazio como uma parede. Meyer voltou-se e lançou um olhar àquela gente, a gente morena e secreta do sul, e pensou, com desespero, quão pouco ele a conhecia, quão pequeno era o seu poder sobre ela. Deu de ombros num gesto de resignação, apanhou sua maleta e caminhou para a porta. Na soleira, deteve-se e voltou-se para elas:

– Seria melhor que chamassem o padre Anselmo. Ela não dispõe de muito tempo.

A mãe cuspiu desdenhosamente no chão e, depois, tornou a curvar-se sobre a cama, para esfregar o pequeno trapo de seda sobre o ventre convulsivo da jovem, murmurando orações em dialeto. As outras mulheres o observavam, mudas, os rostos petrificados. Quando ele saiu e desceu pelo caminho coberto de pedras arredondadas, sentiu nas costas, como punhais, o olhar dos homens. Foi então que resolveu se embriagar.

Para Aldo Meyer, o velho liberal, o homem que acreditava nos homens, aquele era o gesto final de derrota. Não havia esperança para aquela gente. Eram rapaces como falcões. Criaturas capazes de arrancar o coração de alguém e deixar-lhe o corpo a apodrecer numa fossa. Ele tinha sofrido por eles, lutado por eles, vivido em sua companhia e procurado educá-los, mas eles se aproveitaram de tudo e nada aprendiam. Zombavam dos conhecimentos mais elementares,

embora se deliciassem com lendas e superstições tão avidamente como crianças.

Somente a Igreja podia dominá-los, embora não conseguisse torná-los melhores. Afligia-os com demônios, obcecava-os com santos, engabelava-os com chorosas *madonnas* e *bambini* de nádegas roliças. Podia arrancar-lhes o último níquel para a aquisição de um novo candelabro, mas não podia – ou não queria – levá-los a uma clínica onde os vacinassem contra o tifo. As mães eram devastadas pela tuberculose e seus *bambini* tinham os braços inchados por crises intermitentes de malária. Contudo preferiam engolir o diabo a meter na boca uma pastilha de Atebrina, mesmo que o próprio médico a pagasse.

Viviam em choças onde um bom lavrador não alojaria o seu gado. Comiam azeitonas, farinha de pão molhada em azeite e, em dias de festa, carne de cabrito, quando podiam comprá-la. Suas colinas eram nuas de árvores e seus eirados, em socalcos, retinham apenas um solo avaro, do qual a parte nutriente escorria com as primeiras chuvas e perdia-se nas encostas pedregosas. Seu vinho era ralo e seu trigo magro, e caminhavam com o jeito indolente de gente que comia pouco e trabalhava demais.

Seus senhorios os exploravam, mas eles se agarravam como crianças à aba de seus paletós. Seus sacerdotes não raro se entregavam à bebida e ao concubinato, mas eles os alimentavam, apesar de sua pobreza, e os tratavam com tolerante desdém. Se o verão tardava a chegar ou o inverno era inclemente, a geada queimava os olivais e havia fome nas colinas. Não tinham escolas para seus filhos, e aquilo que o Estado não lhes fornecia eles não procuravam suprir por si próprios. Não sacrificariam, na construção de uma escola, as suas horas de ócio. Não podiam pagar um professor, mas lançavam mão de suas minguadas liras para financiar a canonização de um novo santo destinado a um calendário já sobrecarregado deles.

Aldo Meyer fitava a borra escura de sua grapa e lia nela apenas inutilidade, decepção e desespero. Ergueu o copo e engoliu de um trago o restante da bebida. Era acre, amargo e não continha calor algum.

Fora para ali como eLivros, quando os fascistas estreitaram o cerco em torno dos semitas, dos intelectuais esquerdistas e dos liberais demasiado eloquentes e lhes apresentaram a sucinta alternativa de vida campestre ou trabalho forçado em Lipari. Deram-lhe o título irônico de oficial médico, mas sem salário, sem medicamentos e sem anestésicos. Chegara com a roupa que vestia na ocasião, uma maleta de instrumentos cirúrgicos, um vidro de tabletas de aspirina e um compêndio médico. Pelo período de seis anos, batalhara, arquitetara intrigas, valera-se de lisonjas e de chantagem, a fim de construir um sumário serviço médico numa região de desnutrição constante, malária endêmica e epidemias de tifo.

Morava numa granja cuja casa, arruinada, ele restaurara com as próprias mãos. Lavrara um hectare de terra pedregosa com a ajuda de um empregado cretino. Seu hospital era um dos quartos de sua casa. Seu anfiteatro era sua cozinha. Os camponeses pagavam-no em espécie, quando de algum modo o pagavam, e ele exigia dos funcionários administrativos locais uma contribuição em forma de drogas e instrumentos cirúrgicos, bem como proteção contra um governo hostil. Aquilo tinha sido uma amarga servidão, mas havia momentos de triunfo, dias em que lhe parecia estar finalmente penetrando no círculo fechado da vida primitiva da montanha.

Quando os aliados cruzaram os estreitos de Messina e começaram seu lento e sangrento avanço peninsular acima, ele fugira e unira-se aos *partigiani* e, após o armistício, passara um breve período em Roma. Mas ficara demasiado tempo ausente. Os velhos amigos haviam morrido. Era difícil fazer novos amigos, e os pequenos êxitos daqueles anos vorazes agora o desafiavam para novos triunfos. Com liberdade, dinheiro e ímpeto reformador, um homem de boa vontade poderia operar milagres no sul.

E, assim, ele voltara à velha casa, à velha aldeia, com um novo sonho e uma sensação de renovada juventude dentro de si. Além de médico, se tornaria professor. Estabeleceria uma organização-modelo destinada ao esforço cooperativo, uma organização que, para o seu desenvolvimento, atrairia dinheiro de Roma, bem como ajuda financeira de outras organizações de além-mar. Ele os

ensinaria hábitos de higiene e a tratar da água e do solo. Capacitaria jovens para que levassem sua mensagem a distritos adjacentes. Seria um missionário do progresso onde o progresso se detivera três séculos antes.

Doze anos antes, aquilo tinha sido um belo e revigorante sonho. Sabia, agora, que tudo não passara de desanimadora ilusão. Ele caíra no erro de todos os liberais: a crença de que os homens estão prontos a modificar-se, de que boa vontade gera boa vontade e de que a verdade possui, por si própria, uma virtude de fermentação. Seus planos soçobraram ante a venalidade de dirigentes públicos, do conservantismo de uma Igreja feudal, da rapacidade e da desconfiança de um povo ignorante e primitivo.

Mesmo através dos espessos vapores da bebida, ele via tudo de maneira bastante clara. Eles o haviam derrotado. Ele mesmo se derrotara. E agora era tarde demais para remediar a situação.

Do lusco-fusco que reinava fora, chegaram até eles longos e lamentosos gritos femininos. A moça e o *padrone* trocaram um olhar e persignaram-se. O médico levantou-se e dirigiu-se, vacilante, à porta, onde ficou olhando o frio crepúsculo de primavera.

– Ela morreu – disse o *padrone*, com sua voz grossa e rouca.

– Digam isso ao santo – respondeu Aldo Meyer. – Eu vou para a cama.

Quando ele se afastou, cambaleante, pela rua, a moça mostrou-lhe a língua e fez o sinal contra o mau-olhado.

O lamento fúnebre aumentava e diminuía, gemendo como um vento sobre a montanha adormecida. Seguiu-o pela rua de pedras arredondadas até sua casa. Batia de encontro à sua porta, esquadrinhava os postigos de suas janelas, perseguindo-o durante toda aquela noite de sono inquieto, entremeado de palavras proferidas entre dentes.

AO CAIR DAQUELA mesma noite de primavera, o cardeal Eugênio Marotta passeava pelos jardins de sua *villa* em Parioli. Ao longe, bem embaixo, a cidade despertava do torpor da tarde e entregava-se de novo às suas atividades comerciais, em meio aos ruídos estridentes

e às buzinas, às motonetas barulhentas e aos negociantes regateiros. Os turistas voltavam compungidamente da basílica de São Pedro, de São João Latrão e do Coliseu. Os floristas estendiam suas flores para o derradeiro assalto dos amantes da Escadaria Espanhola. O sol, no ocaso, derramava-se sobre as colinas e o topo dos telhados, mas embaixo, nas vielas, pairava pesadamente a névoa do lusco-fusco, e as paredes das casas eram cinzentas e fatigadas.

Lá em cima, em Parioli, porém, o ar era claro e as avenidas, tranquilas, e Sua Eminência caminhava sob palmeiras curvadas, em meio à fragrância de jasmineiros floridos. Havia, em torno, altos muros e portões gradeados, para que se mantivesse apartado dos demais, e os bronzes heráldicos, sobre o dintel, lembravam ao visitante a dignidade eclesiástica e os títulos do cardeal Eugênio Marotta, arcebispo da Acrópole, titular de São Clemente, prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, subprefeito do Supremo Tribunal da Signatura Apostólica, comissário para a Interpretação do Direito Canônico, protetor dos Filhos de São José e das Filhas de Maria Imaculada, bem como de vinte outras organizações religiosas, grandes e pequenas, da Santa Igreja romana.

Eram amplos os títulos, como também o poder que havia atrás deles, mas Sua Eminência carregava tal poder com um tão brando bom humor que ocultava uma inteligência sutil e uma vontade dominadora.

Era um homem baixo e corpulento, de mãos e pés pequenos, rosto com papada, cabeça arredondada calva como um ovo sob o solidéu. Seus olhos cinzentos piscavam com benevolência e sua boca era pequena e rubra como a de uma mulher, contrastando com sua tez azeitonada. Tinha sessenta e três anos, o que era pouca idade para um homem atingir o chapéu cardinalício. Trabalhava arduamente, embora sem esforço aparente, mas ainda lhe restava energia suficiente para a sinuosa diplomacia e as manipulações do poder dentro da fechada cidade do Vaticano.

Havia os que eram a favor de sua eleição para o próprio papado, enquanto outros, mais numerosos, eram de opinião que o próximo pontífice deveria ser um homem mais santo, menos preocupado com

a diplomacia do que com a reforma da moral tanto entre o clero como entre os leigos. Eugênio Marotta aguardava, satisfeito, o resultado, sabendo que aquele que entra num conclave com o papa tem probabilidade de sair dele cardeal. Ademais, o pontífice podia ser velho, mas ainda estava longe da morte, e encarava com desagrado os que lhe cobijavam a posição.

Assim, Sua Eminência passeava pelos jardins de sua *villa*, no bairro de Parioli, observando o sol que se punha atrás das colinas albanas e pensando nos assuntos do dia com a atitude descansada de um homem que sabia que, no fim, teria todas as respostas.

Podia dar-se ao luxo da despreocupação. Chegara, mediante firme progressão, ao elevado posto eclesiástico do qual nem a maldade nem o desfavor poderiam desalojá-lo. Permaneceria cardeal até o dia de sua morte, um príncipe por protocolo, bispo por irrevogável consagração, cidadão do menor e menos vulnerável Estado existente no mundo. Era muito para um homem que ainda se achava em seus vigorosos sessenta e poucos anos. Era ainda muito mais, pois que não se achava preso a uma esposa, atormentado por filhos e filhas, ou escravizado aos aguilhões da paixão. Fora tão longe quanto o talento e a ambição podiam tê-lo levado.

O passo seguinte era a Cadeira de São Pedro, mas aquele era um salto muito grande, meio caminho distante do mundo, já uma antecâmara da divindade. O homem que usava o anel de São Pedro e a tríplice tiara também carregava consigo os pecados do mundo, como um manto de chumbo sobre os ombros. Permanecia sobre venturoso pináculo, tendo, a seus pés, o tapete estendido das nações e, no alto, a face nua do Todo-Poderoso. Somente um tolo invejaria o poder, a glória e o terror de um tal principado. E o cardeal Marotta estava longe de ser um tolo.

Naquela hora de penumbra e jasmim, ele já tinha problemas suficientes para resolver.

Dois dias antes, fora colocada sobre sua mesa uma carta do bispo de Valenta, pequena diocese de uma região arruinada da Calábria. Conhecia vagamente o bispo como sendo um reformador severo, com pendores para a política. Causara agitação, dois anos antes, por haver destituído, por concubinato, dois curas rurais e por

ter afastado, por incompetência, um de seus pastores mais idosos. O resultado das eleições em sua diocese revelara acentuada inclinação a favor dos democratas cristãos e, com isso, obtivera uma carta de louvor pontifícia. Só os observadores mais sutis, como Marotta, haviam notado que o aumento dos votos fora devido ao Partido Monarquista e não aos comunistas, que também tinham obtido ligeiro acréscimo na votação. A carta do bispo era simples e explícita – demasiado simples para que fosse destituída de astúcia e demasiado explícita para que deixasse de despertar suspeita num político experiente como o cardeal Eugênio Marotta.

Começava com saudações, floridas e deferentes, de um bispo humilde a um príncipe da Igreja. Dizia, a seguir, que recebera uma petição assinada pelo pároco e pelos fiéis das aldeias de Gemelli dei Monti solicitando a apresentação da Causa de Beatificação do Servo de Deus Giacomo Nerone.

Esse Giacomo Nerone fora assassinado por comunistas em circunstâncias que bem poderiam ser chamadas de verdadeiro martírio.

Desde sua morte, vinham-lhe sendo prestados, nas vilas e nos campos adjacentes, espontâneos tributos de veneração, atribuindo-se à sua influência diversas curas de natureza milagrosa. Investigações preliminares haviam confirmado sua reputação de santidade, bem como a natureza aparentemente milagrosa de tais curas, e o bispo mostrara-se disposto a aceitar a petição e submeter o caso à investigação jurídica. Antes de fazê-lo, porém, desejava conhecer a opinião de Sua Eminência, como prefeito da Congregação dos Ritos, bem como contar com sua assistência para que fossem designados, diretamente de Roma, dois cultos e virtuosos sacerdotes – um como postulador da causa, para iniciar a investigação e levá-la avante, e o outro como Promotor da Fé, ou Advogado do Diabo, para submeter as provas e as testemunhas ao severo escrutínio, segundo as cláusulas pertinentes do direito canônico.

Havia muito, muito mais, mas essa era a essência da coisa. O bispo talvez tivesse mesmo um santo em seu território – e, o que é mais, um santo conveniente, martirizado pelos comunistas. A única

maneira pela qual poderia provar essa santidade era mediante uma investigação judicial, primeiro em sua própria diocese e, depois, em Roma, debaixo da autoridade da Congregação dos Ritos. A primeira investigação, porém, seria feita em sua sede episcopal e sob sua autoridade, por meio de autoridade por ele mesmo designada. Os bispos locais eram, em geral, zelosos de sua autonomia. Por que razão, pois, aquele apelo diferente a Roma?

O cardeal Eugênio Marotta caminhava pelos relvados bem-cuidados dos jardins de sua *villa*, meditando sobre tal proposição.

Gemelli dei Monti achava-se situado bem no coração da Itália Meridional, onde os cultos se extinguem tão rapidamente quanto proliferam, onde a fé se acha sobrecarregada de espessa pátina de superstição, onde os camponeses fazem, com a mesma mão, o sinal da cruz e o gesto contra o mau-olhado, onde a imagem do Bambino é dependurada sobre a cama e os cornos pagãos são pregados na porta do celeiro. O bispo era um homem astuto que queria um santo para o bem da própria diocese, mas que declinava colocar sua reputação em jogo juntamente com a do Servo do Senhor.

Se a investigação corresse bem, teria não apenas um beato, mas uma vara com que castigar os comunistas. Se fosse mal, os sábios e piedosos homens de Roma poderiam arcar com uma parte de culpa. Sua Eminência esboçou um sorriso diante da sutileza daquilo. Arranhe-se um homem do sul e encontrar-se-á uma raposa que fareja armadilhas a um quilômetro de distância e que se desvia matreiramente delas rumo ao galinheiro.

Mas estava em jogo mais do que a reputação de um bispo provincial. Também havia política envolvida no caso, e faltavam apenas doze meses para as eleições italianas. A opinião pública era sensível à influência do Vaticano nos assuntos civis. Os anticlericais acolheram de bom grado uma oportunidade para desacreditar a Igreja e já dispunham de armas suficientes para que se lhes pusesse outra nas mãos.

Havia, no entanto, questões mais profundas, matérias que diziam menos respeito ao tempo que à eternidade. Dizer que um homem era Santo era declará-lo servo heroico de Deus, apresentá-lo como exemplo e intercessor a favor dos fiéis. Aceitar seus milagres era

admitir, além de qualquer dúvida, o poder divino a agir através de sua pessoa, suspendendo ou cancelando as leis da natureza. Um erro em tal assunto era coisa inconcebível. Toda a maciça maquinaria da Congregação dos Ritos destinava-a a impedir que isso ocorresse. Mas uma ação prematura, uma investigação malfeita, poderiam causar grave escândalo e debilitar a fé de milhões de indivíduos numa Igreja infalível que reivindicava para si a orientação direta do Espírito Santo.

Sua Eminência sentiu um arrepio ante a friagem que descia sobre Parioli com as primeiras sombras da noite. Era um homem enrijecido pelo poder e cético quanto à devoção, mas também carregava sobre os ombros o fardo da crença e, em seu coração, o medo do diabo do meio-dia.

Podia dar-se menos ao luxo de errar do que os outros, pois muito mais dependia dele. O castigo do fracasso seria tanto mais rigoroso. Apesar da pompa de seu título e da dignidade secular que o acompanhava, sua missão primordial era de ordem espiritual. Dizia respeito às almas – à sua salvação ou à sua condenação. A maldição da mó podia recair igualmente tanto sobre um cardeal que errava como sobre um pároco sem fé. Assim, caminhava e refletia seriamente, enquanto a leve harmonia dos sinos subia da cidade e os grilos, no jardim, começavam o seu coro estridente.

Concederia ao bispo de Valenta o seu pequeno triunfo. Encontraria os homens para ele: um Postulador que elaborasse o caso e o apresentasse, e um Advogado do Diabo para que o destruísse, se pudesse. Dos dois, o Advogado do Diabo era o mais importante. Seu título oficial descrevia-o com exatidão: Promotor da Fé. O homem que mantinha a fé pura, mesmo à custa de vidas destroçadas e de corações partidos. Devia ser um homem culto, meticoloso, desapaixonado. Devia ser frio em seu julgamento, implacável em sua condenação. Podia deixar de ter caridade ou piedade, mas não podia faltar-lhe precisão. Tais homens eram raros, e aqueles de que dispunha já estavam ocupados em outras causas.

Foi então que se lembrou de Blaise Meredith, o homem magro, sóbrio, que já tinha sobre si o cinzento da morte. Ele possuía tais qualidades. Era inglês, o que afastaria o perigo das embrulhadas

políticas. Mas se tinha desejo ou lhe restava tempo para aquela tarefa era outro assunto. Se o veredicto médico fosse desfavorável, talvez não se sentisse disposto a aceitar tão pesada missão.

Contudo, aquilo era o começo de uma resposta. Sua Eminência não se sentia de todo insatisfeito. Deu mais uma volta, lentamente, pelo jardim já escuro, depois se recolheu à *villa*, a fim de dizer as vésperas em companhia de seus domésticos.

Dois dias depois o cardeal Eugênio Marotta estava sentado em seu gabinete de trabalho, atrás de sua grande mesa embutida, e conversava com monsenhor Blaise Meredith. Sua Eminência dormira bem e fizera uma ligeira refeição matinal – e seu rosto, redondo e bem-humorado, cuidadosamente barbeado, mostrava-se fresco e brilhante. Na sala alta, com seu teto trabalhado em caixotões, seus tapetes Aubusson e seus nobres retratos em molduras douradas, ele estava investido da dignidade inconsciente da riqueza.

Já o inglês parecia pequeno, cinzento e encolhido. A sotaina caía-lhe frouxamente pelo corpo magro e seus adornos escarlates não faziam senão acentuar-lhe a palidez doentia do rosto. Tinha os olhos fechados de fadiga, e profundos sulcos de sofrimento marcavam-lhe os cantos da boca. Mesmo exprimindo-se no vivo italiano de Roma, sua voz era abatida e inexpressiva.

– Aí está, Eminência. Tenho, no máximo, doze meses de vida. A metade disso, talvez, para trabalho ativo.

O cardeal permaneceu um momento em silêncio, observando-o com desapaixonada piedade. Depois disse com bondade:

– Lamento muito, meu amigo. Isso acontece a todos nós, certamente; mas não deixa de ser sempre um choque.

– Contudo, nós, dentre todas as criaturas, devíamos estar preparadas para isso.

E a boca, descaída, ergueu-se num sorriso irônico.

– Não! – exclamou Marotta, a agitar as pequenas mãos num gesto de protesto. – Não devemos superestimar-nos! Somos como

todos os outros homens. Somos sacerdotes por eleição e vocação. E celibatários por legislação canônica. É uma carreira, uma profissão. Os poderes que exercemos, as graças que dispensamos, são independentes do nosso próprio valor. É melhor, para nós, que sejamos antes santos que pecadores... mas, como os nossos irmãos que estão fora do ministério, somos, em geral, algo que se situa entre esses dois extremos.

– Pequeno conforto, Eminência, quando nos encontramos à sombra do tribunal.

– Não obstante, é a verdade – lembrou-lhe, friamente, o cardeal.
– Estou na Igreja há longo tempo, meu amigo. Quanto mais alto se sobe mais se vê... e de modo mais claro. É uma lenda piedosa dizer que o sacerdócio santifica um homem ou que o celibato o enobrece. Se um sacerdote conseguir, até os 45 anos, conservar as mãos fora do bolso e as pernas longe de uma cama de mulher, conta com razoável probabilidade de continuar assim até o dia de sua morte. Ademais, existe ainda no mundo grande número de celibatários profissionais. Mas todos nós estamos ainda sujeitos ao orgulho, à ambição, à preguiça, à negligência, à avareza. Não raro, é-nos mais difícil salvar nossas almas do que os outros as suas. Um chefe de família tem de fazer sacrifícios, impor disciplina a seus desejos, praticar o amor e a paciência. Talvez pequemos menos, mas, no fim, temos menos méritos.

– Sinto-me muito vazio – disse Blaise Meredith. – Não há mal de que me arrependa nem bem que possa contar a meu favor. Nada tive contra que lutar. Não posso apresentar sequer cicatrizes.

O cardeal recostou-se em sua cadeira, pondo-se a mexer na grande pedra amarela de seu anel episcopal. O único ruído que se ouvia na sala era o suave tique-taque do relógio de bronze dourado sobre o consolo de mármore da lareira. Decorrido um instante, adiantou:

– Posso dispensá-lo de suas obrigações, se assim desejar. Posso fornecer-lhe uma pensão, com os fundos da Congregação. Poderia viver tranquilamente...

Blaise Meredith balançou a cabeça em um gesto negativo:

– É muita bondade, Eminência, mas não tenho queda para a vida contemplativa. Preferiria continuar trabalhando.

– Mas terá de parar algum dia. E depois?

– Irei para o hospital. Sofrerei bastante. Depois... – hesitou, estendendo as mãos num gesto de derrota. – *Finita la Commedia*. Se não fosse pedir demais, gostaria de ser sepultado na igreja de Vossa Eminência.

Apesar do domínio que tinha sobre si mesmo, Marotta sentiu-se tocado pela desconsolada coragem daquele homem. Estava cansado e enfermo. O pior de seu calvário ainda estava por vir; não obstante, caminhava ao seu encontro com uma dignidade desolada tipicamente inglesa. Antes que o cardeal tivesse tempo de fazer qualquer comentário, Meredith prosseguiu:

– Presumo, contudo, que Vossa Eminência deseja encarregar-me de alguma tarefa. Receio... receio não poder desempenhar-me dela da melhor maneira.

– O senhor sempre fez tudo melhor do que supõe, meu amigo – respondeu, bondosamente, Marotta. – Sempre deu mais do que prometeu. Além disso, há um assunto em que poderá ajudar grandemente... e que, talvez... – o cardeal deteve-se um instante, ao ocorrer-lhe subitamente algo – ...e que, talvez, também possa ajudá-lo.

Dito isso, e sem esperar resposta, contou-lhe acerca da petição do bispo de Valenta e de sua necessidade de um Advogado do Diabo na causa de Giacomo Nerone.

Meredith ouviu-o com a atenção de um advogado diante dos pormenores de uma nova ação judicial. Uma nova vida pareceu apoderar-se dele. Seus olhos brilharam, endireitou-se na cadeira e um ligeiro rubor animou-lhe as faces descoloridas. Eugênio Marotta percebeu-o, mas não fez comentário algum. Ao terminar o esboço da situação, indagou:

– Bem, o que acha disso?

– Uma indiscrição – respondeu, preciso, Meredith. – É um gesto político e desconfio disso.

– Tudo na Igreja é política – lembrou-lhe Marotta, com suavidade. – O homem é um animal político dotado de uma alma

imortal. Não se pode dividi-lo... assim como não se pode dividir a Igreja em funções isoladas e sem relação entre si. Tudo o que a Igreja faz se destina a dar um caráter espiritual a um desenvolvimento material. Designamos um santo como patrono da televisão. O que isso significa? Um novo símbolo de uma velha verdade: o de que toda atividade lícita conduz ao bem ou pode ser pervertida e transformar-se em mal.

– Um número demasiado grande de símbolos pode obscurecer a face da realidade – observou, secamente, Meredith. – E um número grande de santos pode desacreditar a santidade. Sempre julguei que a nossa função, na Congregação dos Ritos, era... não os colocar no calendário, mas conservá-los fora dele.

O cardeal, com ar sério, fez um aceno afirmativo com a cabeça.

– Em certo sentido, isso é verdade. Mas, tanto nesse caso como em todos os outros, o primeiro gesto não parte de nós. O bispo começa em sua própria diocese. Só muito mais tarde os papéis nos são enviados. Não temos autoridade direta para impedir a investigação.

– Poderíamos aconselhar o contrário.

– Baseados em quê?

– Na discricção. Os tempos são maus. Estamos em vésperas de eleições. Giacomo Nerone foi assassinado por guerrilheiros comunistas no último ano da guerra. O que pretendemos fazer? Usá-lo como meio de obter uma sede provincial ou como um exemplo de caridade heroica?

Os lábios vermelhos do cardeal contraíram-se num sorriso irônico.

– Penso que o nosso irmão bispo gostaria de conseguir ambas as coisas. E, até certo ponto, é bem possível que o consiga. Fala-se até em milagres. Um culto aparentemente espontâneo surgiu entre o povo. Antes as coisas devem ser judicialmente investigadas. A primeira investigação já foi feita, e o veredicto inclina-se a favor da aprovação. O passo seguinte segue-se quase automaticamente... a apresentação da causa de beatificação ao próprio tribunal do bispo.

– Caso isso aconteça, todos os jornais da Itália estamparão a notícia. As agências de turismo começarão a organizar viagens não

oficiais. Os negociantes locais gritarão de cima dos telhados. Não podemos evitá-lo.

– Mas talvez possamos controlar a situação. Eis aí por que resolvi conceder a Sua Exa. Revma. o que ele deseja. E eis aí por que gostaria que o senhor assumisse o papel de Advogado do Diabo.

Blaise Meredith contraiu os lábios finos e exangues, considerando a oferta. Depois, decorrido um momento, negou com um gesto de cabeça:

– Sou um homem doente, Eminência. Não poderia desempenhar-me dessa missão à altura do que Vossa Eminência espera.

– Quanto a isso, deixe que eu o julgue – respondeu Marotta friamente, em tom de desaprovação. – Ademais, como já disse, penso que isso poderá ajudá-lo.

– Não compreendo.

O cardeal empurrou para trás sua alta cadeira esculpida e ficou de pé. Atravessou a sala, até a janela, e descerrou as espessas cortinas, de modo que o sol matinal inundou o aposento, iluminando o escarlate e o dourado e fazendo com que os ricos desenhos do tapete adquirissem vida, como flores. Blaise Meredith, ante aquela crua luminosidade, pôs-se a piscar, protegendo os olhos com a mão. O cardeal ficou olhando o jardim. Seu rosto estava oculto de Meredith, mas, quando falou, havia em sua voz um toque de estranha compaixão:

– O que tenho a lhe dizer, monsenhor, provavelmente é uma presunção. Não sou seu confessor. Não posso penetrar em sua consciência, mas creio que o senhor chegou a um momento de crise. O senhor, como muitos dentre nós aqui em Roma, é um sacerdote profissional... um clérigo de carreira. Não há estigma algum nisso. Já é muito ser um bom profissional.

“Existem muitos que ficam muito aquém mesmo dessa limitada perfeição. De repente, o senhor descobriu que isso não é o bastante. E está desorientado, com medo. Contudo não sabe o que deveria fazer para remediar essa falha. Parte do problema é que o senhor, eu e outros como nós vivemos afastados, durante muito tempo, de nossos desejos pastorais. Perdemos contato com o povo que nos mantém em contato com Deus.

“Reduzimos a fé a uma concepção intelectual, um árido assentimento da vontade, porque não vimos agindo na vida das criaturas comuns. Perdemos a piedade, o medo e o amor. Somos os guardiães de mistérios, mas perdemos o respeitoso temor que deveríamos sentir diante deles. Agimos movidos por cânones, não pela caridade. Como todos os administradores, acreditamos que, sem nós, o mundo mergulharia no caos, que carregamos em nossas costas até mesmo a Igreja de Deus. Isso não é verdade, mas alguns dentre nós acreditam nisso até o dia de sua morte. O senhor é afortunado por ter sido tocado, mesmo tardiamente, pela insatisfação... sim, até mesmo pela dúvida, pois creio que se acha agora no deserto da tentação... Eis aí por que creio que essa investigação poderá ajudá-lo.

“Ela o levará para fora de Roma, para uma das regiões mais miseráveis da Itália. O senhor reconstituirá a vida de um morto segundo o testemunho daqueles que com ele viveram... os pobres, os ignorantes, os esbulhados. Seja ele santo ou pecador, isso, no fim, não faz diferença alguma. O senhor viverá em meio de gente simples, falará com tais pessoas. E, entre elas, talvez encontre a cura para a enfermidade do próprio espírito.

– E qual é a minha enfermidade, Eminência?

A patética lassidão da voz, a desolada perplexidade da pergunta levaram à piedade o velho sacerdote. Voltou-se da janela e viu Meredith debruçar-se para a frente em sua cadeira, o rosto afundado nas mãos. Aguardou um momento, pensando em sua resposta, depois disse, gravemente:

– Não há paixão em sua vida, meu filho. O senhor nunca amou uma mulher, nem odiou um homem, nem sentiu piedade por uma criança. Apartou-se demasiado tempo e é, agora, um estranho no seio da família humana. Jamais pediu nada nem deu nada. Jamais conheceu a dignidade da privação nem a gratidão de um sofrimento compartilhado com outrem. Eis aí a sua enfermidade. Eis aí a cruz que o senhor talhou para os próprios ombros. Aí é que começam não só as suas dúvidas, como também os seus temores... pois um homem que não pode amar o seu semelhante tampouco pode amar a Deus.

– Como é que se começa a amar?

– Por necessidade – respondeu, com firmeza, Marotta. – Por necessidade da carne e por necessidade do espírito. Um homem anseia pelo seu primeiro beijo, sua primeira e verdadeira prece é feita quando ele anseia pelo Paraíso perdido.

– Estou tão cansado!... – disse Blaise Meredith.

– Vá para casa e descanse – recomendou, com vivacidade, o cardeal. – Amanhã cedo pode partir para a Calábria. Apresente suas credenciais ao bispo de Valenta e comece a trabalhar.

– O senhor é um homem duro, Eminência.

– Todos os dias morrem homens – respondeu, rude, Eugênio Marotta. – Alguns são condenados; outros conseguem a salvação. Mas o trabalho da Igreja continua. Vá, meu filho... em paz e em nome de Deus!

Às onze horas da manhã seguinte Blaise Meredith deixou Roma, rumo à Calábria. Sua bagagem consistia em uma mala com roupas, uma pasta contendo seu breviário, seu caderno de notas e uma carta de apresentação do prefeito da Congregação dos Ritos a Sua Excelência Reverendíssima, o bispo de Valenta. Tinha pela frente dez horas de viagem, e o trem era quente, empoeirado e estava repleto de calabreses que voltavam de uma peregrinação organizada à Cidade Santa.

Os mais pobres foram amontoados como gado nos vagões de segunda classe, enquanto os de mais recursos se esparramaram pela primeira classe, estendendo-se, com seus pertences, sobre os bancos e as prateleiras de bagagem. Meredith viu-se firmemente ancorado entre uma corpulenta matrona de vestido de seda e um clérigo de rosto trigueiro que chupava ruidosamente pastilhas de hortelã-pimenta. O assento oposto era ocupado por um camponês, a esposa e quatro crianças, que gritavam estridentemente, como cigarras, e se metiam entre os pés de todos.

Todas as janelas estavam fechadas, e o ar era viciado e sufocante.

Meredith abriu o breviário e, com soturna concentração, procurou ler suas orações. Dez minutos após a partida da Estação Central de Roma desistiu de seu intento, desgostoso.

O ar fétido causava-lhe náuseas e sua cabeça latejava devido ao vozerio do trem e aos gritos agudos das crianças. Tentou cochilar, mas a encorpada mulher se mexia sem cessar em seu incômodo e apertado vestido, e a ruidosa mastigação do padre o incomodava quase a ponto de fazê-lo gritar. Derrotado e dispéptico, levantou-se com dificuldade e saiu para o corredor, onde permaneceu de pé, apoiado aos lambris, olhando os campos.

Estes agora estavam verdes, animados pelos primeiros renovos da primavera. As cicatrizes da erosão e do amanho da terra estavam cobertas de relvados novos, o estuque da fachada das casas tinha sido lavado pelas chuvas e descorado pelo sol, e mesmo as ruínas dos aquedutos e as velhas *villas* romanas estavam mosqueadas de musgo fresco e de ervas daninhas, que surgiam de suas pedras batidas pelas intempéries.

O milagre cíclico do renascimento era mais vivo ali do que em qualquer outro país do mundo. Era uma terra cansada, saqueada ruinosamente durante séculos, com seus montes carcomidos pela erosão, suas árvores decepadas, seus rios secos, seu solo sangrado convertido em pó; não obstante, apresentava todos os anos, de algum modo, aquele breve e bravo espetáculo de folhas, relva e flor. Mesmo nas montanhas, nas ásperas encostas de tufo demasiado pobres para a pastagem de cabras, ainda havia uns leves salpicos de verde para lembrar a antiga fertilidade.

Se fosse possível deixar a terra em paz durante algum tempo; se fosse possível esvaziá-la durante meio século de suas prolíferas tribos, pensou Meredith, talvez pudesse readquirir sua fecundidade. Mas isso jamais aconteceria. Eles continuariam a gerar e a gerar filhos enquanto a terra lhes morria debaixo dos pés – lentamente, é verdade, mas, não obstante, demasiado depressa para que os técnicos e os agrônomos a restaurassem.

As móveis paisagens banhadas de sol começaram a cansar-lhe a vista, e ele lançou um olhar para ambos os lados do corredor, aos outros passageiros que tinham sido expulsos de seus compartimentos pela fumaça de charutos, pelos salames e alhos rançosos e pelo cheiro de corpos que necessitavam de banho.

Havia um homem de negócios napolitano com calças largas, paletó de abas curtas e um cintilante anel de zircão no dedo rechonchudo, um turista alemão de sapatos grossos e uma Leica de alto preço, duas francesas de seios pequenos, um estudante americano de cabelos aparados rente e cara sardenta, e um casal de namorados provincianos, de mãos dadas junto ao toailete.

Foram os namorados que chamaram a atenção de Meredith.

O jovem era um corpulento e robusto camponês meridional, moreno como um árabe, de olhos cintilantes e mãos vivazes. Suas calças de algodão ralo modelavam-lhe os lados e a camisa de meia colava-se ao peito, de modo que toda a sua sólida masculinidade era sugestivamente visível. A moça era baixa e morena como ele, de cintura e tornozelos grossos, mas tinha seios cheios e firmes, que se comprimiam de encontro à blusa decotada. Estavam de pé, um de frente para o outro, no estreito corredor, as mãos dadas formando uma barreira contra qualquer intrusão, os olhos cegos a tudo o mais que não fossem eles próprios, os corpos tranquilos a oscilar com o movimento do trem. Sua paixão era evidente; contudo, não dava impressão de urgência. O rapaz parecia vaidoso como um galo, mas consciente de sua posse. A moça estava contente com ele e consigo mesma na pequena eternidade pessoal de um novo amor.

Olhando-os, Blaise Meredith sentiu-se tocado pela vaga nostalgia de um passado que jamais lhe pertencera. Que conheceria ele do amor, exceto uma definição teológica e uma culpa sussurrada no confessionário? Que significado tinham os seus conselhos diante dessa franca, erótica comunhão, que, por disposição divina, era o começo da vida e a garantia da continuidade da espécie humana? Logo, talvez naquela mesma noite, os dois corpos jazeriam juntos na pequena morte da qual surgiria uma nova vida – um novo corpo, uma nova alma. Mas Blaise Meredith dormia sozinho, com todos os mistérios do universo reduzidos a um silogismo escolástico dentro da sua mente. Quem estava certo – ele ou eles? Quem se aproximava mais da perfeição do desígnio divino? Havia apenas uma resposta. Eugênio Marotta tinha razão. Ele se afastara do convívio da família humana. Aquelas duas criaturas arremetiam para a frente, a fim de renová-la, perpetuá-la.

Seus pés começaram a arder. Doíam-lhe as costas. Aquela dorzinha enjoada estava ali de novo, em suas entranhas. Precisava sentar-se e descansar um pouco. Ao voltar para o seu lugar, deparou com o clérigo calabrés proferindo um sermão em grande estilo:

– Um homem maravilhoso, o Santo Padre! Um verdadeiro santo. Em São Pedro, estive bem perto dele. Se estendesse a mão, poderia tocar-lhe as vestes. A gente podia sentir o poder que dele provinha. Maravilhoso... maravilhoso!... Devíamos agradecer todos os dias a Deus o privilégio de que desfrutamos nesta peregrinação.

Uma onda de hortelã-pimenta flutuava pelo compartimento. Blaise Meredith fechou os olhos e rogou a Deus lhe concedesse uma trégua, mas a voz grossa do calabrés prosseguia, monótona:

– ...Ter estado em Roma e palmilhado o caminho dos mártires, ajoelhado junto ao túmulo de Pedro! Que outra experiência poderia se igualar a essa? Lá, vê-se a Igreja como realmente é: um exército de sacerdotes, monges e freiras preparando-se para conquistar o mundo para Cristo...

Se aquela era a maneira de conquistá-lo, pensou Blaise Meredith, que Deus se apiedasse do mundo! Aquela espécie de pantomima jamais serviria para nada. Esse sujeito fala como um caixeiro-viajante. Se ele ao menos se calasse e pensasse um pouco!

Mas o calabrés já ia bastante desembestado, e a presença de um irmão clérigo apenas o incitava a novos esforços:

– Têm razão, quando chamam Roma de a Cidade Santa. O espírito do grande pontífice paira sobre ela noite e dia. Lembrem-se de que nem todos os santos da Igreja se acham em Roma. Oh, não! Mesmo em nossa pequena província, temos um santo... não um santo oficial ainda... mas um santo de verdade. Ah, sim!... Um santo de carne e osso!

Baise Meredith ficou instantaneamente alerta. Sua irritação se dissipou, e aguardou com atenção o resto da história.

– Já teve início a causa de sua beatificação, Giacomo Nerone! Acaso já ouviram falar dele? Não! É uma história estranha e maravilhosa. Ninguém sabe de onde veio, mas certo dia apareceu na aldeia como um homem enviado por Deus. Construiu com as próprias mãos um pequeno eremitério e entregou-se às orações e às

boas obras. Quando os comunistas, finda a guerra, ocuparam a aldeia, assassinaram-no. Morreu como um mártir, em defesa da fé. E, depois de sua morte, tem ocorrido milagre após milagre junto de seu túmulo. Enfermos têm sido curados; pecadores, trazidos ao caminho da penitência... Sinais seguros do favor do Todo-Poderoso.

Blaise Meredith abriu os olhos e indagou, inocentemente:

– O senhor o conheceu, padre?

O calabrês lançou-lhe um olhar rápido e desconfiado:

– Se o conheci? Bem... não o conheci pessoalmente. Mas, claro, sei de muita coisa a seu respeito. Eu sou de Cosenza. A diocese que fica logo adiante.

– Obrigado – disse cortesmente Blaise Meredith, tornando a cerrar os olhos.

O calabrês mexeu-se, inquieto, em seu lugar; depois, levantou-se e dirigiu-se ao toalete. Meredith aproveitou sua ausência para esticar as pernas e recostar a cabeça dolorida no espaldar almofadado. Não sentia arrependimento pelo que fizera. Agora, mais do que nunca, aquela espécie de parlapatice lhe era repugnante. Constituíra assim como que um jargão eclesiástico, uma retórica aviltada que nada explicava, servindo apenas para desacreditar a verdade. Reclamava todas as questões e não respondia a nenhuma. A estrutura maciça da razão e da revelação, na qual se alicerçava a Igreja, era reduzida a palavras mágicas, informes, estéreis e essencialmente falsas. Piedade, hortelã-pimenta. Não enganava a ninguém, exceto o homem que a mascava. Não satisfazia a ninguém, salvo velhas senhoras e mocinhas cloróticas. Não obstante, florescia amplamente nos lugares onde a Igreja se achava mais firmemente entrincheirada na ordem estabelecida. Era a marca da acomodação, do compromisso, da frouxidão do clero, que achava mais fácil pregar a devoção do que enfrentar os problemas morais e sociais de seu tempo. Encobria a fatuidade e a falta de instrução. Deixava o povo nu e desarmado diante de mistérios aterrorizadores: dor, paixão, morte, o grande “talvez” do além.

O calabrês moreno voltou a abotoar desajeitadamente os botões da batina, resolvido a tornar a impor-se aos seus ouvintes e àquele

monsenhor de queixo fino. Sentou-se, assoou o nariz e bateu, confidencialmente, no joelho de Meredith:

– Vem de Roma, monsenhor?

– Sim, de Roma.

Desagradava-lhe aquela intrusão em seu repouso – e sua resposta foi concisa. Mas o calabrês era obstinado, cego a todos os obstáculos.

– O senhor não é italiano, não é?

– Não. Sou inglês.

– Ah, um visitante do Vaticano? Um peregrino?

– Trabalho aqui – respondeu, friamente, Meredith.

O calabrês lançou-lhe um sorriso fraternal, com uma boca cheia de dentes cariados.

– O senhor tem sorte, monsenhor. Tem oportunidades que a nós, pobre gente do campo, nos são negadas. Labutamos em terreno pedregoso, enquanto o senhor lavra as pastagens luxuriantes da Cidade Santa.

– Eu não lavro coisa alguma – respondeu, ríspido, Meredith. – Sou um funcionário da Congregação dos Ritos, e Roma não é a Cidade Santa mais do que o são Paris e Berlim. É um lugar que se mantém em relativa ordem porque o papa insiste em observar os direitos que lhe foram concedidos pela Concordata, a fim de preservar o seu caráter sagrado como centro da cristandade. Apenas isso.

O calabrês era matreiro como uma raposa. Fingiu não ouvir a repreensão e apanhou rapidamente no ar o novo tema que se lhe apresentava.

– Sua pessoa me interessa muito, monsenhor. O senhor certamente vive num mundo maior do que o meu. Tem muito mais experiência das coisas. Mas eu sempre disse que a vida simples, campestre, tem muito mais probabilidade de conduzir à santidade do que a azáfama mundana de uma grande cidade. O senhor trabalha na Congregação dos Ritos. Possivelmente lida com as causas de santos e *beati*. Não concordaria com isso, monsenhor?

Ele caíra numa armadilha e sabia-o. Seria, no fim, à custa de importunação, levado a conversar. Ceder naquele momento... e

procurar mudar de lugar em Formio ou Nápoles... Ihe pouparia tempo e energia. Respondeu secamente:

– Toda a minha experiência me diz que os santos são encontrados nos lugares menos prováveis... e em tempos nada promissores.

– Exatamente! Foi isso justamente o que tanto me interessou em relação ao nosso Servo de Deus, Giacomo Nerone. Conhece o lugar onde ele vivia, Gemelli dei Monti?

– Nunca estive lá.

– Mas sabe o que o nome significa?

– O que significa? Julgo que seja... os montes gêmeos.

– Precisamente. Aldeias gêmeas, a cavalgar o espinhaço de uma colina numa das regiões mais desoladas da Calábria. Gemello Minore é a aldeia menor. Gemello Maggiore, a maior. Acham-se situadas a cerca de sessenta quilômetros de Valenta, e a estrada é um pesadelo. Os aldeões são tão pobres e deprimidos como quaisquer outros em nossa província. Pelo menos o eram até que a fama do Servo de Deus começou a espalhar-se.

– E depois?

A despeito de tudo, Meredith sentiu que seu interesse se aguçava.

– E depois? – exclamou o padre, erguendo um dedo médio num gesto de prédica. – Aconteceu, então, uma coisa estranha; Giacomo Nerone tinha vivido e trabalhado em Gemello Minore. Foi nessa aldeia que foi traído e assassinado. Seu corpo foi conduzido secretamente para uma gruta próxima de Gemello Maggiore e lá sepultado. Desde então, Gemello Minore vem mergulhando cada vez mais na ruína e na pobreza, enquanto Gemello Maggiore se torna cada dia mais próspera. Há uma nova igreja, um hospital e uma estalagem para turistas e peregrinos. É como se Deus estivesse enviando castigos aos traidores e recompensando aqueles que concederam abrigo ao corpo do Servo de Deus. O senhor não concorda?

– É uma proposição dúbia – respondeu, com leve ironia, Meredith. – A prosperidade nem sempre é um sinal do favor divino. Poderia ter sido resultado de alguma astuta manobra por parte do

prefeito e dos cidadãos... e até mesmo do vigário da paróquia. Essas coisas já têm acontecido.

O calabrés, zangado, ficou afogueado com a imputação, pondo-se a refutá-la com ardor:

– O senhor vai longe demais em sua suposição, monsenhor. Homens sábios e virtuosos já estudaram o assunto... homens que conhecem a nossa gente. O senhor coloca-se em oposição a eles?

– Não me coloco em oposição a ninguém – respondeu, com brandura, Meredith. – Simplesmente desaprovo juízos temerários e doutrinas dúbias. Os santos não são feitos por veredicto popular, mas por decisão canônica. Eis aí por que me dirijo agora à Calábria, para agir como Promotor da Fé no caso de Giacomo Nerone. Se o senhor tiver qualquer prova de primeira mão a apresentar, terei prazer em recebê-la.

O padre ficou a olhá-lo por um momento, boquiaberto; depois sua confiança ruiu por terra, convertendo-se em desculpas proferidas de maneira indistinta, interrompidas, afortunadamente, pela chegada do trem, pouco depois, a Formio.

Tinha de esperar vinte minutos pelo trem que se destinava ao norte, o que deu a Blaise Meredith a oportunidade de esticar as pernas... e a graça de envergonhar-se de si mesmo.

O que ele lucrara com aquela vitória dialética barata contra um padre do interior? O calabrés era maçante – e, pior ainda, um maçante piedoso –, mas Blaise Meredith era um intelectual dispéptico, destituído inteiramente de caridade. Nada ganhara nem dera nada – e perdera a primeira oportunidade que se lhe apresentara de saber alguma coisa a respeito do homem cuja vida estava encarregado de investigar.

Enquanto andava de um lado para outro pela plataforma banhada de sol, observando os viajantes camponeses que se aglomeravam em torno do vendedor de bebidas, perguntou a si mesmo, pela centésima vez, o que lhe impedia a livre comunicação com os seus semelhantes. Outros sacerdotes, ele sabia, encontravam vivo prazer no rude e picante dialeto usado pelos camponeses em sua conversação. Colhiam pérolas de sabedoria e experiência sentados a uma mesa de lavrador ou diante de um copo de vinho numa cozinha

de trabalhador braçal. Falavam com igual familiaridade com as prostitutas desbocadas de Trastevere e os refinados *signori* de Parioli. Apreciavam tanto o humor obsceno do mercado de peixe como a finura de espírito reinante numa mesa de cardeal. Eram, ainda, bons sacerdotes e muito faziam a favor de seu rebanho, com singular satisfação íntima.

Qual a diferença entre ele e esses outros ministros de Deus? A paixão, dissera-lhe Marotta. A capacidade de amar e desejar, de sentir a dor de outrem, de compartilhar de suas alegrias. Cristo comeu e bebeu vinho em companhia de patifes e raparigas de taberna, mas monsenhor Meredith, seu adepto profissional, vivera isolado entre tomos poeirentos, na biblioteca do Palácio das Congregações. E agora, naquele seu último ano de vida, estava ainda sozinho, com uma pequena morte cinzenta a roer-lhe as entranhas – e sem nenhuma alma no mundo que lhe fizesse companhia.

O guarda soprou o apito, e Meredith tornou a entrar no trem, onde teria de suportar a longa e úmida viagem: Nápoles, Nocera, Salerno, Eboli, Cassano, Cosenza e, tarde da noite, Valenta, onde o bispo o aguardava para dar-lhe as boas-vindas.

AURÉLIO, BISPO DE VALENTA, foi-lhe, sob mais de um aspecto, uma surpresa. Era um homem alto, enxuto de carnes, ainda vigoroso em seus quarenta e poucos anos. Tinha os cabelos grisalhos, de um tom metálico, cuidadosamente penteados, e seus traços finos, aquilinos, irradiavam inteligência e humor. Era trentino, o que parecia uma estranha escolha para uma diocese meridional, e antes de sua transferência para lá havia sido auxiliar do Patriarcado de Veneza. Estava à espera na estação com o próprio automóvel e, em vez de levar Meredith para a cidade, conduziu-o a uma bela *villa* no campo, distante uns quinze quilômetros, erguida em meio a laranjais e oliveiras e que dava para um vale onde um estreito rio cintilava levemente sob o luar.

– Uma experiência, apenas – explicou ele, num inglês claro e metálico. – Uma experiência em educação prática. Essa gente

imagina que o clero nasceu de batina e que seu único talento consiste em dizer padre-nossos, ave-marias e em agitar incenso na catedral. Eu nasci no norte. Minha gente era de agricultores montanheses... Bons agricultores. Comprei isto aqui de um proprietário local que estava afundado em dívidas até o pescoço e cultivo estas terras com a ajuda de meia dúzia de rapazes, aos quais estou procurando ensinar os rudimentos da agricultura moderna. É uma batalha; mas acho que estou vencendo. Também fiz disto aqui minha residência oficial. A antiga era irremediavelmente antiquada... bem no centro da cidade, junto da catedral. Passei-a ao vigário-geral. Ele pertence à velha escola... e a adora!

Meredith riu de si para si, contaminado pelo bom humor do outro. O bispo lançou-lhe um olhar rápido, astuto:

– Está surpreso, monsenhor?

– Agradavelmente surpreso – respondeu Blaise Meredith. – Esperava algo inteiramente diferente.

– Barroco *bourbon*? Veludos, brocados e querubins dourados com a pintura das costas a descascar?

– Sim, algo semelhante.

O bispo parou o carro diante do pórtico da *villa*, revestido de estuque, e permaneceu um momento atrás do volante, olhando a inclinação do terreno, onde o luar prateava a copa das árvores. Depois disse, calmamente:

– O senhor encontrará mais do que o suficiente aqui no sul... Formalismo, feudalismo, reação, velhos que seguem velhos caminhos porque os velhos caminhos parecem mais seguros e eles não estão preparados para os novos. Encaram a pobreza e a ignorância como cruces que devem ser carregadas, não como injustiças que devem ser remediadas. Acreditam que quanto mais sacerdotes, monges e freiras houver, melhor para o mundo. Quanto a mim, gostaria de que fossem em menor número, mas melhores. Preferiria que houvesse menos igrejas e mais gente que as frequentasse.

– Menos santos também? – indagou Meredith.

– Agradecemos a Deus os ingleses! Um pouco de ceticismo tramontano nos faria bem a todos, neste momento. O senhor está

pensando por que um homem como eu deveria levantar a causa de Giacomo Nerone?

– Estou, francamente.

– Deixemo-lo para a sobremesa – disse, sem malícia, Sua Exa. Revma.

Um criado de paletó abriu a porta do automóvel e fê-los entrar na casa.

– Jantar dentro de trinta minutos – disse o bispo. – Espero que seu quarto lhe pareça confortável. Pela manhã, poderá olhar o vale, embaixo, e ver o que estivemos fazendo.

O bispo afastou-se, e o criado conduziu Meredith a um grande quarto de hóspedes no andar superior, com janelas francesas que davam para um estreito balcão. Meredith teve a atenção voltada para as linhas claras e modernas dos móveis, o vigor ascético do crucifixo de madeira colocado a um canto sobre o genuflexório. Existia uma estante de livros novos em francês, italiano e inglês, bem como um exemplar da *Imitação de Cristo* sobre o criado-mudo. Havia no quarto uma porta que se abria para um banheiro recém-ladrilhado, dotado de toalete e de compartimento para banho de chuveiro. S. Exa. tinha o instinto de um construtor e o bom gosto de um artista. Possuía, ainda, senso de humor, virtude que só raramente se encontrava na Igreja italiana.

Enquanto se banhava e trocava de roupa, Meredith sentiu o cansaço e a frustração da viagem desprenderem-se dele como uma pele largada por uma cobra. Até mesmo a dor incômoda de sua doença pareceu cessar, e aguardou com prazer e curiosidade o momento do jantar em companhia de S. Exa. Foi uma refeição simples – antepasto, *zuppa di verdura*, frango assado, frutas da região e um queijo caseiro picante –, mas fora preparada com esmero e meticulosamente servida. Quanto ao vinho, era um Barolo encorpado, dos vinhedos do norte. A conversa que o acompanhou era muito mais sutil – um esgrimir entre mestres, com o bispo fazendo as primeiras arremetidas, a fim de provar o adversário.

– Antes de sua chegada, meu caro Meredith, eu estava começando a achar que tinha cometido um erro.

– Um erro?

– Ao pedir assistência a Roma. Como vê, isso implicava uma concessão... um sacrifício de minha autonomia.

– Custou tanto assim a V. Exa.?

– Poderia ter custado. Os homens de ideias modernas e os reformadores são sempre encarados com desconfiança, principalmente aqui no sul. Se são bem-sucedidos, convertem-se numa censura a seus colegas mais conservadores. Se fracassam, tornam-se um exemplo. Tentaram fazer demais, muito depressa. De modo que sempre me pareceu mais sensato agir à minha maneira e cuidar eu mesmo de meus assuntos... e deixar aos críticos a iniciativa do ataque.

– O senhor tem muitos críticos?

– Sim, alguns. Os proprietários rurais não me apreciam e têm voz forte em Roma. O clero julga-me excessivamente severo em questões de moral e por demais indiferente quanto ao que concerne aos rituais e às tradições locais. Meu superior metropolitano é monarquista. Eu tendo para um socialismo moderado. Os políticos desconfiam de mim porque prego que o partido é menos importante do que os indivíduos que o representam. Eles fazem promessas. Eu gosto de ver que elas sejam cumpridas. Quando isso não acontece, protesto.

– E encontra apoio em Roma?

Os lábios finos do bispo afrouxaram-se num sorriso.

– O senhor conhece Roma melhor do que eu, meu amigo. Eles aguardam os resultados, e os resultados de uma política como a minha, numa região como esta, talvez tardem dez anos para que possam ser vistos. Se for bem-sucedido, tanto melhor. Se fracassar ou cometer um erro num momento inoportuno, abanarão sabiamente a cabeça e dirão que já esperavam que isso acontecesse havia anos. De modo que prefiro mantê-los na expectativa. Quanto menos sabem, mais livre sou.

– Por que escreveu, então, ao cardeal Marotta? Por que solicitou sacerdotes romanos que servissem como Postulantes e Promotores da Fé?

S. Exa. pôs-se a brincar com a taça de vinho, girando-a entre os dedos longos, sensíveis, e observando a refração da luz, através do

líquido vermelho, sobre a alva toalha da mesa. E disse, medindo as palavras:

– Porque este é um terreno novo para mim. Compreendo a bondade, mas não estou familiarizado com a santidade. Creio no misticismo, mas não tenho experiência quanto a místicos. Sou um setentrional, pragmatista por natureza e educação. Acredito em milagres, mas jamais esperei que fossem realizados à minha própria porta. Eis por que recorri à Congregação dos Ritos. – E acrescentou, com um sorriso apaziguador: – Os senhores são especialistas nessas matérias.

– Foi essa a única razão?

– O senhor fala como um inquisidor – comentou S. Exa. com perverso bom humor. – Que outra razão poderia haver?

– Política – respondeu, categórico, Meredith. – Política eleitoral.

Para sua surpresa, o bispo lançou a cabeça para trás e riu descontraído.

– Então é isso! Eu estava intrigado com a disposição de Sua Eminência em cooperar. Por que me enviava ele um inglês em lugar de um italiano... e um padre secular em lugar de um barnabita de rosto comprido? Que esperto! Mas receio que ele esteja equivocado.

O riso extinguiu-se subitamente nos lábios dele e ele ficou de novo sério. Colocou a taça sobre a mesa e estendeu as mãos num gesto eloquente de explicação:

– Ele está inteiramente equivocado, Meredith. Eis aí o que ocorre em Roma. Os estúpidos tornam-se mais estúpidos ainda, e os sujeitos inteligentes, como Marotta, tornam-se inteligentes demais para que os outros os entendam. Há duas razões pelas quais estou interessado por esse caso. A primeira é simples e oficial. Trata-se de um culto não autorizado. Tenho de investigar, para que seja aprovado ou condenado. A segunda não é assim tão simples... e as autoridades oficiais não a compreenderiam.

– Marotta talvez compreendesse – disse, calmamente, Meredith.
– E eu também.

– Por que teriam os dois de ser diferentes?

– Porque Marotta é um velho e culto humanista... e porque devo morrer de carcinoma dentro de doze meses.

Aurélio, bispo de Valenta, recostou-se em sua cadeira e estudou o rosto pálido e contraído de seu hóspede. E, depois de longo silêncio, disse, em voz baixa:

– Tenho pensado no senhor. Agora começo a compreender. Muito bem. Procurarei explicar. Um homem que se encontra à sombra da morte não deve escandalizar-se, mesmo que ouça da boca de um bispo o que vou dizer. Acho que a Igreja, neste país, está necessitando de uma reforma drástica. Penso que temos santos demais e pouca santidade, muitas cerimônias religiosas e ceticismo insuficiente, muitas medalhas de santos e remédios insuficientes, muitas igrejas e um número insuficiente de escolas. Temos três milhões de desempregados e três milhões de mulheres que vivem da prostituição. Controlamos o Estado através do Partido Democrata Cristão e do Banco do Vaticano; não obstante, estamos diante de uma dicotomia que proporciona prosperidade à metade do país e deixa a outra metade apodrecendo na miséria. Nosso clero é inculto e inseguro; no entanto, vivemos a vituperar os anticlericais e os comunistas. Conhece-se uma árvore pelos seus frutos... e acho que é melhor proclamar uma nova política de justiça social do que um novo atributo da Santa Virgem. A primeira é uma aplicação necessária de um princípio moral; a segunda é simplesmente uma definição de uma crença tradicional. Nós, do clero, somos mais ciosos dos direitos que nos foram conferidos pela Concordata do que dos direitos de nossa gente segundo a lei natural e divina... Escandalizo-o, monsenhor?

– O senhor encoraja-me – respondeu Meredith. – Mas por que deseja um novo santo?

– Não o desejo! – exclamou o bispo, com surpreendente ênfase. – Estou tratando do caso, mas espero de todo coração que fracasse. O prefeito de Gemello Maggiore angariou quinze milhões de liras para levar avante essa causa, mas não consigo que ele me dê um milhão para um orfanato diocesano. Se Giacomo Nerone for beatificado, vão querer uma nova igreja para alojá-lo... e eu desejo freiras-enfermeiras, um conselho agrícola e vinte mil árvores frutíferas da Califórnia.

– Então por que solicitou auxílio a Sua Eminência?

– Isso constitui um princípio em Roma, meu caro Meredith. A gente sempre consegue o contrário daquilo que pede.

Blaise Meredith não sorriu. Um novo e inquietante pensamento tomava forma em seu espírito. Fez uma ligeira pausa, procurando as palavras para formulá-lo.

– E se o caso for provado? Se Giacomo Nerone for realmente um santo e um fazedor de milagres?

– Sou pragmata, como lhe disse – respondeu S. Exa. com enviesado senso de humor. – Aguardarei os fatos. Quando gostaria de começar a trabalhar?

– Imediatamente. Não tenho muito tempo. Gostaria de passar alguns dias estudando os documentos. Depois, vou me transferir para Gemelli dei Monti a fim de tomar os depoimentos.

– Farei com que os registros sejam entregues em seu quarto amanhã. Espero que encare esta casa como seu lar e eu como seu amigo.

– Sou grato a V. Exa. Mais do que posso dizê-lo.

– Não há motivo para gratidão. – Sorriu o bispo. – Sua companhia me dará prazer. Temos muito em comum. Ah... gostaria de dar-lhe um conselho.

– Perfeitamente.

– Na minha opinião, o senhor não encontrará a verdade a respeito de Giacomo Nerone em Gemello Maggiore. Eles o veneram lá. Só têm a ganhar com isso. Em Gemello Minore a história é diferente... contanto que o senhor consiga que a contem. Até agora, nenhum dos meus homens conseguiu.

– Há alguma razão para isso?

– É melhor que o senhor mesmo descubra as razões, meu amigo. Como vê, sou um tanto suspeito... – acrescentou, afastando a cadeira e levantando-se. – Já é tarde, e o senhor deve estar cansado. Sugiro que descanse até tarde amanhã. Farei com que levem o café ao seu quarto.

Blaise Meredith sentiu-se tocado com a nobre cortesia do outro. Era infenso a confidências, cioso de sua vida íntima, mas disse, muito humilde:

– Sou um homem doente, Exa. Vi-me, de repente, muito só. V. Exa. fez com que me sentisse em casa. Obrigado.

– Somos irmãos que pertencem a uma grande família – respondeu o bispo, delicadamente. – Mas, como solteirões, tornamo-nos egoístas e singulares. Alegra-me poder ser-lhe útil. Boa noite... e bons sonhos!

SOZINHO NO GRANDE quarto de hóspedes, o luar escoando pelas folhas abertas da janela, Blaise Meredith preparou-se para outra noite. Seu curso era-lhe agora familiar, mas, não obstante, não menos assustador. Ficaria acordado até meia-noite; depois, viria o sono; leve e inquieto. Antes que os galos começassem a cantar ao amanhecer, ele despertaria sobressaltado, com câibras intestinais, a boca cheia de um gosto azedo de bÍlis e de sangue. Com esforço, caminharia até o toalete, fraco e nauseado; depois se empanturraria de soporíferos e voltaria para a cama. Pouco antes do raiar do dia, tornaria a dormir – uma, duas horas, quando muito –, não o suficiente para refazer as energias, mas o bastante para alimentar em suas artérias o fluxo da vida, cada vez mais débil.

Era uma estranha mistura de terrores: o medo da morte, a lástima da dissolução lenta, a torva solidão do crente em presença de um Deus sem rosto que sabia invisível mas que logo deveria encontrar, esplêndido e sem véus, no dia do juízo. Não podia fugir daqueles temores por meio do sono nem os exorcizar por meio da prece, pois a prece se tornara um árido ato da vontade, que não conseguia abafar a dor nem constituir um bálsamo para ela.

De modo que, aquela noite, apesar da fadiga, tentou adiar o purgatório. Despiu-se, vestiu o pijama, calçou os chinelos, enfiou um *robe de chambre* e saiu para a varanda.

A lua pairava alta sobre o vale – um navio de prata antigo, plácido, sobre um mar luminoso. As laranjeiras brilhavam friamente, e os ramos das oliveiras erguiam-se cintilantes como pontas de adagas que saíssem em uma confusa massa de sombra. Mais abaixo, a água estendia-se plana e cheia de estrelas por trás de uma barricada de tábuas e montes de pedregulhos, enquanto os braços

das montanhas envolviam isso tudo como muralhas, impedindo a entrada do caos dos séculos.

Blaise Meredith olhou aquilo e achou bom. Bom por si mesmo, e bom devido ao homem que havia feito aquilo. O homem não vivia apenas de pão – mas não podia viver sem ele. Os velhos monges tinham pensado do mesmo modo. Plantavam a cruz no meio de um deserto e, depois, plantavam trigo e árvores frutíferas para que o árido símbolo florescesse numa verde realidade. Sabiam, melhor do que muitos, que o homem era uma criatura feita de carne e espírito. Quando o corpo estava doente, a responsabilidade moral do homem diminuía. O homem era um caniço pensante, mas esse caniço devia estar firmemente plantado em terra negra, as raízes regadas, aquecida pelo sol.

Aurélio, bispo de Valenta, era um pragmatista, mas um cristão pragmatista. Era herdeiro da mais velha e mais ortodoxa tradição da Igreja; a de que a terra, a relva, as árvores e os animais eram resultados do mesmo ato criador que também produzia o homem. Eram, em si mesmos, perfeitos – perfeitos em sua natureza e nas leis que governam o seu desenvolvimento e decadência. Só o mau emprego do homem podia rebaixá-lo a um instrumento do mal. Plantar uma árvore era, por conseguinte, um ato divino. Fazer com que florescesse a terra árida era compartilhar do ato da criação. Ensinar essas coisas a outros homens era fazer com que também eles participassem de um plano divino... No entanto, Aurélio, bispo de Valenta, era olhado com desconfiança por muitos de seus colegas.

Aquele era o mistério da Igreja: manter numa unidade orgânica humanistas como Marotta, formalistas como Blaise Meredith e idiotas como o calabrês, reformadores, rebeldes e conformistas puritanos. Papas políticos e freiras-enfermeiras, sacerdotes mundanos e anticlericais devotos. Exigia inflexível assentimento a uma doutrina definida e permitia extraordinária divergência de disciplina.

Impunha pobreza a seus religiosos; no entanto, por meio do Banco do Vaticano, agia nas bolsas de valores mundiais. Pregava o desapego pelos bens do mundo; no entanto, aumentava seus bens de raiz como qualquer empresa pública. Perdoava adúlteros e

excomungava heréticos. Era áspero com os próprios reformadores; no entanto, assinava concordatas com aqueles que queriam destruí-la. Era a mais difícil comunidade do mundo em cujo seio se pudesse viver; no entanto, todos os seus membros queriam nela morrer, e o papa, um cardeal ou uma lavadeira recebiam com gratidão o viático das mãos do mais humilde sacerdote rural.

Era um mistério e um paradoxo – e Blaise Meredith estava longe de entendê-la, longe de aceitá-la como o havia feito por vinte anos. Eis aí o que perturbava. Enquanto tinha estado bem de saúde, seu espírito se inclinava a aceitar a ideia de uma intervenção divina nos assuntos humanos. Agora que a vida sangrava dele lentamente, via a si mesmo agarrando-se desesperadamente às mais simples manifestações de continuidade física: uma árvore, uma flor, as águas tranquilas de um lago sob o luar eterno.

Uma ligeira brisa estremeceu o vale, farfalhou as folhas crespas, fez com que as estrelas ondulassem na água. Meredith sentiu um súbito arrepio e entrou, fechando a porta atrás de si. Ajoelhou-se no genuflexório, sob a figura de madeira do Cristo, e começou a rezar:

Pater Noster qui es in Coelis...

Mas o céu, se é que existia, estava fechado para ele, e não houve resposta do Deus sem rosto para o seu filho agonizante.

O Dr. Aldo Meyer deteve-se à porta de sua casa e ficou observando o preguiçoso despertar da vila para um novo dia.

Primeiro, a velha Nonna Patucci abriu a porta e espiou, em ambas as direções, a rua de cascalho; depois, atravessou a rua e esvaziou o seu urinol por sobre o muro que dava num eirado de parreiras. Feito isso, tornou a entrar, furtiva como uma feiticeira, batendo a porta com força. Como que atendendo a um sinal, Felici, o sapateiro, saiu à rua de calças, camiseta e tamancos, bocejando, coçando as axilas e olhando o sol que se erguia por trás dos telhados do novo hospital, em Gemello Maggiore, três quilômetros além do vale. Após um minuto de contemplação, limpou ruidosamente a garganta, cuspiu no chão e pôs-se a abrir os postigos das janelas.

Abriu-se, então, a porta da casa do padre, e Rosa Benzoni saiu, gorda e disforme num vestido preto, para tirar água do poço. Mal ela se afastou, a janela de cima se escancarou e surgiu a cabeça desgrenhada do padre Anselmo, perquiridora como uma tartaruga a realizar sua primeira e cautelosa exploração do dia.

Apareceu em seguida Martino, o ferreiro, atarracado, peito vigoroso, escuro como uma castanha, para abrir a porta do seu barracão e pôr os seus foles para funcionar. Quando os primeiros golpes de seu martelo começaram a soar sobre a bigorna, a aldeia toda já estava em atividade – mulheres esvaziando baldes de água, raparigas de pernas nuas caminhando para a cisterna com garrações verdes sobre a cabeça, crianças meio despidas urinando junto ao

muro da rua, os primeiros trabalhadores braçais dirigindo-se para os eirados e o cultivo de jardins, os paletós esfarrapados lançados sobre o ombro e o pão com azeitonas enrolado em lenços de algodão.

Aldo Meyer observava tudo sem curiosidade, sem ressentimento, mesmo quando voltavam a cabeça para o outro lado ao passar por ele ou faziam sinais contra o mau-olhado com as mãos voltadas para a sua porta. Constituía bem a medida de sua desilusão o fato de ele poder ignorar a hostilidade daquela gente e, apesar de tudo, agarrar-se como um animal às paisagens e aos sons familiares: a batida rítmica do martelo, o ruído das carroças puxadas a burro sobre o empedrado da rua, os gritos estridentes das crianças, as repreensões das donas de casa; os vinhedos e os olivais descendo pela encosta em direção do vale, as casas em ruínas dispersas pelo caminho que conduzia à grande *villa* no alto monte, o brilho do sol nascente sobre a próspera aldeia da colina oposta, onde o santo realizava maravilhas para os turistas enquanto Maria Rossi morria de parto com a sua relíquia sobre o ventre inchado.

Todo dia prometia a si mesmo que, no dia seguinte, faria as malas e iria embora – para outro lugar, para um novo futuro –, deixando aquela depravada tribo entregue às suas loucuras. Mas toda noite aquela resolução o abandonava, e punha-se a beber até a hora de ir para a cama. A desconsolada verdade era que não tinha para onde ir nem futuro algum para construir. O melhor que havia nele estava ali: fé, esperança e caridade despendidas até a completa exaustão, sugadas e desperdiçadas numa terra estéril, palmilhada por uma gente ingrata e ignorante.

Vindo lá do fundo do vale, ouviu o ruído abafado de uma motoneta e, ao voltar-se para o lado de onde vinha o som, viu uma pequena Vespa aos solavancos pela estrada, em meio a uma nuvem de pó, trazendo ao assento de trás um passageiro. O espetáculo era bastante banal, mas constituiu para Aldo Meyer uma melancólica distração. A Vespa e o automóvel da condessa eram os únicos veículos a motor em Gemello Minore. Durante semanas a Vespa causara pequena perturbação na ordem pública e expressões de pasmo. O homem que a dirigia também era uma singularidade – um

pintor inglês, hóspede da condessa que vivia no alto da colina e que possuía não só todas as terras de agricultura, como também a maior parte de Gemello Minore. O pintor chamava-se Nicholas Black, e seu passageiro era um jovem do lugar, Paolo Sanduzzi, que se unira a Black como guia, animal de bagagem e instrutor de dialeto e costumes locais.

Para os aldeões, o inglês era *matto*, sujeito maluco que andava de cá para lá com um caderno de desenho ou ficava horas a fio sentado ao sol, desenhando rochedos e ângulos de edifícios em ruínas. Suas vestes eram tão malucas quanto os seus hábitos: camisa de um vermelho vivo, calças desbotadas de zuarte, sandálias de corda e um chapéu de palha velhíssimo sob cuja aba um rosto faunesco sorria enviesadamente para o mundo que o cercava. Não tinha sequer a escusa da juventude – pois contava mais de 30 anos –, e quando as moças desistiram de lançar suspiros a sua passagem, os mais velhos começaram a tecer comentários grosseiros acerca de suas ligações com a condessa, que vivia em solitário esplendor atrás dos portões gradeados de sua *villa*.

Aldo Meyer ouviu os mexericos e deu-lhes o devido desconto. Conhecia muito bem a condessa e, na época em que vivera em Roma, conhecera artistas demais e um número bastante grande de ingleses como Nicholas Black. Pensava mais em Paolo Sanduzzi, com seu corpo esguio de árabe, seu rosto liso e seus olhos brilhantes, astutos, bem como na tirania que exercia sobre o seu excêntrico amo. Aquilo o intrigava tanto mais quanto fora ele quem trouxera o menino ao mundo, sabendo que seu pai era Giacomo Nerone, a quem aquela gente começava a chamar o Santo...

Na extremidade baixa da aldeia a Vespa parou, o jovem soltou e Meyer ficou a observá-lo enquanto descia com dificuldade a encosta em direção à casa de sua mãe, uma tosca cabana de pedra situada no meio de um pequeno jardim e abrigada por um capão de azinheiros. A Vespa partiu de novo, ruidosa, e poucos instantes depois se deteve à porta da casa de Meyer. O pintor, com os membros emperrados, abandonou o selim e estendeu o braço numa saudação teatral:

– *Come va, dottore?* Como está esta manhã? Gostaria de tomar um café, se houver.

– Há sempre café – respondeu Meyer, com um sorriso. – Do contrário, como eu poderia enfrentar o nascer do sol?

– Ressaca? – indagou, com maliciosa inocência, o pintor.

Meyer deu de ombros com ar de repugnância e conduziu o recém-chegado pela casa, até um pequeno jardim murado, onde uma velha figueira formava um dossel contra o sol. Havia uma mesa rústica, coberta com uma toalha axadrezada, sobre a qual se viam xícaras e pratos de cerâmica calabresa. Uma mulher se achava debruçada sobre ela, colocando pão fresco, um pedaço de queijo branco e uma tigela com os pequenos frutos da região.

Tinha as pernas e os pés nus, à maneira dos camponeses, e usava vestido preto e um lenço na cabeça, também preto, meticulosamente limpos. Tinha as costas eretas, os seios grandes e firmes, e seu rosto era grego puro, como se algum antigo colonizador da costa houvesse perambulado pelas montanhas e possuído uma mulher das tribos para começar aquela nova raça híbrida. Tinha, talvez, trinta e seis anos. Dera à luz um filho, mas, apesar disso, não se tornara rude como as mulheres montanhesas, e sua boca e seus olhos eram curiosamente serenos. Ao ver o visitante, teve um leve estremecimento de surpresa e olhou inquiridoramente para Meyer. Ele nada disse, despedindo-a apenas com um gesto admonitório. Quando ela se afastou, o pintor seguiu-a com os olhos e sorriu com ar astuto.

– O senhor me surpreende, doutor. Onde foi que a encontrou? Eu jamais a vi antes.

– Ela é daqui – respondeu, friamente, Meyer. – Tem a casa dela e vive de maneira bastante recatada. Sobe até aqui todos os dias para lavar e cozinhar para mim.

– Gostaria de pintá-la.

– Eu não aconselharia – disse-lhe, lacônico, o médico.

– Por que não?

– Ela é a mãe de Paolo Sanduzzi.

– Ah! – fez Black, encerrando o assunto.

Sentaram-se à mesa, e Meyer serviu o café. Fez-se silêncio por alguns momentos; depois, Black pôs-se a falar, volúvel e dramaticamente:

– Grandes notícias de Valenta, *dottore*! Estive lá ontem, a fim de apanhar umas telas e tintas. A cidade está fervilhando!

– Que espécie de notícias?

– Esse santo de vocês, Giacomo Nerone. Vão beatificá-lo, ao que parece.

Meyer deu de ombros, indiferente, e sorveu o café.

– Isso não é novidade. Eles vêm falando nisso há doze meses.

– Mas claro que é! – exclamou o pintor, a acentuada cara de fauno iluminada por um sorriso de sardônico divertimento. – Eles deixaram de falar e iniciaram um processo oficial. Estão fazendo circular agora os anúncios... pregando-os em todas as igrejas e convocando as pessoas que tenham alguma prova a respeito. O bispo recebeu um hóspede, um monsenhor que veio de Roma e que foi designado para tratar do caso. Ele subirá até aqui dentro de poucos dias.

– O diabo que o fará – bradou Meyer, colocando a xícara com força sobre a mesa. – Tem certeza?

– Estou certo disso. Toda a aldeia sabe. Eu mesmo vi o sujeito dirigindo o carro de S. Exa. Revma., macilento, murcho como um camundongo do Vaticano. É inglês, ao que parece, de modo que me encarreguei de fazer com que a condessa o convidasse para se hospedar em sua casa. Como o senhor sabe, ela é uma mulher piedosa e solitária – ajuntou ele, reprimindo o riso, enquanto estendia a mão para servir-se de café. – Este lugar ficará famoso, *dottore*. E o senhor também.

– É o que receio – respondeu, sombrio, o médico.

– Receia? – exclamou o pintor, os olhos brilhando de interesse. – Por que deveria recear? O senhor não é sequer católico. Não tem nada com isso.

– O senhor não compreende – disse Meyer, irritado. – Não compreende coisa alguma.

– Ah, pelo contrário, meu caro amigo! – disse Black, fazendo um gesto enfático com suas mãos de artista. – Pelo contrário:

compreendo tudo. Compreendo o que o senhor tentou fazer aqui e a razão pela qual fracassou. Sei o que a Igreja está procurando fazer, e por que razão será bem-sucedida, ao menos durante algum tempo. O que não sei, e estou morrendo de vontade de saber, é o que acontecerá quando começarem a trazer à tona o que há de verdadeiro a respeito de Giacomo Nerone. Eu pretendia partir na semana que vem; mas agora acho que ficarei aqui. Deverá ser uma comédia e tanto!

– Antes de mais nada, por que o senhor veio para cá?

Havia algo de irritado na voz de Meyer, e Nicholas Black logo percebeu isso. Sorriu e adejou no ar a mão peluda:

– É muito simples. Fiz uma exposição em Roma, bem-sucedida, diga-se de passagem, embora a estação já estivesse quase terminando. A condessa era uma de minhas clientes. Comprou-me três telas. Depois, convidou-me a vir para cá e ficar pintando durante algum tempo. Espero que ela me financie uma nova exposição em futuro próximo. Nada mais simples.

– Nada jamais é assim tão simples – retorqui, com suavidade, o médico. – E a condessa não é uma pessoa simples. Tampouco é o senhor. O que o senhor encara como uma comédia provinciana pode converter-se numa grande tragédia. Aconselho-o a não se envolver nisso.

O inglês lançou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

– Mas já estou envolvido, meu caro doutor. Sou um artista, um observador e anotador da beleza e da loucura da humanidade. Imagine o que Goya não faria diante de uma situação como esta! Felizmente, ele já está morto há muito tempo, e agora é a minha vez. Há aqui toda uma galeria de quadros... e um título já pronto: “Beatificação”, por Nicholas Black! Uma exposição individual sobre um único tema. Um santo de aldeia, os aldeões pecadores e todo o clero, até chegar ao próprio bispo. O que acha disso?

Aldo Meyer olhou as costas das mãos dele, examinando-lhes as sardas e a pele áspera e frouxa, o que lhe dizia mais claramente do que as palavras quão velho ele se estava tornando. Sem erguer os olhos, respondeu, em voz baixa:

– Acho-o um homem muito infeliz, Nicholas Black. Está à procura de algo que jamais encontrará. Talvez devesse partir imediatamente. Deixar a condessa. Deixar Paolo Sanduzzi. Deixar que todos nós tratássemos de nossos problemas à nossa maneira. O senhor não é daqui. Fala a nossa língua, mas não nos compreende.

– Se compreendo, doutor! – disse o pintor, o rosto belo e efeminado iluminado pela malícia. – Se compreendo! Sei que todos os senhores vêm ocultando algo há quinze anos e que agora esse segredo vai ser desenterrado. A Igreja quer um santo, e os senhores querem guardar um segredo que os desabona. Isso é verdade, não é?

– É uma meia verdade... o que é sempre mais do que meia mentira.

– O senhor conhecia Giacomo Nerone, não é verdade?

– Sim, conhecia-o.

– Ele era santo?

– Nada sei a respeito de santos – respondeu, com ar grave, Aldo Meyer. – Conheço apenas os homens.

– E Nerone...?

– Era um homem.

– E seus milagres?

– Jamais vi um milagre.

– Não acredita neles?

– Não.

Os olhos vivos e sardônicos estavam fixos no rosto encovado do outro:

– Então por que, meu caro doutor, receia essa investigação?

Aldo Meyer afastou a cadeira e pôs-se de pé. As sombras da figueira caíam-lhe pelo rosto, acentuando-lhe as reentrâncias, ocultando o vivo sofrimento que havia em seus olhos. Após um momento, respondeu:

– Jamais se envergonhou de si mesmo, meu amigo?

– Jamais – respondeu, alegremente, o pintor. – Jamais em minha vida.

– Eis aí o que quero dizer – comentou o outro, em voz baixa. – O senhor jamais compreenderá. Mas torno a dizer-lhe: o senhor

deveria partir... e fazê-lo o quanto antes.

Sua única resposta foi um sorriso de melancólica irrisão ao levantar-se para sair. Não trocaram um aperto de mão, e Meyer não procurou acompanhá-lo ao deixar o jardim. No meio da casa, o pintor deteve-se e voltou-se para o médico:

– Ia me esquecendo. Há um recado da condessa para o senhor. Ela gostaria de tê-lo para o jantar amanhã à noite.

– Meus agradecimentos à condessa – respondeu, secamente, Meyer. – Ficarei feliz em comparecer. Bom dia, meu amigo.

– *Ci vedremo* – disse Nicholas Black em tom casual. – Tornaremos a nos ver... bastante breve.

Dito isso partiu, sua figura esguia e ligeiramente apalhadada demasiado vivaz para os anos que já começavam a mostrar-se em seu rosto inteligente e infeliz. Aldo Meyer tornou a sentar-se à mesa e ficou fitando, sem ver, as côdeas de pão e as migalhas marrons, enlodadas, nas xícaras de café. Decorrido um momento, a mulher apareceu novamente e ficou a olhá-lo, os olhos calmos cheios de brandura e piedade. Quando ele ergueu o rosto e a viu ali de pé, disse-lhe, lacônico:

– Pode retirar a mesa, Nina.

Ela não fez movimento algum para obedecê-lo, mas apenas indagou:

– O que deseja esse cara de bode?

– Trouxe-me notícias – respondeu Meyer, usando o mesmo dialeto que a mulher falava. – Estão iniciando uma nova investigação quanto à vida de Giacomo Nerone. Chegou um sacerdote de Roma, a fim de ajudar o bispo durante o processo. Logo ele aparecerá por aqui.

– E ele fará perguntas, como os outros?

– Mais do que os outros, Nina.

– Então ele receberá a mesma resposta: nada!

Meyer balançou lentamente a cabeça em um gesto negativo:

– Desta vez, não, Nina. A coisa já foi longe demais. Roma está interessada. A imprensa também. É melhor que, desta vez, saibam a verdade.

Ela fitou-o surpresa, escandalizada:

– O senhor diz isso? O senhor?!

Meyer deu de ombros com ar de derrota e citou um velho provérbio da região:

– Quem pode lutar contra o vento? Quem pode abafar a gritaria que fazem do outro lado do vale? Até em Roma os ouviram... e eis aí o resultado. Vamos dizer-lhes o que desejam ouvir e acabar de uma vez com isso. Talvez então nos deixem em paz.

– Mas por que querem saber? – indagou ela, com ódio nos olhos e na voz. – Que diferença isso faz? Durante a vida, chamaram-no de toda a espécie de nomes; agora, querem chamá-lo beato. É apenas outro nome. Isso não muda o que ele foi... um bom homem, o meu homem.

– Eles não querem um homem, Nina – disse Meyer, fatigado. – Querem um santo de gesso com uma auréola dourada sobre a cabeça. A Igreja o quer porque isso lhe proporciona mais um meio de influenciar o povo... um novo culto, uma nova promessa de milagres para fazer com que esqueçam suas dores de barriga. O povo o deseja porque isso lhe permite cair de joelhos e pedir favores, em vez de arregañar as mangas e trabalhar por eles ou lutar para obtê-los. É como a Igreja costuma agir... açúcar para adoçar vinho azedo.

– Então por que quer que eu os ajude?

– Porque se lhes contarmos a verdade, abandonarão o caso. Terão de fazê-lo. Giacomo era um homem extraordinário, mas não era mais santo do que eu.

– Então é assim que pensa?

– E você, Nina, não pensa assim?

Sua resposta chocou-o como um golpe no rosto.

– Eu sei que ele era santo – respondeu, em voz baixa. – Sei que fez milagres, pois eu os vi.

Meyer ficou boquiaberto; mas, depois, gritou:

– Santo Deus, mulher! Você também? Ele dormiu em sua cama. Deu-lhe um filho bastardo e jamais se casou com você. E você fica aí e me diz que era um santo que fazia milagres? Por que não disse ao padre logo da primeira vez? Por que não corre ao encontro dos nossos amigos e não lhes diz para que o beatifiquem?

– Porque ele jamais teria querido isso... Porque foi justamente isso que me pediu... que eu nunca contasse a ninguém o que sabia a seu respeito.

Ele estava derrotado e sabia disso, mas ainda dispunha de uma arma – e lançou mão dela sem piedade:

– O que você responderá, Nina, quando eles apontarem o seu filho e disserem: “Eis aí o filho do santo, que serve de *feminella* para o inglês”?

Não havia sinal algum de vergonha no rosto calmo, clássico, quando ela respondeu:

– O que direi quando me apontarem na rua e disserem: “Ali vai uma que era uma prostituta de santo”? Nada. Nada, absolutamente. E sabe por quê, *dottore*? Porque, antes de morrer, Giacomo me fez uma promessa, em troca da minha. “Aconteça o que acontecer, cara, olharei por você e pelo menino. Podem matar-me, mas não podem impedir que eu olhe por você desde agora até a eternidade!” Acreditei nele então, e acredito nele agora. O rapaz é desmiolado, mas ainda não está perdido.

– Mas logo estará! – exclamou, brutalmente, Meyer. – Agora vá para casa, pelo amor de Deus, e deixe-me em paz.

Mas, mesmo depois que ela se foi, não houve paz; e ele sabia que jamais haveria, até que viessem os inquisidores e expusessem a verdade à luz do sol.

AINDA NÃO HAVIA nenhuma insinuação de manhã no alto e barroco aposento de *villa* onde a condessa Ana Luísa de Sanctis dormia atrás de cortinas de veludo. Nenhuma premonição de complicações conseguia penetrar a névoa barbitúrica além da qual sonhava.

Mais tarde, muito mais tarde, uma criada entraria e descerraria as cortinas, para que o sol se derramasse sobre o velho tapete, o veludo ferruginoso e a opaca pátina da noqueira lavrada. Não chegaria até a cama, o que era uma amabilidade, uma vez que a condessa, pela manhã, constituía um espetáculo pouco agradável.

Mais tarde ainda, ela despertaria, a boca seca, entorpecida, os olhos inchados e descontentes com o advento de um novo dia

exatamente igual ao anterior. Acordaria, tornaria a cochilar, despertaria de novo e enfiaria o primeiro cigarro nos lábios pálidos e descaídos. Terminado o cigarro, puxaria o cordão da sineta e a criada voltaria, sorrindo com ansioso bom humor e trazendo a bandeja da refeição matinal. Já que a condessa não gostava de comer sozinha, a criada permaneceria no quarto, dobrando as roupas espalhadas, apanhando roupas limpas, entrando e saindo atarefada do banheiro, enquanto sua patroa mantinha um fluxo constante de comentários acrimoniosos acerca da criadagem e suas deficiências.

Findo o desjejum, a criada levaria embora a bandeja, a condessa fumaria ainda um cigarro, antes do pequeno e íntimo ritual de sua toalete. Era a única cerimônia importante de um dia sem importância, e ela a realizava em rigoroso sigilo.

Amassava a ponta do cigarro de encontro ao cinzeiro de prata; depois, abandonava o leito, caminhava até a porta e fechava-a. Em seguida dava uma volta pelo aposento, detendo-se em cada uma das janelas para olhar os terraços e os jardins, a fim de certificar-se de que ninguém se achava pelas imediações. Certa vez, um jardineiro inquisitivo a espiou através da janela, tendo sido instantaneamente demitido por sua sacrílega intrusão naqueles mistérios.

Convencida, finalmente, de sua intimidade, a condessa dirigia-se ao quarto de banho, despiam-se e entrava na grande banheira de mármore, com suas torneiras douradas e suas fileiras de sabonetes, esponjas e sais. Não havia agora prazer que se comparasse àquela primeira imersão solitária na água fumegante que espantava para longe as efusões de um sono estupefaciente e trazia de volta a impressão de juventude a um corpo que envelhecia. Ao contrário de outros prazeres, aquele podia ser renovado à vontade, prolongado até a saciedade. Não exigia parceiro, não implicava dependência ou rendição – e a condessa agarrava-se a ele com a paixão de um devoto.

Deitada na água fumegante, examinou-se a si própria: o corpo esguio, ainda juvenil, o ventre chato e não marcado pela maternidade, a cintura, engrossando um pouco mas não demasiado,

os seios firmes à custa de massagens, pequenos, mas redondos e ainda jovens. Se havia rugas em torno de seu pescoço, não havia espelhos que as revelassem, e os vincos denunciadores, junto da boca e dos olhos, podiam ser dominados pela massagem. A mocidade ainda não se escoara dela por completo, e a velhice podia ser mantida um pouco mais a distância, mediante uma encomenda semanal de cosméticos provenientes de um discreto instituto de beleza na Via Veneto.

Mas o banho era apenas o começo. Havia o enxugar-se com toalhas cálidas e macias, o friccionar com outras, felpudas, o perfumar-se com loção de cheiro vivo e adstringente, a aplicação do pó de arroz e o ato de retirá-lo delicadamente, a primeira aplicação do pente aos cabelos – ainda sem fios grisalhos, mas com o dourado já esmaecido – antes de atá-los à nuca, deixando-lhe livres as faces esfregadas e brilhantes. Finalmente, estava pronta para o clímax processional do ritual.

Nua e radiante ante a nova ilusão, voltou ao quarto, dirigiu-se ao toucador, retirou da gaveta de cima a fotografia de um homem em uniforme de coronel alpino e colocou-a com a frente voltada para o aposento. Depois, consciente de si mesma como um modelo profissional, pôs-se a vestir-se diante dele, cuidadosamente, coquetemente, como se quisesse seduzi-lo, fazê-lo sair da moldura e cair-lhe nos braços expectantes.

Depois de vestir-se, colocou de novo a fotografia na gaveta e fechou-a à chave. Em seguida, sentou-se com toda a calma diante do espelho e começou a compor o rosto.

Vinte minutos depois, trajando um elegante vestido de verão, saiu do quarto, desceu as escadas e surgiu no jardim ensolarado, onde Nicholas Black, nu da cintura para cima, trabalhava numa nova tela.

Ao ouvir-lhe os passos, voltou-se e saudou-a com prazer teatral, beijando-lhe as mãos e fazendo-a dar uma volta diante de si, enquanto palrava como um papagaio feliz:

– Magnífico, *cara!* Não sei como consegue fazê-lo. Toda manhã é como uma nova revelação. Em Roma você era bela, mas um tanto aterradora. Aqui, é uma beleza campestre reservada para a minha

admiração particular. Preciso pintá-la nesse vestido. Sente-se aqui e deixe que eu a veja.

A condessa empertigou-se toda, feliz com os cumprimentos, e deixou que ele a conduzisse a um pequeno banco de pedra sombreado por uma amendoeira em flor. Com espalhafato, o pintor fez com que se sentasse na posição que ele desejava, arrumou-lhe a saia sobre o banco, inclinou-lhe a cabeça para o alto, na direção das flores, e ajeitou-lhe as mãos sobre o colo. Feito isso, apanhou um bloco de desenho e, com traços rápidos, ousados, pôs-se a desenhar, falando durante todo o tempo.

– Tomei café esta manhã em companhia do nosso médico. Estava, como sempre, de ressaca, mas animou-se quando lhe falei de seu convite para jantar. Tive a impressão de que está bastante apaixonado por você... Não, não! Não fale, que estraga a pose. Não creio que o coitado possa resistir. Viveu tanto tempo em meio aos camponeses que você deve parecer-lhe uma princesa encantada aqui em seu castelo... Ah, outra coisa: o bispo de Valenta está iniciando uma investigação em grande escala acerca da vida e das virtudes de Giacomo Nerone. Importou de Roma um monsenhor inglês para desempenhar o papel de Advogado do Diabo. Ele virá até aqui dentro de alguns dias. Tomei a liberdade de dizer a S. Exa. Revma. que você teria prazer em recebê-lo como hóspede.

– Não! – exclamou ela, tomada de pânico.

Toda a sua compostura se desfez, enquanto o fitava, zangada e medrosa.

– Mas, *cara* – exclamou ele, penitenciando-se instantaneamente, ao mesmo tempo em que punha de lado o bloco de desenhos e se acercava dela, com voz e mãos solícitas. – Julguei que queria que eu fizesse isso. Não pude consultá-la, mas sabia de suas relações de amizade com o bispo... Além disso, não havia, na verdade, outro lugar em que o visitante pudesse ficar. Não podia dormir com os camponeses, não acha? Nem debaixo do balcão, lá na taberna. Ademais, é seu compatriota... e meu também. Julguei que isso lhe causasse prazer. Se a ofendi, jamais me perdoarei.

Pôs-se de joelhos e afundou o rosto em seu colo, como uma criança arrependida.

Era um velho, velhíssimo truque, destinado a impressionar viúvas ricas – e que de novo deu resultado. Ela passou-lhe cariciosamente as mãos pelos cabelos e disse, com brandura:

– Claro que não me ofendeu, Nick. Foi apenas surpresa, nada mais. Eu... não estou mais habituada a elas, como antigamente. Claro que agiu bem. Ficarei feliz em hospedar esse monsenhor.

– Eu sabia! – exclamou ele, outra vez instantaneamente alegre. – S. Exa. Revma. se sentirá grato... e não creio que o nosso visitante se mostre demasiado enfadonho. Ademais – acrescentou, com uma leve e sorridente malícia a brilhar-lhe de novo nos olhos –, poderemos acompanhar a investigação por dentro, não lhe parece?

– Acho que sim – respondeu ela, o rosto novamente anuviado, a mão puxando com nervosismo as dobras da saia. – Mas o que ele fará aqui?

Nicholas Black fez um gesto no ar:

– O que todos fazem. Fará perguntas, tomará notas, examinará testemunhas. Por falar nisso... você provavelmente será uma delas. Você conheceu Nerone, não é?

Ela mexeu-se, inquieta, no banco e não quis encontrar o olhar do pintor.

– Apenas superficialmente... Eu... eu nada teria a dizer que valesse a pena.

– Então por que está preocupada, *cara*? Você assistirá de camarote a uma comédia de aldeia... bem como a alguns mexericos romanos. Agora, volte à posição de antes e deixe-me terminar o trabalho.

Mas, apesar de todas as suas atenções, ele não conseguiu dissipar-lhe o medo e, quando se pôs a desenhar-lhe o rosto, cada traço era uma mentira. Mas todas as mulheres eram tolas. Viam apenas o que queriam ver – e Nicholas Black vinha-se aproveitando de suas tolices durante quase toda a vida.

Terminado o desenho, deu-o à condessa com um gesto teatral e sorriu, no íntimo, diante de sua expressão de alívio e prazer. Depois, com ar estudadamente casual, beijou-lhe a mão e despachou-a:

– Você me perturba, querida. Você é uma bela amolação. Vá colher algumas flores para o quarto e deixe-me terminar o meu

quadro.

Ao vê-la afastar-se com passos incertos pelo gramado, sorriu para si mesmo. Ela havia sido bondosa para com ele – e ele não lhe queria mal. Mas também ele tinha seus prazeres secretos, e o mais sutil de todos era obter pela intriga o que nunca poderia conseguir pela posse: a carne odiosa e faminta das mulheres.

Para Ana Luísa de Sanctis, o momento presente tinha significação inteiramente diversa. Não era estúpida nem depravada, embora cedesse igualmente tanto às loucuras da meia-idade como aos vícios que um corpo ainda vigoroso lhe impunha. Quando se submetia às pequenas tiranias do pintor, fazia-o porque elas lhe despertavam a vaidade e porque sabia que ainda tinha o poder de decidir. Ele queria que lhe financiasse uma nova exposição em Roma. Podia fazê-lo... ou podia mandá-lo embora amanhã, de volta à sua vida miserável de artista medíocre e à sua busca diligente de viúvas ricas e complacentes.

Agradava-lhe ver que ele também estava envelhecendo e que cada nova conquista se tornava um pouco mais difícil. A maldade de Nicholas Black era como a maldade de uma criança, às vezes nociva, mas sempre ligada a uma necessidade não reconhecida, por parte dele, de sua pessoa. E fazia muito tempo que ninguém precisava dela. Ela também tinha as próprias necessidades, mas, embora ele as compreendesse e se divertisse com elas, não tinha poder para usá-las contra ela. Ele valia-se dos seus receios e da sua solidão, mas ainda não havia descoberto o seu verdadeiro terror.

Era esse terror que caminhava agora com ela pelo jardim pintalgado de sol do alto da colina, onde a riqueza e o trabalho barato haviam construído um oásis no solo ressequido da Calábria. A terra para o gramado e para os canteiros havia sido trazida em cestos, monte acima, nos ombros das aldeãs. A pedra havia sido arrancada do flanco da colina por pedreiros locais, as oliveiras, os pinheiros e os laranjais, plantados por rendeiros agricultores como tributo à família que os havia mantido, durante séculos, como bens herdados. Artistas napolitanos haviam decorado as paredes e os tetos cinzelados, uma dúzia de *connaisseurs* tinha adquirido em

leilões os quadros, as estátuas e as porcelanas encomendadas pelo conde Gabriel de Sanctis para a sua noiva inglesa.

O muro que cercava a *villa* havia sido construído – os portões cristados, forjados – para que dispusesse de um retiro isolado. A criadagem fora escolhida pelo próprio conde, para que a servisse solícitamente. A casa, as terras e tudo o que havia nelas tinham-lhe sido dados como presente de núpcias – e constituíam um retiro campestre para repouso após a vida febril de Roma, onde Gabriel de Sanctis estava galgando alta posição a serviço do Duce. Para a filha de um modesto diplomata, que acabara de passar sua primeira temporada em Londres, aquilo era como um encantamento das *Mil e uma noites*, mas o terror penetrara com ela aqueles portões e lá permanecera durante todos aqueles anos.

Gabriel de Sanctis começara aquilo – mas morrera havia muito, como um suicida desmoralizado no deserto da Líbia. Nos anos decorridos desde então, uma dezena de outros homens apareceu e se foi, mas nenhum conseguira libertá-la daquele terror.

Surgiu, então, Giacomo Nerone. Naquele mesmo jardim, numa manhã como aquela, ela se humilhara e pedira-lhe que a exorcizasse. Mas ele se negara. No fim, ela se vingou, mas a vingança lhe trouxera novos tormentos: pesadelos na grande cama barroca, fantasmas que assombravam os olivais e sorriam como sátiros em meio aos laranjais em flor. Nos últimos tempos, atormentavam-na menos. Havia drogas que produziam sono e Nicholas Black para distraí-la durante o dia.

Agora, porém, chegara um novo homem: um clérigo macilento, enviado de Roma para escavar o passado, computar velhas dívidas e registrar culpas já sepultadas, sem que nada importasse o sofrimento que disso pudesse advir. Ele se hospedaria em sua casa e comeria de sua mesa. Esquadrinharia tudo, e nem mesmo a porta fechada de seu quarto teria segredos para ele.

Súbito, a vida que tirara do banho matinal pareceu escoar-se dela, deixando-a lassa e fatigada. Dirigiu-se com passos lentos, arrastados, para uma pequena pérgula situada na extremidade de um olival, onde um fauno de mármore se erguia sobre um velho pedestal. Diante do fauno havia um banco rústico, sobre o qual

pendiam lânguidas e fartas madressilvas. Sentou-se, acendeu um cigarro e aspirou avidamente a fumaça, enchendo os pulmões, até sentir sua tensão se dissipar aos poucos.

Agora compreendia. Estivera fugindo durante muito tempo. Não havia fuga para o medo que carregava em seu corpo como um inquilino. Devia haver um fim para aquilo; do contrário, mergulharia na negra loucura que ameaça todas as mulheres que chegam ao climatério infelizes e sem que estejam preparadas. Mas de que modo acabar com aquilo? Derrubar todas as portas, humilhar-se diante dos inquisidores, submeter-se à catarse da confissão? Já o experimentara antes, mas fracassara por completo.

Havia ainda uma alternativa desolada, talvez, mas segura: o vidrinho cheio de cápsulas de gelatina que todas as noites a levava ao sono. Um pouquinho mais – só um pouquinho – e tudo estaria terminado de uma vez por todas. De certo modo, seria a conclusão de sua vingança contra Giacomo Nerone – e uma vingança contra o corpo que a traíra e a levava a ele, e ele a ela.

Mas ainda não. Ainda havia um pouco de tempo. Que viesse o sacerdote!... Se ele não insistisse demais, aquilo seria um presságio favorável – uma promessa de outras soluções. Se o fizesse... bem, então a coisa seria fácil, irônica e final – e, quando a encontrassem, ainda estaria bela como o era cada manhã ao sair de seu banho perfumado.

Para Blaise Meredith, os dias que passava na casa do bispo eram os mais felizes de sua vida. Homem frio por natureza, passara a compreender o significado do companheirismo. Arredio e autossuficiente, via, pela primeira vez, a dignidade da dependência, o encanto de uma confiança compartilhada. Aurélio, bispo de Valenta, era um homem que possuía o dom da compreensão e um raro talento para a amizade. A solidão e a desolada coragem de seu hóspede tocaram-no profundamente e, com tato e simpatia, entregou-se à tarefa de estabelecer intimidade entre ambos.

Pela manhã, logo cedo, dirigiu-se ao quarto de Meredith levando consigo o grosso volume que continha os registros das primeiras investigações acerca de Giacomo Nerone. Encontrou o sacerdote, pálido e fatigado, sentado na cama com a bandeja do café da manhã sobre os joelhos. Colocou-a sobre a mesa e aproximou-se solícito, sentando-se à beira do leito.

– Não passou bem a noite, meu amigo?

Meredith assentiu com a cabeça, desalentado:

– Um pouco pior do que o habitual. Talvez a viagem, a excitação. Devo pedir-lhe desculpas. Eu esperava servir na missa de V. Exa. Revma.

O bispo balançou a cabeça num gesto negativo, sorrindo:

– Não, monsenhor. O senhor agora está sob minha jurisdição. Dispensoo de todas as missas, exceto a dos domingos. Dormirá até tarde, se recolherá cedo, e, se vir que está trabalhando demais, serei obrigado a afastá-lo desse caso. O senhor, agora, está no

campo. Aproveite o tempo. Sinta o cheiro da terra e dos laranjais floridos. Espane de seus pulmões o pó das bibliotecas.

– V. Exa. é amável – respondeu Meredith com ar grave. – Mas resta-me pouquíssimo tempo.

– Mais uma razão para gastá-lo consigo mesmo – respondeu o bispo. – E um pouquinho comigo também. Eu também sou um estranho aqui, lembre-se disso. Meus colegas são, quase todos, boas criaturas, mas sua companhia me é enfadonha. Há coisas que eu gostaria de lhe mostrar, coisas que gostaria de ouvir de sua boca. Quanto a isto – ajuntou, apontando o maciço volume encadernado em couro –, pode lê-lo no jardim. A metade do que aí está é repetição e retórica. O restante, o meu amigo poderá digerir em dois dias. As pessoas que deseja ver se encontram a apenas duas horas de automóvel... e o meu está à sua disposição a qualquer momento, com um chofer para cuidar de sua pessoa!

Um sorriso lento, perplexo, aflorou ao rosto pálido de Meredith.

– O senhor é bondoso para comigo e isso me parece estranho. Fico pensando por que me trata assim.

Um sorriso jovial iluminou o rosto do bispo:

– O senhor viveu demasiado tempo em Roma, meu amigo. Esqueceu-se de que a Igreja é uma família de fiéis, não apenas uma burocracia de crentes. Isso é um sinal dos tempos... e um sinal dos menos encorajadores. Este é o século da máquina, e a Igreja fez-lhe demasiadas concessões. Eles agora têm, no Vaticano, despertadores e máquinas de calcular, bem como telégrafos impressores de cotações da bolsa.

Apesar de seu cansaço, Meredith lançou a cabeça para trás e riu, descontraído. O bispo fez um sinal de aprovação com a cabeça:

– Assim está melhor! Um pouco de riso sincero só fará bem a todos. Precisamos de um ou dois poetas satíricos que nos desenvolvam o senso da proporção.

– Nós provavelmente os processaríamos por injúria – observou maldosamente Meredith. – Ou os acusaríamos de heresia.

– *Inter faeces et urinam nascimus* – citou, em voz baixa, o bispo. – Foi um santo quem disse... e isso se aplica igualmente a papas, sacerdotes e prostitutas de Reggio Di Calábria. Um pouco mais de

riso diante de nosso triste estado, algumas lágrimas honestas diante da tristeza das coisas... e todos seríamos melhores cristãos. Agora, termine o seu café e dê um passeio pelo jardim. Tenho passado muito tempo nele e não me agradaria que um inglês o ignorasse.

Uma hora depois, banhado, barbeado e reanimado, Meredith saiu para o jardim, levando consigo o volume de depoimentos acerca de Giacomo Nerone. Chovera durante a noite, e o céu estava limpo, enquanto o ar estava cheio do cheiro de terra úmida, folhas lavadas e florações novas. As abelhas zumbiam em torno das flores das laranjeiras e dos hibiscos escarlates, e os goivos amarelos erguiam-se, retos e agudos, junto aos rebordos de pedra dos canteiros. Novamente Meredith sentiu-se tocado por um desejo ardente de permanência naquela terra de raízes profundas, cuja beleza via pela primeira vez. Se ao menos pudesse ficar com ela um pouco mais, deitar raízes como uma árvore, ser açoitado pelas intempéries mas, não obstante, sobreviver para a chuva, e o sol e a renovação da primavera! Mas não. Ele vivera demasiado em meio ao pó das bibliotecas e, quando chegasse a ocasião, era nesse pó que o sepultariam. Não nasceriam flores de sua boca, como nasciam da boca de homens humildes; raiz alguma se estenderia em torno da forma de seu coração e de seus flancos. Iriam encerrá-lo num caixão forrado de chumbo e o levariam para a cripta da igreja do cardeal, onde ele se desfaria, estéril como sempre vivera, até o dia do Juízo Final.

Em torno dos troncos das oliveiras, a relva era verde e o ar, cálido e tranquilo. Despiu a batina, tirou o colarinho e abriu a camisa para sentir o calor cair sobre seu peito magro; depois se sentou, recostou-se ao tronco de uma árvore, abriu o grande volume encadernado em couro e pôs-se a ler:

Depoimentos preliminares sobre a vida, as virtudes e os alegados milagres do Servo de Deus Giacomo Nerone, reunidos por solicitação e sob a autoridade de S. Exa. Revma. Aurélio, Titular de Valenta, na Província da Calábria, por

Geronimo Battista e Luigi Saltarello, sacerdote da mesma Diocese.

Vinha, a seguir, a cuidadosa rejeição:

Os depoimentos e as informações que se seguem têm caráter não judicial, já que, até esta data, nenhum tribunal foi estabelecido nem designadas quaisquer autoridades para examinar oficialmente a causa desse Servo de Deus. Embora não tenham sido poupados esforços para se chegar à verdade, as testemunhas não foram submetidas a juramento nem colocadas sob sanção canônica, a fim de que revelassem quaisquer verdades de que tivessem conhecimento. Nenhum dos procedimentos adotados por um tribunal diocesano foi observado, quer quanto ao sigilo, quer quanto ao método de registro. Não obstante, as testemunhas foram advertidas de que poderão ser chamadas a depor sob juramento num tribunal, se este viesse a ser constituído.

Blaise Meredith fez um aceno com a cabeça e contraiu os lábios, satisfeito. Até ali, tudo muito bem. Ali estava a burocracia da Igreja em ação: a legalidade romana aplicada aos assuntos do espírito. Os céticos talvez pudessem zombar daquilo; os crentes, sorrir diante de seus excessos, mas, em sua essência, aquilo era sólido. Era o mesmo gênio que dera ao Ocidente o código de civilização sob o qual, pelo menos em parte, ainda vivia. Meredith virou a página e continuou a ler:

De non cultu (Decreto de Urbano VIII, 1634)

Em vista das informações concernentes à visita de peregrinos e à veneração tributada por membro da comunidade de fiéis junto à campa do Servo de Deus, consideramos como sendo o

nosso primeiro dever investigar se os decretos do pontífice Urbano VIII, proibindo o culto público, foram observados. Constatamos que muitos fiéis, tanto visitantes como pessoas da localidade, visitam o túmulo de Giacomo Nerone e oram junto a este. Alguns deles afirmaram ter recebido, mediante sua intercessão, favores espirituais e temporais. As autoridades civis e, em particular, o prefeito de Gemello Maggiore organizaram certa publicidade pela imprensa e melhoraram as facilidades de transporte, a fim de incentivar a vinda de visitantes. Embora isso possa constituir uma indiscrição, não transgride os cânones. Nenhuma veneração pública é permitida, no sentido canônico. O Servo de Deus não é invocado em cerimônias litúrgicas. Não são expostos retratos ou imagens para veneração pública e, à parte certas notícias adulteradas pela imprensa, não circularam, até agora, livros ou folhetos contendo descrição de milagres. Certas relíquias que pertenceram ao Servo de Deus circulam, privadamente, entre os fiéis, mas não se permitiu que se lhes prestasse qualquer veneração pública. Somos de opinião, por conseguinte, que os cânones que proíbem o culto público têm sido observados...

BLAISE MEREDITH LEU, um tanto sonolento, as frases formais. Aquele era, para ele, um terreno velho e conhecido – familiar, mas tranquilizador. Competia à Igreja não apenas impor a fé, mas também limitá-la; incentivar a piedade, mas desencorajar a beatice. As leis ali estavam – por mais que tivessem sido obscurecidas pela ignorância –, e sua fria razão se destinava a refrear os excessos dos devotos e as ásperas exigências dos puritanos. Mas ele ainda se achava muito longe do âmago do problema – a vida, as virtudes e os alegados milagres de Giacomo Nerone. O parágrafo seguinte tampouco o aproximou do assunto. Intitulava-se:

De scriptis

Não foram encontrados escritos de qualquer espécie atribuíveis ao Servo de Deus. Certas referências, anotadas depois nos depoimentos, sugerem a possível existência de um manuscrito que se teria perdido, ou que fora destruído ou deliberadamente oculto por pessoas interessadas. Até que se inicie um processo legal e seja possível exercer pressão moral sobre as testemunhas, é pouco provável que se obtenham outras informações acerca deste importante ponto.

Blaise Meredith franziu a testa, com ar de desagrado. Nada de escrito. Uma pena! Do ponto de vista judicial, as coisas escritas por um homem constituíam a única indicação segura de suas crenças e intenções e, segundo a rigorosa lógica de Roma, eram mesmo mais importantes do que os seus atos. Um indivíduo podia assassinar a esposa ou seduzir a própria filha e, não obstante, permanecer membro da Igreja; mas se ousasse rejeitar um til na verdade definida, se veria imediatamente fora dela. Poderia ter dedicado sua vida inteira à caridade e, não obstante, chegar ao fim de seus dias sem mérito algum. O valor moral de um ato dependia da intenção com que tinha sido praticado. Mas, morto o indivíduo, quem revelaria os segredos de seu coração?

Era um começo pouco encorajador, e o que se seguia era ainda menos tranquilizador:

BIOGRAFIA RESUMIDA

Nome: Giacomo Nerone. Há razão – anotada posteriormente nos depoimentos – para se supor que este era um pseudônimo.

Data do Nascimento: Desconhecida. As descrições físicas feitas pelas testemunhas variam consideravelmente, mas todas são acordes em que devia ter entre trinta e trinta e cinco anos.

Lugar do Nascimento: Desconhecido. Nacionalidade: Desconhecido. Há testemunhas de que Giacomo Nerone foi primeiro aceito como italiano, mas que depois surgiram dúvidas quanto à sua identidade. Foi descrito como sendo um homem alto, moreno e de pele bronzeada. Falava fluente e corretamente o italiano, embora com sotaque setentrional. A princípio, não se exprimia em dialeto, mas depois o aprendeu e o falava constantemente. Durante o período de sua vida passada em Gemelli dei Monti, unidades alemãs, americanas, inglesas e canadenses achavam-se em operações na Província de Calábria. Várias suposições foram feitas quanto à sua nacionalidade, mas as provas apresentadas a favor destas são, a nosso ver, inconcludentes.

Somos de opinião, no entanto, que, por motivos ainda não suficientemente claros, ele se esforçava deliberadamente para ocultar a verdadeira identidade. Somos também de opinião que certas pessoas conheciam sua identidade e ainda hoje procuram ocultá-la.

Data da Chegada a Gemelli dei Monti: A data exata é incerta, mas todos concordam que deve ter-se verificado em fins de agosto de 1943. Esta data corresponde mais ou menos à da conquista da Sicília pelos aliados e às operações do VIII Exército inglês na Província da Calábria.

Período de Residência em Gemelli dei Monti: Agosto de 1943 a 30 de junho de 1944. Todas as testemunhas se referem a este período de menos de doze meses, e quaisquer reivindicações de santidade heroica devem ser julgadas de acordo com os registros disponíveis relativos a este período excepcionalmente breve.

Data da Morte: 30 de junho de 1944, às 3 horas da tarde. Giacomo Nerone foi executado por esquadrão de fuzilamento dos guerrilheiros, sob o comando de um homem conhecido por *Il Lupo*, O Lobo. Tanto a data como a hora da execução são específicas, confirmadas por testemunhas oculares. As

circunstâncias relativas ao acontecimento também são confirmadas por testemunho unânime.

Sepultamento: O sepultamento realizou-se às 22h30 do dia 30 de junho. O corpo de Giacomo Nerone foi removido do lugar da execução por seis pessoas e enterrado no lugar conhecido como Grotta del Fauno, onde hoje se encontra. Tanto a identificação do corpo como as circunstâncias do sepultamento são unanimemente confirmadas pelo testemunho dos que participaram do enterro.

BLAISE MEREDITH FECHOU o grosso volume e colocou-o a seu lado, sobre a grama. Depois, recostou a cabeça no áspero tronco da oliveira e ficou pensando sobre o que acabara de ler. Aquilo era um começo, sem dúvida, mas, do ponto de vista do Advogado do Diabo, um começo bastante dúbio.

Havia muitos “desconhecidos”, e a imputação de deliberado sigilo era perturbadora. Tudo o que os testemunhos revelaram e abrangiam era apenas um período de onze meses, numa vida de trinta ou trinta e cinco anos. Não havia escrito algum que pudesse ser examinado. Nenhuma dessas coisas excluía a santidade, mas podia muito bem excluir uma santidade comprovada, que era assunto da investigação de Meredith e do processo judicial do tribunal do bispo.

Em casos como esse, o investigador era sempre forçado a apelar para a fria lógica dos teólogos.

Partia ela da premissa de um Deus pessoal, eterno, autossuficiente, onipotente. O homem era o resultado de um ato criador da vontade divina. A relação existente entre o Criador e a Sua criatura era definida primeiro pela lei natural, cujas obras eram visíveis e podiam ser apreendidas pela razão humana; depois, por uma série de revelações divinas, culminando na Encarnação, na Pregação, na Morte e Ressurreição do Deus-feito-Homem, Jesus Cristo.

A perfeição do homem e sua união final com o Criador dependiam de sua conformidade com a relação existente entre eles;

sua salvação dependia de se achar o homem em estado de conformidade no momento de sua morte. Era ajudado a chegar a essa conformidade mediante o auxílio divino, chamado graça, que estava sempre ao seu alcance em grau suficiente para garantir-lhe a salvação, contanto que cooperasse com ela mediante o uso de sua livre vontade. Salvação implicava perfeição, mas uma perfeição limitada.

Mas a santidade, a santidade heroica, implicava um chamamento especial para uma perfeição maior, mediante o emprego de graças especiais – nenhuma das quais o homem poderia alcançar pelo próprio poder. Cada época produziu a sua safra de santos, embora nem todos fossem conhecidos – embora nem todos fossem oficialmente proclamados.

A proclamação oficial envolvia ainda algo: a implicação de que a Divindade desejava tornar conhecidas as virtudes do santo chamando a atenção para elas por meio de milagres – atos que estavam além do poder humano –, interrupções divinas das leis da natureza.

Era essa implicação que perturbava Meredith no início do caso de Giacomo Nerone. Constituía simples axioma, reconhecido por todos os teólogos, o de que um Ser onipotente não podia, por sua própria natureza, entregar-se à trivialidade ou a um sigilo trivial.

Nada havia de trivial no nascimento de um homem, já que isso envolvia a projeção de uma alma nova nas dimensões da carne. Nada havia de trivial na progressão de sua vida, já que cada ato o condicionava para o derradeiro momento dela. E sua morte era o momento em que o espírito se lançava para fora do corpo na atitude irrevogável de conformidade ou rejeição.

Assim, quaisquer que fossem as lacunas existentes na história pessoal de Giacomo Nerone, tais lacunas precisavam ser preenchidas. Se existiam fatos que estavam sendo dificultados, Blaise Meredith precisava trazê-los à luz, uma vez que também ele logo seria chamado a juízo.

Mas o que um homem deve fazer e o que suas forças permitem que faça são, não raro, duas coisas diversas. O ar era cálido, o zunido dos insetos enganadoramente sedativo e o cansaço de uma

noite insone voltou de maneira insidiosa, e Blaise Meredith rendeu-se a ele e dormiu sobre a relva macia até a hora do almoço.

S. EXA. REVMA. sorriu entre dentes, encantado, quando Meredith lhe confessou, pesaroso, a sua negligência matinal.

– Ótimo! Ótimo! Ainda faremos do senhor um camponês! Teve sonhos agradáveis?

– Não tive sonhos – respondeu Meredith, com um bom humor seco. – E isso foi uma mercê tão grande quanto o sono. Mas não adiantei muito o trabalho. Corri os olhos antes do almoço por alguns depoimentos, mas lamento dizer que os acho um tanto insatisfatórios.

– Insatisfatórios... de que modo?

– É difícil de definir. Foram feitos de maneira normal. São, evidentemente, resultado de cuidadosa interpelação de testemunhas. Mas... como direi?... – não dão uma ideia clara de Giacomo Nerone nem das próprias testemunhas. E, para os fins que temos em vista, ambas as coisas são importantes. A figura pode crescer, é claro, à medida que eu prossiga a leitura, mas, por enquanto, não há contornos nítidos.

O bispo concordou com um aceno de cabeça:

– Essa também é a minha impressão. É uma das razões de minhas dúvidas acerca do assunto. Os depoimentos constituem, todos, uma única peça. Não há elementos de conflito ou controvérsias. E em geral os santos são pessoas que despertam muita controvérsia.

– Mas há elementos de sigilo – ajuntou, tranquilo, Meredith.

– Precisamente – aquiesceu o bispo, sorvendo o seu vinho e refletindo sobre a sua explicação. – Quase se diria que uma parte da população se convenceu de que esse homem era um santo e queria prová-lo a qualquer preço.

– E a outra parte?

– Estava resolvida a nada dizer... quer a favor, quer contra.

– Ainda é muito cedo para que eu julgue esse ponto – observou, cauteloso, Meredith. – Ainda não li nem estudei suficientemente o

processo. Mas o tom das declarações que li até agora é afetado e estranhamente irreal, como se as testemunhas estivessem falando uma nova língua.

– E estão! – exclamou o bispo, com vivo interesse. – É bastante curioso, meu amigo, mas o senhor tocou num problema que há muito tempo me preocupa: a dificuldade de comunicação precisa entre o clero e os leigos. É uma dificuldade que, ao invés de diminuir, aumenta, e que inibe mesmo a intimidade purificante do confessorário. A raiz disso, penso eu, é esta: a Igreja é uma teocracia governada por uma casta sacerdotal, da qual o senhor e eu somos membros. Temos uma linguagem própria, uma linguagem hierática, se quiser, formal, estilizada, admiravelmente adaptada a definições legais e teológicas. Desafortunadamente, também temos uma retórica própria que, como retórica do político, diz muito e comunica pouco. Mas não somos políticos. Somos professores, professores de uma verdade que afirmamos ser essencial para a salvação do homem. Contudo, como é que a pregamos? Falamos incessantemente de fé e esperança, como se estivéssemos empregando uma forma cabalística de encantamento. O que é a fé? Um salto no escuro para as mãos de Deus. Um ato inspirado de vontade que constitui a nossa única resposta ao terrível mistério de se saber de onde viemos e para onde vamos.

“O que é a esperança? A confiança de uma criança na mão que a afastará dos terrores que avançam no escuro. Pregamos o amor e a fidelidade, como se se tratasse de assunto de mesa de chá... E não de corpos a contorcer-se numa cama e de palavras ardentes em lugares escuros, e de almas atormentadas pela solidão e levadas à comunhão momentânea de um beijo. Pregamos a caridade e a compaixão, mas raramente dizemos o que significam: mãos que lidam em meio à sujeira de quartos de doentes, que limpam o pus de feridas sifilíticas. Falamos ao povo todos os domingos, mas nossas palavras não chegam até os que nos ouvem, pois que esquecemos a nossa língua materna. Mas nem sempre foi assim. Os sermões de São Bernardino de Siena são, hoje, quase inconvenientes, mas chegavam aos corações, pois a verdade que havia neles era aguda como um punhal e dolorosa como...”

Interrompeu-se e sorriu, como que se desculpando de sua própria intensidade. Depois, após um momento, disse com brandura:

– Eis aí o que se passa com as nossas testemunhas, monsenhor; nós não as compreendemos porque falam conosco como falamos com elas. E isso, tanto de uma parte como de outra, é muito pouco.

– Como então, justamente eu, poderei aproximar-me delas? – indagou, com irônica humildade, Meredith.

– A língua materna – respondeu Aurélio, bispo de Valenta. – O senhor nasceu, como essas criaturas, *inter faeces et urinam*, e elas ficarão surpresas ao verificar que o meu amigo não esqueceu tal fato... tão surpresas, com efeito, que talvez lhe digam a verdade.

HORAS DEPOIS, NAQUELA mesma tarde, enquanto o sol ardia fora das venezianas cerradas e a gente sensata do sul dormia a sesta, Blaise Meredith, deitado em sua cama, ponderava as palavras do bispo. Elas eram verdadeiras, ele bem o sabia. Mas o hábito de anos era forte nele – o eufemismo cuidadoso, o recato sacerdotal, como se sua língua devesse ser censurada por se referir ao corpo que o gerara e ao ato sublime a que devia o ser.

E, no entanto, o próprio Cristo usara essa cunhagem comum. Falara na linguagem vulgar de símbolos vulgares: uma mulher a gritar em trabalho de parto, os gordos eunucos a caminhar bamboleando pelos bazares, a mulher a quem muitos maridos não satisfaziam e que se voltou para um homem que não era seu marido. Não invocou convenção alguma para escudar-se dos homens que Ele mesmo criara. Comeu em companhia de cobradores de impostos e bebeu com mulheres públicas, não recuando diante das mãos que o ungiam e que haviam acariciado corpos de homens em meio à paixão de mil noites.

E Giacomo Nerone? Se fosse um santo, seria como o Senhor. Se não o fosse, ainda assim seria um homem, e a verdade a seu respeito seria contada na linguagem simples da alcova e da taberna.

À medida que a tarde avançava e que a primeira friagem da noite penetrava em seu quarto, Blaise Meredith começou, lentamente, a compreender a tarefa que tinha à sua frente.

Seu primeiro problema era de ordem tática. Embora as notícias já tivessem sido publicadas e designados os dois principais representantes oficiais, o tribunal ainda não havia sido constituído. Já que todos os depoimentos no tribunal seriam tomados sob juramento e em caráter sigiloso – e já que de nada valia estar desperdiçando tempo com gente frívola e nada disposta a cooperar –, era necessário experimentar primeiro aquela gente em entrevistas particulares e sem juramento, do mesmo modo que um advogado civil examina suas testemunhas antes de apresentá-las.

As testemunhas já haviam sido entrevistadas, antes, por Battista e Saltarello, cujos registros estavam em suas mãos. Mas eram ambos sacerdotes locais e, segundo se presumia, imparciais... se é que não estavam, na verdade, a favor do candidato. Sua posição era inteiramente diferente. Ele era estrangeiro, funcionário do Vaticano e promotor da causa. Era suspeito pela própria natureza de sua missão, e se estivessem envolvidos na causa interesses mundanos – como, indubitavelmente, estavam –, podia estar certo de que depararia com ativa e vigorosa oposição.

Aqueles que promoviam a causa do santo teriam todo o cuidado de desviá-lo de qualquer informação controversa. Se haviam deposto a favor de Giacomo Nerone, não modificariam seu depoimento diante do Advogado do Diabo, embora talvez pudessem sucumbir, se ele conseguisse descobrir elementos com que os desafiar. Era idiota, claro, tecer intriga em torno do Todo-Poderoso, mas havia muita tolice e intriga não só no seio da Igreja como fora. A Igreja era uma família constituída de homens e mulheres, nenhum dos quais era garantidamente perfeito, nem mesmo por graça do Espírito Santo.

Sua melhor oportunidade, por conseguinte, parecia residir naqueles que se haviam recusado a prestar qualquer depoimento. Talvez não fosse fácil descobrir por que certas pessoas não acreditavam em santos e encaravam os seus cultos como superstições nocivas. Era bem possível que tais pessoas estivessem dispostas a revelar algo que mostrasse os pés de barro de um ídolo popular. Certas pessoas acreditavam em santos, mas nada queriam com eles. Achavam pouco confortável sua companhia: suas virtudes constituíam censura perpétua. Não havia ninguém mais obstinado,

neste sentido, do que um católico em luta com a própria consciência. Finalmente, poderia haver os que hesitavam em revelar fatos favoráveis aos candidatos porque tais fatos eram desairosos às próprias pessoas.

O problema seguinte era descobrir tais pessoas. De acordo com os registros de Battista e Saltarello, todas as informações positivas vinham de Gemello Maggiore, a aldeia próspera, e todas as recusas partiam da aldeia gêmea, deprimida, situada no outro lado do vale. A distinção era demasiado óbvia para que pudesse ser ignorada e demasiado artificial para que pudesse ser aceita sem reserva. Meredith resolveu discutir a questão com o bispo, durante o jantar.

S. Exa. Revma. abordou o assunto com cautela maior do que a habitual:

– Para mim também esse foi um dos traços mais intrigantes da situação. Permita-me tentar apresentar-lhe essa situação dentro de certa perspectiva. Há aqui duas aldeias, gêmeas pelo nome e gêmeas pela natureza, empoleiradas nas cristas da mesma montanha. Antes da guerra, o que eram elas? Aldeias calabresas típicas... lugarejos pobres, habitados por agricultores arrendatários de senhores ausentes. Em seu aspecto exterior e em seu padrão de vida, não havia entre elas diferença perceptível... salvo que, em Gemello Minore, havia uma *padrona* residente, a condessa de Sanctis...

O bispo deteve-se ironicamente nesse parêntese e, depois, prosseguiu:

– Mulher interessante, a condessa. Terei curiosidade de saber o que pensa dela. O senhor será seu hóspede, quando for a Gemello Minore. Contudo, sua presença, tanto então como agora, não fez diferença quanto à situação da população local... Depois veio a guerra. Os jovens foram convocados para o exército; os velhos e as mulheres ficaram lavrando a terra. Trata-se, nos melhores sítios, de terra pobre, como o meu amigo verá, terra que se tornava cada vez mais pobre à medida que se passavam os anos. O Estado impôs tributo à agricultura e, uma vez recebido pelos proprietários o quinhão que lhes cabia, pouco sobrava para os camponeses e, não raro, estes últimos passavam fome de verdade nas montanhas.

Ora... – ajuntou S. Exa., fazendo um gesto enfático com as mãos longas e sensíveis –, a coisa estava assim, quando chegou um homem, um desconhecido, que se disse chamar Giacomo Nerone. O que sabemos dele?

– Quase nada – disse Blaise Meredith. – Chega aqui, vindo não se sabe de onde, trajando roupas miseráveis de camponês. Ferido e atacado de malária. Diz ser desertor da luta que se desenrola no sul. Pelo que parece, os aldeões aceitam-no. Têm filhos que também se acham em lugares distantes. Não sentem simpatia alguma por uma causa perdida. Uma jovem viúva, chamada Nina Sanduzzi, leva-o para sua casa e cuida dele. Surge entre eles uma ligação que é, depois, interrompida... bem no meio da gravidez da mulher.

– E depois? – animou-o astutamente, o bispo.

– Depois, não sei o que pensar. O registro é pouco claro. As testemunhas são vagas. Fala-se numa conversão, numa volta para Deus. Nerone deixa a casa de Nina Sanduzzi e constrói, com as próprias mãos, uma pequena choça no recanto mais desolado do vale. Planta um jardim. Passa horas a fio solitário, em contemplação. Aparece na igreja aos domingos e recebe os Sacramentos. Ao mesmo tempo, note bem, parece ter assumido a chefia das aldeias.

– Mas como é que as dirige, e com que fim? Eu o estou interrogando, Meredith, porque quero ver de que modo o senhor, um recém-chegado, compreendeu essa história. Quanto a mim, eu a sei de cor, mas sinto-me ainda desorientado.

– Conforme li nos depoimentos – prosseguiu, cauteloso, Meredith –, ele começou a ir de casa em casa, oferecendo seus serviços a quem deles necessitasse... a um velho cujas terras estavam sendo usurpadas, a uma avozinha fraca e solitária, a um agricultor enfermo que precisava de alguém que cuidasse de sua plantação de tomates. Daqueles que podiam fazê-lo, exigia pagamento em espécie... leite de cabra, azeitonas, vinho, queijo... que depois entregava aos que precisavam. Mais tarde, quando chegou o inverno, organizou um cadastro de mão de obra e recursos naturais, impondo-o com rigor e, às vezes, com violência.

– Procedimento nada santo... – insinuou o bispo, com um leve sorriso.

– Foi o que também achei – admitiu Meredith.

– Mas mesmo o Cristo expulsou a chicote os vendilhões do templo, não expulsou? E quando o senhor vier a conhecer os nossos calabreses, concordará em que possuem a cabeça mais dura e os punhos mais rijos de toda a Itália.

Meredith foi obrigado a sorrir ante a armadilha que o bispo lhe armara.

– Anotaremos isso como crédito a favor de Giacomo Nerone – disse. – O que vem a seguir também o favorece. Cuidava dos enfermos e parece ter prestado uma espécie de rude colaboração, no campo da medicina, a um certo Dr. Aldo Meyer, um eLivros político que, de modo bastante curioso, se nega a prestar qualquer declaração sobre o caso.

– Também tenho pensado muito sobre esse ponto – adiantou o bispo. – E isso é muito mais interessante quando se sabe que Meyer, antes e depois da guerra, procurou organizar essa gente em benefício próprio, tendo malgrado por completo. É um homem de espírito humanitário singular, mas tem contra si o fato de ser judeu num país católico... bem como, talvez, ainda outras coisas. O senhor devia procurar aproximar-se dele. Talvez o meu amigo se surpreenda... Mas prossiga, por favor.

– Encontramos, a seguir, prova de outras atividades religiosas. Nerone reza em companhia dos enfermos, conforta os agonizantes. Faz viagens em meio à neve para trazer o sacerdote com os últimos Sacramentos. Quando não há sacerdote, ele mesmo permanece até o fim com o moribundo. Mas há uma coisa estranha... – ajuntou Meredith, detendo-se um momento, indeciso. – Duas testemunhas dizem o seguinte: “Quando o padre Anselmo se recusou a ir...” O que significaria isso?

– Exatamente o que diz, creio eu – respondeu, friamente, S. Exa. Revma. – Já houve muito escândalo acerca desse homem. Pensei várias vezes em removê-lo, mas agora me decidi contra tal medida.

– O senhor tem fama de rígido mantenedor da disciplina. Já removeu outros. Por que não dessa vez?

– Ele é velho – respondeu o bispo em voz baixa –, velho e, creio eu, encontra-se muito perto do desespero. Não me agradaria nada

pensar que tivesse sido eu quem o levara a isso.

– Desculpe-me – disse, imediatamente, Meredith.

– Não há de quê. Somos amigos. O senhor tem o direito de fazer perguntas. Mas sou um bispo, não um burocrata. Carrego o báculo de pastor, e as ovelhas tresmalhadas também me pertencem. Prossiga. Leia mais acerca de Giacomo Nerone.

Meredith passou a mão pelos cabelos ralos. Estava ficando cansado. Era um esforço para ele manter as ideias em ordem.

– Em março de 1944, vieram os alemães... a princípio, um pequeno destacamento; depois um maior: reforços para as tropas que lutavam contra o VIII Exército inglês, que cruzara o estreito de Messina e abria caminho em direção à extremidade inferior da Calábria. Nerone foi um dos que negociaram com eles... tendo sido bem-sucedido, ao que parece. Os camponeses deveriam fornecer determinada quantidade de alimentos frescos, em troca de remédios e roupas de inverno. O comandante da guarnição imporia disciplina às suas tropas e protegeria as mulheres cujos maridos e irmãos se achavam ausentes. O acordo é mantido de maneira razoavelmente satisfatória, e Nerone impõe-se como mediador respeitado. Essa ligação com os alemães foi a razão alegada para a sua execução pelos guerrilheiros. Quando os aliados romperam as linhas inimigas e começaram a abrir caminho em direção a Nápoles, ultrapassaram as aldeias e deixaram aos guerrilheiros a tarefa de lidarem com as forças alemãs, dispersas, que se retiravam. Giacomo Nerone ficou...

O bispo interrompeu-o erguendo a mão esguia:

– Um momento! O que vê até aqui?

– O ignoto! – respondeu, calmamente, Meredith. – O desconhecido. O homem que viera não se sabia de onde. O desgarrado que, súbito, se transforma em divino. Ele possui um sentimento de gratidão, um toque de compaixão, bem como talento e, talvez, gosto para chefia. Mas o que ele é? De onde vem e por que age assim?

– O senhor vê nele algum santo?

Meredith balançou a cabeça num gesto negativo:

– Ainda não. Bondade, talvez, mas não santidade. Até agora não examinei as provas referentes aos alegados milagres, de modo que

deixo, por ora, de levar essa parte em consideração. Mas chego a uma conclusão. Há aí algo de santidade, uma grande sensatez. No entanto, não vejo razão para isso; apenas sigilo e mistério.

– Talvez não haja mistério algum... apenas ignorância e má interpretação. Digo, meu amigo: o que sabe das condições existentes aqui no sul na ocasião?

– Muito pouco – admitiu, com franqueza, Meredith. – Estive encerrado durante toda a guerra na cidade do Vaticano. Sabia apenas o que ouvia ou que lia... e isso de maneira bastante truncada. Deus bem o sabe!

– Então permita que eu lhe explique...

Levantou-se e dirigiu-se à janela, ficando a olhar o jardim, onde o vento agitava de leve os arbustos e as sombras eram profundas, pois ainda não existia luar sobre o topo das colinas. Quando falou, havia em sua voz um laivo de antiga tristeza:

– Sou italiano e compreendo essa história melhor do que muita gente, embora ainda não compreenda as pessoas nela envolvidas. Primeiro, o senhor deve saber que um povo derrotado não é leal com ninguém. Seus líderes o traíram. Seus filhos morreram defendendo uma causa perdida. Não acreditam em ninguém... nem em si mesmos. Quando chegaram os nossos conquistadores, falando aos berros em democracia e liberdade, tampouco acreditamos neles. Olhávamos apenas a côdea de pão que tinham nas mãos e calculávamos exatamente qual o preço que nos pediriam por ela. Gente faminta não acredita nem mesmo na côdea de pão, enquanto não a engole em segurança e não a sente doendo no estômago desabitado. Eis como eram as coisas aqui no sul. O povo estava derrotado, sem chefes, faminto. Pior ainda do que isso: esquecido. E eles sabiam disso.

– Mas Nerone não os esqueceu – objetou Meredith. – Permanecia com eles. Ainda era um líder.

– Já era mais. Havia novos barões na terra. Homens com armas novas, cartucheiras carregadas a tiracolo e autorização, por parte dos conquistadores, para que vasculhassem as montanhas e se apoderassem delas, mantendo a ordem até que um novo e dócil governo pudesse ser estabelecido. Seus nomes e seus rostos eram

familiares: Michele, Gabriele, Luizi, Beppi. Dispunham de pão com que negociar, bem como de carne enlatada e barras de chocolate... E tinham ainda velhas contas a ajustar, tanto políticas como pessoais. Saudavam as pessoas com o punho fechado da camaradagem e com o mesmo punho golpeavam o rosto dos que se atreviam a discordar deles. Eram muitos e eram fortes, pois que o seu Sr. Churchill dissera que negociaria com quaisquer pessoas que pudessem ajudá-lo a resolver a confusão reinante na Itália e lhe permitissem prosseguir com a invasão da França. Que poderia Giacomo Nerone fazer contra eles... o seu Ignoto vindo não se sabia de onde?

– O que ele procurou fazer? Eis aí o que me interessa. Por que certas pessoas se agarraram a ele, como a um santo, enquanto outras o recusaram e o traíram, entregando-o aos que o executaram? Antes de mais nada, por que os guerrilheiros eram contra ele?

– Isso está anotado – respondeu, com um sorriso fatigado, S. Exa. – Chamavam-no colaborador. Acusavam-no de comércio lucrativo com os alemães.

Meredith rejeitou enfaticamente a insinuação:

– Isso não basta! Não é o bastante para explicar o ódio, a violência e a discórdia nem, tampouco, por que uma aldeia prospera, enquanto a outra mergulha cada vez mais no desalento. Não basta, também, para nós. O povo fala em martírio... numa morte em defesa da fé e dos princípios morais. Tudo o que V. Exa. me mostrou não passa de uma execução política, talvez injusta e cruel, mas, ainda assim, apenas isso. O que nos interessa não é a política, mas a santidade, a relação direta entre um homem e o Deus que o criou.

– Talvez tudo não tenha passado disso: um homem envolvido na política.

– V. Exa. acredita nisso?

– E acaso importa aquilo em que acredito, monsenhor?

O rosto astuto e aristocrático voltou-se para ele. Os lábios finos sorriam, irônicos.

Foi então que, súbito, compreendeu a verdade, como um jato de água fria que lhe batesse no rosto. Também aquele homem tinha

uma cruz para carregar. Podia ser bispo, mas, não obstante, ainda havia dúvidas que o perseguiam e medos que o mortificavam no alto cume da tentação. Uma estranha compaixão agitou o coração ressequido de Blaise Meredith, e ele respondeu, em voz baixa:

– Se importa? Acho que importa muito!

– Por quê, monsenhor? – indagou o bispo, os olhos profundos, sábios, a desafiá-lo.

– Porque acho que o senhor, como eu, receia o dedo de Deus.

5

Nicholas Black, o pintor, trabalhava num novo quadro. Era uma composição simples, mas estranhamente dramática: uma confusão de rochas nuas, desgastadas e batidas pelas intempéries, manchadas de fungos e mosqueadas como a pele largada por uma serpente; das rochas, erguia-se uma oliveira solitária, morta e despojada de folhas, cujos braços nus se abriam como uma cruz, tendo por fundo o azul-claro do céu.

Estava trabalhando nele havia uma hora, na ensolarada solidão de um pequeno platô situado atrás da encosta da colina, longe, e o topo do monte, guarnecido de tufos, a elevar-se sobre ele inundado do sol do meio-dia.

O sol estava quente sobre o seu torso bronzeado, magro, mas musculoso. O ar era lânguido e seco, mas estridente de cigarra – e Paolo Sanduzzi dormitava a seus pés, a um passo de distância, sossegado como um lagarto sobre uma rocha cinzenta.

O contentamento era algo estranho a Nicholas Black e a plena satisfação era coisa que só de raro em raro lhe ocorria; mas, naquela hora e naquele lugar tranquilo, em companhia do rapaz adormecido, com uma tela a surgir-lhe vigorosamente da mão, sentia-se tão próximo do contentamento como jamais o estivera antes.

Pintava com traços seguros, satisfeito, os pensamentos voltados para a tela e para a árvore cinzenta, retorcida, que era como um patíbulo sobre um Gólgota em miniatura. Havia naquilo uma força que o seduzia – um vigor em seu tronco, músculo e osso debaixo do

córtice áspero, cinzento, como se algum dia pudesse partir-se ao meio e um homem surgir, brilhante e novo, para uma espécie de ressurreição na alvorada.

Ele admirava o vigor – tanto mais porque havia tão pouco vigor em sua pessoa –, mas raramente conseguia traduzi-lo em seus trabalhos. Os críticos tinham notado essa falta havia muito. Admiravam o encanto de suas telas, o brilho forçado, o talento dramático, mas lamentavam sua débil estrutura e o sangue aguado que circulava sob a pele de suas brandas figuras. Mais tarde, passaram a chamá-lo *raté* – um homem que jamais conseguiria, devido a alguma debilidade fundamental existente em sua própria pessoa, realizar algo de peso. Depois disso, certamente, mostravam-se bondosos para com ele, à maneira condescendente que reservavam às mediocridades afáveis e aos eternos ousados. Publicavam sempre notícias sobre suas exposições. Elogiavam-no o suficiente para que as viúvas ricas continuassem a comprar-lhe os quadros e os pequenos negociantes em arte se mostrassem ligeiramente interessados. Mas jamais o levaram a sério.

De vez em quando, um dos “novos” afiava os dentes diante de uma exposição de Nicholas Black, e foi um deles que escreveu um epitáfio brutal, que pôs toda Londres a rir durante uma semana e levou Black a cruzar o canal da Mancha e a lançar-se aos pés de Ana Luísa de Sanctis.

“Um dos eunucos da profissão”, escreveu o jovem e inteligente crítico, “condenado a viver para sempre na contemplação da beleza, mas sem jamais possuí-la.”

No Bag O’ Nails, no Stag e no BBC Club, riam dele entre dentes, diante de suas cervejas. Nos salões georgianos de Knightsbridge sorriam dele, bebericando coquetéis. Nas mansardas de Chelsea, compuseram uma canção obscena a respeito da situação – e um dos que compartilhavam de seu apartamento e mais do que da metade do seu amor havia gritado na sua cara, ao fim de uma noite de alteração.

Foi o momento mais amargo de sua vida e, mesmo agora, a três mil quilômetros e seis meses de distância do ocorrido, tal lembrança ainda era viva e degradante. Era um terror particular, aquele; um

inferno bastante particular reservado aos pobres-diabos que, por distração ou ironia do Criador, vinham ao mundo sem os atributos que definem um homem. Seus companheiros mais normais o encaram com desdém, como os poetastros desdenham uma paródia que indica a pomposidade de seus próprios trabalhos, como as esposas honestas desprezam a prostituta que vende por dinheiro o que elas recusam por amor. De modo que formam um reino entre si próprios, um meio-mundo de amantes perdidos, de encontros furtivos e de estranhas ligações. Existe lealdade nesse meio-mundo, mas não o bastante para protegê-los contra os intrigantes de dentro e os que zombam do outro lado dos portais frágeis. E quando um homem como Nicholas Black o abandona, converte-se em peregrino solitário de um culto secreto, cujos símbolos são os gráficos traçados nas paredes de toaletes, o gesto fálico e o rápido roçar em meio de um agrupamento de estranhos.

Agora, porém, ele chegara a um oásis, em seu caminho de peregrino. Estava pintando uma árvore tão viva como um homem. E um rapaz extenuado e moreno dormia ao sol, a seus pés. Deu uma última e cuidadosa pincelada; depois, largou o pincel e a paleta e ficou olhando Paolo Sanduzzi.

O jovem estava estendido de costas, um joelho encolhido, um dos braços atrás da cabeça, o outro pousado, lasso, sobre a rocha cálida e cinzenta. Vestia apenas um calção manchado e velhas sandálias de couro. No ar seco e quente, sua pele brilhava como uma madeira resinosa e seu rosto, liso e juvenil, tinha, em repouso, uma expressão de curiosa inocência.

Havia muito, a inocência era uma coisa estranha aos olhos de Nicholas Black. Envolvera-se, com demasiada frequência, em seu arremedo e em sua sedução. Mas podia reconhecê-la ainda, ter ainda ciúmes dela – e ali, longe da contrafação, podia ainda lamentar a sua perda.

Sentou-se na rocha quente, a poucos passos do rapaz, e pôs-se a fumar, pensativo, um cigarro, subjugado por aquele raro momento de satisfação entre um passado acusador e um futuro incerto.

De repente, o rapaz sentou-se e olhou-o com olhos astutos e perscrutadores:

– Por que me olha assim?

Black sorriu calmamente e respondeu:

– Você é belo, Paolino. Como o jovem Davi que Michelangelo esculpiu num pedaço de mármore. Sou um artista... um amante da beleza. Por isso, gosto de olhar você.

– Estou com vontade de urinar – disse o rapaz, sorrindo.

Levantou-se de um salto, caminhou até a beira do platô e, de pernas abertas, urinou defronte de Nicholas Black, que percebeu a irrisão naquilo, mas não fez nenhum protesto. Depois, o rapaz aproximou-se, gíngando o corpo, e ficou de cócoras a seu lado. Ainda estava sorrindo, mas havia um olhar de viés, calculista, em seus olhos escuros. E pediu abruptamente:

– Leva-me em sua companhia quando voltar para Roma?

Black deu de ombros, à maneira do sul:

– Quem sabe? Roma fica muito longe e a vida lá é dispendiosa. Aqui, tenho criados mais do que suficientes. Mas caso se tratasse de um amigo... talvez fosse diferente.

– Mas o senhor me disse que eu era seu amigo!

A ansiedade do rapaz era tão viva e infantil que bem poderia tê-lo enganado, mas a verdade estava nos olhos de Paolo, negros como ônix.

– Um amigo deve provar sua lealdade – respondeu, com estudada indiferença, o pintor. – Ainda há tempo. Veremos.

– Mas sou um amigo de verdade – disse Paolo, infantilmente. – Veja! Eu lhe mostrarei!

Passou os braços pelo pescoço de Black, abraçou-o rapidamente e logo saltou para longe, arisco como um animal. O pintor limpou a boca com as costas da mão e levantou-se lentamente, tendo na língua o gosto de sal da desilusão. Não olhou para o rapaz, que se achava de pé sobre uma rocha saliente, a dez passos de distância, as mãos nas cadeiras. Dirigiu-se ao cavalete, apanhou o pincel e a papeleta e disse, por sobre o ombro:

– Tire a roupa!

O rapaz fitou-o. Black gritou, áspero:

– Vamos! Dispa-se! Quero usá-lo como modelo. É para isso que você é pago, entre outras coisas.

Depois de um momento de inquieta indecisão, o rapaz obedeceu, e Black sorriu com sardônica satisfação ao ver de que modo a ousadia e o desafio o abandonavam enquanto despia o calção miserável. Era ele, agora, apenas uma criança – uma criança assustada, indecisa, em presença de um patrão genioso.

– Estenda os braços. Assim.

Lentamente o rapaz levantou os braços até a altura dos ombros.

– Agora, fique assim.

Com pinceladas rápidas, Nicholas Black pôs-se a pintar uma figura crucificada nos galhos contorcidos da oliveira: não um Cristo atormentado, mas um jovem em plena puberdade, com o rosto e o corpo de Paolo Sanduzzi, pregado de mãos e pés ao tronco, com uma lança vermelha enfiada ao peito, mas sorrindo, mesmo enquanto a vida o abandonava.

O rapaz cansou-se muito antes de a tela estar terminada, mas Black o manteve na mesma posição, lançando-lhe improperios sempre que ele baixava o braço. Terminado o trabalho, chamou-o e mostrou-lhe o quadro. O efeito foi surpreendente. O rosto do rapaz contraiu-se numa expressão de horror, a boca escancarada, enquanto, trêmulo, apontava para a tela, proferindo, em seu jargão, uma torrente de palavras.

– O que há? O que está tentando me dizer? – A voz de Black soava forte e ríspida, o que não causou nenhum efeito em Paolo Sanduzzi. Ele lembrava alguém à beira de um ataque epilético. Black dirigiu-se até ele e o esbofeteou pungentemente a face. O rapaz gritou tomado pela dor, e então começou a chorar, de cócoras, cobrindo o rosto com as mãos enquanto Black se ajoelhava a seu lado tentando acalmá-lo. Instantes depois questionou-o novamente:

– O que há? O que o assustou?

A voz do rapaz parecia um sussurro:

– O quadro! Essa é a árvore do meu pai!

O pintor olhou-o, atônito.

– O que você quer dizer com isso?

– Foi assim que eles mataram meu pai. Nessa mesma árvore. Estenderam ele assim, como numa cruz, amarrado. Depois o fuzilaram.

– Ó Deus! – exclamou, em voz baixa, Nicholas Black. – Ó doces anjos, que história! Que doce, dulcíssima história!

Depois, passado um instante, pôs-se a rir, e o rapaz afastou-se furtivamente, amedrontado e submisso, carregando consigo o calção e as sandálias.

Nessa mesma hora, com o sol a pino, o Dr. Aldo Meyer viu restaurada temporariamente sua autoridade em Gemello Minore.

Martino, o ferreiro, sofrera um ataque enquanto trabalhava na bigorna. Caíra sobre a forja e sofrera sérias queimaduras no peito e no rosto. Carregaram-no até a casa de Meyer, e o médico agora tratava dele, assistido por Nina Sanduzzi, enquanto a esposa de Martino o observava, assustada, de um canto, e os aldeões aglomeravam-se dentro da casa, pairando diante daquela migalha de drama como estorninhos.

O corpo vigoroso do ferreiro foi enrolado em cobertores e colocado numa prancha na cozinha de Meyer. Tinha um dos lados completamente paralisado – a perna e o braço inúteis, o rosto repuxado para os lados num ricto de medo e surpresa. Seus olhos estavam fechados e a respiração era curta e ruidosa. Enquanto Meyer examinava e limpava suas queimaduras do rosto, um grito baixo e abafado saiu da boca retorcida do ferreiro. Quando terminaram de enfaixar-lhe o rosto, desenrolaram os cobertores, e Meyer lançou um assobio lento e pensativo ao ver a extensão e a profundidade das queimaduras do corpo do ferreiro. Nina Sanduzzi permanecia impassível como uma estátua, segurando a tigela de água quente e as mechas de algodão. Quando a esposa de Martino tentou aproximar-se, ela largou calmamente a tigela e conduziu-a de volta ao seu canto, acalmando-a e repreendendo-a em voz baixa, confiante. Depois, voltou de novo para junto de Meyer e, atenta como qualquer enfermeira, ajudou-o a retirar o carvão das queimaduras, a limpá-las e a passar sobre elas violeta de genciana e o que restava de uma pequena provisão de mertiolate.

Terminados os curativos, Meyer tornou a auscultar o paciente e a contar-lhe o pulso, após o que enrolou de novo os cobertores em torno do corpo do ferreiro e voltou-se para a mulher, que chorava em seu canto.

– É melhor que o deixe aqui durante umas duas horas – disse-lhe, delicadamente. – Depois, farei com que o levem para sua casa.

Ela rogou-lhe, lamentosa como um animal:

– Ele não vai morrer, não é verdade, doutor? O senhor não o deixará morrer...

– Ele é forte como um touro – respondeu, calmamente, Meyer. – Não morrerá.

Ela tomou-lhe as mãos, beijando-as e invocando os santos para que abençoassem o bom médico. Meyer desembarçou-se bruscamente:

– Vá agora para casa, como uma boa mulher, e dê de comer a seus filhos. Mandarei chamá-la, se sua presença for necessária... e, mais tarde, receberá seu marido de volta.

Nina Sanduzzi tomou-a pelo braço e conduziu-a para fora do quarto. Ao voltar-se para seu paciente, Meyer ouviu-a gritar com os que estavam parados junto à porta, dizendo-lhes que fossem cuidar de seus afazeres. Quando se aproximou de novo do médico, Nina perguntou, abruptamente:

– O senhor acredita no que lhe disse? Ele viverá?

– Viverá – respondeu Meyer, alçando os ombros. – Mas jamais tornará a ser útil a si mesmo ou a ela.

– Ele tem seis filhos.

– Tem filhos demais – disse Meyer, com aguçado senso de humor.

– Mas ele os tem – insistiu ela, inflexível. – Quem os alimentará, agora que ele não pode trabalhar?

Meyer deu de ombros:

– Há o auxílio público. Eles não morrerão de fome.

– Auxílio público! – retorquiu Nina, desdenhosa. – Uma dúzia de entrevistas e cem formulários impressos para se obter um quilo de *pasta*! Que espécie de resposta é essa?

– É a única que conheço hoje em dia – replicou Meyer, com fria amargura. – Antes, eu costumava ter uma porção de respostas, mas ninguém queria ouvi-las. Queriam continuar a viver à moda antiga. Bem... esta é a moda antiga!

Nina Sanduzzi fitou-o. Havia piedade e desprezo em seus olhos negros e inteligentes.

– O senhor sabe o que Giacomo Nerone teria feito, não sabe? Iria ele mesmo para a forja e começaria a trabalhar. Bateria em todas as portas e imploraria ou obrigaria essa gente a ajudar. Subiria até a *villa* e pediria à condessa dinheiro e trabalho para a mulher de Martino, depois se apoderaria de algumas caixas de esmolas do padre Anselmo. Ele compreendia essas coisas. Sabia como as pessoas ficavam amedrontadas. Não podia ouvir uma criança chorar...

– Era um homem notável, esse seu Giacomo – observou, conciso, Meyer. – Foi por isso que o mataram. Martino, segundo me lembro, foi um dos que fizeram parte do pelotão de fuzilamento.

– E o senhor assinou um documento dizendo que ele havia sido legalmente executado, depois de devidamente julgado – lembrou ela sem ódio na voz, como se apenas recordasse tranquilamente fatos familiares. – Mas nenhum dos senhores jamais disse a verdadeira razão pela qual ele foi morto.

– E qual foi ela, então? – desafiou-a ele, áspero.

– Não havia apenas uma razão. Havia vinte. Havia a razão de Martino, da condessa, do padre Anselmo, de Battista, de Lupo, e também a sua, *dottore mio*. Mas os senhores não podiam admiti-la nem mesmo um para o outro, de modo que encontraram uma razão que servia a todos: Giacomo era um colaborador, um homem que amava os fascistas e os alemães! Os senhores eram os libertadores, os amigos da liberdade, os irmãozinhos do mundo inteiro. Trouxeram-nos a democracia. E tudo o que Giacomo nos trouxe foi um pedaço de pão, uma terrina de sopa e duas mãos para trabalhar quando o homem da casa estava doente.

Aquela calma acusação o irritou, fazendo-o explodir:

– Aí é que está toda a maldita complicação deste país! Por isso é que ainda estamos com cinquenta anos de atraso em relação ao restante da Europa. Não nos organizamos, não se pode construir um mundo melhor baseado numa travessa de *pasta* e num balde de água benta.

– Tampouco se pode construí-lo por meio de balas, *dottore*. Os senhores conseguiram o que queriam. Mataram Giacomo. E, agora,

o que têm para mostrar? Martino não pode mais trabalhar. Quem irá alimentar sua esposa e seus filhos?

Não havia resposta para aquela lógica brutal, e ele se voltou, envergonhado e impotente, e caminhou para a porta que dava para o jardim ensolarado e quente. Após um momento, Nina Sanduzzi acompanhou-o e pôs-lhe a mão na manga do paletó, hesitante.

– O senhor pensa que eu o odeio, *dottore*. Não o odeio. Giacomo tampouco o odiava. Antes de morrer, ele veio ver-me. Ele sabia o que iria acontecer. Sabia que o senhor estava metido na coisa. Mas sabe o que ele me disse? “Esse é um homem, Nina. Procurou fazer muita coisa, mas é infeliz porque jamais aprendeu realmente o que significa amar e ser amado. Procurou organizar e reformar, mas não compreende que, sem amor, tudo isso são coisas vazias. Eu sou feliz porque tive você para me ensinar no começo. Ele vive só há demasiado tempo. Quando eu morrer, vá procurá-lo, e ele será bondoso para com você. Se chegar uma ocasião em que você verificar que um homem lhe é de novo necessário... esse é o homem que será bom para você e para o rapaz.” Ele também escreveu uma carta para o senhor e colocou-a entre os seus papéis. Eu devia entregá-la ao senhor depois da morte dele.

Meyer voltou-se e fitou-a:

– Uma carta? Onde está ela, mulher? Onde está, pelo amor de Deus?

Nina Sanduzzi abriu as mãos, desesperada:

– Eu tinha todos os papéis guardados no armário. Quando pequeno, Paolo um dia apanhou os papéis e misturou tudo. Rasgou alguns, amassou outros... Eu... nunca aprendi a ler! – acrescentou, enrubescendo, como se fizesse uma revelação vergonhosa.

Aldo Meyer agarrou-a com violência pelos ombros.

– Preciso ver esses papéis, Nina! Preciso vê-los! Você não sabe como isso é importante!

– Seis crianças são importantes... – disse Nina em voz baixa. – E uma mulher cujo homem não pode mais trabalhar.

– Se eu os ajudar, você me mostrará os papéis?

Ela balançou a cabeça, num gesto de completa recusa:

– Giacomo também me disse uma outra coisa: “A gente não deveria nunca negociar com o cadáver dos outros.” Se quiser ajudá-los, o senhor os ajudará sem pedir nada em troca. Mais tarde, poderemos conversar a respeito dos papéis.

Ele fora vencido e sabia disso. Havia uma fortaleza de granito naquela mulher que não sabia ler, uma reserva inviolável de sabedoria que ele, que passara a vida toda estudando, não conseguia enfrentar. O que o intrigava é que não havia raízes para aquilo em sua origem de camponesa, e ele não podia admitir que ela o tivesse adquirido de Giacomo Nerone. Mas ela, do mesmo modo que Nerone, guardava a chave de um mistério que o desafiara, Aldo Meyer, por vinte anos; por que certos homens de talento, boa vontade e compaixão não conseguiam estabelecer pleno contato com os seus semelhantes, despertando apenas contendas e ridículo entre aqueles que procuravam ajudar, enquanto outros, sem esforço aparente, penetravam diretamente na intimidade do próximo e eram lembrados com amor depois de sua morte?

Nos papéis de Nerone talvez lhe fosse possível ter a resposta que não tivera coragem de perguntar a Nina Sanduzzi. Mas só podia obtê-la de acordo com os termos por ela estipulados. Por isso deu de ombros, resignado, e disse-lhe:

– Vou jantar esta noite com a condessa. Falarei com ela a respeito de Martino e veremos o que se pode fazer.

Um sorriso iluminou-lhe o rosto calmo, clássico. Num gesto impulsivo, tomou a mão do médico e beijou-a.

– O senhor é um bom homem, *dottore*. Direi à mulher de Martino. Não se deve deixar ninguém amedrontado durante muito tempo.

– Você também poderá dizer-me uma coisa, Nina.

– O que, *dottore*?

– O que você diria se eu lhe pedisse que casasse comigo? – Seu olhar, negro e profundo, não demonstrava surpresa ou satisfação.

– Diria o que lhe disse da primeira vez, *dottore*. Seria melhor que não me pedisse.

Dito isso, deixou-o rapidamente, e Aldo Meyer tornou a virar para o seu paciente, tomando-lhe o pulso fraco, irregular, e ouvindo-lhe o

rijo coração de camponês a lutar pela vida dentro do peito escalavrado.

PAOLO SANDUZZI estava junto do rio, apanhando cascalhos da água e atirando-os nos arbustos da margem oposta. O rio tinha um nome e três faces. O nome era Torrente del Fauno, porque em outros tempos, muito antes de Cristo visitar Roma em companhia de São Pedro, os faunos costumavam divertir-se ali, rindo dos caprípedes jovens e perseguindo as raparigas dos bosques, chamadas dríades. Depois que a Igreja foi construída, foram todos embora, o que foi uma pena, pois o vale ficou insípido sem eles. Mas o nome continuou, e, às vezes, os rapazes e as moças da aldeia se encontravam secretamente, a fim de entregar-se aos velhos folguedos pagãos.

A face do rio mudava com as estações. No inverno, era escura, fria e sinistra, com suas margens franjadas de geada e montes de neve. Na primavera, era trigueira e jactanciosa, urrando tão alto com as águas do degelo que se podia ouvi-lo lá em cima, na aldeia. No verão, minguava, transformando-se em um córrego estreito e claro que cantava sobre as pedras, dormitando em lagoas tranquilas sob a vegetação das margens. Antes da chegada do outono, tornava a secar, convertendo-se num leito crestado, cheio de pedras esbranquiçadas. Agora, exibia o seu rosto gentil, e Paolo Sanduzzi, que se assemelhava, ele mesmo, a um fauno, sentia-se feliz em achar-se ali, longe da árvore patibular e do inglês cujo riso era como água borbulhando numa panela preta.

Jamais se sentira tão amedrontado em toda a vida – e continuava assustado. Era como se o pintor possuísse a chave de sua vida: a chave para um passado que o envergonhava e para um futuro que ele só podia ver vagamente, como uma visão de Roma com suas igrejas e palácios, suas ruas cheias de automóveis cintilantes e suas calçadas cheias de moças que se vestiam como princesas.

A visão, entre agradável e sinistra, enfeitiçava-o, como os bruxedos que a velha Nonna Patucci fazia para as moças, a fim de atrair os seus namorados. Naquele momento mesmo, sentia aquele

encantamento agindo sobre ele, um formigamento sob a pele, uma imagem opressiva gravada em suas pupilas. Mais cedo ou mais tarde, iria arrastá-lo de volta ao inglês, cujo sorriso, zombeteiro, às vezes o fazia sentir-se acanhado como uma criança e, outras vezes, despertava nele paixões estranhas, perturbadoras, sem necessidade de uma palavra ou de um toque de mão.

Lançou à água, distraído, uma última pedra, enfiou as mãos nos bolsos e pôs-se a descer pela margem do rio. Ao contornar uma curva, uma voz estridente o chamou.

– Ei, Paoluccio!

Ergueu os olhos e viu Rosetta, a filha de Martino, o ferreiro, sentada numa pedra, balançando as pernas sobre a água. Era magra, pequenina, um ano mais jovem do que ele, de cabelos escorridos, rosto pequeno, alerta, e seios em flor sob o vestido de algodão, única peça que usava sobre o corpo. Na aldeia, Paolo Sanduzzi ignorava-a estudadamente, mas, naquele momento, sentiu prazer em vê-la. Fez-lhe um aceno indiferente com a mão.

– Ei, Rosetta!

Depois, aproximou-se e sentou-se ao lado dela, sobre a pedra.

– Meu pai está doente. Teve um ataque e queimou-se na forja. Está na casa do médico.

– Ele está para morrer?

– Não. O médico diz que ele viverá. Mamãe está chorando. Deu pão com queijo a todos nós e nos mandou brincar. Quer um pedaço?

Estendeu-lhe um pedaço de pão grosseiro e uma fatia de queijo de leite de cabra.

– Estou com fome – respondeu Paolo.

Ela partiu cuidadosamente o queijo em pedaços iguais e deu-lhe a sua parte. E lá ficaram, mastigando em silêncio, ao sol, enquanto refrescavam os pés na água. Decorrido um momento, ela perguntou-lhe:

– Onde tem estado, Paoluccio?

– Com o inglês.

– Fazendo o quê?

Ele deu de ombros com ar de indiferença, como um homem costuma fazer diante de mulheres curiosas.

- Trabalhando.
 - Que espécie de trabalho?
 - Carrego as coisas dele. Ele pinta e eu fico olhando. Às vezes, ele me pede para posar para ele.
 - O que quer dizer “posar”?
 - Fico parado e ele me pinta.
 - Teresina me disse que, em Nápoles, existem moças que tiram a roupa para que os homens pintem “elas”.
 - Eu sei – disse ele, movendo a cabeça com ar experiente.
 - Você também tira a roupa?
- A pergunta apanhou-o desprevenido e ele respondeu, áspero:
- Isso não é de sua conta.
 - Mas você tira, não tira? Se você é modelo, tem de tirar.
 - Isso é um segredo, Rosetta – respondeu, sério. – Não conte a ninguém, eles não compreenderiam.
 - Não contarei. Prometo.

Passou o braço magro em torno da cintura do rapaz e recostou a cabeça em seu ombro nu. O gesto encabulou-o, embora, não obstante, lhe parecesse agradável. E, como lhe agradou, deixou que ela ali ficasse.

– O inglês diz que sou belo como a estátua de mármore feita por Michelangelo.

– Isso é idiotice. Só as mulheres são belas. Os rapazes são simpáticos ou desagradáveis. Mas não belos.

– Mas foi o que ele disse – respondeu, na defensiva. – Disse que eu era belo, que ele amava a beleza e gostava de me olhar!

Na sua estranha maneira de elfo, ela ficou zangada com ele. Tirou os braços detrás dele e voltou-se para olhá-lo de frente:

– Agora sei que está mentindo! Os homens não dizem essas coisas. Só as mulheres!

Passou-lhe o braço pelo pescoço e colou os lábios aos dele e, quando ele tentou resistir, agarrou-o com mais força. Ao sentir, através da camisa, o contato dos seios de Rosetta, ele refletiu que aquilo, afinal de contas, era agradável. E pôs-se, também, a beijá-la.

Decorrido um momento, ela tomou-lhe a cabeça entre as mãos e disse, com ar grave:

– Eu o amo, Paoluccio. Eu o amo de verdade. Não como uma estátua.

– Eu também a amo, Rosetta!

– Sinto-me contente! – exclamou, levantando-se de um salto e estendendo a mão para ele. – Agora, leve-me para passear!

– Por quê?

– Porque nós nos amamos, e porque é assim que os namorados fazem. Além disso, tenho um segredo. Leve-me para passear e eu lhe mostrarei.

Embora a contragosto, ele estendeu-lhe a mão. Ela a apanhou e puxou-o, até que ele ficasse de pé; depois caminharam rio acima, pela água clara, metendo-se por baixo dos arbustos verdes, a fim de compartilhar do velho segredo que as dríades contavam aos faunos que dançavam.

DO ALTO PLATÔ que se erguia atrás da montanha, Nicholas Black lançava o olhar sobre a extensa configuração de seu próprio passado. Pela primeira vez na vida a forma desse passado se lhe apresentava clara – e dela surgia o futuro inevitável e idêntico, como os rebentos novos de uma árvore.

Desde o começo, ele fora enganado, desde o oculto princípio fetal em que os elementos determinantes haviam sido traçados por um poder qualquer que decidira, no momento do acasalamento cego de um homem e uma mulher, que dali deveria surgir uma imitação de homem.

Nascera com um irmão gêmeo, de rosto e formas idênticos, que o precedera em uma hora à saída do ventre materno. Nascera católico, de uma das velhas famílias de Fenland que conservara a sua fé intata desde o tempo da primeira Elizabeth até o último George. Fora batizado com o irmão e recebera as mesmas bênçãos que ele, na capela solarenga de cujos degraus os gramados desciam, amplos e verdes, até o juncal divisório e as águas cinzentas do pântano.

Mas aí terminava a identidade e começava a lenta desarmonia. O que nascera primeiro se tornou forte e trigueiro; o segundo, pálido e

enfermiço. Eram como Esaú e Jacó, mas Esaú desfrutava do direito de primogenitura: os esportes de campo, as pescarias, os longos passeios a cavalo nos verões salpicados de sombras, enquanto Jacó ficava ao abrigo da casa, agarrado à sala de costura e à biblioteca. Na escola, ficou para trás, chegando com um ano de atraso a Oxford – e enquanto seu irmão gêmeo partia para o deserto como oficial de artilharia, ele era preso a um leito de hospital atacado de febre reumática. Um deles possuía todo o vigor; o outro, toda a fraqueza. Toda a masculinidade pertencia ao que havia nascido primeiro; em Nicholas Black havia apenas uma beleza epicena, a suave sutileza de uma mente voltada demasiado tempo sobre si mesma.

Enquanto seu irmão vivia, ainda havia esperança de que pudesse tomar por empréstimo alguma energia e encontrar dignidade no afeto. Mais tarde, porém, ao chegar a mensagem: “Desaparecido, julgado morto”, morreu a última esperança, e a amargura oculta começou a crescer. Ele havia sido logrado: logrado por Deus, pela vida, pelo irmão gêmeo morto, pelo pai, que, após um escândalo abafado, em Londres, o aconselhara a deixar a casa, concedendo-lhe uma pequena anuidade para que se mantivesse longe dela.

Tornara-se, desde então, um solitário. Sua crença tinha naufragado diante do mais difícil de todos os mistérios: o de que um Deus justo pudesse criar monstros e ainda esperar que vivessem como homens. Seu coração se empedernira nos breves amores do mundo do vício. E agora, subitamente, o poder era colocado em suas mãos – o poder de fazer a outro o que não conseguira fazer consigo mesmo: um homem, nobre em sua natureza, no talento e na ação. Ao fazê-lo, talvez pudesse reconstruir a própria vida, chegando a atingir a dignidade, a compreensão de um amor mais puro do que qualquer outro que havia experimentado.

Estava envelhecendo. A paixão despertava mais lentamente e era mais fácil de ser dominada, exceto quando era estimulada pela vaidade e pela competição. Com o rapaz sob seus cuidados, conseguira uma espécie de paternidade que daria à sua vida uma disciplina e uma direção que jamais tivera.

Aquele era um momento estonteante, de elevação quase divina.

Paolo Sanduzzi era filho de um homem considerado santo, gerado no ventre de uma prostituta da aldeia. Sua vida era tão predizível como a de milhões de outros jovens nas aldeias sem trabalho da Itália Meridional. Amadureceria na ociosidade, casaria demasiado jovem, procriaria com demasiada frequência e viveria a esmo na margem extrema da pobreza. Qualquer talento que pudesse ter seria abafado pela luta brutal pela existência. A Igreja o censuraria enquanto vivesse e o absolveria antes de morrer. O Estado arcaria com o peso de uma dúzia de reproduções dele, fecundas e famintas como coelhos, a devorar as últimas verduras de uma terra empobrecida.

Mas se o tirassem da aldeia, se lhe dessem oportunidade e educação, talvez pudesse vir a ser um grande homem, justificando a própria existência e a de seu mestre. Em que seu pai falhara, em que a Igreja falhara, talvez Nicholas Black pudesse ser bem-sucedido, e seu sucesso seria uma esplêndida negação das crenças que, havia muito, tinha rejeitado.

Para os críticos, Nicholas Black era um artista medíocre. Se daquela argila camponesa pudesse modelar um homem perfeito, isso seria um triunfo que ficaria além de qualquer cavilação, uma obra-prima fora do alcance da maldade humana.

Era uma estranha ambição aquela, mas menos estranha do que os triunfos e as vinganças com que sonhavam os outros homens: impérios financeiros suficientemente poderosos para esmagar qualquer oposição; poder na imprensa, para fazer homens ou afundá-los na obscuridade; sonhos de mulher, sonhos de ópio e o sonho de achar-se um dia sentado num gabinete e ouvir um inimigo dizer: "Vossa Excelência, Senhor Primeiro-Ministro."

A cada homem a sua própria maldição, e homens mais nobres tinham tido sonhos mais baixos, em suas camisolas de dormir, do que Nicholas Black naquele platô ensolarado da Calábria.

Era tarde e ainda não havia almoçado, mas estava embriagado pelo vinho entontecedor da expectativa, e não se importou. A aldeia estaria preparando-se para a sesta. A condessa devia estar encerrada em seu quarto barroco, e ele poderia entrar com o seu quadro na *villa* sem despertar demasiada atenção.

Esperava muito daquela tela. Qual seria a reação de Ana Luísa de Sanctis diante dela? E de Aldo Meyer, e do macilento clérigo que vinha pesquisar o passado de Giacomo Nerone? Sorriu ao imaginá-los boquiabertos, pela primeira vez, diante de seu trabalho, com os seus segredos escritos em seus olhos e em seus rostos.

Procurou um título e encontrou-o quase imediatamente: *O sinal da contradição*. Quanto mais pensava nele, mais lhe agradava. Lembrava-lhe um velho *grafitto* em que se via um asno crucificado representando Cristo, gracejo indecente feito por um labrego galhofeiro. Mas, para Nicholas Black, o símbolo tinha um novo significado: a juventude pregada à cruz da ignorância, da superstição e da pobreza, morta e já condenada, mas ainda a sorrir, vítima estática, narcotizada, da época e de suas tiranias.

Monsenhor Blaise Meredith e Aurélio, bispo de Valenta, estavam interessados em uma contradição: os alegados milagres de Giacomo Nerone.

Encontravam-se ambos de pé no amplo terraço lajeado da *villa* que dava para o vale, onde os trabalhadores se moviam lentamente de um lado para outro, vaporizando as árvores novas por meio de aparelhos de estilo americano que traziam presos às costas. Junto ao muro da pequena represa, outros homens trabalhavam na instalação de novas comportas destinadas a controlar o fluxo da água que corria para outras plantações fora do domínio do bispo. Para além do desaguadouro, sobre uma encosta cinzenta de terra não lavrada, mulheres de cestos à cabeça carregavam pedras destinadas à construção de novos terraços de vinhas, bem como terra para ser colocada atrás das pedras.

Eram como formigas, pequenas e diligentes, e Meredith foi levado à irônica reflexão de que aquilo era um milagre tão grande como qualquer dos que eram narrados em sua pasta de couro: terra estéril que, lentamente, voltava a ser fecunda graças à vontade criadora de um homem. Foi o que disse ao bispo cujo rosto, magro e inteligente, se contraiu num sorriso.

– Isso é má teologia, meu amigo, mas um cumprimento agradável. Para essa gente, é uma espécie de milagre. De repente há trabalho, pão sobre a mesa e um litro extra de azeite para a panela de cozinhar. Eles não conseguem compreender como foi que isso aconteceu e, mesmo agora, têm a astuta suspeita de que existe

uma armadilha oculta em alguma parte. Aqueles vaporizadores, por exemplo... – juntou, indicando os vultos arqueados que caminhavam por entre as laranjeiras –, tive de comprá-los com o meu dinheiro, mas valem cada lira que gastei. Há apenas um ou dois anos essa gente ainda aguava suas árvores por meio de um regador... Tinham em suas casas um balde de água no meio do assoalho, e os homens cuspiam nele o sumo do fumo quando fumavam ou mascavam tabaco. Entre os mais velhos, alguns ainda se negam a reconhecer que o meu método é melhor do que o deles. Eles só se convencerão quando eu obtiver três laranjas em lugar de apenas uma e vendê-las pelo dobro do preço, por se tratar de laranjas cheias de sumo. No fim, eles verão!

– O senhor me surpreende – disse, com franqueza, Meredith.

– Por quê?

– O que as laranjas têm a ver com a alma humana?

– Tudo – respondeu o bispo, incisivo. – Não se pode cortar um homem pelo meio e polir-lhe a alma enquanto lançamos o seu corpo a um monte de lixo. Se o Todo-Poderoso quisesse que assim fosse, teria feito dele um hóspede que carregasse sua alma num saco, em torno do pescoço. Se a razão e a revelação têm algum significado, é o de que o homem realiza a sua salvação no corpo, mediante o emprego de coisas materiais. Uma árvore maltratada, um fruto de segunda classe são defeitos no plano divino das coisas. A miséria desnecessária é um defeito ainda maior, pois que constitui um obstáculo à salvação. Quando não se sabe de onde virá a nossa próxima refeição, como é que se pode pensar ou preocupar-se com a situação de nossa alma? A fome não tem moral, meu amigo.

Meredith acenou com a cabeça, pensativo.

– Muitas vezes tenho pensado por que os missionários em geral são melhores sacerdotes do que os seus irmãos que se encontram no centro da cristandade.

S. Exa. Revma. deu de ombros e fez um gesto com as mãos expressivas:

– Paulo era um fazedor de tendas e trabalhou em sua profissão a fim de não ser um fardo para a sua gente. Cristo mesmo era carpinteiro na Galileia dos gentios... e imagino que devia ser um

bom carpinteiro. Depois de morto, eu gostaria de ser lembrado como tendo sido um bom sacerdote e um bom agricultor.

– Isso basta – atalhou Meredith, com ar grave. – Basta para V. Exa. e basta para mim. Suponho que o próprio Todo-Poderoso dificilmente teria algo a dizer em contrário. Mas será o bastante para todos?

– O que o senhor quer dizer?

– Há milagres em toda a parte em nosso derredor: o milagre de uma laranjeira, o milagre do desígnio que mantém as incessantes rodas do universo girando em torno de seus eixos. Mas, não obstante, o povo deseja ainda um sinal... um novo sinal. Se não o obtém do Todo-Poderoso, volta-se para as quiromantes, os astrólogos e as sessões espíritas. O que tudo isto significa – ajuntou, batendo com a mão sobre o pesado volume de depoimentos –, senão que essa gente exige maravilhas no céu e milagres na terra?

– E os consegue, às vezes – lembrou-lhe o bispo, mordaz.

– E, às vezes, os criam para si mesmos – redarguiu Meredith.

– Não está satisfeito com os milagres de Giacomo Nerone?

– Eu sou o Advogado do Diabo. Minha tarefa consiste em não estar satisfeito. – E acrescentou, sorrindo, arrependido: – É uma missão curiosa, pensando bem. Examinar, por meio da razão, as alegadas operações da Onipotência, aplicar o código do direito canônico ao Legislador que construiu o universo.

S. Exa. Revma. fez um aceno de aquiescência com a cabeça e disse, tranquilo:

– Talvez seja menos perturbador pensar em Giacomo Nerone.

Blaise Meredith tornou a adotar suas maneiras afetadas e pedantes.

– Esse é o problema de todas as causas; aplicar a alegados milagres os métodos médico-legais do século XX. No caso de Lourdes, por exemplo, isso é bastante simples. Criou-se um departamento médico e estabeleceu-se uma série de testes que estão de acordo tanto com o conhecimento médico como com as rígidas exigências da Igreja. Um sofredor chega levando consigo uma história clínica completa. O departamento examina o paciente segundo o método aprovado: raios X, exames clínicos e patológicos.

Todas as doenças de origem histórica ou neurológica são descartadas, bem como aquelas que constituem terreno propício a manifestações tidas como milagrosas. Apenas as desordens orgânicas profundamente estabelecidas, de prognósticos familiares, são aceitas. Se alguém se apresenta como tendo sido curado, o departamento médico torna a examinar o paciente e fornece um atestado provisório de cura. Mas o paciente não recebe um certificado final de cura senão dois anos mais tarde, baseado, então, em atestados médicos.

“Até esse ponto, trata-se de método sólido. De acordo com esse método, no estado em que se encontra a ciência médica, essa cura se verificou contrária ou mediante a suspensão das leis naturais conhecidas. Ora... no caso de um novo taumaturgo, esses testes não podem ser aplicados. Na melhor das hipóteses, temos apenas o relato de testemunhas oculares, acompanhado, talvez, do certificado de um médico local. Pode ser um milagre. Mas no sentido legal exigido pelo direito canônico, verifica-se que é muito difícil prová-lo. Podemos aceitá-lo devido unicamente à veracidade das provas apresentadas por pessoas leigas, mas, em geral, não o fazemos.

– E as provas no caso de Giacomo Nerone?

– Dos quarenta e três depoimentos que li, somente três apresentam certa conformidade com as exigências canônicas. Um, é a cura de uma senhora idosa que sofria de esclerose múltipla; a segunda, é a do prefeito de Gemello Maggiore, que afirma ter sido curado de um sofrimento na espinha adquirido durante a guerra; e a terceira é a de uma criança que já se achava nos últimos estágios da meningite e que sarou depois da aplicação de uma relíquia pertencente a Giacomo Nerone. Mas mesmo essas... – fez uma pausa e prosseguiu em seu tom enfático de Advogado do Diabo: – Mesmo essas exigem um exame mais severo antes que possamos pensar em aceitá-las.

Para sua surpresa, o bispo sorriu, como se estivesse diante de um gracejo. Meredith sentiu-se irritado:

– Disse algo divertido a V. Exa.?

– Perguntava a mim mesmo o que acontecia em outros tempos, quando o conhecimento médico era limitado e as normas referentes

às provas eram bem menos severas. É possível que muitos milagres, que não eram de modo algum milagres, tenham sido aceitos?

– É muito provável, diria eu.

– E que sejam venerados muitos santos cujos registros são tão obscuros a ponto de sua própria existência ser duvidosa?

– Perfeitamente. Mas não vejo aonde V. Exa. quer levar-me.

– Estive lendo, recentemente – disse, com frieza, S. Exa. –, que certos teólogos estão de novo manifestando a opinião de que a canonização de um santo constitui uma declaração infalível, por parte do papa, imposta a todos os fiéis. Na minha opinião, essa é uma proposição dúbia. A canonização baseia-se, geralmente, na biologia e no registro histórico de milagres. Ambos são passíveis de erro... e o papa só é infalível na interpretação do depósito da fé. Nada pode acrescentar a ela. E cada novo santo é uma adição ao calendário.

– Concordo com V. Exa. Revma. – disse Meredith, contraindo, intrigado, o sobrolho. – Mas não vejo em que uma opinião teológica manifestada por uma minoria possa interessar muito.

– Não é a opinião que me preocupa, Meredith. É a tendência: a tendência de complicar tanto as coisas, por meio de comentários, glossários e hipóteses, a ponto de obscurecer a rígida simplicidade da fé essencial não apenas para os fiéis, mas também para os pesquisadores honestos que se acham fora dela. Deploro que tal aconteça. Deploro-o grandemente, porque acho que isso ergue barreiras entre o pastor e as almas de que ele está querendo aproximar-se.

– V. Exa. acredita em santos?

– Acredito em santos como acredito na santidade. Acredito em milagres como acredito em Deus, que pode suspender as leis daquilo que Ele mesmo criou. Mas acredito, também, que a mão de Deus escreve de maneira simples e clara, para que todos os homens de boa vontade possam ler. Tenho dúvidas quanto à Sua presença em meio à confusão de vozes em conflito.

– Assim como eu duvido dos milagres de Giacomo Nerone?

O bispo não respondeu imediatamente; afastou-se uns passos e ficou olhando, em meio à tranquilidade que reinava sobre o vale, as

oliveiras cinzentas, as laranjeiras verdes e a plácida água em que os homens trabalhavam na instalação de comportas, despidos até a cintura, sob o sol. Seu rosto estava anuviado, como se estivesse mergulhado numa luta íntima. Meredith observava-o, atônito e preocupado, receoso de tê-lo ofendido. Decorrido um momento, o bispo voltou para junto dele. Seu rosto era ainda sombrio, mas os olhos estavam cheios de grande bondade.

– Tenho refletido muito estes últimos dias, Meredith – disse, lentamente. – O senhor chegou à minha vida num momento de crise. Sou um bispo da Igreja, mas discordo de muita coisa que os meus colegas de Roma dizem e fazem correntemente. Não se trata de questões de fé, mas de disciplina, política, atitude. Julgo que estou certo, mas sei que existe o perigo de que, ao seguir o meu próprio caminho, possa tropeçar no orgulho e arruinar tudo o que espero fazer. O senhor tinha razão quando disse que eu receava o dedo de Deus. Eu sou... eu me encontro sobre um cume alto. Devo obediência ao papa. Sinto-me solitário e, não raro, perplexo... como diante dessa questão de Giacomo Nerone. Disse-lhe que não desejo um santo. Mas... e se Deus quiser? Esta é apenas uma das questões. Existem muitas outras. Agora, aparece o senhor, um homem que se encontra à sombra da morte. O senhor também está desorientado e receia o dedo de Deus. Vejo em sua pessoa um irmão, a quem vim a amar e a confiar de todo o coração. Nós dois buscamos, neste momento, um sinal... uma luz na escuridão que nos aflige.

– Fiquei acordado durante a noite – disse Meredith. – Sinto a vida escoando-se de mim. Quando vem a dor, choro, mas não existe prece no meu pranto. Somente medo. Ajoelho-me e digo o meu Ofício e o rosário, mas as palavras são vazias... como um roçar no silêncio, de cucúrbitas secas. A escuridão é terrível, e sinto-me tremendamente só. Não vejo outros sinais senão os símbolos da contradição. Procuro entregar-me à fé, à esperança e à caridade, mas minha vontade é um caniço partido ao meio no vendaval do desespero... Alegra-me que V. Exa. Revma. ore por mim.

– Oro por nós – respondeu Aurélio, bispo de Valenta. – E, por meio de minhas orações, cheguei a uma decisão. Deveríamos pedir

um sinal.

– Que sinal?

O bispo fez uma pausa; depois, muito solenemente, disse-lhe:

– Deveríamos, nós dois, fazer esta prece: “Se é Tua Vontade, ó Deus, mostrar a virtude de teu servo Giacomo Nerone, mostra-o no corpo de Blaise Meredith. Restaura-lhe a saúde e livra-o por mais tempo das mãos da morte, mediante Jesus Cristo, Nosso Senhor!”

– Não! – exclamou Meredith, lançando um grito. – Não posso fazê-lo! Não me atrevo!

– Se não pelo senhor, faça-o, então, por mim!

– Não! Não! Não!

Era lamentável o desespero do homem, mas o bispo insistiu, brutalmente:

– Por que não? Nega, acaso, a onipotência?

– Acredito nela!

– E a misericórdia?

– Também!

– Mas não para o senhor?

– Nada fiz para merecê-la.

– A graça é concedida, não obtida por merecimento! Concedida a mendigos, não comprada com a virtude!

– Não me atrevo a pedir tal coisa – disse Meredith, elevando, a voz tomado de medo. – Não me atrevo!

– O senhor o fará – disse, em tom bondoso, o bispo. – Não pela sua pessoa, mas por mim e por todos os pobres-diabos como eu. Dirá tais palavras mesmo que elas nada signifiquem, porque eu, seu amigo, lhe peço.

– E se elas falharem... – balbuciou Meredith, erguendo, afinal, o rosto transtornado. – Se elas falharem... vou me ver em meio a uma escuridão maior ainda, sem saber se confiei demasiado ou se não acreditei tanto quanto devia. V. Exa. coloca uma cruz nas minhas costas.

– São costas fortes, meu amigo; mais fortes do que supõe. E o senhor talvez possa carregar nelas o Cristo pelo rio.

Mas Meredith permanecia petrificado, fitando, ao longe, a terra ensolarada. Decorrido um momento, o bispo deixou-o, indo falar

com os jardineiros que vaporizavam as laranjeiras.

Aquele era o momento que ele, havia muito, receava, mas que jamais compreendera inteiramente: o momento em que as ásperas consequências da crença se tornavam, afinal, claras.

Para um homem nascido na Igreja, há um consolo singular na lógica cerrada da fé. Seus axiomas são de fácil aceitação. Seus silogismos são empilhados uns sobre os outros, firmes como os tijolos de uma casa bem construída. Suas disciplinas são severas, mas a gente se move livremente dentro delas, como acontece dentro dos limites de uma família bem-educada. Suas promessas são tranquilizadoras: se a gente se submeter à lógica e à disciplina, está naturalmente palmilhando o caminho da salvação. A complexa e aterrorizada relação existente entre o Criador e a Criatura é reduzida a uma fórmula de fé e a um código de conduta.

Para os sacerdotes, monges e freiras, a lógica é mais meticulosa, a disciplina, mais rígida, mas a segurança do corpo e do espírito também é incomensuravelmente maior. Assim, se um homem puder render-se por completo à Vontade do Criador, tal como é ela expressa pela Vontade da Igreja, poderá viver e morrer em paz – como um repolho ou um santo!

Meredith era, por temperamento, um conformista. Observara as regras durante a vida toda – exceto uma: a de que, mais cedo ou mais tarde, deveria dar um passo além das formas e das convenções e estabelecer uma relação direta, pessoal, com os seus semelhantes e com o seu Deus. Uma relação de caridade – que é uma palavra latina degradada que significa amor. E o amor, em todas as suas formas e graus, é uma rendição de corpos e uma pequena morte na cama, uma rendição do espírito a uma morte maior, que é o momento de união entre Deus e o Homem.

Jamais em sua vida Meredith se entregara a quem quer que fosse. Não pedira favores a ninguém – porque pedir um favor constitui uma rendição de nosso orgulho e de nossa independência. Agora, não importava o nome que desse a isso, não conseguia decidir-se a pedir um favor ao Todo-Poderoso, em quem dizia acreditar e com quem, segundo essa mesma crença, mantinha uma relação de filho para pai.

E era essa a razão do seu terror. Se não se submetesse, permaneceria para sempre, por toda a eternidade, como então se encontrava: solitário, estéril, desvalido.

AURÉLIO, BISPO DE VALENTA, estava em seu gabinete de trabalho frio e austero, escrevendo cartas. Essa era uma atividade em que não confiava, mesmo quando os deveres de seu cargo obrigavam-no a isso. Nascera agricultor e preferia ver uma árvore crescer a escrever um tratado sobre ela. Fora educado para a diplomacia e sabia que uma coisa, uma vez escrita, não era passível de restauração. Muitos sujeitos infelizes haviam sido condenados por heresia simplesmente porque eram fracos em gramática ou na descrição.

Assim, quando escrevia em caráter oficial, sobre o selo de sua diocese, mantinha-se dentro das convenções, dirigindo-se ao clero numa linguagem embotada, espessamente revestida de uma retórica meridional; quando escrevia para Roma, adotava estudados circunlóquios, cuidadosa reserva e um estilo ligeiramente florido. Quem o conhecia bem ria entre dentes de sua astúcia. Os que pouco o conheciam – mesmo em se tratando de criaturas vivas, como Marotta – estavam sujeitos a equivocarem-se. Encaravam-no como um sacerdote provinciano um tanto pomposo, muito bom para o seu rebanho local, mas que seria uma tremenda amolação em Roma. E era precisamente essa a intenção do bispo. Um número demasiado grande de sacerdotes fora abruptamente transferido para Roma, justamente quando estava realizando coisas nas próprias dioceses. Era a maneira pela qual o Vaticano os impelia para cima; um bispo, na própria sede episcopal, era uma força que se tinha de levar em conta: na cidade dos papas, era, no entanto, uma figura bastante insignificante.

Mas as cartas, aquela tarde, eram de caráter particular, e S. Exa. Revma. as compunha com mais cuidado do que habitualmente. Para Ana Luísa de Sanctis, escreveu:

...Sinto-me mais grato do que consigo dizer pelo seu oferecimento para receber monsenhor Meredith como hóspede em sua casa durante a estada dele em Gemello Minore. Nós, clérigos, somos, não raro, um fardo para o nosso rebanho... e, às vezes, até mesmo uma amolação; mas estou certo de que a senhora condessa encontrará em monsenhor Meredith um compatriota agradável e espirituoso. Trata-se de um homem enfermo, condenado, desafortunadamente, a uma morte prematura – e o que quer que faça por ele, eu o considerarei um favor especial.

Ultimamente, tenho pensado muito em V. Exa. Não desconheço a solidão que a aflige como castelã de uma comunidade pobre e primitiva. Tenho a esperança de que encontrará em monsenhor Meredith um confidente para seus problemas e um conselheiro quanto aos assuntos de sua consciência.

Creia-me, minha cara condessa,
afetuosamente seu, em Jesus Cristo

AURÉLIO †
Bispo de Valenta

Assinou o nome com um rasgo de pena e ficou um momento a perscrutar a carta, pensando se não teria dito algo de menos ou de mais – e se havia ali palavras que pudessem tocar o coração de uma mulher como aquela.

As mulheres constituíam o problema perene do clero. Mais mulheres do que homens se ajoelhavam na janela de Judas do confessionário. Suas confidências eram mais francas e mais perturbadoras para o celibatário que se sentava atrás dela. Às vezes, procuravam usar o sacerdote como substituto de um marido indiferente e o que não ousavam sussurrar no leito conjugal o diziam livremente, e não raro de forma grosseira, no ataúde situado ao lado da igreja. Por meio das mulheres, podia-se chegar aos homens – e

às crianças também. Mas frequentemente o velho Adão, que dormia debaixo de batina, despertava perigosamente diante das confidências sussurradas de uma adolescente ou da insatisfação de uma matrona.

Aurélio, bispo de Valenta, era bastante homem e logo percebeu a paixão que se agitava atrás da polida delicadeza da condessa de Sanctis. Ela também pertencia ao seu rebanho, mas a descrição colocava-a fora do alcance de seu cajado, e ele, agora, perguntava a si mesmo se Blaise Meredith, o homem frio, sofredor, acaso não poderia aproximar-se mais dela.

Ao Dr. Aldo Meyer, escreveu em termos inteiramente diferentes:

...Monsenhor Blaise Meredith é um homem sensível e liberal que acabei por querer como a um irmão.

Sua missão, de investigar a vida de Giacomo Nerone, é difícil, mas tenho a esperança de que o senhor talvez tenha a intenção de colocar à disposição dele o seu considerável conhecimento da situação local. Contudo, é possível que o senhor, não sendo católico, prefira não se imiscuir neste delicado assunto. Permita-me que lhe assegure que nem o monsenhor Meredith nem eu desejaríamos importuná-lo com indagações.

Desejo, no entanto, pedir-lhe um obséquo pessoal. Monsenhor Meredith é um homem muito doente. Sofre de um carcinoma no estômago e, segundo o curso normal dos acontecimentos, pouco tempo terá de vida. É reservado, como o são os ingleses, mas dotado de bastante coragem, e receio que trabalhe excessivamente e passe por maiores sofrimentos do que os necessários.

Apreciaria muitíssimo, pois, se o senhor consentisse em agir como seu conselheiro médico durante a estada de monsenhor em Gemello Minore, fazendo o possível para cuidar dele. Encarregar-me-ei de fornecer-lhe quaisquer remédios de que o senhor possa necessitar, responsabilizando-me, pessoalmente, por todos os gastos de consulta e tratamento.

Recomendo-o, da maneira mais calorosa, à sua caridade e zelo profissional...

Basta!, pensou S. Exa. Revma. A gente não dirige homilias aos Sefardim. Eles nos compreendem tão bem quanto nós o compreendemos. São teocratas, como nós – e, como nós, absolutistas. Conhecem o significado da caridade e da fraternidade; e, não raro, as praticam melhor do que nós. Foram perseguidos, como nós. Têm os seus fariseus, como nós – Deus nos proteja! –, mesmo nos postos mais elevados. Meredith, meu irmão, estará em boas mãos.

A terceira carta era a mais difícil de todas, e S. Exa. Revma. ponderou um longo tempo antes de escrever, num belo cursivo, o sobrescrito:

Revmo. Padre Anselmo Benincasa
Pároco da Igreja de Nossa Senhora das Sete Dores
Gemello Minore
Diocese de Valenta

Prezado e Reverendíssimo Padre:

Escrevemos para informá-lo da chegada à sua Paróquia do Reverendíssimo Monsenhor Blaise Meredith, Auditor da Sagrada Congregação dos Ritos, designado Promotor da Fé na Causa Ordinária para a Beatificação do Servo de Deus Giacomo Nerone. Rogamos-lhe conceda a monsenhor Meredith fraternal hospitalidade, bem como toda a assistência possível, a fim de que ele possa levar a cabo a sua missão canônica.

Estamos cientes da pobreza e da exiguidade de suas acomodações e, por conseguinte, aceitamos um convite da condessa de Sanctis para hospedá-lo durante a estada na

paróquia. Sabemos, todavia, que V. Revma. não se considerará dispensado, devido a isso, das cortesias devidas a um irmão sacerdote que é também emissário da Corte Diocesana.

Estamos há muito informados, Revmo. padre, através de relatórios que nos chegaram às mãos, da triste situação dos assuntos espirituais em sua paróquia, bem como de certos escândalos referentes à sua vida privada. Dentre tais escândalos, não é menor o que concerne à sua longa associação com a viúva Rosa Benzoni, que age como governanta em sua casa.

Normalmente, tal associação nos levaria a instituir um processo canônico contra V. Revma., mas abstinemo-nos desse passo drástico na esperança de que Deus possa conceder-lhe a graça de ver o seu erro e corrigi-lo, para que os últimos anos de seu sacerdócio possam ser gastos em penitência, dignidade e serviço devido ao seu rebanho.

É possível que – Deus assim o permita! –, devido à sua idade avançada, essa associação possa ter perdido seu caráter carnal, e que possamos estar dispostos a permitir que V. Revma. conserve essa mulher a seu serviço, em pagamento das dívidas que com ela contraiu. Mas essa tolerância de nossa parte não o dispensa do dever moral de reparar o escândalo e dedicar-se, com renovado vigor, aos interesses de sua gente.

Sugerimos que a presença de um sacerdote visitante em sua paróquia possa proporcionar-lhe a oportunidade de aconselhar-se com ele e pôr sua consciência em ordem sem demasiado embaraço.

Nossa paciência data de há muito e interessamo-nos muito por sua pessoa como nosso filho em Cristo, mas não podemos ignorar a triste situação das almas que se acham a seu cargo. Não se pode tentar Deus durante demasiado tempo. V. Revma. já é idoso e o tempo se torna perigosamente curto.

Lembramo-nos diariamente de V. Revma. em nossas preces e o recomendamos à padroeira de sua Igreja, Nossa Senhora

das Dores.

Seu, fraternalmente, em Cristo

AURÉLIO †
Bispo de Valenta

Depôs a pena e ficou um longo tempo fitando o encorpado papel timbrado e a escrita que se estendia por sobre ele em linhas rápidas e disciplinadas.

O caso do padre Anselmo era um símbolo de todos os males que afligiam a Igreja mediterrânea. Não se tratava de caso isolado. Era tão comum, a ponto de ter-se tornado corriqueiro nas regiões pobres do sul; mas tampouco era demasiado raro no norte. No contexto local, constituía um pequeno escândalo, pois a Igreja se baseava na ideia de pecado, e sua máxima mais antiga era a de que o hábito não faz o monge, nem a tonsura, um homem religioso. Mas na contextura de uma Igreja nacional, num país em que o catolicismo constituía a influência dominante, aquilo indicava graves defeitos, bem como uma necessidade singular de reforma.

Um homem como Anselmo Benincasa era produto de um seminário dotado de um mau corpo docente, que adotava um sistema antiquado de educação. Ele chegara à ordenação apenas meio educado, meio disciplinado, sem que sua vocação tivesse sido inteiramente comprovada. Surgira como novo sacerdote num país onde havia demasiados sacerdotes e insuficiente espírito sacerdotal – e assumira de imediato a direção de outra comunidade desalentada. O estipêndio que recebia da diocese era puramente nominal. Com a desvalorização rápida da moeda, não daria para comprar um pedaço de pão. E a hierarquia ainda se apegava à confortável ficção de que aquele que pregava o Evangelho devia viver segundo o Evangelho – sem se importar em definir com bastante clareza de que modo devia fazê-lo. Ele não tinha pensão, e não havia instituição alguma que o recebesse quando chegasse à

senilidade: de modo que era perseguido pelo medo constante da velhice e pela tentação incessante da avareza.

Quando chegava a uma aldeia como Gemello Minore, representava outra boca que devia ser alimentada. E, se abria demais a boca, corria o risco de passar fome. Assim, era obrigado a acomodar-se, a submeter-se ao patrocínio do proprietário rural do lugar ou a estabelecer um compromisso infeliz com o seu rebanho miserável. Em muitas comunidades calabresas faltavam homens. A emigração de antes da guerra e o recrutamento durante a conflagração as tinham privado deles, e as mulheres viviam, anos seguidos, separadas de seus maridos, enquanto as moças casadoras eram obrigadas a aceitar amantes temporários ou maridos muito mais velhos do que elas. Mas o sacerdote lá estava. O sacerdote era pobre e dependia dos pobres para ter sua roupa lavada, sua comida preparada, sua casa limpa e sua bandeja de esmolas suficientemente cheia para que pudesse comprar sua *pasta* da semana seguinte.

Não era de estranhar, pois, que ele, não raro, sucumbisse, e que o bispo preferisse deplorar tal lapso como fornicção, em vez de arrastá-lo a um tribunal para um escândalo público de concubinato.

Tanto quanto o homem, o sistema é que tinha culpa disso, e os reformadores, tais como Aurélio, bispo de Valenta, deparavam com árduas dificuldades para mudá-lo, sobrecarregados como estavam com os pecados históricos de uma Igreja feudal. A solução seria: menos e melhores sacerdotes, dinheiro para atender pelo menos às necessidades básicas de uma vida independente das contribuições dos fiéis, pensões para a velhice e para os enfermos, melhor educação nos seminários e uma seleção mais rigorosa dos aspirantes às Ordens Sagradas. Mas faltava dinheiro, os preconceitos eram fortes e homens como Anselmo Benincasa demoravam muito tempo para morrer, enquanto os jovens criados nas aldeias eram ignorantes e inadequados.

Um bispado como o de Valenta era pobre e obscuro. Roma era rica, distante e preocupava-se com outros problemas – e uma solicitação de fundos especiais para atender a reformas tendenciosas

era friamente recebida pelos cardeais, administradores do Patrimônio de Pedro.

Assim, Anselmo Benincasa permaneceu em Gemello Minore e S. Exa., o bispo de Valenta, ficou com o problema de decidir o que fazer com ele ou, pelo menos, de que maneira salvar-lhe a alma imortal.

Dobrou as cartas, colocou-as nos envelopes, lacrou-as com as armas de sua diocese e tocou a campainha, para que um emissário as levasse imediatamente, de motocicleta, a Gemello Minore. Exercia o sacerdócio havia muito tempo e compreendia que a verdade podia permanecer por cem anos estéril, até que lançasse raízes no coração de um homem.

NA VÉSPERA DE SUA partida para Gemello Minore, Blaise Meredith sentiu-se mais solitário do que nunca em toda a vida.

A breve, fraterna, comunhão entre ele e o bispo estava prestes a interromper-se. Teria de intrometer-se entre estranhos, como perseverante inquisidor a desenterrar fatos impopulares. Seus terrores noturnos, teria de suportá-los sozinho. Não poderia mais fazer confidências, apenas procurar obtê-las de outros. Teria de trocar a elegante intimidade dos domínios do bispo pela pobreza e o desalento de uma aldeia de montanha, onde havia pouca reserva até mesmo para o nascimento, a morte e o ato de amar.

Ele seria hóspede de uma mulher – e, ao contrário de muitos de seus colegas, não tinha talento para lidar com o sexo oposto. Era celibatário por profissão e solteirão por disposição, e não lhe agradavam os esforços que teria de fazer para manter conversas triviais diante de xícaras de café. Suas energias esgotavam-se rapidamente e era-lhe insuportável a ideia de ter de desperdiçá-las na vulgaridade de relações domésticas.

Assim, enquanto os trabalhadores dormiam sob as oliveiras e S. Exa. Revma. escrevia em seu gabinete, ele entregou-se à indulgência final de um passeio em torno das plantações. Tirou a batina, o colarinho, enrolou as mangas da camisa e deixou que o sol

brilhasse sobre seus braços magros, pálidos; depois, seguiu pelo caminho que conduzia à represa e aos limites das terras do bispo.

Debaixo das árvores, o ar estava fresco e o caminho, salpicado de sol, mas quando penetrou no vale, onde a represa cintilava entre as encostas cinzentas da colina, o calor atingiu-o em cheio, como a lufada de um forno. Ao olhar em torno, viu-o erguer-se das rochas de tufo em ondas tremeluzentes. Hesitou um momento, lamentando ter deixado o abrigo das plantações, mas, envergonhado de sua fraqueza, caminhou resolutamente, circulando a represa, até a encosta que a retinha.

No declive situado atrás do caminho os trabalhadores dormiam, a cabeça apoiadas na jaqueta, à sombra das rochas salientes. Seus corpos, curtos e trigueiros, achavam-se escarrapachados, lassos como bonecos de trapos, e Meredith, que havia muito era alheio ao sono, sentiu inveja daquela ventura.

Eram pobres, mas não tão pobres como muitos. Tinham trabalho, sob a direção de um senhor benevolente. Suas roupas eram manchadas, empoeiradas, e usavam tamancos em vez de sapatos, mas podiam dormir tranquilamente e voltar para casa com dignidade, pois tinham trabalho e *pasta* para a mesa, e vinho e azeite para comer com ela. Numa terra pobre, com três milhões de desempregados, isso já era, com efeito, muito.

À beira do desaguadouro, o caminho bifurcava-se em sendeiros de cabras, um que conduzia ao leito do rio e outro que levava ao cume da colina. Meredith escolheu o caminho de cima, esperando cegamente que, do topo, pudesse descortinar a paisagem circunjacente. A picada era acidentada e fragosa, mas seguiu com sombria obstinação, como para desafiar a debilidade de seu corpo definhado pela doença e afirmar que ainda era um homem.

A meio caminho da subida viu-se num pequeno platô, onde as paredes do rochedo formavam uma reentrância, como uma pequena caverna. Ali havia sombra, e ele sentou-se, agradecido, para descansar um pouco. Quando seus olhos repousaram do brilho do sol, viu, junto à base da parede, alguns desenhos grosseiros talhados na parede, reticulados à antiga maneira romana e, acima deles, outras figuras talhadas na pedra natural. Levantou-se e pôs-se

a examiná-los mais detidamente, seguindo os traços esculpidos até o fim da reentrância rochosa.

As sombras, ali, eram mais profundas, e decorridos apenas alguns instantes conseguiu notar uma pequena prateleira talhada na pedra, sobre a qual havia alguns cravos-de-defunto murchos e folhas desfeitas de videiras. Atrás das ofertas, havia uma peça de mármore, tão velha, manchada e gasta pelo tempo que, a princípio, não percebeu o que era aquilo. Depois, viu que era parte da base de uma velha estátua, de contorno mais ou menos cúbico, da qual saía a forma crua de um falo.

Nos tempos antigos, quando os montes eram cobertos de florestas, antes que as tribos famintas os desnudassem em busca de lenha e de lugares onde pudessem construir suas habitações, aquela caverna devia ter sido o santuário de um deus nos bosques. Agora, tudo o que restava dele era o símbolo da fertilidade; mas as flores eram do século XX – a primeira oferta da primavera a um velho e desacreditado deus.

Meredith tinha ouvido falar com bastante frequência das superstições que ainda persistiam entre a gente da montanha (de encantamentos, bruxedos, filtros de amor e estranhos ritos), mas aquela era a primeira vez que via a prova com os próprios olhos. O bloco de mármore estava manchado e descolorido, mas o falo era branco e polido devido, talvez, a contatos frequentes. Será que as mulheres iam ali, como costumavam fazer em outros tempos, à procura de uma garantia contra a esterilidade? Será que os homens ainda adoravam o símbolo de sua dominação? Haveria, ainda, entre aquela gente montanhesa, a esperança semiconsciente de que Pã pudesse fazer o que o novo deus não havia feito: tornar de novo virgem a terra violada, fecunda de relva e de árvores?

A adoração do princípio masculino estava profundamente enraizada entre aquela gente. Os homens jovens eram arrogantes como galos novos, enquanto as moças se apresentavam pelo menos em sua suposta virgindade para inspeção e admiração. Quando casavam, os homens levavam suas mulheres à exaustão por meio de sucessivas maternidades e incentivavam os filhos a uma masculinidade precoce, ao mesmo tempo em que, mediante

pancada, obrigavam as filhas à castidade. Numa terra estéril, eram os últimos símbolos da fecundidade e os primeiros símbolos de alegria para uma mulher cujo fim seria uma triste servidão numa miserável choça de montanha.

Talvez fosse por isso que o símbolo cristão correlato não era o Cristo agonizante, mas a fecunda Madonna com o Bambino a sugar-lhe os seios de camponesa.

Blaise Meredith sentia-se curiosamente fascinado pelo grosseiro símbolo de pedra e pela sua ativa sobrevivência a menos de um quilómetro de distância dos domínios do bispo. Talvez residisse ali a explicação de grande parte da anomalia da Igreja mediterrânea: a poderosa crença no sobrenatural, a espessa camada de superstição, o impetuoso zelo pelos santos latinos e a igualmente impetuosa rejeição dos comunistas e dos anticlericais. Talvez fosse aquela a razão pela qual os frios liberais e os cétricos urbanos exerciam tão pouca influência sobre aquela gente – a razão pela qual um misticismo exaltado era a única resposta ao frenesi básico que despertava em seus corpos trigueiros e mal alimentados. Estaria ali a verdadeira explicação da morte de Giacomo Nerone, que tinha sucumbido sob os cascos do deus caprino?

E como poderia Blaise Meredith, o legalista de Roma, penetrar na mente daquela gente secreta que era velha quando Roma era jovem e que se havia aliado ao deus negro e feroz da Cartago de Aníbal?

Apesar do calor, Meredith de repente sentiu frio. Afastou-se da pequena imagem obscena e saiu para o sol.

Uma velha, quase dobrada em dois sob uma carga de galhos secos e de madeira flutuante apanhada no rio, subia com dificuldade a trilha em direção ao topo do monte. Quando passou ao seu lado, Meredith ergueu a mão e saudou-a com o seu italiano preciso de Roma. A anciã voltou-se e encarou-o com olhos vagos e baços, passando por ele sem proferir uma palavra.

Blaise Meredith ficou um momento a fitá-la; depois, voltou o rosto em direção ao vale. Sentiu-se velho, cansado e estranhamente receoso de ir para Gemello Minore.

Ana Luísa de Sanctis despertou de sua sesta num estado de espírito de terrível depressão. Ao lembrar-se de que Aldo Meyer iria jantar na *villa*, seu estado de espírito tornou-se ainda mais sombrio – e quando a carta de S. Exa. Revma. lhe chegou à mão, seus nervos quase cederam por completo. Aquilo era demasiado para ela. Não podia encarar a presença daqueles intrusos na intimidade de sua casa. Até mesmo o enfado era preferível ao esforço que teria de fazer para ser-lhes agradável.

Quando se reuniram à tarde para o chá, Nicholas Black notou logo o seu mau humor e, de um modo bastante sutil, sugeriu-lhe um remédio imediato.

– Você está cansada, *cara* – disse-lhe ele, solícito. – É o calor... a febre da primavera. Por que não me permite extirpá-la com um exorcismo?

– Gostaria que você pudesse fazê-lo, Nicki!

– Você permitirá?

– De que modo? Ainda tenho de aguentar a presença de Meyer. E amanhã chegará esse clérigo... – Sua voz adquiriu um petulante tom infantil. – Ah, quem me dera que eles me deixassem em paz!

– Você tem a mim, *cara* – disse ele, gentil. – Eu os distrairei. Não deixarei que a aborreçam. Agora, por que não me permite que eu lhe faça uma massagem facial e lhe prepare um penteado para o jantar?

Ela animou-se imediatamente.

– Eu adoraria, Nicki. É a coisa de que sinto mais falta aqui. Sinto que me estou convertendo numa velha megera.

– Nunca, *cara!* Mas um chapéu novo e um novo penteado são a melhor cura para o desânimo. Onde é que o faremos?

Ela hesitou um momento; depois respondeu, com ar afetadamente casual:

– Acho que o meu quarto é o melhor lugar. Tenho tudo lá.

– Vamos, então! Mãos à obra. Dê-me uma hora e eu a deixarei arrebatadora como qualquer beleza romana.

Tomou-lhe a mão com uma galanteria teatral e conduziu-a para cima, rumo ao quarto barroco, sorrindo intimamente de sua fácil vitória. Se houvesse segredos que se pudesse saber acerca da condessa, ele os descobriria ali, com o tempo, a paciência e a perseverante habilidade de suas próprias e delicadas mãos.

Quando a porta se fechou atrás deles, Black entregou-se à pequena cerimônia assexuada de ajudá-la a tirar o vestido e envolvê-la num *négligé*, fazendo com que se sentasse numa cadeira revestida de brocado diante do toucador, onde se enfileiravam, em frascos de cristal, os produtos de toalete. Ela aquiesceu obedientemente, fazendo observações coquetes destinadas a sublinhar a intimidade da ocasião. O pintor sorria, brandia suas toalhas e deixava-a tagarelar satisfeita. Tinha um talento de camaleão para identificar-se com qualquer situação, mesmo que seus pensamentos e planos corressem em sentido oposto. Era, naquele momento, o *Parrucchiere*, o confidente de madama, testemunha de coisas negadas até mesmo a amantes, contador de pequenas histórias escabrosas das quais madama não precisava corar, já que os valetes são impérvios às melhores e pretensas virtudes.

Penteou-lhe os cabelos para trás, limpou-lhe a maquilagem do rosto, cobriu-lhe a pele cuidadosamente com creme e começou a massagem com dedos firmes, mas suaves, partindo do pescoço flácido e subindo até os cantos da boca descontente. A princípio, ela mostrou-se empertigada e cautelosa, mas logo se rendeu ao toque rítmico e hipnótico, e decorrido um momento ele pôde notar a lenta sensualidade despertando nela. Deu-lhe satisfação haver conseguido

aquilo, mas permaneceu impassível – e, à medida que trabalhava, pôs-se a falar no sinuoso idioma dos salões:

– Tem uma bela pele, *cara*. Flexível como a de uma jovem. Certas mulheres perdem isso muito depressa. Você é uma das afortunadas... como Ninon de L'Enclos, que mantinha o segredo da juventude eterna... Essa foi uma história muito estranha. Quando ainda era a sensação de Paris, aos sessenta anos, seu próprio filho fez-lhe a corte sem saber quem era. Apaixonou-se por ela e suicidou-se ao saber a verdade... – Esboçou um sorriso: – Você é feliz de não ter tido filhos!

Ela lançou um suspiro complacente:

– Sempre desejei ter filhos, Nicki. Mas... talvez tenha sido bom não os ter tido.

– Mas ainda podia tê-los, não é?

Ela riu – um risinho juvenil.

– Precisaria de uma certa ajuda, não acha?

– Às vezes, penso por que não tornou a casar... por que uma mulher atraente prefere enterrar-se nas selvas da Calábria. Você não é pobre. Poderia viver onde quisesse... em Londres, Roma, Paris.

– Já estive nesses lugares, Nicki. Ainda vou regularmente a Roma, como você sabe. Mas este é o meu lar. Volto sempre para cá.

– Não respondeu à minha pergunta, *cara*.

Suas mãos hábeis ocultavam a malícia da pergunta. Enquanto lhe friccionava as faces e as leves rugas em torno dos olhos, ele podia sentir a tensão que se apoderava dela ao procurar encontrar uma resposta.

– Já fui casada, Nicki. Já amei. Tive também certos casos... assim como propostas. Nenhuma delas me satisfez plenamente. O caso é simples, como vê.

Mas não era simples, ele bem sabia; aquela mulher tinha mais complexos do que qualquer outra que conhecera... Mas ela foi suficientemente astuta para mudar de imediato o lance, contra ele:

– Você tampouco jamais casou, querido. Por quê?

– Jamais precisarei de casamento – respondeu, em tom casual. – Sempre consegui obter, fora dele, o que desejava.

– Ah, vocês, solteirões alegres!

– Se não houvesse solteirões alegres, cara, não existiriam viúvas alegres: apenas viúvas frustradas.

– Você jamais se sentiu frustrado, Nicki?

Ele sorriu secretamente diante da nova nota queixosa que havia na voz da condessa. Estranho, pensou, como aquelas palavras surgem em todas as ocasiões; como empregam o jargão freudiano como se ele fosse uma resposta para o supremo enigma do universo. Jamais se deterioram. Jamais se irritam com um homem que não podem possuir. Jamais receiam estar demasiado velhas para topar uma parada. São apenas frustradas. Eu também o sou, de certo modo, mas o diabo me carregue se permitir que ela o saiba!

– Em sua companhia, *cara*, como é que um homem poderia sentir-se frustrado?

Num gesto como que de gratidão por aquele cumprimento, ela estendeu o braço e tomou-lhe a mão, ainda lambuzada de creme, e levou-a aos lábios. Depois, sem qualquer advertência, puxou-a para baixo e colocou-a na curva nua do seio, sob o *négligé*. Apanhado de surpresa, ele reagiu com aspereza:

– Não faça isso!

Então, numa atitude que ele não esperava, ela pôs-se a rir.

– Pobre Nicki! Pensava que eu não sabia?

– Não sei do que você está falando! – exclamou ele, a voz transtornada pela irritação.

Mas Ana Luísa de Sanctis ainda ria.

– Que você é diferente, querido. Que você, na verdade, não se interessa de modo algum pelas mulheres. Que você está completamente transtornado pelo jovem Paolo Sanduzzi. É verdade, não é mesmo?

Ele quase chorava de raiva ali parado com a toalha nas mãos, fitando por cima da cabeça dela os *amorini* dourados que havia no teto. Ela estendeu de novo a mão e o reteve. Deixou de rir e sua voz tornou-se grave, quase acariciante:

– Não precisa ficar zangado, Nicki. Você não deve ter segredos comigo!

Ele desvencilhhou-se dela, impetuoso:

– Não há segredo algum, Ana. Gosto do rapaz. Penso que podia fazer muito por ele. Gostaria de tirá-lo daqui da aldeia e dar-lhe uma educação e um começo de vida decente. Não tenho muito dinheiro, Deus sabe, mas estaria disposto a gastar na consecução disso cada *penny* de que dispusesse.

– E o que desejaria em troca? – indagou ela, a voz ainda suave, mas cheia de mal velada ironia.

Ele respondeu com estranha e patética dignidade:

– Nada. Absolutamente nada. Mas não espero que acredite nisso.

Durante um longo momento, ela o fitou com olhos vivos. Depois, disse-lhe:

– Acredito em você, Nicki. E acho que poderei ajudá-lo a consegui-lo.

Pensativo, ele ergueu a cabeça e ficou a olhá-la, procurando inutilmente decifrar-lhe os pensamentos atrás dos lábios sorridentes, sutis.

– Tenho minhas próprias razões, Nicki. Mas sou sincera no que digo. Você me ajuda a lidar com esse tal sacerdote e eu o ajudo quanto ao que se refere a Paolo Sanduzzi. Negócio fechado?

Ele curvou-se e beijou-lhe a mão em abjeta gratidão, enquanto ela lhe desmanchava o cabelo, com o ar meio maternal, meio desdenhoso, que adotava para com ele.

Era uma aliança de interesses, e bem o sabiam. Mas mesmo inimigos sorriem uns para os outros por sobre a mesa em que está sendo discutido um tratado. Assim, quando o Dr. Aldo Meyer chegou para o jantar, a condessa estava radiante, enquanto Nicholas Black se mostrava tão deferente como um pajem a serviço de uma bem-amada senhora.

QUANTO A MEYER, estava cansado e pouco disposto ao convívio social. Passara toda a tarde junto de Martino, o ferreiro, aguardando um segundo e, possivelmente, fatal ataque, que bem poderia seguir-se ao primeiro. Já era quase noite quando decidiu que era mais seguro remover o paciente para a sua própria casa – e, então, foi obrigado a ouvir as lamentações da esposa, que tinha acabado de perceber a

precária situação em que se encontrava sua família. Teve de assegurar que não acreditava na cura do doente; que este não duraria muito, que alguém – talvez a condessa – se encarregaria da alimentação da família, que ele próprio combinaria com os moradores da aldeia um meio de assistência, que procuraria encontrar alguém que, sem cobrar muito, mantivesse a ferraria em funcionamento.

Quando conseguiu escapar, já havia hipotecado vinte vezes sua alma e reputação e estava mais convencido do que nunca da impossibilidade de reforma entre aquela gente ignorante, educada durante séculos para o feudalismo, que beijaria a mão do mais mesquinho barão, contanto que ele lhes mostrasse um pedaço de pão e lhes oferecesse uma ilusão de segurança contra os atos de Deus e dos políticos.

Ao chegar à casa, encontrou a carta do bispo à sua espera – e aquilo era outra palha acrescentada ao fardo das irritações do dia. S. Exa. Revma. não só solicitava os seus préstimos de médico, que seriam mais bem pagos do que aquilo que habitualmente recebia, mas, ao mesmo tempo, sugeria muito mais: uma cortesia que poderia converter-se em pesada incumbência. Aldo Meyer, o judeu liberal, tinha saudável desconfiança do clérigo absolutista cujos predecessores haviam expulsado seu povo da Espanha, dando-lhes inquieto refúgio nos guetos do Trastevere. Mas, de bom ou de mau grado, o inglês viria e, sob seu juramento de esculápio, Meyer seria obrigado a servi-lo. Só esperava, perversamente, que não fosse seduzido, deixando-se levar à amizade.

Não havia amizade em suas relações com Ana Luísa de Sanctis. Era seu médico à falta de outro melhor. Era seu convidado à falta de outras pessoas educadas que animassem sua mesa de jantar. De vez em quando, era o porta-voz dos aldeões em seus pedidos à *padrona*. Mas, além dessas estreitas definições, havia uma zona de muda desconfiança e oculta animosidade.

Ambos haviam conhecido Giacomo Nerone. Cada qual, por motivos opostos, tinha se envolvido em sua morte. Meyer sabia muitíssimo bem a natureza da doença de sua paciente, embora jamais tivesse convertido o diagnóstico em palavras. Ana Luísa de

Sanctis sabia dos malogros de seu médico e o aguilhoava com eles, pois ele também conhecia muito bem os seus malogros de mulher. Mas como só se encontravam raramente, iam tocando suas relações para a frente dentro de razoável polidez, e, de certo modo desabrido, um era grato ao outro: Meyer, pelo bom vinho e a boa comida; a condessa, pela oportunidade de vestir-se e jantar com um homem que não era nem palerma, nem clérigo.

Mas naquela noite havia algo de novo no ar. A presença de Nicholas Black e a vinda do emissário romano emprestavam à ocasião um caráter novo e levemente sinistro. Enquanto se barbeava e vestia, à luz amarela de um lampião de parafina, Aldo Meyer se preparava para uma noite desagradável.

Ao primeiro encontro, seus receios pareceram-lhe injustificados. A condessa estava bem-vestida, calma, encantadora. Parecia verdadeiramente satisfeita de vê-lo. No sorriso do pintor não havia sutilezas sardônicas, e conversaram fácil e amavelmente sobre os assuntos que surgiam.

Durante o aperitivo falaram do tempo, dos costumes locais e da decadência da escola de pintura napolitana. À sopa, já haviam subido para Roma, e Black narrou com pormenores os escândalos mais agradáveis da Via Margutta e o preço que os críticos estavam cobrando por uma notícia favorável. Quando foi servido o peixe, já tinham saído do Vaticano e se achavam entre os políticos, discutindo as perspectivas das próximas eleições. O vinho soltava a língua do médico, que se achava entregue a uma viva dissertação:

– ...a última vez em que os democratas-cristãos surgiram por meio do confessionário e da ajuda do dólar americano. A Igreja ameaçava de condenação eterna todos os católicos que votassem a favor dos comunistas, e Washington agitava, por outro lado, montes de notas de banco. O povo queria paz e pão a qualquer preço, e o Vaticano ainda era a única instituição na Itália que gozava de estabilidade e crédito moral. Assim, dividiram entre eles as urnas. Mas ainda possuímos o mais poderoso partido comunista fora da Rússia e uma singular divergência de objetivos entre os que votavam sob a bandeira do Vaticano. O que vai acontecer desta vez? Os democratas vão se manter firmes, naturalmente, mas perderão

votos numa oscilação geral para a esquerda. Os monarquistas ganharão, de certo modo, no sul, enquanto os comunistas permanecerão mais ou menos onde estão... constituindo um grande núcleo de descontentamento.

– As perdas dos democratas-cristãos serão devidas a quê? – indagou, com vivo interesse, Nicholas Black.

Meyer deu de ombros expressivamente.

– Antes de mais nada, à própria situação. Não existem reformas espetaculares, nenhuma diminuição perceptível do número de desempregados. Há equilíbrio na indústria, mantido pela infusão de dinheiro americano e pela ajuda do Banco do Vaticano. Há um aumento na renda nacional, que mal se reflete no padrão de vida da imensa maioria da população. Mas isso é o bastante para manter os financistas razoavelmente felizes e os votos estáveis para outro período governamental. A segunda razão é que o próprio Vaticano perdeu o crédito devido à sua identificação com um partido. Eis aí a dificuldade, quando se trata de um papa político. Quer sempre as coisas de ambas as maneiras: o reino do céu e a maioria no parlamento terreno. Na Itália, pode obtê-lo... em troca de um preço... e esse preço é o anticlericalismo entre o próprio rebanho.

– Isso me interessa – disse Black, apanhando o final da afirmação. – Por toda a Itália a gente encontra mulheres que comungam todos os dias e homens que usam distintivos de uma dúzia de irmandades e, não obstante, todos repetem a velha frase: *Tutti i preti sono falsi*, todos os padres são falsos. É divertido, mas tremendamente ilógico.

Meyer riu e espalmou as mãos, com dissimulado desespero.

– Meu caro rapaz! É a coisa mais lógica do mundo. Quanto mais sacerdotes existem, mais os seus defeitos se revelam. Um governo clerical é como um governo de saias... mau para ambas as partes. Não creio que todos os sacerdotes sejam falsos. Tenho encontrado alguns extraordinariamente bons. Mas, apesar de tudo, sou anticlerical. O latino é, no íntimo, um lógico. Está disposto a admitir que o Espírito Santo guia o papa em questões de fé e de moral; mas não engole a proposição de que fixa também o câmbio do dia.

– Por falar em sacerdotes – interveio Ana Luísa de Sanctis –, estou pensando como será monsenhor Meredith.

Aquilo era macio como manteiga, mas Aldo Meyer compreendeu a malícia que encerrava. Eles o haviam dirigido como um carneiro de tópico para tópico – e agora o tinham encurralado e o observavam, sorrindo com sutil ironia, para ver o que faria para escapar. Que fossem todos para o diabo! Não lhes daria satisfação alguma. Livrou-se da pergunta com um dar de ombros:

– A senhora condessa se refere ao nosso inquisidor romano? Isso não me diz respeito. Ele vem e vai embora. Nada mais. No momento, tenho outros problemas... a respeito dos quais gostaria de conversar com a *padrona*.

– Que espécie de problemas? – indagou a condessa, contraindo o sobrolho ante a maneira pela qual o médico continha a sua zombaria.

– Martino, o ferreiro, teve um ataque hoje. Está paralisado, incapacitado. A família vai precisar de ajuda. Pensei que a senhora talvez pudesse dispor de algum dinheiro... bem como tomar duas de suas filhas como suas empregadas. Teresina e a jovem Rosetta já têm idade suficiente para começar a trabalhar.

– Naturalmente. Isso é o mínimo que posso fazer. Tenho pensado muito nos jovens ultimamente. Nada há aqui para eles e, se tentam emigrar, acabam nas ruas de Reggio ou de Nápoles. Pensei que deveríamos pôr em prática alguns de seus planos, doutor, e criar trabalho para eles aqui.

– É uma boa ideia – respondeu Meyer, cauteloso, enquanto pensava: “Aonde diabo quererá ela levar-me?”

Mas as palavras seguintes da condessa o disseram de maneira bastante clara.

– Paolo Sanduzzi, por exemplo. Nicki me disse que o rapaz é inteligente e tem boa vontade. Parece-me um desperdício que fique perambulando a esmo por aí. Vou trazê-lo para trabalhar com os jardineiros. Sua mãe certamente gostará de ter algum dinheiro a mais...

Agora, sim, é que ele estava completamente preso a uma armadilha. Aceitara um favor e agora tinha de aguentar a parte

desagradável da coisa. Ali estavam todos a sorrir-lhe por cima de seus copos, a desafiá-lo a protestar, fazendo papel de tolo. Ele, porém, sorriu e respondeu com ar indiferente:

– Se a condessa pode aproveitá-lo, por que não? Só que, naturalmente, teria de conversar com a mãe dele.

– Por quê? – perguntou Nicholas Black.

– Porque ele é menor de idade – respondeu, incisivo, Meyer. – De acordo com a lei, a mãe ainda é responsável por ele.

O pintor enrubesceu e afundou o nariz em seu copo, enquanto Ana Luísa se permitia, no íntimo, um pequeno sorriso ante o seu desapontamento.

– O senhor poderia pedir a Nina Sanduzzi que me viesse ver amanhã, doutor – disse ela, apenas.

– Pedirei, certamente. Mas ela talvez não queira vir.

– Estamos dando demasiada importância a camponeses descalços! – observou Black de mau humor.

– Somos uma gente estranha – respondeu, em tom suave, Meyer. – É preciso tempo para que nos compreendam.

Ana Luísa nada disse, limitando-se apenas a fazer um sinal a um criado para que servisse mais vinho e trouxesse o assado. Ela havia atingido o alvo. Meyer aceitaria a coisa... e, se Nicki quisesse cruzar espadas com o judeu, aquilo talvez a divertisse, embora estivesse resolvida a não participar da contenda. As palavras seguintes de Meyer trouxeram-na de volta ao assunto.

– Hoje, recebi uma carta do bispo. Pede-me que aja como uma espécie de conselheiro médico junto a monsenhor Meredith. Ao que parece, está morrendo de carcinoma.

– Deus do céu! – exclamou Nicholas Black. – Isso é um aborrecimento infernal.

– Foi você quem o convidou, Nicki – interveio a condessa, irritada. – Não vejo razão para queixar-se agora.

– Estava pensando em você, *cara*. Um doente na casa é um grande fardo.

– Há lugar em minha casa – disse Meyer, em tom amável. – Não é muito confortável, mas serve.

– Não quero ouvir falar nisso – atalhou a condessa, áspera. – Ele ficará aqui. Há criados para cuidar dele... e o senhor poderá visitá-lo sempre que houver necessidade.

– Estava certo de que a senhora diria isso – comentou Meyer calmamente, sem qualquer ironia no olhar.

Trazido o assado e servido o vinho, comeram um instante em silêncio, cada qual contando os pontos na batalha de interesses que se ocultava sob o tom polido da conversa. Decorrido um momento, a condessa depôs o garfo e disse:

– Estava pensando que, como um gesto de cortesia para com S. Exa. Revma., deveríamos organizar uma recepção para esse homem.

Nicholas Black, de repente, quase engasgou com o frango:

– Que espécie de recepção, *cara*? Uma procissão da Irmandade dos Mortos, das Filhas de Maria e da Sociedade do Santo Nome? Estandartes, velas e acólitos... e o padre Anselmo caminhando atrás com a sua suja sobrepeliz?

– Nada disso, Nicki! – respondeu ela, em tom áspero e peremptório. – Um jantar tranquilo, amanhã à noite; nós dois, o doutor e o padre Anselmo. Nada de complicado; apenas uma reunião simples, para que ele possa conhecer as pessoas da aldeia que melhor podem ajudá-lo.

Aldo Meyer manteve os olhos estudadamente fixos no prato. Como enfrentar uma mulher como aquela? Um jantar simples!... Com a *padrona* desempenhando o papel de encantadora dama diante de um médico rural e de um sacerdote rústico que se atrapalharia com os talheres, mancharia a toalha de vinho e provavelmente adormeceria diante da sobremesa de frutas, enquanto um monsenhor romano o olharia com tolerante bom humor. E quando viesse coligir as provas, em quem se apoiaria, senão naquela mesma e graciosa senhora, que lhe concedera tão amavelmente seu quarto de hóspede? Uma reunião simples... ah, sim, muito, muito simples!

– Bem, doutor, o que acha?

Ele levantou a cabeça, frio, sem sorrir:

– A casa é sua: ele é seu hóspede.

– Mas o senhor virá?

– Certamente.

Ela parecia descansada, e ele surpreendeu um furtivo triunfo a inundar-lhe os olhos. Quando olhou para Nicholas Black, também o pintor sorria – e Aldo Meyer, subitamente, sentiu-se como se estivesse nu diante das adagas daquele estranho par de intrigantes.

– Gostaria de saber como é ele – disse Black, sem se dirigir a ninguém em particular.

– Quem? – indagou a condessa.

– O nosso monsenhor procedente de Roma. Quando o vi em Valenta, pareceu-me angustiado, macilento, com um ar de toupeira.

– Ele está morrendo – disse Meyer, sem meias palavras. – Isso costuma estragar o físico de um indivíduo.

O pintor riu.

– Mas não o seu gênio, espero. Odeio gente estapafúrdia na hora das refeições. Ele é inglês, e isso por certo fará alguma diferença. Provavelmente é seco, brilhante e monótono na conversação como um fosso de água estagnada. Espero que não seja empertigado. Alguns membros do clero romano são muito liberais. Outros gostariam de que o mundo fosse recriado para que dispusessem de uma autogênese universal. Estou ansioso por ver de que modo esse monsenhor encarará o caso amoroso de Giacomo Nerone.

Aldo Meyer voltou-se rapidamente e fitou-o:

– O que sabe a respeito?

O sorriso do pintor era como um delicado insulto:

– Não tanto quanto o senhor, talvez. Mas o filho dele é meu empregado, enquanto a amante de Nerone cuida de sua casa. Claro que isso também poderia ser útil. As listas recentes estão cheias de virgens, confessores e rapazes imberbes que acabam de terminar o noviciado. Eles podiam usar um bom penitente como Agostinho ou Margarida de Cortona. Isso os ajuda a enfrentar os pecadores. O senhor sabe... “Há sempre uma maneira de tornar a Deus!” São grandes oportunistas, esses clérigos! Não concorda, doutor?

– Sou judeu – respondeu Meyer, em tom acerbo e concludente. – Sinto pouca atração pelo catolicismo, mas muito menos ainda pela blasfêmia. Gostaria de mudar de assunto.

O pintor, irritado, enrubesceu, afastou a cadeira e saiu da sala. A um sinal da condessa, o criado também se retirou, e Ana Luísa de Sanctis ficou a sós com seu médico.

Apanhou um cigarro, empurrou o maço por cima da mesa para Meyer e esperou que ele acendesse os cigarros de ambos. Depois, inclinou-se para a frente e soprou-lhe em cheio a fumaça no rosto.

– Agora, *dottore mio*, deixe de esgrimir e diga logo o que tem a dizer.

Meyer abanou a cabeça.

– Você não me agradecerá, Ana. Não acreditaria em mim.

– Experimente. Estou num estado de espírito receptivo esta noite – disse ela, rindo e estendendo-lhe a mão por sobre a mesa. – Você é um indivíduo obstinado, Aldo *mio*, e quando lança sobre mim esse seu maldito nariz judeu, faz com que eu também me sinta obstinada. Vamos lá! Diga-me de maneira amável: o que se passa comigo e qual é a sua prescrição?

Ele permaneceu um instante em silêncio, fitando aquele rosto que já fora belo; seus ossos delicados, os músculos já um tanto flácidos, as rugas em torno dos olhos, os traços repuxados pelo descontentamento, a pele cansada sob a cuidadosa maquiagem. Depois, com cínica rudeza, respondeu-lhe:

– Vou lhe dar primeiro a prescrição. Deixe de empanturrar-se de barbitúricos. Deixe de colecionar curiosidades como esse tal Black, que a enche de histórias imundas e, no fim, não lhe proporciona satisfação alguma. Venda isto aqui... ou ponha aqui um administrador... e arranje um apartamento em Roma. Depois, case-se com um homem que a faça feliz na cama e permita que você o faça feliz.

– Sua mente é suja, doutor – observou ela, com um sorriso.

Aldo Meyer prosseguiu, sério:

– Vai ficar mais suja ainda. Você não sentiu satisfação no casamento porque era muito jovem e seu marido demasiado descuidado para preocupar-se com isso. Nunca a sentiu, desde então, porque, cada vez que o tentava, enganava a si própria e ao homem. Isso é bastante comum e bastante curável, contanto que a mulher saiba o que deseja e se prepare para consegui-lo. Mas você

nunca fez isso. Enclausurou-se em seu pequeno mundo privado e o encheu com uma espécie de pornografia mental que a deixa louca de desejo, mas que, não obstante, não a satisfaz. Você não está com idade para isso, minha cara. É perigoso. Acabará em companhia de gigolôs e de sujeitos como Nicholas Black e, no fim, com uma dose excessiva de sedativos. Você ainda pode ser uma amante. Mas pode ser, também, que se converta numa alcoviteira... como está fazendo com Paolo Sanduzzi.

Ela ignorou a última arremetida e indagou, sorridente:

– E como vou conseguir um marido? Devo comprar um?

– Poderia ser pior do que isso – respondeu, em tom grave, Aldo Meyer. – Dada a situação, talvez lhe seja melhor uma transação honesta do que um amor desonesto. Eis por que você tiraniza esse seu pintor: porque se acha sob a tirania de um corpo insatisfeito.

– Algo mais, doutor?

– Apenas uma coisa – respondeu, calmamente, Aldo Meyer. – Deixe de pensar em Giacomo Nerone. Deixe de procurar atacá-lo por intermédio de Nina e do rapaz. Você não é a primeira mulher a destruir um homem porque a rejeitou. Mas se não puder encarar esse homem, acabará, no fim, destruindo-se.

– O senhor esqueceu o fator mais importante, doutor.

Meyer olhou-a com vivo interesse.

– Qual?

– Sempre quis ter um filho. Precisava de um filho mais do que o senhor pode supor. Meu marido não podia me dar um. Giacomo Nerone recusou-se e foi gerar um filho numa camponesa descalça. Eu o odiei por isso. Mas já não o odeio. Se o senhor não se metesse entre mim e a mãe dele, eu poderia fazer alguma coisa pelo rapaz... dar-lhe um bom começo na vida, impedir que se estragasse como o restante dos rapazes da aldeia.

– O que faria com ele, Ana? – indagou, friamente, Aldo Meyer. – Iria entregá-lo ao seu pintor?

Sem uma palavra, ela apanhou uma garrafa de vinho que estava pela metade e lançou-lhe o conteúdo ao rosto. Depois, mergulhou a cabeça entre os braços e pôs-se a soluçar convulsivamente. Aldo Meyer enxugou o vinho que lhe escorria do rosto magro, levantou-se

da mesa e tocou a campainha para que um criado o conduzisse à porta.

QUANDO CHEGOU A CASA, surpreendeu-se de encontrar a lâmpada ainda acesa e Nina Sanduzzi sentada à mesa, costurando diante de uma pilha de roupas. A presença de Nina, àquela hora, era suficientemente rara, permitindo-lhe que comentasse a respeito. A resposta foi bastante simples:

– Estive fazendo companhia à esposa de Martino. Ela é tola, mas bondosa, e começa a compreender a situação difícil em que se encontra. Depois de meter a família na cama e verificar se Martino não precisava de nada, pensei em vir esperá-lo aqui, para ver que notícias trazia da condessa.

Durante um momento sentiu-se tentado a dar vazão aos seus sentimentos, numa explosão irônica; mas lembrou-se de que ela não compreendia a ironia e que ficaria apenas preocupada. De modo que respondeu, simplesmente:

– Boas notícias para Martino. A condessa lhes dará algum dinheiro e tomará Teresina e Rosetta a seu serviço. Com seus ordenados e alguma assistência pública, não ficarão em situação inteiramente má.

– Ótimo! – exclamou ela, dirigindo-lhe um de seus raros e calmos sorrisos. – Já é um começo. Mais tarde, talvez possamos melhorar a situação. Gostaria de tomar café?

– Gostaria, obrigado.

Meyer lançou-se pesadamente a uma cadeira e pôs-se a desatar os cordões dos sapatos. No mesmo instante, ela estava a seus pés a ajudá-lo. Aquilo também era novo; jamais assumira antes as funções de uma criada de servir. Meyer nada disse, ficando apenas a observá-la, pensativo, enquanto ela atravessava o aposento e acendia o pequeno fogareiro sob o bule de café. Depois disse, sem ênfase:

– A condessa também gostaria de vê-la amanhã.

– Por que quereria ela me ver?

– Deseja oferecer trabalho a Paolo, como ajudante dos jardineiros.

– É essa a única razão? – indagou, curvada sobre o fogareiro.

– Quanto a você, é. Quanto a Paolo, poderia haver outras razões!

Ela voltou-se lentamente e fitou-o através da sala mal iluminada:

– Que espécie de razões?

– O pintor inglês gosta dele. A condessa deseja usá-lo de uma maneira que ainda não está clara. Penso, também, que ela gostaria de que o rapaz lá estivesse quando o sacerdote que vem de Valenta iniciasse as investigações a respeito de Giacomo.

– São como cães que se juntam sobre um monte de esterco – disse, em voz baixa, Nina Sanduzzi. – Não há amor em nada do que fazem. Não irei. O rapaz tampouco irá.

Meyer assentiu com um movimento de cabeça.

– Prometi apenas que lhe diria. Quanto ao resto, acho que está sendo sensata. Aquela é uma casa onde existe um toque de loucura.

– Eles nos usam como se fôssemos animais – disse ela, erguendo os braços num gesto de ira. – Trata-se de uma criança... de um rapaz em quem a masculinidade começa a agitar-se... e querem usá-lo desse jeito.

– Eu a adverti – lembrou-lhe ele, em tom sereno.

– Eu sei – respondeu ela, falando enquanto se movia, colocando sobre a mesa as xícaras de café. – E essa é outra das razões por que vim aqui esta noite. Paolo me disse que esteve passeando com a jovem Rosetta junto da Torrente del Fauno. Fiquei contente. São ambos jovens, e essa é uma boa época para começar o amor, contanto que comece de maneira certa. Acho que Paolo também estava contente. Sei que queria falar, mas não sabia pôr aquilo em palavras. Quis ajudar... mas o senhor compreende como são os rapazes. Jamais acreditaria que sua mãe também pudesse conhecer tais palavras. É difícil quando não há homem na casa, e pensei que talvez... que talvez o senhor pudesse ajudá-lo um pouco.

O bule transbordou sobre o fogo e, enquanto ela correu em seu socorro, Meyer teve tempo de considerar qual seria sua resposta, que foi dada de um modo gentil e hesitante:

– Um rapaz, em seu primeiro despertar, é como um país desconhecido, Nina. Não há mapas, não existem postes indicadores. Até mesmo a linguagem é diferente. Eu poderia cometer erros e fazer-lhe mal. O que ele sente quanto ao inglês eu não sei. O que aconteceu entre eles também não sei. Mas, seja lá o que for, será um motivo de vergonha para o rapaz... assim como ele se sente envergonhado de seu primeiro desejo por uma mulher. Isso é que o torna furtivo como uma raposa, tímido como um pássaro. Você compreende?

– Compreendo, claro. Mas compreendo também sua necessidade. É um mundo estranho para ele. Seu pai era alguém que chamavam santo. Sua mãe é alguém que chamam prostituta. Não procurei me justificar, nem ao pai, perante ele. Mas como conseguirei explicar a coisa maravilhosa que houve entre nós? E como poderia essa coisa ser maravilhosa também para ele?

– E como poderia eu explicar-lhe – sorriu, tristemente, Meyer –, quando eu, tampouco, a compreendo?

A pergunta que ela lhe fez a seguir despertou-o de seu cansaço:

– O senhor odeia o rapaz?

– Santo Deus, não! O que a leva a dizer isso?

– Ele poderia ter sido seu... antes que Giacomo chegasse.

O rosto de Meyer anuviou-se de velhas recordações.

– É verdade. Mas jamais odiei o menino.

– E a mim, odeia-me?

– Não. Houve um tempo em que odiei Giacomo, e quando ele morreu, fiquei contente... Mas apenas durante algum tempo. Agora eu o lamento.

– O bastante para ajudar o filho dele?

– E você, também, se pudesse. Diga-lhe que me procure, e procurarei falar-lhe.

– Sempre o considere um bom homem.

No momento, essa foi a sua única expressão de agradecimento. Depois, dirigiu-se ao fogareiro, apanhou o bule e trouxe-o para a mesa. Encheu uma xícara para ele e outra para si mesma e ficou a observá-lo, enquanto ele sorvia, com cuidado, o líquido amargo e escaldante. Quanto à própria xícara, bebeu-a de um trago e, em

seguida, afastou-se para apanhar, a um canto, os seus tamancos e a velha cesta que continha as suas compras do dia: um feixe de carvão, *pasta* e algumas verduras.

Depois voltou à mesa e estendeu-lhe um grosso embrulho envolto em fazenda de algodão e atado com uma fita desbotada.

– Tome – disse-lhe com firmeza. – Não quero mais isto.

– O que é? – indagou ele, perscrutando-lhe o rosto calmo.

– Os papéis de Giacomo. Em algum lugar, aí no meio, está a carta que lhe escreveu. Talvez esses papéis o ajudem a compreender Giacomo e a mim. Talvez o auxiliem a ajudar o rapaz.

Atônito, ele apanhou o embrulho ensebado e conservou-o entre as mãos, como o fizera, certa vez, com a cabeça inerte, com a língua para fora, de Giacomo Nerone. As recordações inundaram-lhe a mente, vívidas e opressivas: velhos medos, velhos ódios, velhos amores, pequenos triunfos e monstruosas derrotas. Seus olhos se enevoaram, sentiu uma contração no estômago e um pequeno nervo começou a crisar-se nos cantos de sua boca.

Quando levantou os olhos, viu que afinal Nina Sanduzzi se fora e que o havia deixado a sós, à luz do lampião, com a alma de um morto entre os dedos trêmulos.

NINA SANDUZZI SEGUIU para casa em meio à paz de um luar de primavera. Os ásperos contornos dos montes eram suaves sob as estrelas; a arruinada aldeia já não era uma coisa descolorida, mas algo prateado, de uma beleza antiga, e embaixo, no vale, corria o rio, uma fita azul-cinzenta em meio às sombras. O ar era revigorante e limpo, e seus tamancos batiam, nítidos, sobre as pedras, acima das vozes intermitentes dos grilos e do ruído distante e abafado da água.

Mas Nina Sanduzzi era cega à beleza e surda à música da noite. Era uma camponesa, enraizada no campo como uma árvore, rude, persistente, insensível à patética ilusão que constitui, quando muito, uma distração sentimental para o literato. A paisagem era um lugar onde ela vivia.

Somente as figuras existentes nela eram importantes. A beleza que ela via – e via bastante – estava nos rostos, nas mãos, nos olhos, nos sorrisos e nas lágrimas das crianças, e suas recordações achavam-se guardadas nela como a água numa cisterna. A primavera era uma sensação que experimentava em seu próprio corpo vigoroso. O verão era um calor sobre a pele e poeira sob seus pés descalços; o inverno, uma fria hibernação e uma cuidadosa poupança de lenha e carvão.

Não sabia ler nem escrever, mas, não obstante, tinha sensibilidade para entender o significado da paz; já provara o amargor dos conflitos e, por isso, era receptiva à harmonia que percebia resultar gradativamente das dissonâncias da vida que a cercava.

Naquela noite, estava em paz. Podia ver o começo da realização da promessa de Giacomo Nerone de que, mesmo depois de sua morte, alguém cuidaria dela e do filho. Eram pobres, mas a pobreza era o seu estado natural, e Giacomo Nerone jamais os deixaria sofrer muitas privações durante muito tempo. Agora, em seu momento de maior necessidade, havia Aldo Meyer, pronto a pagar, apesar das próprias necessidades, uma dívida a um morto.

Também em sua vida havia harmonia – uma lenta concordância que se formava entre ela e os aldeões. Precisavam dela. Eram-lhes gratos, como a esposa de Martino, pelo auxílio que lhes prestava em momentos difíceis; e quando se referiam a ela usando os nomes crus de antes – “a prostituta”, “a mulher que dormia com um santo” –, já não havia muita maldade nisso, mas apenas a vaga lembrança de antigos ciúmes. Eram, aqueles aldeões, uma gente rude, que usava palavras rudes porque dispunha de poucas outras. Seus símbolos eram vulgares porque sua vida era brutal – e estômagos famintos não podem satisfazer-se com sonhos.

Aquela noite, enquanto caminhava para casa por entre os azinheiros, sentia-se grata, e toda a sua gratidão girava em torno de Giacomo Nerone, morto havia muito e sepultado na Grotta del Fauno, onde as pessoas iam orar e voltavam curadas das enfermidades do corpo e do espírito.

Tudo o mais em sua vida era detido pela lembrança daquele homem: seus pais, que haviam morrido de malária quando estava com dezesseis anos e que lhe haviam deixado a choupana, alguns móveis miseráveis e um baú com o seu dote; seu marido, um rapaz trigueiro, turbulento, que casara com ela na igreja, dormira com ela durante um mês e, depois, fora levado pelo exército, para morrer na primeira campanha da Líbia. Depois de sua morte, ela vivera, como as outras mulheres, em pequena choça, alugando-se para trabalho no campo e serviços domésticos ocasionais, quando alguma das criadas adoecia na *villa* da condessa.

Foi então que Giacomo Nerone apareceu...

ERA UMA NOITE DE VERÃO, quente e carregada de trovões. Ela estava deitada, nua, em sua grande cama de metal, virando-se de um lado para outro devido ao calor, aos mosquitos e à necessidade que despertava nela, de quando em quando, de ter em torno de seu corpo sadio os braços de um homem e de senti-lo na cama a seu lado. Era muito mais de meia-noite, mas, mesmo depois de um dia estafante de trabalho nos vinhedos, o sono não vinha.

Foi quando ouviu as batidas – as batidas fracas e furtivas na porta trancada. Sentou-se na cama, tomada de súbito pavor, puxando as cobertas para os seios. Tornaram a bater, e ela gritou:

– Quem é?

Uma voz de homem respondeu-lhe em italiano:

– Um amigo. Estou doente. Deixe-me entrar, pelo amor de Deus.

A débil urgência da voz comoveu-a. Saltou da cama, enfiou o vestido e dirigiu-se à porta. Quando retirou a tranca e abriu cautelosamente, ele caiu para a frente sobre o chão de barro – um homem grande, moreno, com sangue no rosto e uma mancha pegajosa alargando-se sobre o ombro da camisa andrajosa. Tinha as mãos arranhadas por espinheiros e as botas rasgadas, com as solas abertas, e quando procurou levantar-se, arrastou-se dois passos e caiu de bruços.

Ela precisou usar toda a sua força de camponesa para arrastá-lo e erguê-lo até a cama. Enquanto ele ainda estava inconsciente,

banhou-lhe os cortes do rosto, cortou-lhe a camisa junto ao ombro e lavou-lhe também o ferimento. Depois tirou as botas, cobriu-o e deixou-o dormir até que a primeira claridade matinal animasse, do lado do oriente, o céu. Ele despertou tomado do súbito pânico dos perseguidos, olhando em redor com os olhos assustados, escancarados. Mas quando a viu, sorriu e tornou a acalmar-se, fazendo uma careta de lástima ao sentir a dor do ombro.

Ela trouxe vinho, pão preto e queijo, e ficou maravilhada de que ele engolisse tudo com tanta avidez. Ele bebeu três copos de vinho, mas recusou-se a aceitar mais alimento, pois, disse, o pessoal do campo estava faminto, e ele só tinha direito ao seu quinhão de viajante. Tornou a sorrir ao dizer isso – um sorriso largo, infantil, que dissipou nela os últimos receios e a fez sentar-se à beira da cama e lhe perguntar quem era, o que o trouxera a Gemello Minore e de que modo tinha recebido aquele ferimento no ombro.

O seu sotaque lhe era estranho, e ele, por sua vez, teve dificuldade em compreender-lhe o espesso dialeto calabrés, mas os traços principais da história eram bastante claros. Ele era soldado, conforme lhe disse, de uma guarnição de artilharia sediada em Reggio, na ponta da bota da Itália. Os aliados haviam capturado a Sicília e o exército inglês atravessara o estreito de Messina e abria caminho península acima. Reggio tinha caído. Sua unidade fora destruída e ele estava em fuga. Se voltasse ao próprio exército, cuidariam dele e o mandariam de volta às linhas de fogo. Se os ingleses o apanhassem, fariam dele um prisioneiro de guerra. De modo que estava tentando voltar a Roma, para o seio da família. Vinha se escondendo durante o dia e viajando à noite, vivendo daquilo que conseguia roubar. Na noite anterior, deparara com uma patrulha inglesa, que atirara contra ele. A bala estava alojada em seu ombro. Precisava ser removida; do contrário, morreria.

Como era uma camponesa simples, aceitou a história que ele contou. Como gostou dele e se sentia solitária sem a companhia de um homem, mostrou-se disposta a ocultá-lo e a cuidar dele até que melhorasse do ferimento. Sua cabana era distante da aldeia e ninguém jamais a visitava. Eis aí o começo da coisa – simples e sem importância, como centenas de outros casos de guerra, de viúvas

solitárias e soldados em fuga. Mas a riqueza que surgiu daí e a tragédia em que tudo terminou, bem como a paz que se seguiu, eram, para ela, motivo de perplexidade diária e de lembranças noturnas...

QUANDO CHEGOU A CASA, encontrou o lampião ainda aceso, o pavio baixo, e Paolo encolhido, aparentemente dormindo, na cama colocada do lado oposto do quarto, ao lado do *letto* matrimonial de ferro em que fora gerado e dado à luz. Até o início da puberdade, dormira com ela, segundo o costume do sul, onde famílias inteiras dormiam numa única cama grande: marido, mulher, crianças de colo e meninos e meninas que entravam na adolescência. Mas, em se tratando de uma mulher solitária e de um único filho, aquilo não era bom, de modo que ela havia comprado outra cama e cada qual dormia sozinho.

Fechou a porta, trancou-a e correu o ferrolho; depois, largou a cesta e tirou os tamancos. O rapaz observava-a da cama, através dos olhos velados, fingindo dormir. Todos os detalhes do ritual que se seguiu lhe eram familiares, embora, havia muito, se recusasse a participar dele.

Nina Sanduzzi atravessou o quarto, dirigindo-se ao tosco baú junto à cabeceira da cama. De dentro de seu vestido, tirou uma pequena chave, presa com um alfinete, e abriu-o. Retirou, então, um embrulho envolto em papel branco. Desembrulhou-o cuidadosamente e apanhou uma camisa de homem, velha e esfarrapada, manchada em muitos lugares de algo de parecia ferrugem. Durante um momento, levou-a aos lábios e, em seguida, desdobrou-a e estendeu-a no espaldar de uma cadeira, de modo que pudesse ver os buracos feitos pelas balas e as manchas de sangue. Depois, ajoelhou-se desajeitadamente, mergulhou o rosto nas mãos, apoiadas no assento da cadeira, e pôs-se a rezar em voz baixa e sussurrante.

Por mais que tentasse, o rapaz jamais conseguira distinguir as palavras proferidas pela mãe. Quando, antes, se ajoelhava ali junto dela, Nina recomendava-lhe que dissesse apenas padre-nossos e

ave-marias, como fazia na Igreja, pois seu pai era um santo que tinha grande poder junto de Deus – como São José, que era padrao do Bambino. Mas jamais o admitira na intimidade de sua própria comunhão com o pai – e ele, de um modo estranho, sentia ciúmes disso. Agora, encarava tudo aquilo como uma manifestação de tolice de mulher.

Terminadas as orações, Nina Sanduzzi tornou a embrulhar a camisa e guardou-a no baú. Depois, acercou-se da cama do filho, beijou-o e afastou-se. Paolo Sanduzzi conservou os olhos fechados e continuou a respirar ritmicamente, pois, embora ele às vezes tivesse vontade de beijá-la e deixar que ela o abraçasse como antigamente, sentia por ela uma repulsão que não sabia explicar. Era a mesma coisa que o fazia fechar os olhos e virar a cabeça para o outro lado quando ela se despia ou se levantava durante a noite para atender a certas necessidades. Sentia vergonha dela e de si próprio.

De modo que permaneceu imóvel até que a mãe soprou o lampião e se meteu em sua rangente cama de ferro. Depois também ele sossegou e lentamente mergulhou no sono. E sonhou... Sonhou com Rosetta, de pé sobre um rochedo, junto ao rio, a chamá-lo para si. Correu para ela, galgando o rochedo com dificuldade, vendo seus lábios entreabertos, os olhos sorridentes, os braços abertos para recebê-lo. Mas antes que os braços o envolvessem, transformaram-se nos braços de Nicholas Black; em lugar do rosto da moça, lá estava a pálida e caprina fisionomia do pintor.

Paolo Sanduzzi mexeu-se na cama, gemeu e abriu os olhos, no momento meio doce, meio vergonhoso em que a seiva da juventude transborda, e um rapaz não sabe se está dormindo ou acordado.

Era a última noite de Blaise Meredith em Valenta: sua última noite em companhia de Aurélio, o bispo. Jantaram, como sempre faziam, confortavelmente e bem. Conversaram sem nostalgia sobre vários assuntos e, terminado o jantar, S. Exa. Revma. sugeriu que tomassem café em seu escritório.

Era um aposento grande, arejado, cheio de livros desde o assoalho até o teto, mas escassamente mobiliado com uma escrivaninha, um genuflexório e três poltronas de couro junto de um fogão de majólica. De certo modo, no entanto, refletia com precisão o caráter do homem que nele trabalhava: culto, ascético, prático, com gosto pelo conforto modesto.

O café foi trazido juntamente com uma garrafa de velho conhaque, empoeirada da adega, os selos ainda intatos. S. Exa. Revma. insistiu em abri-la e servir ele próprio a bebida.

– Uma libação – disse, sorrindo, a Meredith. – A última taça do ágape – acrescentou, erguendo o copo. – À amizade! E à sua saúde, meu amigo!

– À amizade! – respondeu Blaise Meredith. – Lamento ter chegado a ela tão tarde.

Beberam como dois bons homens deviam fazer, em se tratando de velha e preciosa bebida, lentamente, sorvendo-a.

– Sentirei sua falta, monsenhor – disse, gentilmente, o bispo. – Mas o senhor voltará. Se adoecer, mande-me avisar imediatamente, e farei com que o tragam para cá.

– Não se preocupe – respondeu Meredith, os olhos calculadamente fixos na taça para ocultar a dor que havia neles. – Espero passar bem, para poupar trabalho a V. Exa. Revma.

– Tenho um pequeno presente para o meu amigo – prosseguiu o bispo, enfiando a mão no bolso e tirando uma caixinha de couro florentino lavrado, que entregou a Meredith. – Vamos, abra-a!

Meredith apertou o fecho e a tampa abriu-se, revelando, na caixinha guarnecida de cetim, uma pequena *bull*a, uma peça de couro antigo, do tamanho de um polegar, presa a uma delicada corrente de ouro. Tirou-a e colocou-a na palma da mão.

– Abra a *bull*a – disse S. Exa. Revma.

Mas os dedos de Meredith tremiam, e o bispo tirou-lhe o enfeite das mãos, abriu-o e estendeu-o. Meredith lançou uma pequena exclamação de surpresa e prazer.

Incrustada no ouro, havia uma grande ametista, na qual estava lavrado o mais antigo símbolo da Igreja cristã – o peixe, com os pães sobre o dorso, cujo nome era o anagrama de Cristo.

– É uma peça muito antiga – disse S. Exa. Revma. – Provavelmente do começo do século II. Foi encontrada durante as escavações realizadas na catacumba de São Calixto, tendo-me sido presenteada por ocasião da minha sagração. A *bull*a, como sabe, era um adorno romano comum, e esta deve ter pertencido a um dos primeiros cristãos... talvez a algum mártir, quem sabe? Gostaria que a guardasse... como um testemunho de amizade.

Blaise Meredith, o homem frio, ficou comovido como não se comovia havia vinte anos. Lágrimas umedeceram-lhe os cílios, e sua voz vacilou:

– Que posso dizer, senão “obrigado”? Vou guardá-la até o fim de meus dias.

– Mas, lamento dizê-lo, isto tem um preço: o meu amigo terá de ouvir um sermão final.

– Este será o meu amuleto contra o tédio – comentou Meredith, com estranho humor.

O bispo recostou-se na poltrona e sorveu o seu conhaque. Seu gambito inicial pareceu curiosamente irrelevante:

– Estive pensando, Meredith, no pequeno santuário fálico. O que acha que eu deveria fazer a respeito?

– Não sei... Destruí-lo, talvez.

– Por quê?

Meredith deu de ombros:

– Bem... é um elo com o paganismo, um símbolo de idolatria e, além do mais, um símbolo obsceno. Alguém, evidentemente, lhe presta uma espécie de homenagem.

– Fico pensando se isso está certo... – comentou, pensativo, S. Exa. Revma. – Ou talvez se trate de algo muito mais simples?

– O quê, por exemplo?

– Uma manifestação bem-humorada de vulgaridade... uma superstição genial, como o lançamento de moedas à Fonte de Trevi.

– Jamais me ocorreu que “genial” fosse a palavra exata – disse Meredith. – Lasciva, talvez. Ou, mesmo, sinistra.

– Todos os povos primitivos são lascivos, meu caro Meredith. Vivem em meio a tal familiaridade com as funções naturais grosseiras que seu senso de humor se torna, com efeito, bastante terreno. Ouça as conversas e as canções de um casamento de aldeia... se lhe for possível traduzir o dialeto e as alusões... e o senhor enrubescerá até as orelhas. Mas essa gente também possui os próprios sentimentos de modéstia, que, embora pareçam menos lógicos, não raro são mais sinceros do que a falsa modéstia das comunidades mais evoluídas. Quanto a “sinistro”... sim, poderia ser sinistro. Há por aqui vestígios de paganismo. Em Gemello Minore poderá encontrar uma mulher que vende amuletos e filtros de amor... Mas que fazer a respeito? Uma grande canção e uma cerimônia? Lançar um exorcismo e partir o mármore em pedaços? Se eles realmente quiserem, poderão fazer um desenho indecente em qualquer muro da aldeia... provavelmente colocando a cara da gente em cima. Compreende como é?

Apesar de si próprio, Meredith riu descontraidamente, e o bispo sorriu, com ar de aprovação.

– Meu sermão vai indo bem, Meredith. E o meu amigo já tem o texto dele... “*Piano, piano!*...” Vá devagar e fale baixo. O senhor é um alto funcionário... lembre-se disso... e eles desconfiam de

funcionários... principalmente de funcionários da Igreja. O senhor observa também o ponto de vista oficial. E isso constitui um obstáculo. Veja! – acrescentou, fazendo um gesto expressivo na direção das paredes cobertas de estantes. – Estão aí todos os padres da Igreja, desde Agostinho até São Tomás. Todos os grandes historiadores, todos os grandes comentadores. Todas as encíclicas dos últimos cinco pontífices, bem como uma seleção dos místicos mais importantes. O espírito da Igreja, dentro destas quatro paredes. O homem que usou essa *bull*a jamais ouviu falar em nenhum deles... Não obstante, era tão católico quanto o senhor ou eu. Tinha a mesma fé, embora grande parte dela fosse implícita, não explícita como agora. Estava mais perto dos Apóstolos e do que eles haviam aprendido dos lábios de Cristo e recebido da infusão do Espírito Santo e Pentecostes. O espírito da Igreja é como o espírito de um homem, expandindo-se em novas consequências das velhas crenças a um novo conhecimento antigo, como folhas que nascem de uma árvore... Quem, entre os do meu rebanho, poderá assimilar tudo isso? O senhor? Eu? Aí está o espírito da Igreja, complexo e sutil. Mas, no íntimo, esse espírito é simples, como é simples essa gente. Assim, quando entrar em contato com ela, procure agir com o coração, não com a cabeça.

– Compreendo – disse Blaise Meredith, e suas palavras soavam de modo muito semelhante a um suspiro. – A dificuldade é que não sei como agir desse modo. Confesso-o francamente: foi só no convívio de V. Exa. Revma. que vim a encontrar algum calor. Falta-me simpatia, creio eu. Lamento muito, mas não sei o que fazer para remediar tal situação. Não sei quais as palavras. Meus gestos são desajeitados e teatrais.

– É apenas uma questão de atitude, meu amigo. Se sentir piedade e compaixão, não estará longe do amor. Essas coisas se comunicam por si só, mesmo através das palavras mais claudicantes. O caminho que conduz a essa gente é encontrado através de suas necessidades e de seus filhos. Experimente encher os bolsos de balas e descer pela rua. Experimente dar de presente uma lata de azeite ou um quilo de *pasta* quando for à casa dos pobres. Descubra onde estão os doentes e vá visitá-los com um

frasco de grapa no bolso de trás... E chegamos, aqui, ao fim do meu sermão!

Inclinou-se para a frente e despejou em suas taças mais conhaque. Meredith sorveu a suave, fragrante bebida e olhou a pequena *bullá* de ouro em seu estojo revestido de cetim. Aurélio, o bispo, era um bom pastor. Tudo o que pregava, praticava. E Blaise Meredith ainda não havia feito a única coisa que lhe fora pedida em nome da amizade. Confessou-o gravemente:

– Esforcei-me várias vezes por rezar, pedindo aquele milagre. Mas não consigo fazê-lo. Perdoe-me.

S. Exa. Revma. deu de ombros, como se a demora não tivesse importância.

– Chegará, ao fim, a isso. *Piano... piano...*! Acho que agora deveria recolher-se. Amanhã será um longo dia e, possivelmente, um dia difícil para o meu amigo.

Levantou-se e, movido por um súbito impulso, Blaise Meredith ajoelhou-se e beijou-lhe no dedo o grande anel episcopal.

– Poderia V. Exa. Revma. abençoar-me para a viagem?

Aurélio, bispo de Valenta, levantou a mão esguia no gesto ritual:

– *Benedicat te Omnipotens Deus...* Que Deus o abençoe, meu filho, e o livre do demônio do meio-dia... e do terror da longa noite... em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo...

– Amém – disse Blaise Meredith.

Mas a bênção não teve virtude alguma contra a dor que o assaltou naquela noite – a pior de toda a sua enfermidade, uma angustiante náusea que lhe sugou todas as forças, de modo que, ao sair pela manhã, parecia um homem que se dirigia ao próprio funeral.

DE VALENTA A GEMELLO MINORE, a distância é de sessenta quilômetros, mas a estrada é tão sinuosa, o caminho tão ruim e esburacado, a subida tão íngreme que a viagem de automóvel leva duas horas.

Imediatamente após deixar a aldeia, Meredith mergulhou numa madorna inquieta, mas logo os trancos e solavancos o despertaram, e começou a tomar um interesse forçado pela paisagem. Segundo os

padrões alpinos, as montanhas não eram altas, mas íngremes, escarpadas e dobradas umas sobre as outras, de modo que a estrada parecia agarrar-se precariamente aos seus flancos, ora arrastando-se para cima, ora mergulhando para baixo, numa curva muito fechada, em direção a uma velha ponte que, de tão arruinada, parecia não suportar sequer o peso de uma carroça de mula.

Os vales eram verdes nos sítios em que os camponeses lavraram a aluvião lodosa, mas os montes tinham apenas uma esparsa vegetação, que mal serviria para uma pastagem de cabras. Era difícil acreditar que, em outros tempos, os romanos haviam cortado ali pinheiros para suas galeras e preparado carvão para as forjas dos armeiros. Tudo o que restava era uma escassa plantação a cercar essa ou aquela *villa* cujo proprietário ou administrador era melhor agricultor do que os seus vizinhos.

Algumas das aldeias eram construídas no alto dos montes, um aglomerado de casas cor de ferrugem ao redor de uma igreja em ruínas, talvez construída por algum antigo mercenário angevino que arrastava sua lança e seu insignificante título por aquele pequeno e ruidoso reino meridional. Outras não eram mais do que uma fileira de casebres baixos acachapados nos vales, onde a água era próxima e o solo menos ralo. Mas todas elas eram pobres, arruinadas, desoladas. Seus habitantes tinham o aspecto gasto e descorado das próprias montanhas. As crianças eram enlameadas e magras como suas cabras, suas galinhas e suas vacas de ossos à mostra.

Havia ali pobreza como Meredith jamais vira em outros lugares, mesmo nos becos mais miseráveis de Roma. Ali estava o que Aurélio, o bispo, queria dizer, quando se referiu à insensatez de aparecer entre aquela gente com um compêndio numa das mãos e a cruz de missionário na outra. Aquela gente compreendia a Cruz... pois que suportara, durante longo tempo, a própria crucificação; mas não podia comer ideias, e o Cristo da Calábria teria de anunciar-se com um novo milagre da multiplicação dos pães e dos peixes e com a sua velha compaixão pelos estropiados e pelos impuros.

Viviam em casas que não eram melhores do que estábulos. Alguns deles eram ainda trogloditas, habitando cavernas nas rochas, onde a umidade ulcerava as paredes. Não dispunham de gás,

eletricidade, esgotos ou fornecimento de água potável. Seus filhos morriam de malária, tuberculose e pneumonia. As mulheres morriam de septicemia e febre puerperal. Os homens ficavam retorcidos de artrismo antes de chegar aos quarenta anos. Num mês, o tifo podia varrer toda uma comunidade. Apesar de tudo de alguma maneira conseguiam sobreviver. De algum modo, agarravam-se à crença em Deus e no outro mundo, à prece e ao mistério da Igreja – e o faziam com uma lógica feroz, pois que em sua crença se encontravam as raízes da dignidade humana. Sem ela, se transformariam naquilo que pareciam ser aos olhos de quase toda a gente: animais em seu aspecto, em seus hábitos.

O coração de Meredith confrangia-se cada vez mais, à medida que se aproximava das montanhas. Uma profunda depressão se apoderara dele depois de sua provação da noite anterior, e imaginou-se desperdiçando-se irremediavelmente em meio àquela gente e pedindo à morte que o libertasse de sua companhia. Se devia morrer antes do tempo, que ao menos morresse com dignidade, entre lençóis limpos, cheiro de asseio e o sol a entrar pelas janelas. Aquele era um pensamento infantil e procurou afastá-lo, mas a depressão permaneceu com ele até que, subitamente, no topo de uma subida íngreme, o motorista parou o carro e apontou através do vale:

– *Ecco Monsignore!* Veja! Lá estão elas, Gemelli dei Monti... as Gêmeas da Montanha!

Meredith desceu do automóvel e caminhou até a beira da estrada para ver melhor. Mais abaixo a estrada descia, em acentuado declive, para um vale do outro lado do qual uma montanha isolada se erguia de encontro ao céu claro. Até mais da metade de sua altura era uma massa sólida; depois, dividia-se em dois picos gêmeos, separados por uma abertura enorme, de cerca de três quilômetros de largura. Sobre cada pico havia uma aldeia, cingida por uma muralha em ruínas, abaixo da qual começavam as terras de cultivo, que se estendiam até o fundo do vale que as separava. Naquele fundo de vale fluía um rio, que se despejava em borbotões pelo sólido lado da montanha sobre o vale que Meredith tinha aos seus pés.

O que mais vivamente chamou a atenção de Meredith foi a diferença entre os dois picos. Um deles estava banhado de luz; o outro, sombriamente enegrecido pela sombra do monte gêmeo. A aldeia batida de sol parecia maior, menos arruinada; e, à direita, ao centro dela, debaixo do campanário da igreja, um grande edifício branco brilhava, em vivo contraste com as telhas queimadas dos telhados que o cercavam. A estrada que se bifurcava para ela era negra e cintilante em seu novo revestimento de asfalto, e no topo dela, bem ao lado dos muros da aldeia, fora construído um amplo e plano espaço destinado ao estacionamento de veículos. Nessa área, estavam parados meia dúzia de automóveis, os para-brisas rebrilhando ao sol.

– Gemello Maggiore – disse o motorista, por sobre o ombro. – Pode-se ver o que o santo fez pela aldeia. O edifício novo é o hospital para peregrinos.

– Ele ainda não é santo – respondeu, friamente, Meredith.

O motorista levantou as mãos num gesto de desagrado e tocou para a frente. Não se podia discutir com um sacerdote que tinha dor de barriga. Blaise Meredith franziu a testa e voltou-se para observar a aldeia gêmea mais sombria, Gemello Minore.

Não havia automóveis no caminho poeirento que conduzia a ela, apenas uma minúscula carroça puxada por um jumento com um velho camponês caminhando junto de suas rodas. Os muros achavam-se fendidos em muitos lugares, e em alguns dos edifícios mais altos podia-se ver o topo nu das árvores nos lugares em que as telhas tinham sido arrancadas pelo vento, não sendo jamais substituídas. A linha dos telhados continha brechas e paredes em ruínas, contrastando com a compacta solidez de Gemello Maggiore. Meredith sabia muito bem o que deveria haver dentro dos muros da aldeia: uma única rua principal, uma praça minúscula diante da igreja, uma série de becos estreitos com tanques de lavar roupa metidos entre as paredes, a sujeira escorrendo sobre as pedras e crianças maltrapilhas berrando entre a imundície. Por um momento, seu coração desfaleceu e ele quase teve vontade de rumar para Gemello Maggiore e lá estabelecer o seu quartel-general, na nova hospedaria ou mesmo na casa do prefeito, que receberia com

satisfação um emissário do bispo. Mas sabia que jamais venceria a vergonha de tal rendição, de modo que voltou para o automóvel e disse ao chofer:

– Gemello Minore. *Subito!*

OS TRABALHADORES DOS CAMPOS mais baixos foram os primeiros que o viram, enquanto o automóvel passava aos solavancos pelos sulcos da estrada e derrapava nos trechos de cascalho solto. Apoiavam-se em suas enxadas à sua passagem, e alguns dos mais jovens acenavam com a mão, com ar de escárnio; mas os velhos apenas enxugavam o suor do rosto, esfregavam as mãos nas calças e punham-se de novo a trabalhar. Um automóvel, uma carruagem puxada por duas parelhas – ou um foguete vindo da Lua –, tudo era o mesmo. Eles sachavam um sulco e logo começavam outro. As mulheres empilhavam as ervas daninhas para adubo e restolhavam os galhos para lenha. E quando o último sulco era sachado, era preciso buscar água no rio e despejá-la, avaramente, na raiz das plantas. Havia também as pedras que tinham de ser transportadas para servir de suporte aos terraços, e as leiras que precisavam ser despejadas nas terras de pousio... Não se podia fazer *pasta* com óleo de motor nem tirar leite da teta de um sacerdote. Que ambos fossem, pois, para o diabo! O melhor era voltar à enxada!

Paolo e Rosetta viram-no do lugar onde se achavam acocorados, debaixo de um bosque onde Paolo jurara que havia visto uma codorniz, mas onde nada havia além do excremento da lebre que estivera roendo a verdura e um velho lagarto cinzento que dormitava numa mancha de sol. Rosetta bateu palmas, gritou e pulou de uma perna para outra – um diabrete moreno em vestes esfarrapadas; mas Paolo permaneceu imóvel, as mãos na cintura, fitando o automóvel. Chegaria o momento em que aquele sujeito desejaria falar com ele a respeito de seu pai, e ele estava resolvido a enfrentá-lo como homem e não como um garoto ranhoso a quem se pode primeiro persuadir com bons modos e depois bater. Ademais, o assunto era importante para ele, e se Rosetta ia ser sua namorada, devia compreender isso. E se ele estava um pouco assustado diante

do furão negro que queria chegar até as raízes da vida de sua mãe e dele próprio, transformando a aldeia num ninho de curiosidade, aquilo, afinal de contas, era assunto que só a ele dizia respeito, e sua garota deveria ser a última a sabê-lo. Assim, depois que o automóvel passou, tomou-a pela mão e, apesar de todos os seus protestos, conduziu-a apressadamente, através dos arbustos, até o secreto trecho do rio onde nunca havia ninguém durante o dia.

Aldo Meyer viu-o quando o carro diminuiu a marcha bem diante de sua porta e começou a abrir lentamente caminho através da ruidosa multidão de crianças. Viu o rosto comprido, pálido, com os lábios contraídos num sorriso penoso, bem como a mão erguida que saudava, irresoluta, as crianças. Ali, se é que ele sabia reconhecê-lo, estava um homem marcado pela morte. Pensou no sinuoso raciocínio que teria induzido o bispo a aceitar um emissário como aquele, enviando-o numa missão em que seria assaltado e atormentado por todos os interesses em conflito relacionados com o caso de Giacomo Nerone. Ficou pensando que espécie de homem seria aquele e no que o sofrimento e a familiaridade diária com a morte estariam fazendo dele; o que pensaria da condessa e de seus convidados para o jantar e de que modo reagiria diante das emaranhadas histórias que teria de ouvir. Depois, lembrou-se de que logo estaria tomando em suas próprias mãos o que restava do fio da vida daquele homem – e envergonhou-se de não o ter sequer cumprimentado à sua passagem.

Quando o automóvel chegou à praça, toda a aldeia já tinha saído para a rua. Até mesmo o velho padre Anselmo ficou espiando furtivamente através das venezianas, o convite da condessa na mão, pensando vagamente de que maneira deveria demonstrar “cortesia a um irmão sacerdote”, como o bispo lhe pedia. Seu problema mais urgente, porém, era saber o que vestiria para jantar na *villa* – e, logo que o carro passou, dirigiu-se pesadamente à cozinha, gritando pela velha Rosa Benzoni para que ela lhe levasse um colarinho e tirasse as manchas de comida de sua melhor batina.

Somente Nina Sanduzzi se recusou a tornar-se espectadora daquela malsinada chegada. Estava ela sentada na cama na casa de Martino, o ferreiro, enfiando sopa, com uma colher, na boca

retorcida do homenzarrão e, quando a chamaram para a porta, não atendeu. Tinha dignidade e, se o sacerdote quisesse vê-la, ele que viesse, e ela saberia o que lhe responder.

Quanto a Blaise Meredith, viu-os a todos, embora não visse nenhum deles. Era uma confusão de rostos e um clamor de vozes estranhas, bem como um odor penetrante de pó, de corpos e de refugos apodrecendo ao sol. Ficou contente quando o automóvel rumou para a *villa* e galgou, roncando, o último trecho íngreme da estrada, ganhando o grande portão de ferro onde um criado o aguardava a fim de conduzi-lo à presença da condessa, fresca como uma flor em meio de um gramado recém-aparado.

– Meu caro monsenhor Meredith! Muita satisfação em vê-lo!

O sorriso era cordial; os olhos, desanuviados; a mão, suave mas firme ao cumprimentá-lo.

– Minha cara condessa! Obrigado por acolher-me aqui!

– Fez boa viagem?

– Regular. As estradas são más e já não sou, hoje em dia, um bom viajante. Mas aqui estou, intato.

– Coitado! Deve estar exausto. Farei com que Pietro o acompanhe ao seu quarto: poderá lavar-se e descansar um pouco antes do almoço.

– Eu o apreciaria – respondeu Meredith.

E pensou, grato: Deus abençoe os ingleses! Compreendem essas coisas melhor do que ninguém no mundo! Não fazem algazarra e sabem que, quando um homem está cansado, a sua primeira necessidade é água quente e a intimidade de um quarto!

A um sinal da condessa, o criado apanhou as malas e conduziu Meredith à casa. A condessa permaneceu no fim do gramado, a observar as costas arqueadas do hóspede recuando até que a sombra da porta as engolisse.

Decorrido um momento, Nicholas Black saiu do meio dos arbustos e juntou-se a ela. Todo o seu rosto de sátiro era um grande sorriso.

– Bem, bem, bem! Então é isso que nos aguarda! Parece uma edição surrada de John Henry Newman. Oxford, diria eu. Talvez Magdalena, com uma pitada de English College... e um verniz de

Vaticano para disfarçar... Você se saiu maravilhosamente, cara! Nem demasiado, nem pouco demais. A encantadora castelã recebendo a Igreja, a inglesa expatriada fazendo as honras da casa a um compatriota. Você é uma atriz e tanto!

Ela não levou em conta a ironia e disse, pensativa:

– Ele parece muito doente.

– As preces e o jejum também fazem isso, querida. Penso em se ele não usará uma camisa de crina de animal.

– Oh, pelo amor de Deus, Nicki!

Ele deu de ombros, irritado, e indagou:

– O que você espera que eu faça? Que lhe beije as ancas clericais e lhe peça que abençoe minhas medalhas? Mas, afinal de contas, o que acontece com você? Não me diga que está em pleno caminho da conversão!

Ela o envolveu numa invectiva feroz, dita em voz baixa:

– Ouça aqui, Nicki! Você é um homenzinho simpático e um pintor mediocrementemente aceitável. Está se saindo muito bem comigo, e eu o estou ajudando a obter certas coisas que deseja terrivelmente. Mas tenho meus problemas com esse padre e não permitirei que crie problemas maiores apenas para me mostrar quão inteligente é. Se não estiver disposto a agir bem, pode fazer suas malas e mandarei que Pietro o leve a Valenta, para que tome o próximo trem para Roma! Espero que isto esteja claro.

Ele teve vontade de gritar, dar-lhe um tapa na cara e dizer-lhe todos os nomes feios que lhe viessem à mente; mas, como sempre, teve medo. De modo que lhe tomou a mão e beijou-a à sua maneira penitente e juvenil:

– Sempre ajo assim, não é verdade, *cara*? Perdoe-me. Não sei o que se passa comigo. Saberei conduzir-me. Prometo-lhe! Por favor, por favor, perdoe-me.

Ana Luísa de Sanctis sorriu. Fizera o que queria. Experimentara de novo o sabor da flagelação e podia dar-se ao luxo de ser generosa. Passou-lhe a mão pelos cabelos finos, bateu-lhe no rosto e disse:

– Está bem, querido. Desta vez esquecerei o que houve. Mas, no futuro, seja um bom menino.

Depois, fez com que a tomasse pelo braço e caminhasse com ela pelo jardim, bisbilhotando acerca de escândalos romanos. Mas, inteligente como era, jamais conseguiu compreender por completo quanto ele a odiava.

SOZINHO EM SEU QUARTO de pé-direito alto, com as venezianas corridas contra o calor do meio-dia, Blaise Meredith lavou-se, trocou de roupa e deitou-se na grande cama de noqueira.

Novamente, parecia-lhe, tinha razão para sentir-se grato. Sua habitação era confortável; a dona da casa, encantadora; os criados, atentos. Qualquer que fosse a miséria da aldeia, sempre poderia voltar para ali e esquecê-la. Quaisquer que fossem os seus problemas, poderia contar com a boa vontade da condessa, que o ajudaria a desenredá-los. Quando estivesse doente, não estaria só e, com uma grande criadagem, não seria um fardo demasiado incômodo.

Lembrou-se de que deveria escrever ao bispo e dizer-lhe de sua satisfação ante os arranjos que lhe haviam sido feitos. Depois, calmo, enquanto descansava, pensou em seu trabalho e na maneira pela qual deveria realizá-lo.

Primeiro, uma conversa com a condessa, decidiu; depois, um exame da aldeia e de sua gente, uma indicação das fontes mais prováveis de informação acerca de Giacomo Nerone. Ela devia saber muito. Disporia, certamente, de valiosa autoridade. Como castelã feudal, estaria *in loco parentis* com os camponeses, e uma palavra da parte dela poderia desatar muitas línguas.

Faria, depois, uma visita ao padre da paróquia, a fim de apresentar sua carta de autorização e solicitar sua cooperação oficial. Fosse qual fosse a reputação do pastor, ele ainda tinha status canônico na matéria. Também tivera, ao que parecia, longo e belicoso conhecimento de Nerone. Ali, claro, também havia um problema. Se tivesse sido, mesmo durante algum tempo, confessor de Nerone, não poderia ser convidado a depor. Mesmo que seu penitente o houvesse libertado do sigilo, seu depoimento não poderia ser admitido no tribunal. Aquela era uma cláusula sábia da

lei; mas não deixava de ser, também, um meio de evasão para um homem que tinha algo a ocultar. Poderia ficar calmamente sentado e negar-se mesmo a indicar quaisquer fontes de informação, e os canonistas lhe defenderiam a discricção. Sob todos os aspectos, parecia que padre Anselmo iria constituir um problema para o Advogado do Diabo.

Quem vinha a seguir? O médico, talvez, Aldo Meyer, que era judeu e liberal decepcionado. Ali também havia problemas. Ele deveria saber demais. Seu testemunho era admissível, já que mesmo os infieis e os hereges podiam depor a favor ou contra a causa. Mas não poderia ser forçado a dar o seu testemunho, como no caso de um católico, mediante sanções morais. Podia-se depender apenas de sua boa vontade. Pelo menos por enquanto, Aldo Meyer devia ser deixado de lado como duvidoso.

Havia, depois, Nina Sanduzzi, que tinha sido amante de Giacomo Nerone e lhe dera um filho. Segundo os registros de Battista Saltarello, ela se recusara, terminantemente, a fornecer qualquer informação. Parecia pouco provável que um sacerdote estrangeiro pudesse ser mais bem-sucedido com ela. Mas, mesmo que o fosse, a inquirição prometia ser a mais desagradável possível. Envolveria uma intromissão confessional nas intimidades mais profundas que tinham existido entre ambos; suas confidências mútuas, suas atitudes morais, as razões de sua separação e até mesmo a natureza de seu comércio sexual. E tudo isso entre um sacerdote que falava apenas o italiano de Roma e uma mulher cuja língua era o dialeto bastardo da Calábria, com seus elementos políglotas de grego, fenício, árabe levantino e francês angevino...

Blaise Meredith debatia-se ainda com esse problema quando um criado entrou e anunciou que o almoço estava servido e que a condessa o esperava à mesa.

O ALMOÇO COMEÇOU BEM: uma conversa agradável entre gente de bom gosto e educação que, estranhamente, se encontrava numa terra estranha. A condessa conduziu com cuidado a conversa. Nicholas Black parecia contente com o seu papel de cosmopolita urbano, e

Blaise Meredith, descansado após o repouso, falou, com raro charme e bastante conhecimento, de livros, música e da política da Europa e da Igreja.

Quando chegavam quase ao queijo e às frutas, a condessa já havia começado a sentir-se novamente à vontade. Ali estava um homem que lhe era possível compreender. Encontrara muitos como ele em seus velhos dias de Londres e Roma. Era polido e discreto e, o que era ainda mais importante, compreendia o idioma inglês da alusão e da exposição incompleta dos fatos. Com pouco trabalho, podia fazer com que dependesse dela para interpretar as coisas cruas da província. Enquanto Nicki continuasse a proceder bem, não haveria complicação alguma. Ela se sentia bastante confiante, a ponto de fazer-lhe, cautelosa, as primeiras perguntas:

– Perdoe-me a ignorância, monsenhor, mas como o senhor habitualmente começa a trabalhar num caso como esse?

Meredith fez um pequeno gesto de pesar:

– Lamento dizer-lhe que não existem regras de espécie alguma. É uma questão de falar com o maior número possível de pessoas e, depois, confrontar e comparar suas informações. Mais tarde, depois de estabelecido o tribunal do bispo, pode-se interrogar e fazer a acareação das testemunhas sob juramento... e em sigilo, naturalmente.

– E por onde começará agora?

– Esperava que a senhora pudesse ajudar-me primeiro. A senhora vive aqui há muito tempo. É a *padrona*. Seus conhecimentos das condições locais seriam um bom preparativo para mim.

Nicholas Black lançou um olhar rápido e irônico à condessa, mas esta sorria, calma:

– Certamente terei prazer em fazer tudo o que estiver ao meu alcance, mas acho que é perigoso recorrer a mim. Sou a *padrona*, como o senhor diz. Mas também sou inglesa. Levo uma vida diferente. Penso diferentemente dessa gente. Minhas ideias poderiam ser inteiramente erradas. Já tive muitas provas disso. Mas por certo desejo ajudar, pelo senhor e pelo bispo. Como sabe, ele é um velho amigo meu.

– Certamente – respondeu Meredith, com um aceno de cabeça, sem insistir no assunto.

– Depois que S. Exa. me escreveu, pensei que o mais aconselhável seria pô-lo em contato com o médico e com o padre da paróquia. Ambos sabem muito mais a respeito da aldeia do que eu. Convidei a ambos para que jantassem aqui esta noite. Poderemos, então, nós quatro, trocar ideias. Assim me sentirei mais confiante, pois que o senhor terá, então, uma opinião mais equilibrada. Nicki concorda comigo, não é verdade, Nicki?

– Perfeitamente, *cara*. Este é um lugar estranho. Inteiramente diferente de Roma. Estou certo de que sua ideia é correta. Não lhe parece, monsenhor?

– Os senhores é que entendem do assunto – respondeu Meredith, com ar modesto. – Sou-lhes grato pelo trabalho que estão tendo por minha causa.

A condessa afastou a cadeira:

– Em geral, não tomo café à tarde. Estraga-me a sesta. Pietro servirá os senhores no terraço e, depois, Nicki lhe mostrará os jardins. Poderá desculpar-me, monsenhor? A beleza feminina, como o senhor sabe, necessita de sono...

Os dois homens levantaram-se e deixaram a mesa e, depois que a condessa se retirou, Nicholas Black conduziu o hóspede para o terraço, onde o café foi servido à sombra de um guarda-sol listrado. O pintor, tirando do bolso uma cigarreira de ouro, ofereceu um cigarro a Meredith.

– Fuma?

– Não, obrigado. É um luxo a que renunciei desde que fiquei doente.

– A condessa me disse que o senhor esteve muito doente.

– Muito – respondeu, secamente, Meredith. Sentia-se confortável, à vontade, e não queria que lhe lembrassem da morte.

Os criados vieram, serviram o café, e Black ficou uns instantes a fumar em silêncio, pensando em seu lance seguinte. Apesar de toda a sua sedução, aquele sujeito era vivo e inteligente. Um erro de sua parte poderia ser irreparável. Após um momento, disse em tom casual:

– Enquanto o senhor está aqui, monsenhor, espero que me deixe pintá-lo. O senhor tem um rosto interessante e mãos expressivas.

Meredith deu de ombros, num gesto que o desarmou:

– O senhor deve ter vinte temas melhores do que eu, Sr. Black.

– Digamos, então, que o seu proporciona o contraste – disse o pintor com um sorriso. – O romano palaciano entre provincianos. Ademais, espero fazer um registro pictórico de todo o caso de Giacomo Nerone. Poderia constituir uma bela base para uma exposição individual. Pensei em chamá-la “Beatificação”.

– Pode ser que jamais haja beatificação alguma – respondeu, com cuidado, Meredith. – Mesmo que haja, poderá demorar anos.

– Do ponto de vista artístico, isso quase não importa. São os personagens que contam... e há uma galeria fantástica deles por aqui. Estou pensando como o senhor irá haver-se com eles, monsenhor.

– Eu também – respondeu-lhe, franco, Meredith.

– O que me interessa, claro, é o caso amoroso. Não compreendo, realmente, como se pode pensar em beatificar um homem que seduziu uma aldeã, teve com ela um filho bastardo e, depois, a abandonou. Ele esteve aqui tempo suficiente para se casar com ela.

Meredith balançou a cabeça, pensativo:

– Isso cria problemas, claro... problemas de fato e de motivos. Mas não exclui, necessariamente, o fato de se poder levar o caso ao tribunal. Há o exemplo clássico de Agostinho de Hipona, que viveu com muitas mulheres, tendo, ele próprio, um filho ilegítimo. Não obstante, tornou-se, no fim, um grande Servo de Deus.

– Depois de uma vida muito mais longa que a de Nerone.

– Isso também é verdade. Admito, sinceramente, que as circunstâncias são embaraçosas. Espero desvendar toda a história enquanto estiver aqui. Mas, em termos de estrita teologia, não se pode ignorar a possibilidade de uma súbita e miraculosa conversão.

– Se se acredita em milagres, por certo – disse, secamente, o pintor.

– Se alguém acredita em Deus, acredita, necessariamente, em milagres.

– Não acredito em Deus – afirmou Nicholas Black.

– Sem Ele, o mundo não tem sentido – retrucou Meredith. – E é um mundo bastante duro com Ele. Mas... não se pode, por meio de argumentação, levar um homem à fé. Assim, concordaremos em discordar um do outro, sim?

Mas o pintor não estava acorde em ser posto de lado assim facilmente. Estava por demais interessado em descobrir que espécie de homem havia embaixo daquela batina preta. Voltou ao assunto:

– Gostaria de crer. Mas há demasiada pantomima profissional. Demasiados mistérios.

– Existem sempre mistérios, meu caro amigo. Se não houvesse mistério algum, não haveria necessidade de se ter fé.

– Mas o senhor não está encarando Giacomo Nerone do ponto de vista da fé – observou Black, pertinentemente. – O senhor o está investigando do ponto de vista legal.

– Trata-se de uma questão de fato, não de fé – disse Meredith.

O pintor sorriu entre dentes, feliz.

– Não obstante, encontrará uma porção de mistérios, monsenhor. Mais do que pensa, creio. E o maior mistério de todos é ninguém, em Gemello Minore, querer falar a respeito dele... nem mesmo a condessa.

– Então ela o conheceu? – indagou Meredith, animado por novo interesse.

– Claro que conheceu. Está procurando conseguir que o filho dele venha trabalhar aqui. Ela estava aqui quando ele vivia. Estava aqui quando ele morreu. Todos os outros também estavam. Não são todos amnésicos. Mas, de qualquer forma, são unidos como ostras. O senhor o verá esta noite, ao jantar.

– E qual é o seu interesse no caso?

Havia um leve tom de irritação na pergunta.

– Uma comédia de aldeia – respondeu, com brandura, Black. – E, nascendo dela, uma exposição individual de pintura. É, na verdade, bastante simples. Seja lá como for, o senhor está envolvido no caso. Eu, não. Estou apenas lhe dando, como amigo, uma indicação... Se já terminou o seu café, vou lhe mostrar o jardim.

– Ficarei aqui sentado, se o senhor não se importar. Depois, irei fazer a sesta.

– Como quiser. Sou pintor. Não gosto de desperdiçar luz. Nos veremos no jantar, monsenhor.

Meredith ficou sentado a observá-lo: uma figura alta, esguia, caminhando com indolência pelo gramado até desaparecer atrás dos arbustos. Conhecera antes alguns homens como aquele, até mesmo de batina. Pensou onde residiria a raiz do rancor que alimentava contra a condessa e por que ela continuava a dar-lhe abrigo. Pensou, também, por que a condessa havia tergiversado quando lhe pedira ajuda, prometendo-lhe um jantar campestre.

O DR. ALDO MEYER, sentado em sua cozinha, observava Nina Sanduzzi enquanto ela lhe engraxava os sapatos, passava a ferro sua camisa e limpava com uma esponja as lapelas de sua última roupa respeitável. Também ele estava preocupado com o jantar da condessa. Após a cena da noite anterior, sentira-se tentado a cancelá-lo inteiramente, mas quanto mais pensava no assunto, mais se convencera de que devia ir. Era como se uma batalha estivesse em curso, e não podia dar-se ao luxo de conceder uma única vantagem à condessa e ao intrigante cavaleiro Nicholas Black.

A dificuldade real era que não conseguia saber pelo que estava lutando... a não ser que fosse pelos interesses de Nina e Paolo Sanduzzi. Mas esse era um objetivo demasiado limitado para explicar a sua ansiedade por encontrar o sacerdote inglês e o seu completo envolvimento no caso de Giacomo Nerone.

Estava à procura de uma chave para o mistério do próprio fracasso e por um sinal indicativo qualquer no deserto de seu futuro. Tinha a curiosa convicção de que Blaise Meredith poderia fornecer-lhe ambas as coisas. Parte de sua resposta estava nos papéis de Giacomo Nerone, que se achavam na gaveta de sua escrivaninha, mas ainda não encontrara coragem para abri-los.

Várias vezes apanhara as cartas e ficara apalpando os envoltórios; mas todas as vezes recuara, receoso da dor e da vergonha que poderiam conter. Eram como as cartas de um amante rejeitado, as quais, uma vez abertas, lhe recordariam as vezes em

que fora menos do que homem. Mais cedo ou mais tarde teria de enfrentar a revelação: mas não agora, não ainda.

Nina Sanduzzi levantou os olhos do ferro de passar e disse calmamente:

– Estive pensando em Paolo. Resolvi que, afinal de contas, ele deve trabalhar para a condessa.

Meyer fitou-a boquiaberto:

– Santo Deus, mulher! Por quê?

– Primeiro, porque Rosetta estará lá, e acho que a presença dela será boa para ele. Já é quase uma mulher, e lutará por aquilo que deseja. Além disso, ela falará e eu ficarei sabendo o que se passa na *villa*. Uma vez que ela comece a trabalhar, Paolo não terá outra coisa a fazer senão vadiar e andar à toa pelos montes... e o pintor, de qualquer maneira, o agarrará.

– A condessa também estará lá – advertiu-a Meyer, em tom grave. – E ela também é mulher... mais velha e mais esperta do que Rosetta.

– Já pensei nisso – admitiu, serena. – Mas também pensei que o sacerdote estará lá na casa. Ele virá ver-me, como fizeram os outros, e lhe direi o que se passa por lá. Pedirei a ele que olhe por Paolo.

– Mas ele poderia não acreditar em você.

– Contarei todas as outras coisas... a respeito de Giacomo. Penso que acreditará em mim.

Meyer olhou-a intrigado, com ar pensativo:

– Ontem você estava resolvida a não dizer nada. O que a fez mudar de ideia? E sua promessa a Giacomo?

– O rapaz é mais importante do que uma promessa. E, além disso – acrescentou, com estranha convicção na voz –, rezei ontem, como sempre faço, a Giacomo. Não o vejo, não o ouço... Há apenas a camisa que usava quando foi morto, com o buraco das balas ao redor de seu coração. Mas sei o que quer... e é isso que farei.

– Não sabia que as pessoas mudavam de opinião depois de mortas – comentou Meyer, com humor gélido.

Mas não houve nenhuma resposta sorridente no rosto calmo da mulher. Ela apenas disse:

– Não se trata de ele ter mudado de opinião. É que o momento ainda não havia chegado... e agora chegou. O sacerdote me procurará quando estiver preparado. E eu lhe direi tudo.

Meyer deu de ombros e ergueu os braços, tomado de ligeiro desespero:

– Diga o que disser, você agirá como quer. Mas, antes que o rapaz vá para a *villa*, diga-lhe para vir falar comigo.

– Direi. Já leu os papéis de Giacomo?

– Ainda não.

– Não devia ter medo de ler – disse ela, com singular brandura. – Ele não o odiou, nem mesmo no fim. Por que deverá, agora, envergonhá-lo?

– Sinto vergonha de mim mesmo – respondeu, lacônico, Aldo Meyer, saindo para o jardim, onde as cigarras cantavam em meio ao esplendor da tarde e o pó se agarrava às folhas verdes da figueira.

Quando Meredith, àquela noite, desceu para o jantar, encontrou a condessa e seus convidados já reunidos, tomando drinques no salão.

O contraste entre eles era surpreendente. A condessa estava vestida como para uma noite romana e Nicholas Black, impecável num *dinner jacket* negro. Meyer vestia um traje de passeio surrado, muito limpo e brilhante pelo longo uso. Usava uma camisa limpa e recém-passada a ferro, mas o colarinho e os punhos começavam a desfiar, e sua gravata era desbotada e fora de moda. Contudo portava-se com dignidade, e seu rosto envelhecido, inteligente, mantinha-se calmo. Meredith sentiu-se imediatamente atraído para ele e cumprimentou-o com menos reserva do que habitualmente.

– Tenho muito prazer em conhecer o meu conselheiro médico. Estarei em boas mãos.

– Melhor reservar tal juízo para mais tarde – respondeu Meyer, com frio humor. – Tenho má reputação.

E por aí ficou a coisa, enquanto a condessa arrastava padre Anselmo do seu canto e o apresentava ao seu colega romano.

Era um homem baixo, de sessenta e muitos anos. Tinha o rosto enrugado e curtido como o dos camponeses, e os cabelos grisalhos, longos e escorridos, caíam-lhe por sobre o colarinho. Os ombros de sua batina eram mosqueteados de caspa e a parte da frente tinha velhas manchas de vinho e de gordura. Suas mãos, que ele torcia e retorcia enquanto falava, eram nodosas de artrismo. Ao cumprimentar Meredith, seu italiano tinha o sotaque carregado e rude da província.

– Muito prazer em conhecê-lo, monsenhor. Não recebemos muitos romanos por aqui. É muito longe e muito rústico para eles, creio eu.

Meredith sorriu pouco à vontade e murmurou uma observação banal, mas o velho era loquaz e não estava disposto a ficar de lado.

– Aí é que está a dificuldade nesta parte do mundo. O Vaticano sequer sabe o que se passa por aqui. Eles têm muito dinheiro, mas nós não sentimos sequer o cheiro dele. Lembro-me de que, quando estava em Roma...

Continuaria a falar durante uma hora, não houvesse a condessa feito sinal a um criado, que lhe meteu na mão um cálice de xerez e afastou-o delicadamente do visitante. Meredith sentia-se constrangido. Mesmo em seus melhores dias, os clérigos enebados lhe eram desagradáveis, e a perspectiva de uma longa associação com aquele lhe parecia sumamente desalentadora. Mas lembrou-se, então, de Aurélio, bispo de Valenta, e imediatamente se envergonhou de si mesmo. Ignorando o criado que o pastoreava, aproximou-se do velho e disse-lhe, em tom cordial:

– S. Exa. envia-lhe suas saudações e espera que eu não lhe cause demasiado incômodo. Mas receio precisar apoiar-me muito em seus pareceres.

Padre Anselmo tomou um longo gole de xerez e olhou-o com olhos lacrimejantes. Depois, balançou a cabeça e disse, impertinente:

– S. Exa. envia-me saudações! Quanta bondade! Sou uma pulga que tem atrás da orelha e da qual gostaria de livrar-se. Mas não pode fazê-lo sem levar o caso a um tribunal. Eis como são as coisas. É bom que nos entendamos bem.

Como acontece com a maioria das pessoas educadas, Meredith não tinha defesa contra a grosseria dos outros. Aquilo o magoou, mas faltava-lhe a brutalidade para uma atitude ríspida. Apenas disse, genialmente:

– Eu sou o visitante; nada tenho com a política local. Não há razão para que não nos entendamos.

E voltou-se para conversar um pouco com Ana Luísa de Sanctis.

Aldo Meyer notou prontamente a brusca troca de palavras e marcou um ponto a favor de Blaise Meredith. O homem era bem-educado e discreto. Era bem possível que, mais tarde, revelasse coração.

Nicholas Black também o notou e sorriu astutamente para a condessa, cuja resposta, num simples erguer de sobrancelhas, lhe disse de maneira mais clara do que por meio de palavras: isso está saindo como planejei: tortuosamente e bem. E como os interesses do pintor naquele momento eram os mesmos que os dela, sentiu-se disposto a cooperar e a esquecer o ódio que sentia por ela. Enquanto Meredith falava com a anfitriã e o padre Anselmo permanecia um tanto à parte, com um olho no xerez e um ouvido na conversa, arrastou Meyer para um lado e perguntou-lhe, sorridente:

– Então, *dottore mio*, o que acha do nosso Advogado do Diabo?

– Causa-me pena. Já tem sobre ele o sinal da morte. A esta altura, já deve estar sofrendo muito.

O pintor teve um estremecimento involuntário, como se um ganso caminhasse sobre o seu túmulo. Respondeu, em tom queixoso:

– Não falemos de morte à mesa, meu caro amigo. Estava pensando em outra coisa. Como acha que ele irá agir? De modo agradável ou...?

Deixou a pergunta no ar, como uma ironia em suspenso. Mas Meyer nada fez para resolver a questão.

– Por que deveríamos, o senhor e eu, preocupar-nos?

– Sim, com efeito – disse, irritado, Nicholas Black, e deixou o assunto de lado.

Meyer sorvia seu xerez e observava o rosto de Meredith, enquanto este falava com a condessa e com padre Anselmo. Notou-lhe a magreza, a lívida transparência da pele, as rugas de sofrimento traçadas cada vez mais profundamente em torno da boca, os olhos cansados, injetados, que dormiam pouco e viam demais a tristeza das coisas. Os homens reagiam de várias maneiras à dor e ao medo. Aquele que ali estava parecia estar suportando ambas as coisas com coragem, mas ainda era muito cedo para ver o que mais lhe estava acontecendo.

Poucos momentos depois o jantar foi anunciado e todos se dirigiram à sala. A condessa postou-se à cabeceira da mesa, tendo Meredith à sua direita, Meyer à esquerda e padre Anselmo e Nicholas Black mais longe. Antes que se sentassem, ela se voltou para Meredith:

– Quer fazer o favor de conduzir a ação de graças, monsenhor?

Enquanto Meredith, recitando a breve fórmula latina, se mantinha de cabeça baixa, o pintor riu em silêncio. Que atriz era aquela mulher! Nenhum pormenor fora esquecido! Estava tão absorto em seu divertimento que, sem pensar, fez o sinal da cruz e, finda a oração, passou uns cinco minutos pouco confortáveis pensando se Meredith havia ou não percebido. Como ateu confesso, o sacerdote o deixaria entregue à misericórdia de Deus; mas, como católico relapso, provavelmente tentaria pescar-lhe a alma, o que poderia constituir um embaraço quanto aos planos referentes a Paolo Sanduzzi.

Como sob o efeito de uma sugestão, a condessa repetiu o nome a Aldo Meyer:

– E o jovem Paolo, doutor? Virá trabalhar para mim?

– Creio que sim – respondeu Meyer, cauteloso. – Sua mãe provavelmente virá vê-la amanhã.

– Ótimo – fez ela, voltando-se para Meredith, a fim de explicar-lhe: – Isto talvez lhe interesse, monsenhor. O jovem Paolo Sanduzzi é filho de Giacomo Nerone. Foi batizado com o nome da mãe. É um tanto selvagem, mas nós... isto é, o Dr. Meyer e eu, achamos que seria bom que ele começasse a trabalhar. E eu lhe ofereci um lugar de ajudante de jardineiro.

– Parece-me uma ideia bondosa – disse, em tom casual, Meredith. – Como a mãe dele vive?

– Trabalha para mim – informou Meyer.

– Ah!

– Era uma mulher muito bonita – observou padre Anselmo, a boca cheia de peixe. – Agora está engordando um pouco, claro. Lembro-me dela quando fez a primeira comunhão. Uma criança encantadora!

Engoliu o peixe com um gole de vinho e limpou a boca com o guardanapo amassado. Depois, como ninguém dissesse nada, tornou a debruçar-se sobre o seu prato. Meredith voltou-se para Meyer:

– O senhor conheceu Giacomo Nerone, não é verdade, doutor?

– Sim, conheci-o – respondeu Meyer, com fácil franqueza. – Fui a primeira pessoa que o viu depois de Nina Sanduzzi. Ela me chamou para extrair-lhe uma bala do ombro.

– Ela devia confiar no senhor, doutor – interveio Nicholas Black, suavemente.

Meyer livrou-se do golpe com um dar de ombros:

– Não havia razão para que não confiasse. Eu era um eLivros político. Todos sabiam que minhas simpatias eram contrárias à Administração.

O pintor sorriu e aguardou a próxima pergunta. Seu rosto se anuviou de desapontamento quando Meredith disse, simplesmente:

– Talvez o senhor saiba, doutor, que numa causa de beatificação é admitido mesmo o testemunho de não católicos, contanto que estejam dispostos a prestá-lo. Gostaria de conversar com o senhor a respeito, no momento que lhe seja mais conveniente.

– A qualquer momento, monsenhor.

E pensou, satisfeito: sua estatura é melhor do que eu julgava. Não o apanharão tão facilmente!

Ana Luísa de Sanctis interveio logo, no silêncio que se seguiu:

– Talvez padre Anselmo possa ajudá-lo muito, monsenhor. Ele está bastante ligado à nossa gente. O senhor também conheceu Nerone, não conheceu, padre?

Padre Anselmo largou com estrépito o garfo e tomou outro gole de vinho. Sua voz tornara-se perceptivelmente mais grossa e seu sotaque, mais carregado:

– Jamais me interessei muito por ele. Era por demais intrometido. Qualquer pessoa diria que também era sacerdote. Costumava bater à minha porta sempre que alguém tinha uma dor de barriga. Queria que eu saísse correndo com os Sacramentos. Uma noite, quase fez com que eu fosse baleado pelos alemães. Depois disso, não tornei a sair após o toque de recolher.

– Tinha esquecido – atalhou Meredith, com naturalidade. – Os senhores tinham os alemães aqui, claro. Isso não devia ser muito confortável.

– Eles capturaram a *villa* – disse rapidamente a condessa. – Fiquei presa, sob palavra, durante quase todo o tempo. Foi terrível. Nunca senti tanto medo em minha vida.

Nicholas Black limpou os lábios finos e sorriu atrás do guardanapo. Imaginou-a caminhando pelo jardim em companhia dos conquistadores, exercendo sua coqueteria nos braços de um capitão louro, deitando-se com ele no grande quarto barroco, atrás das cortinas de veludo, enquanto os camponeses passavam fome atrás dos portões de ferro e do muro de pedra. Presa sob palavra? Deveria haver outros nomes para isso. Um pouco de paciência e teria toda a história de Ana Luísa de Sanctis.

Blaise Meredith pareceu não notar a ironia e prosseguiu:

– As primeiras provas pareciam indicar que Giacomo Nerone agia como uma espécie de mediador entre os camponeses e as tropas de ocupação. O que acha disso, condessa?

– Acho que talvez seja um exagero. Quase toda a mediação era feita por mim. Quando as relações se tornavam tensas na aldeia, meus criados me diziam, e eu me aproximava do comandante... Em base muito oficial, é claro. Ele, em geral, procurava cooperar. Penso que talvez Nerone tenha exagerado a sua influência para conseguir aumentar seu prestígio junto ao povo.

Os criados então começaram a mexer-se em torno da mesa, trocando os pratos já servidos. Meredith parecia não ter pressa em prosseguir no assunto. Nicholas Black aproveitou-se da pausa para fazer uma pergunta cheia de farpas:

– Alguém já estabeleceu definitivamente quem era esse homem e de onde vinha?

Ana Luísa de Sanctis estava ocupada com os criados, Meyer permanecia esquisitamente mudo, padre Anselmo estava ocupado com outro copo de vinho e, após um momento de embaraçoso silêncio, Meredith respondeu:

– Isso jamais ficou muito claro. A princípio, foi tido como italiano. Mais tarde, ao que parece, alguém manifestou opinião de que podia

ter sido membro de uma das unidades aliadas que operavam no sul. Inglês, talvez, ou canadense.

– Interessante – disse o pintor, secamente. – Houve alguns milhares de desertores no teatro de operações italiano.

– Isso também é possível – concordou Meredith. – É algo que espero descobrir de modo preciso.

– Se ele fosse desertor, não poderia ser santo, certo?

– Por que não? – indagou Meredith, com súbito interesse.

O pintor estendeu as mãos com fingida humildade:

– Não sou teólogo, claro; mas todo soldado faz um juramento de fidelidade. Quebrar um juramento solene deveria ser um pecado, não? E um desertor estaria vivendo num constante estado de pecado.

– Como descrente, o senhor possui uma lógica muito cristã – observou Meredith, com ligeiro senso de humor.

Um pequeno sorriso percorreu a mesa, e o pintor enrubesceu, encabulado.

– Pareceu-me uma proposição lógica.

– Perfeitamente lógica – concordou Meredith. – Mas pode ser que haja outros fatos. Um homem não pode comprometer-se por juramento a pecar. Acaso se exija dele que cometa um pecado sob juramento ele é obrigado a recusar.

– Como o senhor estabelece o fato, monsenhor? E o motivo?

– Temos de confiar no testemunho, sob juramento, daqueles que o conheceram intimamente. O tribunal, então, tem de examinar o valor do testemunho. – E acrescentou com um sorriso que desarmou o outro: – É uma longa tarefa.

– Uma complicação para os senhores de Roma – interveio, subitamente, padre Anselmo –, que não enxergam as coisas mais simples... mesmo quando se passam debaixo de seus narizes...

Sua voz era tão indistinta e vacilante que os convidados se olharam tomados de viva apreensão, fitando depois a condessa, que se conservava rígida à cabeceira da mesa. E o velho prosseguiu, vacilante:

– Todos estão falando como se ninguém soubesse de nada. Nós todos sabíamos quem ele era. Eu sabia. O doutor sabia. A...

– Ele está embriagado – disse a condessa, com voz clara e dura.
– Lamento este espetáculo, monsenhor, mas deviam levá-lo para casa imediatamente.

– É velho – comentou Meyer em voz baixa. – Seu fígado está arruinado, e basta muito pouco para que seja posto fora de combate. Eu o levarei para casa.

O velho lançou um olhar nebuloso em torno da mesa, esforçando-se por retomar o fio de suas ideias. Sua cabeça grisalha oscilava e um pequeno fio de vinho escorria-lhe pelos lábios flácidos.

– Pietro pode ir com o senhor – disse a condessa, lacônica.

– Eu irei – atalhou Nicholas Black.

Meredith afastou a cadeira e levantou-se. Havia uma entonação nova em sua voz clara e precisa:

– É um sacerdote. Eu o levarei para casa, em companhia do doutor.

– Levem o meu carro – disse Ana Luísa de Sanctis.

– É melhor que ele ande – respondeu, baixo, Aldo Meyer. – O ar fresco lhe fará bem. Não é longe. Ajude-me a ampará-lo, monsenhor.

Juntos, tiraram-no da cadeira e o conduziram para fora, passando pelo criado que se achava à porta e saindo para o caminho coberto de cascalho.

Nicholas Black e a condessa ficaram ainda sentados à mesa, olhando um para o outro. Decorrido um momento, o pintor comentou em voz baixa:

– A coisa chegou muito perto, *cara*, muito perto, não lhe parece?

– Vá para o inferno! – exclamou a condessa, deixando-o sozinho, a sorrir como um sátiro diante dos destroços do jantar de sua ama.

ENQUANTO CAMINHAVAM pela estrada esburacada na direção da aldeia, com padre Anselmo dependurado de seus ombros, os pés trotando a esmo ao ritmo dos próprios passos, Meredith ficou surpreso ao verificar quão leve era o velho. Na sala de visitas e à mesa do jantar, parecia inchado e gordo; agora, era apenas um frágil velho barrigudo, de cabeça gordurosa e oscilante, que murmurava

palavras ininteligíveis, babava-se e agarrava-se a eles, desvalido como uma criança doente.

Meredith, que raramente se aproximava de um bêbado e jamais vira um sacerdote embriagado, a princípio sentiu-se revoltado, mas depois passou a experimentar viva compaixão. Ali estava o que acontecia a certos homens quando o terror da vida os assaltava. Eis em que se transformavam quando a idade lhes debilitava as faculdades, quando a decadência se lhes insinuava entre os tecidos e a vontade fraquejava sob o fardo dos anos das recordações. Quem poderia amar aquela trôpega ruína humana? Quem se importaria que ele vivesse ou morresse ou que sua alma fosse para sempre condenada... se é que sobrava uma alma após a longa devastação dos anos.

Meyer se importava... o bastante, pelo menos, para afastá-lo rapidamente da sala e impedir que cometesse novas indignidades, para desculpá-lo com dignidade, dar-lhe o braço e fazer com que fosse para casa usando as próprias pernas. Meyer se importava: o semita malvestido, de má reputação, que compreendia o que acontece a um homem quando o seu fígado ingurgita, quando a sua próstata falha e quando não pode segurar direito uma colher devido ao artritismo articular. E Blaise Meredith? Também se importava? Ou estava tão preocupado com a sua dor no ventre que não conseguia ver que havia outras maneiras mais mesquinhas de morrer e sofrimentos mais agudos do que os seus?

Ainda mastigava o mau bocado por que estava passando quando chegaram à casa do padre. Tiraram o fardo de seus ombros e seguraram o padre de encontro à parede, enquanto Meyer batia com força na porta da frente. Passado um instante, ouviram, do lado de dentro, passos arrastados, e logo depois uma velha gorda, vestindo uma bata preta e tendo à cabeça, enviesada, uma touca encardida que mal lhe cobria os cabelos desgrenhados, abriu a porta. Espiou-os sonolenta:

– Bem! O que se passa? Não podem deixar a gente dormir? Se procuram o padre, ele não está aqui. Ele...

– Está embriagado – disse Meyer, em tom amável. – Nós o trouxemos para casa. É melhor que o leve para a cama, Rosa.

Ela voltou-se para o médico, zangada:

– Eu sabia que isso iria acontecer! Bem disse a ele! Por que não podem deixá-lo em paz? Não foi feito para meter-se com gente fina. É apenas um velho... uma criança grande que não sabe cuidar de si mesma. – Tomou a mão do padre e procurou fazê-lo entrar: – Vamos, seu maluco! Rosa o meterá na cama e cuidará de você...

Mas o velho cambaleou, tropeçou, e teria caído se Meyer não o segurasse.

– Vamos, monsenhor – disse o médico, lacônico. – É melhor que o carreguemos até a cama. A mulher é quase tão velha quanto ele.

Ergueram-no pelos pés e pela cabeça e o conduziram para dentro da casa, subindo por uma escada rangente, com Rosa Benzoni à frente, iluminando o caminho com uma vela de sebo. A casa cheirava a ranço e a bolor, como um buraco de camundongo, e, ao chegarem à cama, Meredith viu que se tratava de uma grande cama de casal, de cobertas ensebadas e que um lado já se achava em desordem. Carregaram até ela o velho e fizeram-no deitar. Meyer pôs-se a afrouxar o colarinho e os sapatos.

A velha afastou-se para o lado, resmungando:

– Deixem-no em paz! Deixem-no em paz, pelo amor de Deus! Esta noite já lhe causaram muito dano. Posso cuidar dele. Venho fazendo isso há muito tempo.

Após um momento de hesitação, Meyer deu de ombros e saiu do quarto. Meredith seguiu-o, descendo com cuidado os degraus rangentes, em meio do ar abafado, até chegar à agradável frescura da noite enluarada.

Meyer levou um charuto aos lábios finos, acendeu-o e aspirou profundamente a fumaça. Depois, lançou a Meredith um olhar de soslaio, especulativo, e perguntou, friamente:

– Está chocado, monsenhor?

– Tenho pena dele – respondeu, em voz baixa, Meredith. – Profunda pena.

Meyer deu de ombros:

– A metade da culpa cabe à Igreja, meu amigo. Enviam um pobre-diabo como Anselmo para um lugar como este... Um homem de pouca educação, sem estipêndio, sem segurança de espécie

alguma... e esperam que permaneça celibatário durante quarenta anos. Não passa de um campônio e, além de tudo, de um campônio não muito inteligente. Teve a tremenda sorte de encontrar uma mulher como Rosa Benzoni, que ralha com ele e lhe conserva as meias limpas.

– Eu sei – disse Meredith, com ar absorto. – Isso é o que me comove mais do que tudo. É como uma esposa para ele. Ela... ela o ama.

– E isso o surpreende, monsenhor?

– Causa-me pesar... – respondeu, balançando a cabeça como para afastar um pesadelo que o perseguisse. – Passei toda a minha vida no exercício do sacerdócio e acho... acho que a desperdicei.

– Então somos dois – disse Meyer, em voz baixa. – Vamos até minha casa e lhe farei uma xícara de café.

NO APOSENTO DE teto baixo, mal iluminado, da casa campestre de Meyer, com seus móveis camponeses e suas fileiras de vasilhas de cobre polidas pelas mãos cuidadosas de Nina Sanduzzi, Meredith sentiu o mesmo bem-estar e intimidade que tinha experimentado na casa de Aurélio, o bispo. Sentiu-se grato por aquilo, como se sentira antes, mas dessa vez a sensação de bem-estar foi mais rápida e menos consciente. Sabia, agora, quanto necessitava de amizade e estava disposto a avançar mais do que meio caminho ao seu encontro. Enquanto Aldo Meyer andava pela sala pondo as xícaras sobre a mesa, tirando o café com uma colher e cortando a última fatia de pão para servir com queijo, indagou, abruptamente:

– O que significa o jantar desta noite? Tudo parecia apontar para algo, mas não consegui perceber o que era.

– É uma longa história – respondeu Meyer. – Demorará algum tempo para que possa ser posta em ordem para o senhor. A reunião foi ideia da condessa. Queria mostrar o tipo de gente com quem o senhor teria de lidar... e quão melhor seria se o senhor se apoiasse nela, e não em dois vagabundos do campo, como Anselmo e eu.

– Tive a impressão de que estava com medo do que pudesse ser dito.

– Também isso – concordou Meyer, com um aceno de cabeça. – Todos nós, há muito tempo, temos sentido medo.

– De mim? – indagou Meredith, fitando-o com ar de surpresa.

– De nós próprios – respondeu Meyer, com um sorriso enviesado.

– Todos nós que lá estávamos esta noite estivemos envolvidos, deste ou daquele modo, na vida e na morte de Giacomo Nerone. Nenhum de nós se saiu muito airosamente do caso.

– Isso inclui o inglês... o pintor?

– Ele se envolveu no caso mais tarde. É um indivíduo esquisito... que se sentiu atraído pelo jovem Paolo Sanduzzi. Fez com que a condessa o ajudasse a seduzi-lo.

Meredith escandalizou-se:

– Mas isso é monstruoso!

– É humano – disse, calmamente, Meyer. – Soa melhor quando se trata de uma moça e não de um rapaz. Mas a ideia é a mesma.

– Mas a condessa disse que o senhor concordou em que o rapaz trabalhasse na *villa*.

– Estava mentindo. É uma mentirosa consumada. E isso nos torna difícil ajudá-la.

Trouxe o bule para a mesa e despejou o conteúdo fumegante em duas xícaras de cerâmica. Depois, sentou-se diante de Meredith, que o fitou com olhos perplexos:

– O senhor é muito franco, doutor... Por quê?

– Aprendi alguma coisa na vida, embora tarde – respondeu Meyer, com firmeza. – Não se pode jamais enterrar tão profundamente uma verdade a ponto de que não possa ser desenterrada. Temos tentado enterrar a verdade acerca de Giacomo Nerone, e agora ela surge em torno de nossos pés. O senhor a saberá, mais cedo ou mais tarde... e acho que deveria sabê-la já. Depois, poderá voltar para Roma e deixar-nos em paz.

– Isso significa que o senhor também está disposto a depor?

– Perfeitamente.

– E a verdade... é o seu único motivo?

Meyer levantou rapidamente a cabeça e pela primeira vez viu, o inquisidor que vivia debaixo da pele de Blaise Meredith. Perguntou, cautelosamente:

– E o meu motivo importa, monsenhor?

– Dará colorido ao depoimento – respondeu Meredith. – Mas poderá obscurecer a verdade... que é a verdade a respeito da alma de um homem.

Meyer balançou gravemente a cabeça. Compreendia a questão. Respeitava o homem que a formulava. Após uma pausa, respondeu:

– Tanto quanto um homem pode ser honesto acerca de seus motivos, eis os meus: compliquei tremendamente a minha vida. E não sei bem por quê. Participei, também, da morte de Giacomo Nerone. Estava errado quanto a isso. Mas não creio que estivesse enganado quanto aos outros juízos que fazia dele. Quero falar de tudo isso; quero que alguém me coloque tudo isso dentro da devida perspectiva. Do contrário, acabarei como o velho Anselmo, arranjando uma cirrose por não poder enfrentar os meus pesadelos. Eis por que estava com medo do senhor, como os outros. Se não confiasse no senhor, não poderia falar.

Um brilho divertido animou os olhos de Meredith. Indagou, irônico:

– E o que o leva a pensar que pode confiar em mim, doutor?

– O fato de o senhor possuir a graça de envergonhar-se de si mesmo – respondeu, com franqueza, Meyer. – E isso é bastante raro, na Igreja ou fora dela... Agora, tome o seu café e conversaremos um pouco, antes que o mande para a cama.

Mas não houve mais conversa para Meredith naquela noite. O primeiro gole de café fez com que perdesse o fôlego. Assaltou-o de novo a dor no estômago, e Meyer o conduziu, cambaleante, para o jardim, a fim de desfazer-se da bÍlis e do sangue que o afogavam. Depois, passado o espasmo, Meyer fez com que se deitasse em sua cama e começou a apalpar-lhe o ventre murcho, apertando a massa dura, mortal, que crescia em seu interior.

– Acontece isso com frequência, monsenhor?

– Está se tornando cada vez mais frequente – respondeu, penosamente, Meredith. – Durante a noite é pior.

– Quanto tempo de vida lhe deram?

– Doze meses; talvez menos.

– Reduza isso à metade! – disse-lhe, francamente, Meyer. – Torne a reduzir e se aproximará mais da verdade.

– Tão cedo assim?

Meyer fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Na verdade, o senhor já deveria estar, nesta altura, num hospital.

– Quero continuar de pé tanto quanto puder.

– Tentarei mantê-lo de pé – disse Meyer, com relutante admiração. – Mas, se isso se tornar demasiado frequente, será preciso um milagre!

– Foi o que o bispo queria que eu pedisse... um milagre.

Disse-o em tom jocoso, procurando transformar num gracejo a dor que de novo começava a assaltá-lo. Mas Meyer agarrou-se àquilo como um cão rafeiro:

– Diga isso de novo!

– O bispo queria que eu pedisse um sinal... uma prova tangível da santidade de Giacomo Nerone. Algumas das curas que lhe são atribuídas poderiam ser milagres, mas duvidou que possamos provar qualquer uma delas judicialmente... de modo que a minha cura talvez pudesse ser uma delas.

– E o senhor, monsenhor? O que respondeu a isso?

– Não tive a coragem de concordar.

– Preferiu sentir a dor que sente agora... e a que ainda virá?

Meredith fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Tem tanto medo do seu Deus, meu amigo?

– Não sei bem do que tenho medo... É... é como se me pedisse para lançar-me através de um círculo tapado com um papel, do outro lado do qual existem trevas ou uma tremenda revelação. A única maneira pela qual poderei saber é saltando. Eu... eu... eu não tenho coragem de fazê-lo. Isso lhe parece estranho, doutor?

– Estranho... e, contudo, não tão estranho assim – respondeu Meyer, pensativo. – Estranho, tratando-se de um homem como o senhor; mas, para mim, bastante fácil de compreender.

Estava pensando nos papéis de Giacomo Nerone que ainda permaneciam intatos em sua escrivaninha – e estava pensando,

também, no medo que o assaltava todas as vezes que procurava abri-los.

Mas Meredith não pediu explicações. Fechou os olhos e recostou-se, pálido e exausto, no travesseiro. Meyer deixou-o dormir até a meia-noite e, quando despertou, levou-o a pé de volta à *villa*, recomendando ao porteiro que o conduzisse ao quarto.

À MEIA-NOITE, NICHOLAS Black também estava desperto. Sentado em sua cama, fumava um cigarro e contemplava, com profunda satisfação, o retrato de Paolo Sanduzzi, colocado sobre o cavalete, diante das cortinas cerradas. Escolheu aquela posição com certo cuidado, de modo que a luz caísse sobre o quadro vindo do ângulo certo – e a figura do rapaz se lançava para a frente, afastando-se do lenho escuro da árvore-patíbulo. Os lábios escarlate sorriam para o homem que os pintara, e os olhos eram brilhantes, na contemplação do futuro velado enganador.

Narciso, em seu tanque, não se viu mais belo do que Nicholas Black na solitária contemplação de sua própria criação. Não obstante, nem mesmo aquele prazer podia deixar de ligá-lo ao que havia de lamentável em sua situação: que aquele era o ponto mais próximo a que podia chegar do que os outros homens possuíam por direito natural... filhos do próprio amor, amados e dirigidos para o desabrochar de sua masculinidade. Será que jamais haveria um fim para aquela busca, o pânico arquejante, a azeda humilhação do fracasso?

Às vezes, com outras pessoas, aquilo deveria ter um fim. Outros buscavam, casados, as suas virgens, que lhes geravam filhos e lhes aqueciam os chinelos, enquanto se arrependiam, felizes, no veranico de suas vidas. Logo deveria chegar ao próprio porto, antes que os ventos de inverno se pusessem a soprar e as folhas mortas a farfalhar em torno das aleias do jardim.

Lembrou-se, então, da conversa mantida durante o jantar, e a esperança de novo começou a despertar nele. Amanhã, dissera Meyer, o rapaz viria. Sua mãe falaria com Ana Luísa de Sanctis e seria destinado ao serviço com os jardineiros. Durante as manhãs e

as tardes, lá estaria – um camponês rústico a ser arrastado a costumes gentis, um criado a ser seduzido, devendo transformar-se em filho. Aquilo exigiria tato, delicadeza e, às vezes, também firmeza, de modo que desde o princípio ficasse claramente estabelecida a natureza de suas relações. Nicholas Black percebia astutamente a atração que exercia sobre o jovem, bem como a capacidade que o jovem tinha de atraí-lo, para ruína de ambos. Precisava fazer com que o rapaz compreendesse que todas as suas esperanças residiam numa associação disciplinada, e que qualquer tentativa que fizesse no sentido de explorar o seu patrão as destruiria por completo. Contudo, dando tempo ao tempo e levando em conta a intimidade casual que entre eles poderia existir na *villa*, tinha esperança de que aquilo podia ser feito.

O que o preocupava é que só podia entender a metade das razões que levavam a condessa a ajudá-lo em sua conquista. A metade dessas razões era bastante simples. Desejava sua cooperação para lidar com o sacerdote. Precisava de um aliado compreensivo que lhe desse coragem. Mas as razões que ainda permaneciam ocultas o preocupavam ainda mais.

O mundo dos amantes perdidos é uma selva onde todo o tempo é uma estação de cio. Não existe misericórdia na fuga desesperada, completa, da solidão.

A corrida é ganha pelos mais rápidos; a posse, pelo mais forte. A necessidade selvagem de acasalar e esquecer disfarça os gestos mais civilizados. As palavras mais simples adquirem um colorido de paixão e intriga.

Nicholas Black vivera muito tempo na selva e não lhe restavam mais ilusões. Se Ana Luísa de Sanctis o ajudasse, seria para atingir, no fim, os próprios desígnios. E quais eram eles? Paixão, talvez? Toda estação trazia sua safra de viúvas ricas que erguiam a saia e se entregavam a rapazelhos na primavera do Mediterrâneo. As viúvas pagavam e os rapazes representavam a comédia com cinismo latino, depois voltavam para suas namoradas com os lucros, para se casar com elas. Mas a condessa era demasiado experiente para fazer papel de tola em sua própria aldeia. Capri estava logo atrás da

esquina. Roma era distante e mais discreta. Ela dispunha de dinheiro e de liberdade para se divertir onde quer que fosse.

Devia haver outra razão. O receio que ela sentia de Meredith indicava a existência de algum caso com Giacomo Nerone. A esposa de Putifar, talvez? A liberal senhora transformou-se numa cadela quando José fugiu dela, deixando-lhe as vestes nas mãos e indo divertir-se com uma camponesa em vez de o fazer com a *padrona* da *villa*.

O ciúme às vezes adquiria formas extravagantes. Paolo Sanduzzi, o rapazote, seria uma censura perpétua ao seu fracasso como mulher e amante. Seduzi-lo, afastando-o da mãe, seria uma vingança indireta contra o pai... e um insulto cabal dirigido a Nicholas Black.

Uma lenta onda de ódio nasceu em seu íntimo, e ele recostou-se aos travesseiros, fitando o retrato de Paolo Sanduzzi e odiando a mulher que, em troca de hospedagem e da promessa de uma exposição, pensava comprá-lo, mergulhando-o em tão brutal servidão.

ANA LUÍSA DE SANCTIS estendeu-se em sua banheira de mármore e sentiu a água suave mover-se sobre a sua pele como um símbolo de absolvição. O vapor perfumado erguia-se agradavelmente, tornando vagos os ásperos contornos da realidade e misturando-se à eufórica névoa dos barbitúricos que logo a mergulhariam no esquecimento.

Aquele estreito quarto, com seus frascos de cristal e seu espelho embaçado, era o ventre do qual nascia, nova, todas as manhãs e ao qual se recolhia todas as noites da gemente confusão da solidão. Suspensa no fluido letal, dentro das cálidas e estriadas paredes de mármore, podia flutuar absorta em si mesma, justificada aos próprios olhos, irresponsável, mergulhada numa ilusão de eternidade.

Mas a ilusão se tornava cada dia mais tênue. O impacto de cada manhã tornava-se mais brutal. Mãos intrusas estendiam-se na direção de sua intimidade; vozes a ameaçavam, chamando-a do

crepúsculo para o rude dia, e ela sabia que não podia mais mantê-las por muito tempo afastadas.

Meyer era o primeiro de seus adversários; o médico desmazelado, de rosto desiludido e punhos puídos, o reformador fracassado, o filósofo barato, o homem que tudo sabia e nada realizava, que era inimigo das ilusões porque ele mesmo não tinha nenhuma. Em outros tempos, podia fazê-lo voltar-se contra Giacomo Nerone, mas agora toda a sua atenção estava voltada para Nina Sanduzzi, que dera à luz o filho de Nerone. Recusara-se até mesmo à piedade que ela suplicara e, com uma frase brutal, pusera a nu aquilo com que procurara iludir-se.

Ela queria um filho. Isso era verdade. Queria Paolo Sanduzzi. Também isso era verdade. Mas o queria para si. Era filho de Nerone, a carne de sua carne, sangue de seu sangue. Tinha amor para dispensar-lhe... e dinheiro também. Amor que Nerone lhe lançara de volta ao rosto. Dinheiro para resgatá-lo da vida sórdida a que o pai o condenara. Mas Meyer permanecia em seu caminho. Meyer e Nina Sanduzzi – e até mesmo o macilento clérigo que viera de Roma.

Ela vivia há muito tempo na Itália e compreendia o funcionamento sutil da Igreja em sua vida meridional. Seus príncipes entregavam-se à política com maquiavélica habilidade, mas, não obstante, eram severos quanto à observância da moralidade pública, embora governassem um povo apaixonado e recalcitrante. Não hesitava em invocar o estatuto civil como uma sanção para os Dez Mandamentos. Como aliado, Meredith poderia ajudá-la grandemente; como inimigo, seria implacável, invencível.

Assim, por caminhos tortuosos, voltava para Nicholas Black. Tinha pouca fé em sua estabilidade; mas precisava de um aliado, e aquele já estava comprado e era fácil de manejar. Não acreditara um momento sequer em seus protestos de puro afeto pelo rapaz. Via aquilo simplesmente como um lance calculado de sedução – e sua promessa de ajuda era igualmente calculada.

Daria ao pintor tempo e oportunidade para agir junto a Paolo, tentando-o com amizade e a promessa de uma vida de *gentleman* em Roma. O rapaz cederia rapidamente, tocado, como já estava, pelos descontentamentos da adolescência. O pequeno escândalo da

ligação existente entre ambos se converteria num grande escândalo. O controle materno de Nina Sanduzzi seria posto em dúvida. Então... então a condessa entraria em cena, a *padrona* solícita, a castelã zelosa dos interesses de sua gente. Ela se ofereceria para afastar o rapaz de um perigo de corrupção, para educá-lo, primeiro em Roma e depois na Inglaterra.

Mesmo a Igreja veria mérito em tal ação. Se Giacomo Nerone devia ser elevado aos altares, eles não desejariam que o seu filho andasse a se prostituir pelas aldeias, como muitos outros jovens camponeses. Que Nicholas Black representasse, se quisesse, com íntima satisfação, o papel de intrigante mesquinho; ainda assim, seria ela quem, no fim, ganharia a parada. Caminharia pela Via Veneto, orgulhosa e realizada, em companhia de Paolo Sanduzzi como se Giacomo Nerone o houvesse gerado no corpo estéril dela.

Saiu do banho, enxugou-se, perfumou-se e vestiu-se para dormir. Depois se deitou sob o grande dossel de brocado e deixou-se mergulhar num sono produzido por estupefacientes, sonhando com um rapaz moreno e sorridente, cuja mão estava firmemente presa à dela. E quando ele se transformou, passando de jovem para homem, de filho para amante apaixonado, aquilo não foi senão, afinal de contas, uma ilusão noturna, de que não lhe cabia, absolutamente, culpa alguma.

Logo cedo na manhã seguinte, enquanto Nina Sanduzzi varria e limpava a casa, Aldo, sentado debaixo da figueira, conversava com Paolo.

A entrevista começou desajeitadamente. O rapaz mostrava-se insociável e arredio, e as primeiras e vacilantes tentativas de Meyer nada fizeram para conquistar-lhe a confiança. Conservava os olhos fixos no topo da mesa, mastigando nervosamente um raminho, e dava suas respostas num murmúrio quase inaudível, de modo que Meyer se viu obrigado a dominar a própria irritação e a manter a voz num tom cordial.

– Sua mãe falou com você acerca de trabalhar para a condessa?

– Falou.

– Sabe que a jovem Rosetta também vai para a *villa*?

– Sei.

– O que acha disso?

– Creio que está bem.

– Você quer ir ou não?

– Isso não me importa.

– O ordenado não é mau. Você poderá manter sua mãe e ainda ter algum dinheiro para você.

– Sim, eu sei.

– Isso significa que você está virando homem, Paolo.

O rapaz deu de ombros e pôs-se a palitar os dentes com o raminho. Meyer tomou um gole de café e acendeu um cigarro. O

lance seguinte era o mais importante. Esperava não estragar a coisa. Depois de um momento, disse, tão delicadamente quanto possível:

– O começo da vida de um homem é a parte mais importante dela. Em geral, compete ao pai colocar o filho no bom caminho. Como você não tem pai, eu... eu gostaria de ajudar.

Pela primeira vez o rapaz levantou os olhos e encarou-o. Havia desafio no olhar, bem como uma leve hostilidade. Sua pergunta foi direta e pouco cordial:

– Por que se preocupa com isso?

– Procurarei dizer-lhe – respondeu Meyer, sereno. – Se você não ficar satisfeito, faça-me as perguntas que quiser. A primeira coisa é que não tenho filho. Gostaria de ter. Você poderia ter sido meu filho, pois, em certa ocasião, estive apaixonado por sua mãe. Ainda gosto muito dela. Contudo ela escolheu o seu pai... e isso encerra a questão. Conheci seu pai. Durante algum tempo, fomos amigos; depois... nos tornamos inimigos. Tive algo a ver com a sua morte. Lamento, hoje, que isso tenha acontecido. Se puder ajudá-lo, estarei pagando uma dívida para com ele.

– Não preciso de sua ajuda – disse, rudemente, o rapaz.

– Todos nós precisamos de ajuda – observou, calmo, Meyer. – Você precisa dela porque está metido com esse inglês e não sabe bem o que fazer.

Paolo Sanduzzi permaneceu mudo, fitando o raminho retorcido que tinha entre os dedos. Meyer prosseguiu:

– Quero explicar-lhe uma coisa, Paolo. Você sabe o que são os homens... e as mulheres. Sabe como eles se beijam e se acariciam... e o que se passa entre eles quando se amam. Sabe o que sente quando vê uma garota cujos seios são desenvolvidos e que começa a falar como uma mulher. Mas o que não compreende é como pode sentir isso em se tratando de Rosetta e, ao mesmo tempo, sentir a mesma coisa quando o inglês toca em você.

A cabeça do rapaz tornou a erguer-se, defensivamente:

– Nada existe entre mim e o inglês. Ele jamais tocou em mim!

– Ótimo! – disse Meyer, calmamente. – Então não há nada de que deva envergonhar-se. Contudo deve saber que quando o coração de um homem desperta... e o seu corpo também desperta...

poderão inclinar-se para este ou aquele lado, como acontece com um arbusto batido pelo vento. Mas, decorrido algum tempo, o arbusto enrijece e fica vigoroso como uma árvore. Então, não pode mais ser torcido, desenvolvendo-se de acordo com a sua forma. A maneira correta de um homem desenvolver-se é na direção de uma mulher... não de um *feminella*. Eis por que não pode ficar com o pintor. Você percebe isso, não é verdade?

– Então por que me estão mandando trabalhar na *villa*? Ele estará lá o tempo todo. E me assusta. Faz-me sentir de um modo que não sei o que quero.

– O que você quer... ele ou Rosetta?

– Quero ir embora de Gemello! – exclamou o rapaz, enraivecido.

– Quero ir para algum lugar onde ninguém saiba nada a meu respeito, ou a respeito de minha mãe ou de meu pai. O senhor acha que me agrada ser chamado de filho bastardo de um santo... filho de uma prostituta? É por isso que quero ficar com o inglês. Ele pode fazer muito por mim. Pode levar-me para Roma, fazer-me ter uma vida nova.

– E, em Roma, eles lhe darão um nome ainda mais sujo... do qual você não poderá mais livrar-se em parte alguma! Ouça, rapaz...

– suplicou-lhe em voz baixa, ardente. – Procure ser paciente comigo. Procure entender o que vou lhe dizer. Sua mãe é uma boa mulher... dez vezes melhor do que aquelas que lhe dão o tal nome. O que quer que ela tenha feito, foi por amor... e uma prostituta é uma mulher que se vende por dinheiro. Seu pai tinha um certo toque de grandeza... e quem diz isso sou eu... o homem que contribuiu para que o matassem.

– Então por que ele não se casou com minha mãe e não lhe deu o seu nome? Tinha vergonha disso? Ou de nós?

– Você alguma vez já perguntou isso a sua mãe?

– Não... como poderia perguntar?

– Acho, então, que deveria perguntar-lhe agora – disse Aldo Meyer e, sem esperar resposta, chamou: – Nina! Venha cá um momento, por favor!

Nina Sanduzzi entrou na sala, e o rapaz, com olhos assustados, viu-a aproximar-se:

– Sente-se, Nina.

Ela sentou-se entre ambos, olhando um e outro com olhos graves, indagadores. Meyer disse-lhe sereno:

– O rapaz deseja fazer-lhe uma pergunta, Nina. Acho que tem direito a uma resposta. Você é a única pessoa que pode responder. Ele quer saber por que o pai dele não se casou com você.

– Você acreditará em mim se eu lhe disser, meu filho?

O rapaz ergueu a cabeça, confuso e envergonhado, e balançou-a, afirmativamente, sem uma palavra. Nina Sanduzzi esperou um momento, reunindo as forças e as palavras; depois, com voz firme, disse-lhe tudo.

BLAISE MEREDITH também já estava cedo em atividade naquela bela manhã de primavera. Após sua crise na casa do médico, dormira menos agitado do que habitualmente e, quando o criado lhe trouxe o café e descerrou as cortinas para o novo dia, resolveu levantar-se e começar a trabalhar.

Tomou o café, comeu um pedaço de pão fresco com um pouco de manteiga campestre, salgada, banhou-se, barbeou-se e desceu para o jardim, a fim de ler o seu breviário ao sol. Terminado o dever litúrgico, estaria livre para iniciar as entrevistas com as testemunhas. A advertência de Meyer ainda estava viva em sua mente. Seu tempo de vida estava se escoando mais depressa do que imaginara, e não podia se dar ao luxo de desperdiçar um minuto sequer. Alegrou-se ao verificar que a condessa e Black ainda estavam dormindo, o que o poupava dos rituais dos cumprimentos e das conversas frívolas à mesa do café da manhã.

Terminara as matinas e estava no meio das laudas quando ouviu ruídos de passos sobre o cascalho do jardim. Levantou os olhos e viu uma mulher e um rapaz caminhando na direção dos fundos da casa. A mulher estava vestida à maneira camponesa, com um vestido preto e deselegante e um lenço amarrado à cabeça. O rapaz tinha uma camisa listrada, calça remendada e calçava sandálias de couro.

Caminhava indeciso, olhando ora para um, ora para outro lado, como que ofuscado pelo esplendor de tudo o que o cercava, em

contraste com o aspecto rude e desinteressante da aldeia. A mulher caminhava com altivez, a cabeça ereta, os olhos voltados para a frente, como se estivesse resolvida a cumprir com dignidade um dever desagradável. Meredith ficou impressionado com a serenidade clássica de seu rosto, que já se arredondava um pouco com a meia-idade, mas que ainda revelava traços de beleza juvenil.

Devia ser Nina Sanduzzi, pensou. O rapaz devia ser o filho de Giacomo Nerone, que, segundo lhe dissera Meyer, era alvo da conspiração por parte da condessa e de Nicholas Black. Teriam de esperar muito até que a condessa se levantasse e estivesse preparada para recebê-los.

Movido por súbito impulso, largou o livro e chamou:

– *Signora* Sanduzzi!

Os dois pararam e voltaram-se para ele. Meredith tornou a chamá-los:

– Podem vir aqui um momento, por favor?

A mulher e o rapaz trocaram olhares entre si, indecisos; depois, a mulher atravessou o gramado, seguida, alguns passos atrás, pelo rapaz. Meredith levantou-se para cumprimentá-la:

– Sou monsenhor Meredith, de Roma!

– Eu sei – respondeu a mulher, calmamente. – O senhor chegou ontem. Este é o meu filho, Paolo.

– Muito prazer em conhecê-lo, Paolo.

Meredith estendeu a mão ao rapaz, que só depois de ser tocado pelo cotovelo de sua mãe retribuiu, com mão flácida, ao cumprimento.

– Sabe por que estou aqui, *signora*?

– Sei.

– Gostaria de conversar com a senhora logo que fosse possível.

– O senhor me encontrará na casa do médico... ou em minha casa.

– Talvez pudéssemos conversar um pouco agora.

Nina Sanduzzi balançou a cabeça:

– Temos de falar com a condessa. Paolo começa a trabalhar hoje.

Meredith sorriu.

– Terão de esperar muito. A condessa ainda não se levantou.

– Estamos acostumados a esperar – disse ela, gravemente. – Além disso, não falarei com o senhor aqui.

– Como quiser.

– Mas quando Paolo estiver trabalhando aqui, o senhor poderá falar-me. Isso seria diferente.

– Certamente. Posso ir vê-la hoje?

– Se o senhor quiser. Estarei em casa à tarde. Agora precisamos ir. Vamos, Paolo.

Sem proferir outra palavra, afastou-se. O rapaz seguiu-a, e Meredith ficou a observá-los enquanto se afastavam, até que desapareceram atrás do edifício.

Apesar daquele breve encontro, a mulher o havia impressionado profundamente. Havia nela um certo ar... um certo ar de serenidade, de contenção, de sabedoria, talvez. Andava e falava como alguém que sabia para onde se dirigia e de que modo pretendia lá chegar. Não possuía nem a intrometida imprudência de certas camponesas, nem aquela humildade que séculos de dependência impuseram às outras. A língua que falava era o mais áspero dialeto da Itália e, não obstante, sua voz era suave e estranhamente delicada, mesmo em sua recusa mais rude. Se Giacomo Nerone lhe havia ensinado aquilo, então ele, em sua vida, devia ter sido um homem maior do que a maioria de seus semelhantes.

Meredith viu que sua atenção se desviava da cadência latina dos Salmos e se concentrava em dois elementos importantes da vida imprecisa de Giacomo Nerone.

O primeiro era o elemento de conflito. Era um axioma, na Igreja, que um dos primeiros sinais de santidade era a oposição que despertava, mesmo entre pessoas piedosas. O próprio Cristo fora um sinal de contradição. Sua promessa não era a paz, mas a espada. Nenhum santo do calendário jamais fizera nada de bom sem que deparasse com oposição. Nenhum deixara de ter detratores e caluniadores. A ausência desse elemento nos registros de Battista Saltarello o tinha preocupado. Agora começava a perceber sua existência, bem como sua força e complexidade.

O segundo elemento era igualmente importante: o bem ou o mal tangíveis que surgem da vida, obras e milagres de um candidato às

honras de santidade. Ali também havia um axioma: o axioma bíblico de que se conhece uma árvore pelos seus frutos. A santidade de um homem deixa a sua marca, como um sinete, no coração dos outros. Uma boa obra se reproduz como a semente de um fruto, que se transforma noutra fruto. Um milagre que não produz bem algum no coração humano é uma mágica sem sentido, indigna da Onipotência.

Se havia algo de bom em Nina Sanduzzi, e se isso tinha nascido de sua ligação com Giacomo Nerone, então precisava ser levado em conta no meticuloso cômputo do Advogado do Diabo.

Curvou-se de novo sobre o seu breviário, os lábios movendo-se nas estrofes familiares do rei-poeta. Depois, terminada a leitura, fechou o livro, meteu-o no bolso da batina e dirigiu-se à aldeia, a fim de falar com padre Anselmo.

A velha Rosa Benzoni recebeu-o à porta e, após parlamentar, entre resmungos, com o recém-chegado, mandou-o entrar na casa, onde Meredith encontrou o velho padre, em mangas de camisa e suspensórios, barbeando-se desajeitadamente diante de um espelho rachado preso à parede da cozinha. Tinha os olhos mais turvos do que habitualmente e suas mãos nodosas tremiam enquanto escanhoava o queixo. Usava uma velha navalha, e Meredith surpreendeu-se de que ele ainda não tivesse cortado o pescoço com ela. Sua saudação não foi nada cordial:

– Olá! O que deseja?

– Gostaria de falar-lhe – respondeu, com suavidade, Meredith.

– Escutarei. Mas não prometo responder.

– Seria melhor que estivéssemos a sós, não acha?

O velho sorriu entre dentes e, depois, lançou uma imprecisão, ao dar um pequeno talho no rosto.

– O senhor se refere a Rosa? É meio surda e duvido que compreenda uma palavra ouvindo-o falar com um bago de uva romana na boca. Além disso, tem mau gênio... e tive de viver com ela. Prossiga, homem, e diga logo o que tem a dizer.

Meredith deu de ombros e continuou:

– É a respeito de Giacomo Nerone. Notei, desde os primeiros relatórios, que o senhor se recusou a prestar qualquer depoimento a respeito dele. Isso é porque era seu confessor?

– Não. Não gostei dos sujeitos que mandaram para cá. Dois charlatões intrometidos, eis o que eram. Recitaram-me um longo sermão sobre o dia do Juízo Final e a condenação eterna. Despachei-os com uma pulga atrás da orelha. Ademais, quem se importa com o que eu diga? Sou o escândalo da diocese.

– Não estou interessado em escândalo – disse, friamente, Meredith.

O velho largou a navalha e enxugou o rosto com uma toalha encardida. Depois disse, áspero:

– Então é o primeiro que encontro que não está interessado nisso! Há pessoas que ouvem uma história suja e ficam a roê-la como cães um osso de presunto. Recebi uma carta do bispo em que me dizia esperar que minha ligação com Rosa tivesse perdido o seu caráter carnal... – Lançou uma gargalhada alta, áspera. – Quanto tempo ele pensa que um homem continua a fazer essas coisas? Na minha idade, o melhor que se pode esperar é manter-se aquecido à noite.

– Na sua idade – sugeriu, em tom brando, Meredith –, a maioria das pessoas casadas dorme em camas separadas.

– Em Roma, talvez – rosou padre Anselmo. – Mas aqui não temos dinheiro suficiente para comprar uma cama nova... isso para não falar em dois jogos de cobertores. Olhe aqui... – acrescentou, jogando a toalha com um gesto de impaciência. – Não somos crianças, monsenhor. Tanto quanto o bispo, não me agrada a situação em que me encontro. Mas, na minha idade, como posso safar-me dela? Não posso atirar Rosa na rua. É uma velha. Foi boa para mim... quando uma porção de meus irmãos de batina pouco se importaria se eu morresse ou vivesse. Não tenho quase nada. Mas Deus sabe que ela tem direito à metade do que possuo. Sua Exa. o bispo tem alguma resposta para isso?

Meredith sentiu-se comovido. O dilema em que se encontrava o homem era assustador. Pela primeira vez em sua vida sacerdotal começou a compreender o problema real do arrependimento, que não é o problema do pecado em si, mas as consequências que proliferam dele, como parasitas numa árvore. A árvore não tem outro remédio senão continuar a alimentar o parasita, adquirindo

beleza dele, mas, ao mesmo tempo, morrendo lentamente, à falta de um jardineiro esclarecido. Era espantoso pensar que um homem podia mergulhar no desespero e na condenação eterna por não poder comprar dois cobertores. Subitamente, diante do caso do padre Anselmo, o caso de Giacomo Nerone pareceu-lhe pequeno e insignificante. Se Giacomo era santo, feliz dele – pois que terminara de uma vez por todas com a longa luta. Tudo o mais não passa de um glossário momentâneo. Um súbito pensamento assaltou Meredith, mas hesitou em colocá-lo em palavras. Decorrido um momento, disse, com cuidado:

– S. Exa. Revma. é um homem surpreendente. Gostaria de ajudá-lo. Creio... estou certo de que se o senhor fizesse com que Rosa se transferisse para outra cama, num outro quarto, ele aceitaria tal medida e esqueceria o resto.

O velho balançou a cabeça, obstinado:

– Quem paga pela cama e pelas cobertas? O senhor parece não compreender. Vivemos em completa miséria aqui. É uma questão de ter o que comer.

– Ouça uma coisa – disse Meredith, com um sorriso oblíquo. – Eu pagarei. Darei ao senhor e a Rosa o suficiente para que comprem roupas novas. Além disso, depositarei em seu nome cem mil liras no Banco di Calabria. Isso ajudaria?

Padre Anselmo lançou-lhe um rápido olhar, desconfiado.

– E por que o senhor iria se interessar tanto, monsenhor?

Meredith deu de ombros:

– Tenho apenas três meses de vida. Não posso levar isso comigo.

Os olhos congestionados olharam-no incrédulos. A rude voz camponesa tornou a indagar:

– Que mais terei de fazer?

– Nada. Se quiser que eu o confesse, terei prazer em fazê-lo. O senhor não poderá dizer-me muita coisa que eu já não saiba, de modo que não lhe deverá ser difícil. De nada vale fazer as coisas pela metade. Algum dia terá de pôr a sua consciência em ordem.

– O bispo falou na necessidade de reparar o escândalo.

Ainda havia dúvida em sua voz, mas a rude obstinação desaparecera.

Meredith lançou-lhe um de seus raros, irônicos sorrisos:

– O bispo possui personalidade singular. Creio que ele sabe que a maioria das pessoas é responsável pelos próprios escândalos. Os bons cristãos conservam a boca fechada e rezam pelos seus irmãos que sofrem. Logo correrá pela aldeia a notícia de que o senhor e Rosa dormem em camas separadas. O resto advirá do que fizer daqui por diante... Bem, o que diz a isso?

Anselmo passou a mão nodosa pelo queixo mal barbeado. Sua boca, flácida, contraiu-se num sorriso:

– Eu? Eu creio que é uma saída. Isso vem me preocupando há muito tempo, mas, de certo modo, amo a velha rapariga e não gostaria de fazê-la sofrer.

– Não acho que o amor cause qualquer mal. Eu mesmo gostaria, agora, de sentir um pouco de amor.

A voz parecia pertencer a outro homem, não a Blaise Meredith, o frio membro da Congregação dos Ritos.

– Muito bem! – exclamou, bruscamente, o velho. – Pensarei a respeito. Falarei com Rosa e lhe explicarei a situação. Mas a gente não pode fazer uma coisa dessas apressadamente. As mulheres são sensíveis... e, quando ficam velhas, se tornam também estúpidas – acrescentou, os olhos brilhando de astúcia. – E quando veremos a cor do seu dinheiro, monsenhor?

Meredith tirou a carteira e colocou trinta e uma mil liras sobre a mesa:

– Isto é o começo. Poderá comprar os cobertores e a cama. O resto, terei de resolver em Valenta. Está bem assim?

– Tem de estar – respondeu, com má vontade, o velho. – Gostaríamos de assentar as coisas antes de sua morte. Quando os advogados põem a mão nos bens alheios... adeus! Só sobram ninharias! Agora... o que mais deseja o senhor?

– Giacomo Nerone... O que pode dizer-me a respeito dele?

– O que acontecerá, se lhe disser?

– Tomarei nota e, depois, o senhor será ouvido sob juramento no tribunal do bispo.

– Vou dizer-lhe uma coisa, monsenhor. Espere até que ouça a minha confissão. Vou lhe contar, então, toda a história. Está bem

assim?

– Um segredo confessional não serve como depoimento legal.

O velho lançou a cabeça para trás e riu rudemente à sua maneira.

– Eis o que quero dizer, meu amigo! Já lhes proporcionei escândalo demais! O diabo que me carregue, se lhes proporcionar mais algum!

– Como quiser – respondeu Meredith, cansado. – Virei vê-lo dentro de alguns dias.

– E não se esqueça do que tem de fazer em Valenta.

– Não esquecerei.

Levantou-se e caminhou em direção à porta. Não houve despedidas nem apertos de mão e, enquanto descia o monte rumo à casa do médico, Meredith teve a desagradável impressão de que havia agido como um idiota.

MEYER SAUDOU-O de bom humor, conduziu-o ao jardim e serviu-lhe uma caneca de vinho campestre, despejando-o de uma jarra de cerâmica que esfriava ao sol. Meredith notou logo a mudança que tinha acontecido com ele: tinha os olhos mais claros, o rosto contraído mas descansado, e o ar confortável de um homem que chegara a bons termos consigo mesmo e com sua situação. Meredith comentou isso, com tom irônico:

– O senhor parece melhor esta manhã, doutor.

Meyer sorriu diante da caneca de vinho:

– Um bom começo para o meu dia, monsenhor. Falei com um rapaz como um pai e ouvi coisas sábias de sua mãe.

– Nina Sanduzzi?

– Sim. Aqui entre nós: creio que fiz algo pelo rapaz.

– Eu os vi na *villa*. Falei com eles durante um momento. Vou visitar Nina Sanduzzi esta tarde. Está disposta a falar.

– Ótimo – disse Meyer, balançando a cabeça com satisfação. – Vou dar-lhe uma indicação, meu amigo. Aja delicadamente e conseguirá muita coisa dela. Está disposta, agora, a ser franca. E quer que o senhor olhe pelo rapaz enquanto ele estiver na *villa*.

– Farei tudo o que estiver ao meu alcance. Ela me impressionou profundamente.

– E Paolo?

– É como qualquer outro adolescente.

– Não é bem assim... – advertiu Meyer. – Está na idade perigosa. Sente-se atraído pelo inglês e, ao mesmo tempo, o teme. E está curioso a respeito da mãe e do pai. Não tão curioso como antes, agora que Nina já conversou com ele. Mas quando a gente é velho, nunca sabe até que ponto um jovem compreende... e o que lhe está zumbindo debaixo do boné. E o que há agora, monsenhor?

– Gostaria de falar-lhe, doutor.

– A respeito de Nerone?

– Sim.

Aldo Meyer bebeu um longo gole de vinho e enxugou os lábios com as costas da mão. Depois, disse com humor desolado:

– Não é habitual colocar uma estola quando ouve confissões?

– Tirarei os sapatos, em lugar disso – respondeu Blaise Meredith.

– É uma longa história, monsenhor. Quando ficar monótona, sirva-se de vinho...

...ERA PLENO VERÃO num mundo sem homens. Manhãs quentes, tardes escaldantes e noites em que as nuvens rolavam, suando, sobre o vale e depois passavam, sem se transformar em chuva. As pessoas andavam irritadas e a vitalidade, baixa, pois os exércitos eram como gafanhotos, comendo a terra, e não havia homens nas camas – exceto os velhos, que eram um aborrecimento, e visitantes ocasionais, como a *polizia*, os *carabinieri*, o inspetor agrícola e os oficiais encarregados do recrutamento para o exército. Estes também constituíam um aborrecimento, pois, quando iam embora, havia discussões nas casas e caras ensanguentadas e camisas rasgadas nos campos.

O vale era como um ninho de gatos, almiscarado, quente e lânguido para o acasalamento, mas transformando-se, de repente, em gritos e violência. Meyer vivia ali porque era judeu e eLivros e, dia sim, dia não, tinha de atravessar o vale em direção de Gemello

Maggiore, a fim de assegurar à *quaestura* que não estava doente nem morto. Fosse como fosse, isso lhes era indiferente, mas o amaldiçoavam quando chegava e o ameaçavam quando deixava de comparecer – e davam-lhe vinho, queijo e cigarros se seus filhos estavam doentes ou suas filhas grávidas, ou se eles mesmos eram atacados pela malária. Faziam gracejos grosseiros por ser judeu e circuncidado e o advertiam acerca de poluir o sangue puro das mulheres que, como boas calabresas, tinham sangue grego, fenício, francês, espanhol, italiano e árabe levantino... toda espécie de sangue, menos sangue judeu.

Meyer engolia aquilo tudo, digerira-o em segredo e mantinha os ouvidos abertos aos rumores que zumbiam como abelhas ao entrar e sair do vale. Os aliados estavam na Sicília, havia cabeças de ponte em outros lugares. Guerrilheiros armavam-se nos montes, desertores metiam-se em cavernas e camas amigas. Os alemães mandavam às pressas reforços para o sul. Mais cedo ou mais tarde, chegaria o fim, e ele queria estar vivo para ver o que aconteceria.

Trabalhava em suas terras áridas, visitava seus doentes, fazia a sesta e, à noite, sentava-se diante de seus livros e de sua garrafa.

Se se mantinha livre das mulheres da aldeia, era por ser um homem difícil de contentar e, também, porque não queria enfrentar o futuro que raiava tendo uma aldeã agarrada à aba de seu casaco. Tinha esperado muito tempo. Podia dar-se ao luxo de esperar um pouco mais.

Foi à noite, já tarde, que Nina Sanduzzi o procurou. Chegou descalça, para que a aldeia adormecida não ouvisse o ruído de seus tamancos. Pulou o muro do lado do vale, receosa de que algum retardatário abelhudo a visse bater à porta do médico. Já estava dentro do halo de luz do lampião quando ele despertou de seus devaneios e a viu. Sobressaltou-se, zangado:

– Nina! Que diabo você está fazendo aqui?

Ela levou os dedos aos lábios, pedindo silêncio, e, em seu rude dialeto, explicou em voz baixa:

– Há um homem em minha casa. É um desertor e está ferido. Tem uma bala no ombro, que está vermelho e inchado. Vira-se de um lado para o outro na cama e murmura coisas, como se tivesse

febre. O senhor pode ir vê-lo, por favor? Eu trouxe dinheiro. – Enfiou a mão no decote do vestido e tirou um pequeno maço de notas ensebadas.

Meyer afastou o dinheiro com um gesto de impaciência:

– Guarde isso, pelo amor de Deus! Alguém mais sabe onde ele está?

– Ninguém. Ele chegou ontem à noite. Dei-lhe café pela manhã e ficou o dia todo dentro de casa. Quando voltei do trabalho, estava assim.

– Está bem. Irei. – Fechou o livro, abaixou a luz, apanhou sua mala de instrumentos e o seu pequeno estoque de antissépticos e acompanhou-a pela parte dos fundos da casa, saltando o muro e rumando para a pequena choça oculta em meio aos azinheiros.

Encontrou seu paciente delirando na grande cama de ferro – um sujeito alto e moreno, com uma barba de dois dias nas faces encovadas, o olhar parado, a boca babando e murmurante, proferindo palavras e frases sem nexos, que ele reconheceu como sendo inglesas. Uma bela situação! Os desertores já constituíam grande complicação, mas um soldado inglês era *morte* iminente. Contudo não fez comentário algum. Apenas se inclinou sobre a cama e pôs-se a cortar as ataduras empapadas de sangue que cobriam o ombro.

Ao ver o ferimento, lançou um assobio de surpresa baixinho. O ombro estava flácido e inchado, e uma supuração lenta e amarelada já havia começado. Trabalho difícil e sujo. Doeria como o diabo sem anestésico, e o sujeito poderia morrer dentro de alguns dias.

Voltou-se para Nina Sanduzzi:

– Acenda o fogo. Ferva uma chaleira de água. Depois, você terá de segurá-lo para mim.

Os dentes alvos da moça mostraram-se num sorriso:

– Faz muito tempo que não tenho um homem nos braços, *dottore*. Será um prazer.

Mas o prazer logo acabou, mesmo para ela. A bala havia atingido a omoplata e se desviado para baixo junto ao osso, e Meyer teve de gastar vinte minutos para localizá-la, enquanto o ferido gritava inutilmente de encontro à mordalha que lhe enfiaram na boca, ao

mesmo tempo em que Nina Sanduzzi lançava mão de toda a sua força para segurá-lo.

Depois, quando a operação terminou e a dor diminuiu, ajeitaram-no na cama, e Nina e Meyer sentaram-se um instante para tomar um copo de vinho e comer alguma coisa.

– Você não pode mantê-lo aqui. Você sabe disso, Nina. Se alguém descobrir, você estará morta.

Ela fitou-o, perplexa:

– Quer que o jogue na rua? Um homem doente assim?

– Mais tarde – respondeu Meyer, cansado. – Quando estiver melhor.

– Esperemos, então, até mais tarde – disse Nina Sanduzzi, com um sorriso.

Olhando-a à luz do lampião que pendia do teto baixo, sentira a primeira e verdadeira tentação durante anos. Seu rosto era grego puro. Seu corpo era mais esguio do que o das outras camponesas. Os seios eram cheios e firmes, e uma vitalidade animal parecia surgir debaixo de sua pele azeitonada. Tinha, ademais, inteligência e coragem. Não se desesperava nem gritava como as outras. Sabia o que era preciso fazer, e o fazia com calma e competência. Ele se surpreendeu de ter passado por ela uma centena de vezes sem que jamais a tivesse observado.

Mas era um homem cauteloso, acostumado à abstinência, de modo que terminou rapidamente o seu vinho e se dispôs a partir.

– Compreenda uma coisa, Nina. Ele está muito doente e pode morrer. Faça uma sopa e veja se ele consegue mantê-la no estômago. Quando sair para o trabalho, feche a porta e deixe-lhe vinho e alimento. Não me atrevo a vir aqui durante o dia, mas virei à noite, depois que a aldeia já tiver se recolhido.

– O senhor é um homem bom – disse Nina Sanduzzi, baixinho. – Num lugar cheio de porcos, o senhor se destaca como um homem – completou, tomando-lhe a mão e beijando-a depressa. – Agora vá, *dottore mio!* Não estou acostumada a ter homens em casa.

Enquanto subia com dificuldade pela encosta pedregosa, evitando a estrada, ia refletindo se a continência não seria, como todos os seus outros sacrifícios, um desperdício sem sentido... e se aquela

não seria uma mulher com quem pudesse ser feliz. Era a coisa que sempre receara em seu exílio, a coisa que os seus inimigos desejavam que fizesse; que ficasse desleixado, que se tornasse igual aos outros homens do lugar, que se entregasse à bebida e às prostitutas da aldeia, que se esquecesse de lavar suas camisas e de comer com garfo e faca. Com Nina Sanduzzi talvez ainda pudesse evitar isso... Mas o risco lá estava... e havia débeis toques de clarins a soar pelos montes. Melhor esquecer aquilo e ir para casa dormir.

Necessitou de mais de uma semana para pôr o paciente fora de perigo. O ferimento era profundo e novas infecções irromperam, e precisou drenar o ferimento com os meios primitivos de que dispunha. Mais de uma noite permaneceu sentado em companhia de Nina, observando a febre subir e baixar até que os primeiros clarões do amanhecer tingiam o horizonte. Era, então, a hora de partir, antes que a aldeia despertasse.

Aparecia todas as noites, pois sentia necessidade dela. Todas as vezes que saía, sentia o coração confranger-se de ciúme por deixá-la a sós com o enfermo, que agora já começava a alimentar-se e a conversar um pouco entre as crises de febre e os longos intervalos de sono inquieto.

A princípio, o ferido mostrou-se cauteloso, mas, ao compreender a situação de Meyer como eLivros político e os riscos que a jovem estava correndo por sua causa, acalmou-se um pouco, embora ainda se recusasse a contar-lhes senão a história que narrara a Nina Sanduzzi ao chegar.

– É melhor que não saibam nada mais do que isso. Assim, se forem interrogados, poderão dizer a verdade. Embora, de todo coração, espero que não o sejam. Sou Giacomo Nerone, um artilheiro vindo de Reggio. Procuro voltar para a minha família, em Roma. Quando acha que estarei suficientemente forte para viajar, doutor?

– Daqui a quinze dias; três semanas, talvez. A não ser que contraia outra infecção. Mas para onde pretende ir? Dizem por aí que os aliados desembarcaram ao norte daqui e que estão avançando para a ponta da bota da Itália, procedentes de Reggio. Este lugar é um esconderijo na montanha. Com os seus camaradas

recuando e os alemães cedendo, o senhor logo se verá em situação difícil. Seu sotaque não é da Calábria. Mais cedo ou mais tarde, alguém fará perguntas... a menos que o senhor se refugie nas montanhas. Mas, nesse caso, como irá comer?

Nerone sorriu tristemente, e viram de que modo o seu humor o transfigurava de novo num rapaz:

– O que esperam que eu faça? Não posso ficar aqui.

– Por que não? – indagou Nina Sanduzzi. – Há aqui uma casa, uma cama e alimento. Não é muito, mas é melhor do que morrer numa fossa com outra bala metida no corpo.

Os dois homens se olharam. Após uma pausa, Meyer acenou com a cabeça, com ar de dúvida.

– Talvez ela tenha razão... – E observou, cauteloso: – Quando as coisas mudarem por aqui, pode ser que esteja em situação de ajudar-nos.

O rapaz moreno balançou a cabeça:

– Não como o senhor pensa, doutor.

Meyer franziu a testa e respondeu, rude:

– O senhor não me compreende. Ouvi-o falar enquanto dormia. Sua lealdade é para com outras causas, ao que parece. E elas nos poderão ser úteis mais tarde.

Agora foi a moça quem se voltou, perplexa:

– Lealdade? – indagou, ríspida. – A que o senhor se refere?

– Sou inglês – disse Nerone. – E agora que isso já foi dito, vamos esquecer o assunto.

– Inglês! – exclamou Nina Sanduzzi, os olhos esbugalhados.

– Esqueça-se disso! – ordenou, em tom rude, Meyer.

– Já está esquecido – respondeu ela.

Mas sorriu ao dizê-lo, fazendo outra proposta que os deixou, por um momento, mudos:

– Se ficar aqui, não há por que não trabalhar para manter-se... Não fique assim tão surpreso! Há por aí uma meia dúzia de rapazes fazendo isso neste momento. Eles também desistiram da guerra. Dois deles são daqui mesmo; os outros vieram só Deus sabe de onde. Mas precisamos de homens, pois há muito que fazer antes que chegue o inverno... e ninguém vai fazer barulho por causa disso.

Se há alguém suspeito a andar por aí, eles se escondem; mas trabalho com o velho Enzo Gozoli. Ele é capataz da minha gente. Perdeu dois filhos na guerra e odeia os fascistas como o diabo. Quando estiver melhor, vou falar com ele... Isto é, se quiser.

– Pensarei nisso – respondeu Giacomo Nerone. – Sou-lhe muito grato, mas tenho de pensar no assunto. – Recostou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos; pouco depois, estava dormindo.

A moça serviu outro copo de vinho a Meyer, e ele o bebeu, pensativo, observando-a, enquanto ela se debruçava sobre a cama, ajeitando a cabeça morena sobre o travesseiro, puxando cuidadosamente as cobertas sobre o ombro ferido e deixando-se ficar um momento a contemplar, silenciosa, o hóspede que dormia.

Quando ela se voltou, Meyer levantou-se, tomou-a nos braços e tentou beijá-la. Afastou-o delicadamente.

– Não, *dottore mio*. Agora, não.

– Eu quero você, Nina!

– O senhor não me quer de verdade, *caro* – respondeu-lhe, suavemente. – Do contrário, já me teria tomado há muito tempo... e eu teria ficado contente. Estamos no verão, o senhor se sente solitário e passamos muitas noites juntos. Mas não sou para o senhor, e o senhor sabe disso... Mais tarde, me odiaria. Eu quero um homem, Deus bem o sabe! Mas quero tudo dele.

Meyer voltou-se e apanhou sua maleta. Depois, fez um gesto rápido na direção da cama.

– Talvez já o tenha – disse, secamente.

– Talvez – respondeu Nina Sanduzzi.

Dito isso, dirigiu-se à porta e abriu-a para que ele saísse. Enquanto subia o monte, Meyer ouviu a batida da porta se fechando – um som seco, nítido, na noite tépida.

– E FOI ASSIM QUE tudo começou? – indagou Blaise Meredith.

Meyer estendeu a mão e apanhou o jarro de vinho.

– Três semanas depois, ele já estava de pé, trabalhando para Enzo Gozzoli. À noite, voltava para a casa de Nina, e eram amantes.

– Mas, além do fato de ser inglês, o senhor não tinha ideia de quem ele realmente era?

– Não – respondeu Meyer, tomando outro longo gole de vinho e limpando os lábios num lenço encardido. – Havia três coisas que poderia ser: um prisioneiro fugitivo, um agente inglês enviado para estabelecer contato com os primeiros grupos de guerrilheiros ou um desertor.

– E, para o senhor, o que parecia ser?

– Analisei, por turnos, cada uma dessas possibilidades, procurando ajustá-lo a elas. Um prisioneiro fugitivo? Sim. Só que não mostrava inclinação alguma para fazer o que um tal homem deveria fazer: procurar voltar à sua unidade. Um agente secreto? Também podia ser. Falava bom italiano... não o *argot* das cantinas e do bordel militar. Era um homem educado. Sensível às características locais. Mas quando insinuei que devia unir-se a mim na tentativa de estabelecer contato com os guerrilheiros, recusou-se.

– Deu alguma razão para isso?

– Não. Recusou delicadamente, mas de maneira definitiva.

– Um desertor, então?

Meyer contraiu os lábios, pensativo.

– Parecia pertencer a tal categoria. Mas um desertor é um homem que tem medo. Tem o ar do fugitivo. Vive com a convicção de que um dia ou outro terá de ser apanhado. Nerone não revelava nada disso. Uma vez curado, andava, falava e ria como um homem livre.

– Era um oficial?

– Parecia-me que sim. Como disse, era um homem culto. Tinha o hábito da decisão, talento para fazer com que as coisas fossem feitas. Mas não trazia consigo documento algum de identificação. Eu lhe disse que, se fosse apanhado assim pelos alemães ou italianos, poderia ser fuzilado como espião. Ele apenas riu, dizendo que Giacomo Nerone era um bom italiano que não via razão alguma para a guerra. Mais vinho, monsenhor?

Meredith acenou vagamente com a cabeça e, enquanto Meyer enchia o copo, perguntou:

– Qual o juízo que o senhor formou de seu caráter nesse primeiro período?

– Parte dele já lhe disse: coragem, bom humor, capacidade de realização. O restante? Não estava ainda bem certo. Tinha ciúmes dele, como o senhor percebeu.

– Por causa de Nina Sanduzzi?

– Por isso e por outras coisas. Tinha vivido em meio a esta gente, trabalhando para ela durante muitos anos, e jamais chegara a estabelecer qualquer intimidade com ela. Nerone, numa semana, estava perfeitamente à vontade. Os homens confiavam nele. As mulheres amavam-no. Podia fazê-las rir franzindo apenas a testa morena. Contavam-lhe todos os escândalos, ensinavam-lhe o dialeto e compartilhavam seu vinho com ele. E eu ainda era forasteiro... o judeu que viera de Roma.

– Sei como se sente – disse, bondosamente, Meredith. – Fui assim durante toda a vida. Com a diferença de que jamais servi ninguém.

Aldo Meyer lançou-lhe um rápido olhar de simpatia, mas Meredith fitava, absorto, o vinho escuro que tinha no copo. Prosseguiu:

– O que mais me irritava nele era que parecia aceitar tudo com naturalidade, como algo permanente. Como se o presente fosse a única coisa que importasse. Para ele, isso era bastante natural, creio. Já tinha tido a sua guerra. Estava contente com o momento que estava vivendo. Quanto a mim, tinha esperado tanto tempo que bradava por ação e por uma mudança.

– De modo que viviam em desavença um com o outro?

Meyer balançou a cabeça:

– Eis a parte estranha do caso. Quando não o via, a sua pessoa me desagradava. Mas quando nos encontrávamos ao passar... ou quando, mais tarde, veio à minha casa uma noite a fim de pedir um livro emprestado, ele me encantava. Havia uma calma nele... uma delicadeza... O mesmo que existe hoje em Nina Sanduzzi.

– Sobre o que conversavam?

– Tudo... menos Nerone. Ele se recusava a falar sobre qualquer assunto que pudesse fornecer uma indicação quanto à sua identidade. O que mais interessava era este lugar, sua gente, sua

história, seus costumes, as relações existentes entre estas criaturas. Era como se estivesse procurando esquecer tudo o que lhe havia pertencido e absorver-se na vida da montanha.

– E se interessava por esta gente?

– A princípio, não. Parecia considerar-se um deles. Mas não tinha planos, como eu. Nem projetos para melhorar sua situação.

– Quais eram suas relações com Nina Sanduzzi?

Meyer esboçou um sorriso oblíquo e estendeu as mãos num gesto como que de súplica.

– Eram felizes juntos. Podia-se ver em seus rostos. Isso era tudo o que eu sabia. Mais do que desejava saber. Quanto ao restante, o senhor terá de falar com Nina.

Meredith fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Desculpe-me por ser insistente, doutor. Mas o senhor compreende a minha missão.

– Compreendo. E não me estou esquivando. Procuro apenas dizer-lhe o que sei diretamente.

– E, por favor, prossiga.

– A fase seguinte começa em fins de outubro... em meados do outono. Nerone veio ver-me, para que eu examinasse Nina. Estava grávida de dois meses.

– E como reagiu ele diante disso?

– Mostrou-se alegre. Ambos estavam felizes. Creio que jamais tive mais ciúmes dele do que naquele momento. Ele viera ninguém sabia de onde e obtivera o que não me fora possível obter durante toda a minha vida: aceitação, amor, uma promessa de objetivo e continuidade.

– Contudo, nada fez para se casar com Nina?

– Não.

– E ela queria?

– Indaguei de ambos – respondeu Meyer, com cuidado –, não porque isso me interessasse... pois num lugar sem homens não é vergonhoso para uma mulher ter um filho sem pai... mas porque desejava ver que espécie de homem era aquele.

– E o que disse ele?

– Nada. Foi Nina Sanduzzi quem respondeu: “Há tempo de sobra para o repicar dos sinos, *dottore*, quando soubermos o que irá acontecer.”

– E Nerone?

Meyer fitou as costas das mãos estendidas como aranhas sobre a cálida madeira da mesa. Hesitou um momento, depois disse:

– Lembro-me muito bem do que aconteceu a seguir. Justamente quando parecia ter tido uma ideia de que Nerone realmente era um hóspede noturno que se poria a caminho antes que raiasse o dia... ele de novo me surpreendeu.

– De que maneira?

– Disse, simplesmente, a propósito de nada: “Vamos ter um mau inverno, doutor. É melhor que o senhor e eu nos preparemos desde já para enfrentá-lo!”

...EM OUTROS TEMPOS, antes que os homens tivessem sido levados, antes que a guerra tivesse começado a chegar ao seu fim, quando havia ainda uma autoridade e um propósito na terra, o inverno era suportável... embora jamais fosse uma estação agradável.

Havia carvão armazenado, vinho e azeite nos grandes garrafões azuis. As cebolas pendiam em réstias dos caibros dos telhados, as espigas de milho eram empilhadas nos cantos e havia batatas enterradas na palha. Havia queijo para comprar, e salames e presuntos defumados e lentilhas, e os moleiros tinham à venda farinha para a *pasta*. A comida ali estava, mesmo que a gente tivesse de fazer um furo no bolso de tanto esfregar a mão à procura de dinheiro. Antes que a neve cobrisse tudo, sempre havia troca de produtos entre as aldeias – e quando, aos poucos, cessava o trabalho nos campos, o povo pagava um pequeno tributo para que as estradas fossem desobstruídas e despejassem cascalho sobre os caminhos cobertos de gelo.

Era vida – não uma vida muito satisfatória, com certeza –, mas, se a gente se agarrasse a ela durante tempo suficiente, acabava por ouvir a torrente reboando, sentindo os primeiros ventos cálidos

oriundos do sul e o gelo derretendo os ossos da gente com a chegada da primavera.

Mas não havia homens, as colheitas eram pobres e a arrecadação do intendente-geral levava quase tudo. As trocas em espécie eram quase nulas, pois quem se dispunha a levar sua carroça ao mercado, correndo o risco de deparar, no caminho, com ladrões, desertores e patrulhas? Melhor ficar em casa e viver tanto quanto possível daquilo de que se dispunha. Além disso, os rapazes estavam voltando, extraviados, sem chefes, desiludidos e famintos... novas bocas a serem alimentadas do pouco que restava do que se havia armazenado.

Não havia mais governo. Os funcionários que haviam agido como sujeitos sensatos permaneciam em seus postos, à espera de que seus ordenados pudessem chegar e, se não chegassem, esperando ao menos alguma retribuição pela sua dedicação. Os que eram bastardos estavam indo embora, juntando-se a unidades ainda ativas ou vendendo-se, bem como o conhecimento que tinham da região, aos destacamentos alemães que se dirigiam para o sul, a fim de enfrentar o VIII Exército Aliado.

E, em Gemelli dei Monti, eles sentiam o vento, os primeiros aguaceiros, contavam as primeiras nevadas e diziam: "Vamos ter um mau inverno."

Giacomo Nerone também o dizia, fria e enfaticamente. Mas acrescentava, por sua conta, um ou dois comentários:

– O senhor e eu somos as únicas pessoas aqui que têm algum cérebro ou alguma influência. Precisamos dirigir a organização.

Meyer olhou-o boquiaberto, atônito:

– Pelo amor de Deus, homem! Não sei a que se refere. O senhor é um fugitivo. Eu sou um eLivros político. No momento em que pusermos para fora as nossas cabeças, eles as deceparão!

– Eles quem, doutor? – perguntou-lhe Nerone, sorrindo.

– As autoridades. A polícia. Os *carabinieri*. O prefeito de Gemello Maggiore.

Nerone lançou a cabeça para trás e riu descontraído, como se aquilo não fosse mais do que um gracejo, como os que as lavadeiras diziam junto ao rio.

– Meu caro doutor! Esses sujeitos estão tão assustados neste momento, que não pensam senão em salvar a própria pele! Há semanas que não os vemos por aqui. Além do mais, isso compete a nós e não a eles. Nós cuidaremos disso.

– Cuidaremos do quê, pelo amor de Deus?

– Do problema elementar de sobrevivência durante três meses. Teremos de providenciar para que todos tenham comida e combustível suficientes para passar o inverno. Temos de arranjar mais remédios para o senhor e tentar conseguir mais alguns cobertores. Precisamos estabelecer um depósito central e fazer com que as rações sejam distribuídas equitativamente...

– O senhor está maluco! – disse-lhes, sem meias palavras, Meyer.

– O senhor não compreende essa gente. São todos sovinas, mesmo nas ocasiões mais favoráveis; em tempo de fome, então, são como abutres! São capazes de devorar uns o fígado dos outros antes de permitir que um pedaço de pão passe de uma casa para outra. A família é a única coisa que conta. O restante pode apodrecer numa fossa!

– Então teremos de ensiná-los a agir – disse, calmamente, Nerone. – Nós os transformaremos numa tribo.

– O senhor não conseguirá.

– Já comecei a fazê-lo.

– Duvido muito!

– Já fiz com que dez famílias concordassem em depositar um quarto de seus estoques de víveres num depósito comum para o inverno. Cada uma dessas famílias vai procurar trazer um quarto mais. Depois o senhor e eu daremos uma volta por aí e procuraremos meter um pouco de bom senso na cabeça daqueles que ainda não aderiram.

– Não compreendo como conseguiu fazer isso.

Giacomo Nerone riu, dando de ombros.

– Falei com eles. Disse-lhes que viriam ainda novos tributos: italianos, alemães, aliados. Quando as coisas ficassem difíceis... como acontece no inverno... revistariam as casas à procura de víveres armazenados. Ora, agora, enquanto as coisas vão bem, seria melhor que cooperássemos todos e construíssemos um depósito

comum num lugar secreto. Disse-lhes que Nina e eu faríamos primeiro a nossa própria contribuição, como prova de boa-fé... e que formaríamos um comitê para administrar os víveres. O senhor, eu e três outros: dois homens e uma mulher. Demorou um pouco, mas no fim, concordaram.

– Tenho passado todo este tempo aqui – comentou Meyer, com ar sombrio – e jamais consegui fazer nada semelhante.

– A gente tem de pagar um preço por isso, claro.

Meyer fitou-o, intrigado:

– Que espécie de preço?

– Ainda não sei – respondeu Nerone, pensativo. – Mas penso que, no fim, será um preço muito elevado...

– ELE EXPLICOU o que queria dizer com isso? – indagou Blaise Meredith.

– Não.

– O senhor pediu-lhe que explicasse?

– Pedi – respondeu Meyer, com expressão triste. – Mas foi de novo Nina quem respondeu por ele. Estava de pé atrás dele, lembrome bem, e curvou-se e beijou-lhe os cabelos, segurando-lhe o rosto entre as mãos. Depois, disse: “Eu amo este homem, *dottore mio*. Ele não tem medo de nada... e sempre paga suas dívidas!”

– E isso o satisfaz?

Meyer esboçou um sorriso e recostou-se na cadeira enquanto apanhava o vinho.

– O senhor não percebe, monsenhor. Quando se vê um homem e uma mulher assim... e quando a gente está apaixonado pela mulher... existe apenas uma satisfação. E a gente não pode obtê-la. Levantei-me e vim para casa. No dia seguinte, Nerone e eu tornamos a nos encontrar e começamos a preparar as coisas para o inverno.

– E foram bem-sucedidos?

– Fomos. Antes que chegassem as primeiras neves, todos em Gemello Maggiore estavam de acordo, e armazenamos quase três toneladas de suprimentos na Grotta del Fauno.

Certas lembranças despertaram, vívidas, atrás dos olhos pensativos de Blaise Meredith.

- A Grotta del Fauno... Foi onde o sepultaram, não foi?
- Foi onde o sepultaram – repetiu Aldo Meyer.

Enquanto Blaise Meredith falava com o Dr. Aldo Meyer debaixo da figueira, Ana Luísa de Sanctis, sentada no aparatoso salão de sua *villa*, entrevistava Nina Sanduzzi.

Tinha acordado tarde, mas estava mais mal-humorada do que habitualmente e, quando a criada lhe informou que Nina Sanduzzi se achava à sua espera em companhia do rapaz, demorou-se um pouco mais a tomar sua refeição matinal e a fazer sua toailete. Conversou dez minutos com Nicholas Black, que saía para o jardim com sua caixa de tintas; depois, correu os olhos pelas despesas da casa e pelo cardápio para o jantar. Só então se instalou no salão e mandou um criado trazer Nina Sanduzzi à sua presença.

Estavam, agora, a sós, enquanto Paolo arrastava os pés numa das aleias do jardim e observava os jardineiros que se mexiam de um lado para o outro junto aos canteiros, bem como o voo de uma borboleta amarela a adejar, preguiçosa, entre os arbustos.

A condessa achava-se sentada numa cadeira de espaldar alto, frescamente ataviada, com um leve ar de triunfo na fisionomia, as mãos plácidas sobre o colo, os olhos a perscrutar o rosto impenetrável da camponesa que tinha à sua frente, empoeirada pela caminhada, pés nus nas sandálias de sola de madeira, mas empertigada e altiva como uma árvore à espera da investida do vento.

– Como vês – disse Ana Luísa de Sanctis –, esta é uma grande oportunidade para o rapaz.

Empregava o tratamento “tu” para indicar o grande abismo existente entre uma castelã e um criado.

– É trabalho – respondeu, calmamente, Nina Sanduzzi. – Isso é bom para o rapaz. Se ele trabalhar bem, será bom também para a senhora.

– O que ele acha disso? Está contente de vir?

– Quem pode dizer o que um rapaz sente? Ele está aqui. Pronto para começar a trabalhar.

– Não combinamos ainda o ordenado.

Nina Sanduzzi deu de ombros, indiferente:

– O doutor me disse que a senhora pagaria o que costuma pagar.

Ana Luísa de Sanctis sorriu, benevolente:

– Faremos melhor do que isso. O Sr. Black me disse que ele é inteligente e tem boa vontade. Vamos pagar-lhe um ordenado de homem.

– Ótimo... se for trabalho de homem. Contanto que seja trabalho de homem!

A resposta era cheia de farpas, mas a condessa, fraca em dialeto, não percebeu a pungência. E prosseguiu, benigna e condescendente:

– Se o rapaz trabalhar bem e revelar progresso, talvez possamos fazer muito por ele: dar-lhe educação, ajudá-lo a fazer carreira... mandá-lo para Roma, talvez.

Nina Sanduzzi concordou, pensativamente, com um gesto de cabeça, mas seus olhos eram velados e inexpressivos como os de uma ave. Apenas disse:

– O pai dele era um homem educado. Costumava dizer que se deve educar primeiro o coração e depois a mente.

– Certamente! – exclamou a condessa, com vivacidade nada natural. – O pai dele! Giacomo Nerone era teu amante, pois não?

– Era o homem que eu amava – respondeu Nina Sanduzzi. – Ele me amava e amava o rapaz.

– Estranho que jamais tenha se casado contigo.

Nenhuma emoção se revelou nos olhos impassíveis e no rosto calmo. A frase permaneceu suspensa no silêncio que se fez entre ambas. Ana Luísa de Sanctis sentiu-se irritada. Teve vontade de

agredir a outra e ver as marcas de seus dedos estampados naquele rosto azeitonado. Mas aquela era uma satisfação a que não podia entregar-se, presa como estava a um compromisso diplomático, a uma aliança que exigia sorrisos e despistamentos. Disse, animadamente:

– O rapaz ficará alojado aqui, claro. Será alimentado e terá conforto. Poderá passar os domingos em tua companhia.

– Falarei com o monsenhor que veio de Roma – disse, serena, Nina Sanduzzi. – Pedi-lhe que falasse com o rapaz e o ajudasse. Ele está, agora, na idade difícil.

– Não devias ter importunado monsenhor Meredith – censurou-a a condessa. – Ele é um homem doente e tem assuntos importantes a tratar!

– Os assuntos dizem respeito ao meu Giacomo, *signora*. E o que poderia ser mais importante do que o filho de Giacomo? Além disso, o monsenhor me disse que teria prazer em ajudá-lo.

– Pode ir agora – disse a condessa. – Deixa o rapaz aqui e o jardineiro o colocará a trabalhar.

Nina Sanduzzi não deu sinal algum de retirar-se. Em vez disso, abaixou-se e apanhou a cesta de palha que sempre carregava. Remexeu em seu interior e retirou um pacote cuidadosamente atado, entregando-o à condessa.

– O que é isto?

– Meu filho vem para a sua casa. Não deve vir de mãos vazias. É um presente.

A singela delicadeza do gesto a embaraçou. Apanhou o pacote e disse, acanhada:

– Obrigada. Posso perguntar o que contém?

– Somos pobres – respondeu Nina Sanduzzi, pesando as palavras. – Damos do nosso coração, não de nossa riqueza. Algum dia, podem fazer de Giacomo um beato, e então isso lhe será precioso. É uma parte das vestes que usava quando o mataram. Tem o seu sangue. Gostaria que a senhora aceitasse... da parte de seu filho!

Ana Luísa de Sanctis nada disse. Ficou apenas ali sentada, fitando o pacote como que hipnotizada, o rosto lívido, os lábios

movendo-se num murmúrio quase inaudível. Depois de muito tempo, quando ergueu os olhos, Nina já tinha partido, e não havia senão a luz do sol a cair obliquamente através dos corpúsculos de poeira e a vista de um gramado verde onde um rapaz caminhava ao lado de um jardineiro – rapaz que poderia ter sido seu filho.

ALDO MEYER E MONSENHOR Meredith tinham se erguido da mesa e caminhavam lado a lado de uma extremidade a outra do terraço lajeado que se estendia por toda a largura do jardim. Passavam, alternadamente, do sol para a sombra, e seus sapatos produziam um ruído seco, nítido, sobre as pedras.

– Até aqui – comentou Meredith em seu tom precioso, legal –, o que temos? Um homem em fuga, uma mulher apaixonada, um indivíduo assumindo comando e responsabilidade na comunidade que lhe concedeu refúgio. Seu passado é um mistério. Seu futuro, uma dúvida, mesmo em seu próprio espírito. Seu presente... aquilo que me disse. Não temos indicação alguma a respeito de sua crença religiosa ou de sua atitude moral. Em face disso, é homem que está vivendo em pecado. Seus atos, bons em si mesmos, não têm valor espiritual. Ora... – Tropeçou numa pedra e viu-a pular para longe, na direção do muro rústico. – Ora, segundo os meus registros, ele chega a uma crise, a um momento de conversão em que, ou em resultado do que, se afasta dessa mulher e se entrega a Deus. O que sabe a respeito disso?

– Menos do que deveria saber, talvez – respondeu, deliberadamente, Meyer. – Por certo muito menos do que Nina, com quem o senhor irá falar esta tarde. Mas sei alguma coisa. E vou dar-lhe minha opinião pelo que vale...

...O INVERNO FOI MUITO mais severo do que tinham julgado possível. A neve descia em rajadas ofuscantes dos altos picos situados a oeste; empilhava-se em montes ao longo dos caminhos e pelo vale. Obstruía as picadas existentes nas montanhas, partia os galhos das oliveiras e amontoava-se de encontro às portas das casas. Convertia-

se em duro gelo, e o vento varria a sua superfície, deixando expostas arestas de gelo que se assemelhavam às águas crespas de um mar branco e morto. Depois, vinham novas calmarias e nova nevada, de modo que uma fofa camada se formava sobre o duro gelo que havia embaixo.

No sul, os exércitos em luta cavavam abrigos e aguardavam o degelo. As patrulhas acampadas nos montes perdiam homens devido à inclemência do tempo. Os extraviados e desertores batiam desesperados, à noite, em portas trancadas e, se estas não lhes eram abertas, morriam na neve antes do amanhecer.

Dentro das casas as famílias, para aquecer-se, mantinham-se amontoadas nas grandes camas de ferro, levantando-se apenas para fazer suas necessidades, procurar alimento ou coar café, porque o estoque de carvão tinha de ser conservado, o chão de terra batida era gelado e o vento procurava, com insistência, insinuar-se pelas frestas das portas rachadas e das estranhas janelas, tapadas com barro e jornais velhos. Os velhos tossiam e resmungavam com o frio reumático a entanguir-lhes as juntas; os jovens entediavam-se com seus rostos febris, a garganta dolorida e o peito congestionado – e quando um deles morria, como acontecia a muitos, era levado para a neve e nela enterrado até que viesse o degelo, pois quem iria fabricar caixões naquele tempo horrível e remover a terra no Campo Santo, cujo solo, congelado, era duro como granito?

Viviam como animais em hibernação, cada qual uma ilha num mar de neve, tirando calor um do corpo do outro, familiarizados uns com os cheiros dos outros, ruminando cegamente a côdea de pão comum, pensando, desoladamente, quanto tempo durariam e se algum dia veriam outra primavera.

Se alguém batia à porta, não respondiam. Quem, senão ladrões, loucos ou famintos, estaria fora de casa num tempo como aquele? Se as batidas eram persistentes, lançavam, em coro, improperios ao intruso até que, finalmente, ele deixava de bater e ficavam a ouvir-lhe os passos estalejantes, afastando-se pela neve congelada. Havia apenas uma batida que conheciam e uma voz a que atendiam: a de Giacomo Nerone.

Todos os dias, de manhã à noite, ele vivia de um lado para o outro, sorridente, as botas enroladas em sacos, o corpo entalado entre camadas de roupas miseráveis, a cabeça metida num gorro feito de uma das meias de Nina. Trazia às costas uma velha mochila militar cheia de rações e os bolsos estofados de tabletes de aspirinas, uma garrafa de óleo de fígado de bacalhau e uma porção de remédios avulsos.

Quando chegava a uma casa, ficava durante o tempo que precisavam dele, mas nem um minuto mais. Verificava o estoque de alimentos, cuidava dos enfermos, medicava-os quando podia, fazia um caldo para os que se achavam incapacitados, limpava a sujeira acumulada e, depois, punha-se a caminho. Mas, antes de sair, havia sempre cinco minutos para as notícias e as despedidas, e dois minutos para a piada que os deixaria rindo quando de novo mergulhasse na desolação que reinava fora. Se sentiam necessidade de Meyer, ele o trazia. Se estavam prontos para um sacerdote, procurava arranjar um, embora isso fosse um tanto mais incerto, já que padre Anselmo era velho, friorento e pouco inclinado a mexer-se, e o jovem cura de Gemello Maggiore tinha de haver-se, não raro, com os seus próprios agonizantes.

Sua última visita do dia era sempre para Aldo Meyer. Bebiam um gole de grapa, trocavam anotações, e depois Nerone descia o monte, afundado na neve, em direção ao casebre de Nina.

A princípio, mostrava-se alegre, exultante com aquele desafio ao seu vigor e vitalidade. Depois, enquanto dezembro se convertia em janeiro sem que, não obstante, o tempo melhorasse de alguma maneira, começou a ficar irritadiço, preocupado, como alguém que dormisse muito pouco e pensasse demais. Meyer insistiu com ele para que descansasse, para que ficasse em casa uns dois dias em companhia de Nina, mas ele se recusou laconicamente a fazê-lo, passando, depois, a esforçar-se ainda mais do que antes.

Uma noite, já tarde, quando uma nova nevasca tornava o tempo ainda mais frio, apareceu na casa de Meyer, deixou cair a mochila ao chão, engoliu de um trago a sua grapa e disse, abruptamente:

– Meyer! Preciso falar-lhe!

– Você sempre o faz – respondeu Meyer, com suavidade. – O que há de tão diferente esta noite?

Nerone não tomou conhecimento da ironia e prosseguiu:

– Jamais lhe disse por que vim para cá, não é verdade?

– Isso é assunto seu. Não precisa dizer-me.

– Gostaria de dizer-lhe agora.

– Por quê?

– Porque preciso.

– É uma boa razão – observou Meyer, sorrindo.

– Diga-me uma coisa... você acredita em Deus, Meyer?

– Fui criado para que acreditasse – respondeu Meyer, pondo-se em guarda. – Meus amigos fascistas fizeram todo o possível para me persuadir do contrário. Digamos que encaro a matéria com o espírito aberto. Por que me pergunta?

– Porque poderia estar dizendo bobagem.

– Um homem tem o direito de falar bobagem quando sente necessidade.

– Pois bem. Pense o que quiser do que vou lhe dizer. Sou inglês, como sabe. Sou oficial, o que você não sabia.

– Eu imaginei.

– Sou, também, desertor.

– O que você quer que lhe diga? – indagou Meyer, com árido humor. – Quanto eu o desprezo?

– Não diga nada, pelo amor de Deus. Apenas ouça. Eu fazia parte da guarda avançada durante o assalto a Messina. Era a última posição em poder do inimigo na Sicília. Para nós, nada representava. Seus compatriotas estavam derrotados. Os alemães retiravam-se rapidamente. Apenas uma operação de limpeza. Minha companhia recebeu ordens para limpar uma área de cerca de meio quilômetro quadrado, ocupada por cortiços miseráveis, que dava para o cais. Atiradores de tocaia, uns dois ninhos de metralhadoras... nada mais. Havia um beco com janelas que davam para nós e, numa das janelas de cima, um atirador de tocaia. Ele já nos havia detido por dez minutos à entrada do beco. Depois, achamos que poderíamos apanhá-lo. Avançamos. Ao chegarmos a casa, segui a rotina habitual e gritei-lhe que se rendesse. Ouviu-se outro tiro... dessa vez vindo

da janela de baixo. Um dos meus homens tinha sido atingido. Lancei uma granada de mão através da janela, aguardei a explosão e depois entrei. Encontrei o atirador de tocaia... um velho pescador, com uma mulher e uma criança de colo. Todos mortos. A criança fora atingida em cheio pela explosão.

– Isso acontece na guerra – comentou, friamente Meyer. – É o elemento humano. Nada tem a ver com Deus.

– Eu sei – disse Giacomo Nerone. – Mas eu era o elemento humano. Você pode compreender isso?

– Sim, posso compreender. E você decidiu que aquilo era o fim, quanto ao que dizia respeito à sua pessoa. Você fizera o que lhe haviam pago para fazer. Vocês estavam dispensados de todo o restante. A guerra, para você, estava terminada. Está certo?

– Mais ou menos.

– E você fugiu. Mas para onde esperava ir?

– Eu não sabia.

– Por que veio para cá?

– Também não sei. Chame a isso um acidente, se quiser.

– E *você*, acredita em Deus, Nerone?

– Acreditava. Depois, por muito tempo, deixei de acreditar.

– E agora?

– Não me ponha contra a parede, homem! Deixe-me desabafar!

Meyer deu de ombros e despejou uma dose extravagante de grapa no copo de Nerone. Quando Nerone protestou, respondeu, com gélido humor:

– *In vino veritas*. Beba.

Nerone segurou o copo com as mãos trêmulas e bebeu avidamente; depois, limpou a boca com as costas da mão. E prosseguiu, melancólico:

– Quando encontrei Nina, ela foi um refúgio. Quando nos apaixonamos, o que aconteceu foi mais do que isso... foi uma espécie de absolvição. Quando ficou grávida, senti-me como se estivesse desfazendo o que tinha feito, pondo uma nova vida no lugar daquela que destruíra. Quando começamos a fazer alguma coisa por esta gente, foi como uma espécie de reparação, de minha

parte, ao velho pescador e à mulher morta... Mas não era o bastante. Ainda não é o bastante.

– Nunca é – disse Aldo Meyer. – Mas onde é que Deus entra nisso?

– Se Ele não entra, então tudo não passa de uma loucura monstruosa. A morte nada significa; a reparação, menos ainda. Somos formigas sobre a carcaça do mundo, movendo-nos agitadamente sem ir a parte alguma. Um de nós morre, os outros rastejam sobre nós em busca dos restos. Todo este vale podia morrer congelado, e isso nada significaria... absolutamente nada. Mas se existe um deus... tudo se torna enormemente importante... cada vida, cada morte...

– E a reparação?

– Não significa absolutamente nada – respondeu, sobriamente, Nerone –, a menos que nos demos como parte dela.

– Você está metido num poço, meu amigo – comentou, com brandura, Aldo Meyer.

– Eu sei – respondeu Nerone, com voz apagada. – E estou quase me afogando nele. – Apoiou a cabeça nas mãos e pôs-se a passar os dedos pelos cabelos.

Meyer aproximou-se, sentou-se à beira da mesa e disse, bem-humorado:

– Permita-me dar-lhe um conselho, meu amigo... um conselho médico. Você está se destroçando de cansaço e má alimentação. Nunca teve plena certeza se agiu mal ou bem afastando-se de sua guerra... e, porque está fatigado, começa a se preocupar com o assunto. Você fez um bom trabalho para nós aqui e ainda continua a fazê-lo. Agora, de repente, começa a preocupar-se com Deus. Se me perdoa dizê-lo... metade do misticismo vulgar que existe no mundo provém de má digestão, excesso de trabalho, falta de sono ou falta de satisfação sexual. Se quer um conselho de médico, fique em casa e brinque de lua de mel com Nina durante alguns dias. Concedam a vocês mesmos uma ração diária de alimento e façam uma festa.

Nerone ergueu a cabeça, e a tensão de seu rosto moreno, obstinado, afrouxou num sorriso:

– Aí, Meyer, é onde todos vocês, liberais, se enganam. Por isso é que já não existe mais lugar para vocês no século XX. Só há duas coisas que podem fazer com Deus: afirmar a Sua existência, como os católicos, ou negá-lo, como os comunistas. Vocês querem reduzi-lo a uma dor de barriga, a uma excitação ou a uma cômoda especulação para a hora do café e dos charutos. Você é judeu. Não devia ser tão tolo assim.

– E você, o que é? – indagou, Meyer, irritado.

– Eu era católico.

– Aí é que está a sua complicação – disse Meyer, com decisão. – Talvez você desse um bom comunista, mas jamais seria um bom liberal. Você, no fundo, é um absolutista. Contraindo a religião como uma coceira no traseiro e a carregará consigo até o dia de sua morte... Mas minha prescrição ainda permanece de pé.

– Pensarei a respeito, doutor. Tenho de pensar nisso... com todo o cuidado.

...MEREDITH DEIXOU de caminhar e ficou um momento à sombra da figueira desfiando, absorto, uma das folhas grossas e duras, sentindo nos dedos a seiva branca e viscosa. Decorrido um momento, disse:

– Esse é o primeiro vislumbre que tive de uma coisa que se procura em toda história individual: a entrada de Deus nos cálculos de um homem, o começo da aceitação da consequência da fé, o início de uma relação pessoal entre o Criador e a criatura. Se este tema continua...

– Repete-se – disse, lentamente, Meyer. – Mas existem hiatos na minha história. O senhor terá de preenchê-los com o que lhe disserem outras testemunhas, como Nina Sanduzzi, por exemplo.

– Se existissem coisas escritas – disse Meredith, pensativo –, ajudariam imensamente. Podia-se seguir uma atitude pessoal que explicaria as relações exteriores.

– Existem escritos, monsenhor. Eu os tenho.

Meredith fitou-o, surpreso:

– E são muitos?

– Há um grande pacote. Ainda não o abri. Foi Nina quem me deu.

– Eu poderia vê-los?

– Se não se importar de esperar um pouco – concordou Meyer, acanhado. – Eu mesmo ainda não os li. Tenho tido medo desses escritos, assim como o senhor teve medo de pedir um milagre. Em algum lugar, neles pode estar a resposta a uma porção de perguntas que há muito me perseguem. Gostaria de lê-los esta tarde, enquanto o senhor estivesse falando com Nina. Amanhã, então, eu devolverei... com o resto do meu depoimento. Está bem assim?

– Certamente. Disponha do tempo que quiser.

– Basta até amanhã – disse Meyer, com um sorriso de viés. – É um bom confessor, monsenhor Meredith. Gosto de conversar com o senhor.

Um ar de grave satisfação estampou-se nos olhos de Blaise Meredith.

– Se soubesse como isso me alegra!

Meyer fitou-o, irônico:

– Por quê, monsenhor?

– Pela primeira vez em minha vida, creio, começo a aproximar-me das pessoas. Aterroriza-me pensar quanto tempo desperdicei... e quão pouco tempo me resta.

– Mais tarde – disse Meyer, com ar sério – o senhor estará perto de Deus.

– Isso me aterroriza mais do que tudo – respondeu Blaise Meredith.

NUM CANTO DIANTE do jardim da *villa*, Paolo Sanduzzi serrava uma oliveira caída que devia ser transformada em lenha. O chefe dos jardineiros, um sujeito taciturno, nodoso e escuro como uma árvore, o deixara ali com a lacônica instrução de tirar as mãos dos bolsos e trabalhar duro porque, ao entardecer, queria que a árvore já estivesse cortada e amarrada.

Sentia-se contente de estar só. O lugar era novo e estranho. Aquele era o seu primeiro trabalho de homem, e suas mãos eram desajeitadas e inábeis. Seria um suplício se rissem dele, e precisava

de tempo para aprender o ritmo da ferramenta que usava, bem como a linguagem daquela nova vida entre os *signori*.

Tinha tirado a camisa porque o sol estava quente e, após decepar os ramos com um machado, pusera-se a serrar os galhos mais grossos. A madeira estava seca e era fácil de cortar, mas como se achava demasiado ansioso, o serrote emperrava e se torcia na mão até que, pouco a pouco, apanhou o jeito de fazê-lo e os dentes da ferramenta penetravam com facilidade na madeira, enquanto a serragem se amontoava, sobre as folhas a seus pés. Agradavam-lhe o ruído do serrote, o cheiro da madeira e o gosto do suor que lhe escorria pelo rosto e chegava até os cantos da boca.

Seria agradável se Rosetta estivesse ali sentada, conversando com ele e admirando sua habilidade, mas ela só chegaria no dia seguinte e teria de ficar na cozinha com a cozinheira ou espanando e polindo os móveis em companhia das outras criadas. Dormiria no alojamento das mulheres, compartilhando da cama de uma das moças, enquanto ele teria o seu próprio quarto, um estreito cubículo junto do depósito das ferramentas, com um colchão de palha, uma cadeira e um caixote com uma vela. Mas eles se encontrariam à hora das refeições e sairiam para passear aos domingos – e talvez pudessem até mesmo passar juntos alguns momentos furtivos, à hora da sesta. Ele se sentiria melhor quando ela estivesse lá; menos inexperiente e menos receoso da condessa, a quem ainda não tinha encontrado, bem como do inglês, com quem se avistava com demasiada frequência.

Agora, que o seu segredo era conhecido e compartilhado com o médico, agora, que sabia mais a respeito de seu pai, sentia-se mais seguro, mais senhor de si mesmo. O fato de ser um bastardo não constituía mais um mistério aterrador, e sentir-se atraído pelo inglês não era, ao que parecia, uma coisa tão estranha.

Talvez até pudesse encontrar uma maneira de fazer o que desejava mais do que tudo; limpar a poeira da aldeia dos pés e ir para Roma, onde viviam o papa e o presidente, onde as ruas eram cheias de fontes e toda a gente tinha automóvel, e as moças usavam roupas e sapatos elegantes e onde toda casa tinha água corrente e, às vezes, até mesmo banheiro e toalete. Essas eram

maravilhas a respeito das quais o pintor lhe falava com frequência, e sua magia ainda era poderosa sobre ele. Dera o primeiro passo. Deixara a aldeia e penetrara no mundo verde e recluso da *villa*. Roma estava muito mais perto, era muito mais possível.

Ao pensar em Roma, pensou, naturalmente, em Nicholas Black, com seus olhos zombeteiros e a boca retorcida num sorriso que podia fazer com que ele se sentisse homem ou criança e que podia prometer-lhe, sem uma palavra, toda a espécie de revelações. A impressão era tão vívida que, quando um ramo seco estalou atrás dele, voltou-se, assustado, esperando ver o inglês.

Mas era a condessa quem estava lá, brilhante como uma borboleta, num vestido de primavera e um chapéu vermelho, de praia, protegendo-lhe os olhos contra o sol.

Sem saber o que fazer ou dizer, permaneceu boquiaberto, os braços pendidos, frouxos, ao longo do corpo, sentindo o suor escorrer-lhe pelo rosto e pelo peito, sem que ousasse fazer um gesto para enxugá-lo. Ela, então, sorriu-lhe, e o sorriso estava também em seus olhos:

– Assustei-o, Paolo?

– Um pouco – murmurou, acanhado.

A condessa aproximou-se e olhou a madeira serrada:

– Vejo que esteve trabalhando com vontade. Isso é bom. Se trabalhar bem para mim, Paolo, jamais se arrependerá.

– Procurarei trabalhar, *signora*.

O sorriso da condessa inspirou-lhe confiança, e quando ela segurou o vestido para sentar-se sobre o tronco de uma oliveira caída, ele, num impulso súbito, estendeu sua camisa sobre o áspero córtex.

– A árvore está suja, *signora*. Vai sujar o seu vestido.

– Rapaz encantador! – murmurou Ana Luísa de Sanctis. – Isso é exatamente o que o seu pai teria feito. Sabia que conheci o seu pai?

– Meu pai também trabalhou para a senhora?

– Ah, não! – exclamou ela, lançando um riso alto e tilintante. – Seu pai era meu amigo. Costumava vir aqui, às vezes, visitar-me. Era um *signore*... um *gran' signore*!

Ele sentiu uma súbita vergonha de estar ali como criado, numa casa em que seu pai era recebido como visita. Antes que tivesse tempo de responder, a condessa prosseguiu:

– Foi por isso que o trouxe para cá: em consideração ao seu pai. Sr. Black disse-me que é inteligente e aprende as coisas com facilidade. Se isso é certo, talvez possa transformá-lo num senhor, como o seu pai.

Notou que a condessa não fizera referência alguma à sua mãe e, mais uma vez, sentiu-se envergonhado dela, com seu rude dialeto, suas roupas miseráveis e seus pés descalços e empoeirados. Respondeu rápido:

– Gostaria disso, *signora*. Trabalharei bem, prometo.

Depois, incentivado pelo sorriso de aprovação com que ela acolheu suas palavras, disse-lhe:

– Pouco sei a respeito de meu pai. Como era ele?

– Era inglês – respondeu a condessa. – Como eu, como Sr. Black e o monsenhor que veio de Roma.

– Inglês! – exclamou, parecendo não acreditar no som de sua própria voz. – Isso quer dizer que eu também sou meio inglês!

– Exatamente, Paolo. Sua mãe não lhe disse?

Ele negou com um gesto de cabeça.

– Ela nunca lhe disse o quanto você se parece com ele?

– Disse algumas vezes. Mas não muitas.

– Essa é outra das razões por que desejo que se comporte bem aqui. Farei com que vá à escola em Valenta, aprender a ler, a escrever, a falar corretamente e a usar roupas adequadas. Depois, então, talvez possa ser também meu amigo. Gostaria disso?

– E eu poderia ir para Roma?

– Claro! – respondeu-lhe ela, sorrindo. – Você o deseja muito, não é verdade?

– Ah, muito, *signora*!

– Eu poderia pedir a Sr. Black que o levasse a Roma, a fim de que visitasse a cidade.

Disse isso ainda sorrindo, mas havia uma espécie de estranha advertência em seus olhos. Sem saber por quê, Paolo exclamou, abruptamente:

– Preferia muito mais ir com a senhora!

E quando ele abriu os braços, num gesto de súplica comum no sul, ela apanhou-lhe as mãos e puxou-o para baixo, de modo que ele ficou meio ajoelhado, meio acorçado a seus pés. O perfume dela o envolveu todo, e ele podia ver-lhe os seios arfando sob o vestido fino. Ela tomou-lhe o rosto entre as mãos, inclinou-o um pouco em sua direção e disse-lhe, suavemente:

– Antes que eu pudesse fazer isso, Paolo, precisaria confiar em você. Teria de aprender a guardar segredos. Não tagarelar com a gente da aldeia... nem mesmo com o monsenhor ou com o *signor* Black.

– Eu aprenderei, prometo.

– Pensaremos, então, sobre isso, Paolo. Mas nem uma palavra... nem mesmo com sua mãe.

– Nem uma palavra.

Suas mãos em seu rosto eram suaves e perfumadas, e ele teve a estranha impressão de que ela queria curvar-se e beijá-lo; mas, no mesmo instante, ouviu um ruído de passos atrás deles e a voz macia de Nicholas Black:

– Com efeito, *cara!* Você é mesmo desavergonhada! O rapaz não perdeu ainda os dentes de leite e você já está procurando seduzi-lo!

– E é justamente você quem fala em sedução, Nicki!

As palavras eram em inglês, e Paolo não as compreendeu; mas, quando ergueu a cabeça e viu o comprido rosto de sátiro do pintor e as faces afogueadas e iradas da condessa, ele se sentiu como que numa armadilha... como um camundongo acuado num canto diante de dois gatos prontos para saltar.

LOGO DEPOIS DO MEIO-DIA, Blaise Meredith voltou à *villa* para banhar-se e descansar um pouco antes do almoço. Não deixava de estar satisfeito com o trabalho que tinha realizado pela manhã. Meyer era uma boa testemunha, e suas lembranças eram desapaixonadas, vívidas – de modo que, pela primeira vez desde o início de sua missão, Meredith estava começando a ver Giacomo Nerone como homem e não como lenda.

Teria preferido almoçar com Meyer, continuar a falar sobre o período seguinte da vida de Nerone, o período crítico. Mas Meyer não o havia convidado, e Meredith percebeu que ele precisava de tempo para refazer-se e estar só para começar a leitura dos papéis do morto.

Enquanto permanecia deitado, repousando sentindo no ventre aquela dor que já se lhe tornara familiar, pensou em como deveria comportar-se durante a refeição em companhia da condessa e de Nicholas Black. Agora que sabia que a condessa era uma mentirosa e que os dois formavam um par de conspiradores, sua posição parecia-lhe sumamente desagradável. Como hóspede, via-se obrigado a agir com discrição e cortesia. Como sacerdote, não podia participar, mesmo que pelo silêncio, da corrupção de um menor. Como Advogado do Diabo, tinha ido à procura de provas e necessitava da cooperação de suas testemunhas.

Novamente, como acontecera na casa de padre Anselmo, o caso de Giacomo Nerone deixou de ser importante. Havia almas em jogo, e se o sacerdócio significava algo, esse algo era o cuidado das almas. Uma enunciação simples, mas uma proposição complexa. Nada se resolvia brandindo os mandamentos como um cacete sobre a cabeça das pessoas. Não havia sentido algum em ameaçar com a condenação eterna um homem que já caminhava para o inferno por livre e espontânea vontade. Mesmo então, tinha-se de esperar pelo lugar e pelo momento propícios – e ainda assim, no fim, podia-se falhar. Quando se tinha o corpo enfermo e o espírito preocupado, a dificuldade era dupla.

Quando chegou a hora do almoço levantou-se, penteou o cabelo, vestiu uma batina leve de verão e dirigiu-se ao terraço, sob o guarda-sol listrado. Nicholas Black já se achava sentado, sozinho, à mesa. Ao vê-lo entrar, o pintor saudou-o displicentemente e disse:

– A condessa pede-lhe que a perdoe. Está com dor de cabeça. Almoçará em seu quarto. Espera poder ver-nos a ambos durante o jantar.

Meredith fez um aceno de cabeça e sentou-se. Imediatamente um criado abriu o seu guardanapo e despejou vinho e água gelada nos copos que estavam à sua frente.

– Teve uma boa manhã, monsenhor?

– Muito boa. Muito informativa. O Dr. Meyer é uma excelente testemunha.

– É um homem inteligente. Surpreende-me que tenha sido malsucedido na própria vida.

Meredith não tomou conhecimento da insinuação. Não tinha desejo algum de ser levado a uma discussão logo no momento do *antipasto*. Black mergulhou em seu prato e sorveu o seu vinho, ambos em silêncio. Depois, o pintor tornou a indagar:

– Como está sua saúde, monsenhor?

– No mesmo, infelizmente. O prognóstico de Meyer é pior do que esperava: três meses, diz ele.

– O senhor sente muita dor?

– Bastante.

– Em três meses – disse o pintor – o senhor dificilmente terminará o seu caso.

– Receio que não. Felizmente a Igreja não tem pressa ao tratar dessas coisas. Um século ou dois não fazem diferença.

– Contudo tenho a impressão de que o senhor está ansioso para concluir sua missão.

– As testemunhas aí estão – respondeu, friamente, Meredith. – Algumas delas se mostraram dispostas a cooperar. Quanto maior o número de depoimentos que conseguir obter agora, melhor para todos. Além disso – acrescentou, limpando uma migalha de pão que lhe ficara junto ao canto da boca exangue –, quando o término da vida da gente já foi estabelecido, a gente se dá conta, de repente, de sua brevidade. “Chega a noite, quando nenhum homem pode trabalhar.”

– Tem medo da morte, monsenhor?

– Quem não tem?

Black sorriu sardonicamente:

– Pelo menos o senhor é franco a respeito. Muitos de seus colegas não o são, como bem sabe.

– Muitos deles ainda não tiveram de enfrentar a realidade – respondeu Meredith, com azedume. – E o senhor?

Black sorriu entre dentes e tomou um longo gole de vinho; depois se recostou na cadeira, enquanto o criado lhe trocava o prato, e disse, com falso arrependimento:

– Eu o estou provocando, monsenhor. Perdoe-me.

Meredith debruçou-se sobre o peixe e nada respondeu. Decorrido um momento, Paolo Sanduzzi saiu do meio dos arbustos e atravessou o gramado em direção à cozinha. O pintor ficou a observá-lo, e Meredith, a observar o pintor de soslaio, com olhos especulativos. Quando o rapaz desapareceu nos fundos da casa, Black voltou-se para a mesa e comentou, em tom casual:

– Rapaz encantador. Um Davi clássico. Dá pena pensar que irá estragar-se numa aldeia como esta. Fico a pensar por que a Igreja não faz alguma coisa por ele. Não se pode deixar que o filho de um *beato* fique por aí a perseguir as moças e a meter-se em complicações com a polícia como qualquer outro rapaz, não é verdade?

A afável desfaçatez do outro foi demais para Meredith, que depôs ruidosamente a faca e o garfo e disse, com fria precisão:

– Se o rapaz se corromper, Sr. Black, o senhor será o único culpado disso. Por que não vai embora e não o deixa em paz?

Para sua surpresa, o pintor lançou a cabeça para trás e pôs-se a rir.

– Meyer deve ter sido, com efeito, uma boa testemunha, monsenhor! Que mais lhe disse a meu respeito?

– Isso não basta? – indagou, em voz baixa, Meredith. – O senhor está fazendo uma coisa detestável! Seus vícios íntimos são assunto que dizem respeito ao senhor e ao Todo-Poderoso. Mas quando se dispõe a corromper esse rapaz, o senhor está cometendo um crime contra a natureza...

Mal as palavras lhe haviam saído da boca, Black o interrompeu:

– O senhor já me julgou, não é certo? Já apanhou todos os fios dos boatos imundos que correm pela aldeia e já me condenou, sem sequer ouvir uma palavra em minha defesa.

Meredith enrubesceu. A acusação, de um modo nada agradável, aproximava-se muito da verdade. Respondeu, em tom sereno:

– Se o julguei mal, Sr. Black, lamento profundamente. Ficaria mais do que contente se o ouvisse negar esses... boatos.

O pintor riu, com amargura.

– O senhor quer que me defenda perante sua pessoa? O diabo que me carregue se o fizer, monsenhor! Em vez disso, aceito o desafio em seu próprio terreno. Digamos que eu seja o que toda gente diz que sou... um homem anormal, um corruptor de jovens. O que a Igreja me oferece, à guisa de fé, de esperança ou caridade? – Apontou um dedo magro, acusador, na direção do sacerdote: – Vamos nos entender, Meredith. O senhor pode tapear seus penitentes e encantar suas congregações domingueiras, mas a mim é que não engana! Também já fui católico e conheço toda essa rotina pretensiosa. Sabe por que deixei a Igreja? Porque ela responde a todas as malditas questões teóricas... exceto aquela que a gente precisaria ver respondida... “Por quê?” O senhor me diz que estou cometendo um pecado contra a natureza porque pensa que gosto desse rapaz e pretendo seduzi-lo. Vamos examinar esse ponto. Se o senhor puder dar-me uma resposta satisfatória, faça-lhe uma promessa: arrumarei minhas malas e partirei no primeiro transporte disponível! Concorda com isso?

– Não posso fazer nenhum acordo com o senhor – respondeu, incisivo, Meredith. – Ouvirei e procurarei responder. Apenas isso.

Nicholas Black riu, áspero:

– O senhor já está se equivocando! Mas, de qualquer modo, prosseguirei. Conheço todos os seus argumentos sobre a questão do uso ou abuso do corpo. Deus o fez, primeiro, para a procriação de crianças e, depois, para o comércio amoroso entre homem e mulher. E aí termina o assunto. Todos os atos corporais devem estar de acordo com um fim, e tudo o mais é pecado. O pecado, segundo a natureza, é um ato que vai além do instinto natural... como dormir com uma moça antes que se case com ela ou desejar a mulher alheia. Desejar um rapaz é, do mesmo modo, um pecado contra a natureza... – Riu, sardonicamente, diante do rosto pálido, concentrado, do sacerdote. – Acaso eu o surpreendo, Meredith? Também eu me abarrotei de São Tomás. Mas há aí um engano, e é isso que quero que me explique. E a minha natureza? Eu nasci como

sou. Tinha um irmão gêmeo. Visse o senhor o meu irmão, antes que ele morresse, e teria visto o macho perfeito... talvez o macho excessivo, se assim o preferir. E eu?... Não estava bem claro o que eu seria. Mas, dentro de pouco tempo, eu soube. Fazia parte de minha natureza ser atraído mais pelos homens que pelas mulheres. Não fui seduzido num banheiro coletivo nem enganado por palavras pérfidas num bar. Sou o que sou. Não posso mudar minha natureza. Não pedi para nascer. Não pedi para nascer assim... e só Deus sabe o quanto tenho sofrido por causa disso. Mas quem me fez? Segundo o senhor... Deus! O que desejo e o que faço são coisas que estão de acordo com a natureza que Ele me deu...

No ardor da argumentação, sua atitude de insulto sardônico converteu-se num apelo à compreensão de Meredith. Ele mesmo não tinha consciência disso, mas o sacerdote notou-o prontamente e de novo se sentiu envergonhado de sua obtusidade. Ali estavam, prontos para ele, o lugar e o momento oportunos, mas, novamente, ao que parecia, por falta de sabedoria e de simpatia humana, não os aproveitara. O pintor prosseguia, as palavras a lhe saírem da boca precipitadamente, amargas.

– Olhe para o senhor! É um sacerdote. E sabe muitíssimo bem que se neste momento eu me dispusesse a seduzir uma jovem em vez do jovem Paolo, o senhor adotaria uma opinião inteiramente diferente. Não aprovaria, certamente! E me faria um sermão sobre a fornicação e tudo o mais. Mas não se sentiria assim tão desgostoso. Seria normal... de acordo com a natureza! Mas eu não sou feito assim. Deus não me fez assim. Mas será que, por isso, necessito menos de amor? Tenho menos necessidade de satisfação? Acaso tenho menos direito de viver contente apenas porque o Todo-Poderoso se enganou, algures, com uma das engrenagens de sua criação?... O que me responde a isso, Meredith? Qual é a sua resposta para *mim*? Acaso devo manietar-me ou dedicar-me ao *badminton* e esperar até que façam de mim um anjo do céu, onde não há mais necessidade dessas coisas?... Sinto-me solitário! Tenho necessidade de amor, como qualquer outro homem! Da minha espécie de amor! Devo viver, até morrer, numa cela acolchoada? O

senhor é a Igreja, e a Igreja sabe todas as respostas! Responda-me a isso!

Interrompeu-se e ficou sentado à espera, e seu silêncio constituía, para Meredith, um desafio maior do que o jorro de suas invectivas. Meredith fitou o pequeno caos de migalhas de pão que havia em seu prato e escolheu as palavras com que articular a sua resposta. Tentou fazer uma pequena prece silenciosa por aquela alma que se apresentava nua à sua frente – mas a prece, como o argumento que apresentou, pareceu-lhe estranhamente árida e impotente. Após um momento, respondeu, grave:

– O senhor me disse que já foi católico. Mesmo que não o tivesse sido, compreenderia minhas palavras e o que elas significam. Para o seu problema, assim como para inúmeros outros problemas, não existe uma resposta que não implique um mistério e um ato de fé. Não sei dizer-lhe por que Deus o fez assim, como também não sei por que ele plantou um carcinoma em meu estômago, fazendo-me morrer penosamente, enquanto outros morrem tranquilamente durante o sono. Parece que sempre há enganos nas engrenagens da criação. Nascem crianças com duas cabeças, mães de família saem a correr, loucas, empunhando facas de cozinha, homens morrem em epidemias, de fome e fulminados por raios. Por quê? Só Deus sabe.

– Se é que existe um deus.

– Aceitarei o “se” – respondeu Meredith, com tranquilo interesse.

– Se não existe Deus, então o universo é um caos sem sentido algum. Vive-se nele tão longa e agradavelmente quanto se puder, tirando-lhe o melhor proveito. O senhor pode apanhar o seu Paolo e desfrutá-lo... se a polícia e os costumes sociais o permitirem. Nada tenho a discutir com o senhor. Mas se existe um deus... e creio que existe... então...

– Não me diga o restante, monsenhor – atalhou o pintor, com amargura. – Já sei de cor. Não importa a porcaria em que a criação se transforme, a gente a aceita e gosta dela... pois que é uma cruz que Deus nos põe às costas. Se a aceitarmos durante demasiado tempo, fazem de nós um santo, como Giacomo Nerone. Isso não é resposta, Meredith.

– O senhor tem outra melhor, Sr. Black?

– Tenho, com efeito! Fique com a sua cruz e com o seu cilício, monsenhor. Eu quero dinheiro na mão e pouco me importa o restante

Afastou a cadeira, levantou-se da mesa e, sem proferir qualquer outra palavra, entrou na casa. Blaise Meredith enxugou as mãos úmidas no guardanapo e tomou um gole de vinho para umedecer os lábios. E surpreendeu-se de achá-lo subitamente azedo, como vinagre numa esponja.

Às primeiras horas da tarde, na cabana que se erguia entre os azinheiros, Nina Sanduzzi conversava com o monsenhor que viera de Roma. Estavam sentados, frente a frente, à pequena mesa rude, mas muito asseada, situada entre a porta aberta e a grande cama de ferro em que dormira Giacomo Nerone e em que nascera o seu filho. Depois da claridade que reinava fora, o quarto era fresco e cheio de sombras, e mesmo o canto das cigarras era abafado, chegando até num meio-tom invariável e monótono.

A caminhada monte abaixo logo cansara Meredith; tinha o rosto macilento, os lábios exangues, e sentia um nó apertar-lhe a boca do estômago. Nina Sanduzzi olhava-o com ar de ligeira piedade. Tinha pouca experiência de sacerdotes, e aqueles que conhecia, como padre Anselmo, quase nada tinham que os recomendassem. Mas aquele era diferente; tinha compreensão e delicadeza. Não penetraria demasiado asperamente na intimidade de seu passado com Giacomo Nerone. Não obstante, mostrava-se cautelosa, e quando ele começou a interrogá-la, respondeu-lhe laconicamente, sem procurar enfeitar as palavras:

– Quero que compreenda primeiro uma coisa: há perguntas que precisam ser feitas. Algumas delas talvez lhe pareçam estranhas... e até mesmo brutais. Faça-as não porque pense mal de Giacomo Nerone, mas porque precisamos tentar saber tudo, coisas boas e más, a respeito desse homem. Compreende isso, *signora*?

Ela, calmamente, fez um sinal afirmativo com um gesto de cabeça.

– É melhor me chamar pelo meu nome: Nina. É assim que o doutor me chama e o senhor é amigo dele.

– Obrigado. Ora, estou informado, Nina, que logo depois de sua chegada a Gemello Maggiore, você e Giacomo Nerone passaram a viver juntos.

– Éramos amantes – respondeu Nina Sanduzzi. – Não é a mesma coisa.

Meredith, o formalista, sorriu – ele, que antes poderia ter franzido a testa diante de uma resposta como aquela. E prosseguiu:

– Você era católica, Nina. Giacomo também era. Não pensou que isso era um pecado contra Deus?

– Quando a gente se sente solitária, monsenhor, e há medo bem atrás da porta, e o inverno está chegando e não sabemos se estaremos vivos no dia seguinte, a gente pensa nessas coisas e se esquece do pecado.

– Não se pode nunca esquecer inteiramente.

– Inteiramente, não. Mas quando essas coisas acontecem com frequência, mesmo entre sacerdotes, não parecem tão más.

Meredith acenou com a cabeça, afirmativamente. Uma semana atrás, talvez tivesse compreendido menos e falado mais. Agora, sabia que o coração tinha razões mais profundas do que as que a maioria dos sacerdotes jamais imaginou. Tornou a perguntar:

– Suas relações com esse homem... suas relações físicas... eram normais? Acaso ele alguma vez lhe pediu para fazer o que não deve ser feito entre homem e mulher?

Ela o fitou, momentaneamente perplexa. Depois, ergueu a cabeça, altiva:

– Nós nos amávamos, monsenhor. Fazíamos o que os amantes fazem e estávamos contentes um com o outro. Que mais poderia haver?

– Nada – apressou-se a responder Meredith. – Mas se se amavam tanto, por que não se casaram? Você ia ter um filho. Acaso não devia nada a esse filho? Que pensava Giacomo a respeito?

Pela primeira vez, desde que a conhecera, Meredith viu um sorriso iluminar-lhe os lábios e os olhos. Parecia um eco da antiga Nina – a que queria um homem para ter em seus braços e estava

disposta a enfrentar um pelotão de fuzilamento para obtê-lo. Respondeu-lhe, num dialeto vívido, cheio de gíria:

– Todos os senhores me fazem a mesma pergunta... como se ela fosse grande e importante, e não apenas uma verruga num melão verde. Os senhores não compreendem como eram as coisas naquela ocasião. Só era certo o dia que se estava vivendo. No dia seguinte, poderia vir a polícia, ou os alemães, ou os ingleses. Poderíamos todos morrer de tifo ou de malária. Um anel no dedo nada significava. Eu tinha um anel, mas não tinha homem algum que correspondesse a ele.

– Giacomo recusou-se a casar com você?

– Eu nunca lhe pedi. Mais de uma vez ele me disse que se casaria comigo, se eu quisesse.

– E você não quis?

Novamente a velha chama tremeluziu-lhe nos olhos, e o altivo sorriso grego contraiu-lhe o canto dos lábios:

– O senhor ainda não compreende, monsenhor. Eu tinha tido um marido antes. Queria conservá-lo comigo, mas o exército o levou e ele foi morto. Agora, eu tinha um homem. Se ele quisesse ir... podia ir, sem que anel algum o retivesse. Se a polícia ou os soldados o apanhassem, ele estaria, do mesmo modo, perdido para mim. O casamento poderia vir mais tarde, se fosse, algum dia, bastante importante. Além disso, havia outra coisa, sobre a qual Giacomo me falava com frequência...

– Que coisa?

– Ele havia metido na cabeça que, mais cedo ou mais tarde, algo lhe aconteceria. Era desertor e se os ingleses ganhassem a guerra, o apanhariam. Ou os alemães. Se o fizessem, eu jamais saberia se estava vivo ou morto. Ele queria que eu fosse livre, para poder tornar a casar. Livre para repudiá-lo, a fim de que não pudessem castigar-me nem ao filho.

– E isso era importante para você, Nina?

– Para mim, não. Mas para ele, sim. E se pensar assim o tornava feliz, eu também era feliz. Nada mais importava. Nunca estive apaixonado, monsenhor?

– Temo que não – respondeu Meredith, esboçando um sorriso. – Você terá de ser paciente comigo... Diga-me uma coisa: quando estavam vivendo juntos, que espécie de homem era Giacomo? Era bom para com você?

Era quase fantástico ver como as recordações a invadiam e como todo o seu corpo parecia animar-se, como uma flor sob a chuva. Mesmo em sua voz havia uma espécie de esplendor.

– Que espécie de homem?... Como espera que responda a isso, monsenhor? Tudo o que uma mulher deseja encontrava-se naquele homem. Era vigoroso na cama e, não obstante, suave como um bebê. Podia ficar zangado, de modo que a gente tremia diante de seu silêncio, mas, no entanto, jamais levantou a mão ou ergueu a voz. Quando eu o servia, mostrava-se grato e agradecia-me como se eu fosse uma princesa. Quando eu tinha medo, fazia-me rir, e quando ele ria, era como o sol que nascia pela manhã. Não tinha medo de ninguém nem de nada, exceto que eu pudesse vir a sofrer...

– Mas – observou Meredith, com estudada rudeza – ele a abandonou grávida e jamais tornou a viver em sua companhia.

Sua cabeça se ergueu, altiva como uma deusa de mármore ao sol:

– Vivemos apaixonados e separamo-nos apaixonados... nunca, depois disso, deixei de amá-lo...

...O INVERNO CHEGAVA ao fim numa longa alternância de nevascas e calmarias geladas. Na aldeia e nas montanhas havia muita doença. Alguns morriam e outros se restabeleciam – mas lentamente, devido à umidade e à falta de ventilação das choças e, também, porque a comida se tornava cada dia mais escassa.

A certa altura, houve uma epidemia – as pessoas apresentavam manchas na pele, dor nos olhos e febre. Nina caiu doente e lembrava-se do médico e de Giacomo confabulando gravemente a um canto a respeito de algo a que chamavam *rubella*. Mas ela logo melhorou e não pensou mais no caso.

O próprio Giacomo Nerone revelava os sinais de seu esforço durante o inverno longo e frio. As carnes iam-lhe abandonando a robusta constituição física, suas faces morenas, de barba espetada, achavam-se fundas, e tinha os olhos encovados e febris quando caminhava penosamente para casa em meio da neve, após um dia passado na montanha.

Nina, atacada da náusea constante e do cansaço que assaltam certas mulheres no começo da gravidez, verificou que a monotonia da comida lhe dava enjojo e, à medida que seu corpo lentamente engrossava, se sentia pouco inclinada ao ato do amor, que antes lhe causava tanto deleite e ao qual se entregava de maneira tão completa. E essas coisas a preocupavam. Um homem era um homem, e exigia que uma mulher o acalmasse e satisfizesse, sem se importar com o que sua mulher pudesse sentir. Mas Giacomo era diferente da raça a que ela pertencia. Mostrava-se gentil quando ela estava doente. Fazia comida com as próprias mãos para que fosse tentada a comer. Quando não estava disposta a recebê-lo em seus braços, não a forçava a fazê-lo e, nas longas e lamentosas noites de tempestade, distraía-a com histórias de lugares e povos estranhos, assim como de cidades que se erguiam, como blocos de pedras, quase até o céu.

Ela o amava ainda mais pelas suas atenções, pois sabia que também ele tinha seus problemas; problemas que o mantinham desperto a noite e o preocupavam durante o dia. Às vezes falava com ela a respeito deles, esforçando-se por encontrar a frase exata em dialeto e fazer com que ela lhes compreendesse o sentido. Nisso, também, era diferente dos homens da aldeia, que se aconselhavam nas tabernas e não com suas esposas, pois eram de opinião de que as mulheres nada sabiam, salvo o que se referia à casa, à cama e aos aspectos mais simples da religião. Mas Giacomo falava-lhe livremente, de modo que se sentia forte e sábia em sua companhia.

– Ouça, Nina *mia*, você sabe que, às vezes, um homem faz uma coisa e sua mulher o odeia por não compreender a razão de seu gesto?

– Sei, *caro mio*, mas eu compreendo você. Sendo assim, por que se preocupa?

– O que quer que eu fizesse, você ainda me amaria?

– Sempre.

– Então ouça, Nina. Não me interrompa quando estiver falando, porque isso é difícil de dizer. Quando terminar, diga se me compreendeu. Durante muito tempo, senti-me como um homem perdido. Fui como um calabrés parado no meio de Roma, perguntando a todos: “Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou?” Ninguém lhe responde, claro, porque ninguém o compreende... E mesmo que o compreendessem, ele não saberia, porque não falava a mesma língua que os romanos. Nem sempre foi assim. Houve um tempo em que eu era como você. Sabia que vinha de Deus e que, no fim, voltaria a Ele, que podia falar-Lhe na Igreja e recebê-Lo em mim na comunhão. Podia agir mal e, não obstante, ser perdoado. Extraviar-me um pouco e, apesar de tudo, voltar ao caminho certo... Mas, de repente, não havia mais caminho. Havia escuridão e vozes que me gritavam: “Por aqui! Por ali!” Eu seguia as vozes e penetrava em trevas cada vez mais profundas... e ouvia outras vozes. Mas nada de caminho: eu estava perdido. Não havia Deus, nem Igreja, nem lugar algum para onde, no fim, pudesse ir. Foram esses seus gritos calabreses numa cidade de estranhos... Quando aquilo me aconteceu em Messina, não pude ser como os outros homens e exclamei: “Isto é a guerra! Este é o preço da paz! Esquecerei tudo e continuarei lutando por aquilo em que acredito.” Não acreditava em nada: na guerra, na paz, em coisa alguma! Havia apenas uma criança, uma mulher e um velho que eu matara, sem que tivesse razão alguma para fazer isso... Pus-me, então, em fuga e, de súbito, sem saber por que nem como, eis-me aqui com você... de novo em casa. Mas nada é exatamente como antes. Eu mudei. Já não há escuridão, mas apenas brumas, como no vale às primeiras claridades cinzentas da manhã. Eu vejo você, conheço-a, amo-a, porque você está perto e também me ama. Mas fora da porta há neblina e estranheza. Até mesmo as pessoas são diferentes. Fitam-me com os olhos espantados. Sem que eu saiba a razão, sou, para elas, um sujeito importante. Elas dependem de mim. Sou o calabrés que estive na grande cidade e viu tudo, conhece o papa, o presidente e sabe como fazer as coisas. Sou o homem de confiança delas. Eu

devia estar orgulhoso disso, mas não estou, pois que caminho em meio à bruma, ainda incerto de onde vim, para onde vou e o que deveria fazer... Você pode compreender, Nina? Ou estou falando como um louco?

– Você está falando comigo, *caro mio*, e o meu coração compreende.

– Será que compreenderá o que vou pedir-lhe?

– Quando você me abraça assim e posso sentir o amor em suas mãos e em sua voz, nada é difícil.

– É difícil para mim dizer-lhe... Quando chegar a primavera e a vida for mais fácil, quero deixá-la... afastar-me durante algum tempo de você.

– Não, *caro mio*!

– Não do vale. Afastar-me desta casa.

– Por quê, *caro mio*? Por quê?

– Há duas razões, e a primeira diz respeito a mim. Quero encontrar um lugar secreto... e construir, se precisar com as próprias mãos, um abrigo. Quero viver lá sozinho com Deus, cuja face já não posso ver. Quero dizer-lhe: “Vê, estou perdido. A culpa é apenas minha, mas estou perdido. Se estás aí, fala-me claramente. Mostra-me quem sou, de onde venho, para onde vou. Estas criaturas, Tuas, que Te conhecem... por que se voltam elas para mim, e não para Ti, à procura de ajuda? Há em minha testa algum sinal que não consigo ler? Se há, conta-me o que significa...” Preciso fazer isso, cara.

– E o que será de mim e de seu filho?

– Estarei aqui durante todo o tempo. Verei você com frequência e, se Deus falar comigo, pedirei a Ele por você... pois, se Ele conhece absolutamente tudo, sabe que eu a amo.

– E, ainda assim, você vai embora?

– Há amor nisso também, Nina... mais amor do que você imagina. E existe, ademais, uma grande razão para que eu o faça. Quando chegar a primavera, os exércitos se porão em marcha. Os alemães chegarão primeiro e haverá combates ao sul daqui. Os guerrilheiros entrarão em ação, a fim de atormentar os alemães, e os aliados, no fim, os repelirão, fazendo-os recuar. Alguns deles, ou todos, virão por seu turno a Gemello. Logo terão conhecimento de

minha presença aqui, devido ao que sou... Giacomo Nerone, o homem de confiança, o sujeito importante, o marcado. Se tiver sorte, vão me aceitar e poderei, então, ajudar o povo. Se não tiver, algumas dessas tropas, esta ou aquela, me fará prisioneiro... e, possivelmente, me matará.

– *Dio!* Não!

– Pode acontecer, Nina. Talvez seja isso que se encontra atrás da bruma, e é possível que eu veja, ao mesmo tempo, a face de Deus e a face do carrasco. Não sei. Mas, aconteça o que acontecer, precisamos separar-nos ao chegar a primavera. Você não pode envolver-se comigo, pois há a criança. Se me aprisionarem, Meyer cuidará de você. Se não, estarei aqui para isso. E se tudo correr bem, casarei com você e darei o meu nome ao menino. Vocês dois são meus, eu a amo e não permitirei que sofra por mim ou pelo povo.

– Sofrerei de qualquer modo quando não estiver aqui.

– Sofrerá menos assim do que do outro modo, Nina. Haverá muito ódio... você nem pode imaginar quanto. Já vi tudo isso antes, e é terrível!

– Abrace-me, *caro mio!* Abrace-me, tenho medo.

– Abrigue-se em meu braço e ouça as batidas de meu coração. Sou o seu homem de confiança, também, e você pode dormir tranquila.

– Agora, talvez... mas, quando você for embora?

– Jamais irei inteiramente, Nina *mia*. Nunca, até a eternidade...

...A SIMPLICIDADE BÍBLICA de sua narrativa era mais convincente do que qualquer retórica, e Blaise Meredith, o homem seco, pertencente à Congregação dos Ritos, viu-se levado por ela como uma vergôntea ao sabor de uma torrente. Mesmo pelo rude dialeto, o diálogo soava como os versos de um poeta na boca de um amante... há muito querido e há muito lembrado. Atrás deles, o rosto de Giacomo Nerone adquiria forma e convertia-se em nítida realidade – um rosto magro, moreno, sofredor, de lábios suaves e olhos profundos, cheios de bondade. O rosto de um perquiridor... uma dessas criaturas cujos

ombros suportam o fardo de mistérios e que às vezes chegam a uma santidade.

Mas isso não era o bastante para os grisalhos advogados da Congregação dos Ritos, os inquisidores do Santo Ofício. Eles precisavam ver mais do que aqui, e Blaise Meredith precisava dar-lhes o que desejavam. Assim, de um modo mais delicado, mas não menos persistente, tornou a interrogar Nina Sanduzzi:

– Quando foi que ele a deixou?

– Depois do degelo, quando ia romper a primavera.

– E, até o momento em que a deixou, ele dormia com você... tinha relações carnavais com você?

– Tinha. Por quê?

– Nada. É uma pergunta que devia ser feita.

Mas o que ele não lhe disse era o que aquilo provava para ele. Ali estava um homem ainda na escuridão, um homem que buscava, talvez, a verdade, mas que ainda não encontrara o seu Deus e que ainda não se entregara à Sua vontade. Havia amor nele, mas ainda era apenas o símbolo deformado do amor que é o começo da santidade.

– E quando ele partiu, o que aconteceu a ele?

– Ele se dirigiu à garganta do vale, onde se encontram as cavernas, e começou a construir sua cabana. Enquanto a estava construindo, dormia numa caverna, preparava a própria comida e, durante o dia, fazia o que havia feito durante o inverno: percorria o vale trabalhando para os que não podiam trabalhar, cuidando dos doentes, levando alimentos para os necessitados.

– Você o via durante esse tempo?

– Ele vinha me ver todos os dias, conforme prometera.

– E ele estava mudado?

– Quanto a mim? Não. Mas estava mais delicado e me tratava com maior cuidado.

– E tinha relações íntimas com você?

Ela tornou a sorrir, sentindo uma leve pena de sua ignorância clerical:

– Eu estava gorda, pois ia ter criança, monsenhor. Sentia-me calma e contente... e ele nada me pediu.

- E ele mesmo, havia mudado?
- Sim. Estava magro como jamais o vira. Tinha os olhos fundos e a pele esticada sobre os ossos do rosto. Mas estava sempre sorridente e muito mais feliz do que antes.
- E disse por quê?
- A princípio, não. Depois, um dia, tomou-me as mãos entre as suas e disse-me: “Estou em casa, Nina. Estou de novo em casa.” Tinha estado em Gemello Maggiore, onde se havia confessado com o jovem padre Mário e, no domingo, disse-me que ia receber a comunhão. Perguntou-me se eu ia à igreja naquele mesmo dia.
- E você foi?
- Não. No sábado, chegaram os alemães e instalaram o seu quartel-general na aldeia...

...CHEGARAM DE MANHÃ cedinho, enquanto a aldeia ainda esfregava os olhos sonolentos. Havia um carro blindado, dirigido por um sargento, com um capitão de ar preocupado sentado atrás. Havia ainda dois caminhões carregados de soldados e outro veículo, cheio de munições e suprimentos. Subiram, sacolejando, com os motores a roncar, a estrada poeirenta, parando um pouco na rua estreita; depois, lançaram algumas imprecações estranhas e, em meio a uma ruidosa mudança de marchas, rumaram diretamente, monte acima, até a *villa* da condessa de Sanctis.

Nina Sanduzzi ouviu-os chegar, mas prestou pouca atenção ao fato. Estava ainda cheia de sono, entregue à remota contemplação de uma mulher que sente os primeiros sinais de vida dentro de si mesma. Só acordou quando ouviu batidas insistentes à porta e a voz de Aldo Meyer, que lhe pedia para abrir.

Quando o fez entrar, surpreendeu-se de vê-lo vestido para viagem, metido em botas pesadas e numa jaqueta de pele de carneiro, com uma mochila às costas. Primeiro pediu-lhe de comer e, enquanto se apressava para servi-lo, falou-lhe em frases rápidas, concisas – meio temeroso, meio exaltado:

- Quando você vir Giacomo, diga-lhe que dei o fora. Os alemães estão aqui e não tardará muito antes que ouçam falar que existe um

judeu no vale. Se me apanharem, serei enviado a um dos campos de concentração, no norte. Estou levando meus instrumentos e alguns remédios, mas deixei um estoque para Giacomo Nerone numa grande caixa debaixo de minha cama.

– Mas para onde vai, *dottore*?

– Mais para leste, nas montanhas, na direção de San Bernardino. É um esconderijo de guerrilheiros com os quais tenho estado em contato há algum tempo. Seu chefe é um homem que se chama Il Lupo. Deve ter vindo do norte especialmente para realizar esse trabalho. Tem o aspecto de um homem adestrado. Possui armas, munições e um bom sistema de comunicações. Se Giacomo quiser entrar em contato comigo, diga-lhe para seguir uns dez quilômetros pelo caminho de San Bernardino e, depois, virar num lugar chamado Rochedo de Satanás. É lá que se encontram as primeiras sentinelas dos guerrilheiros. Deve subir até o alto do rochedo, sentar-se e acender um cigarro... depois, tirar o lenço e atá-lo em volta do pescoço. Alguém aparecerá e entrará em contato com ele. Entendeu bem? É importante. Caso se esqueça disso, corre o risco de ser baleado.

– Não esquecerei.

Ela colocou o café, o pão e o queijo diante dele e, enquanto Meyer comia, fez um pacote de alimentos e o pôs em sua mochila. Quando ela viu a pistola e sentiu o contato duro dos cartuchos de munições, foi que compreendeu o que Giacomo lhe havia dito. A guerra estava chegando a Gemello Minore, bem como todo o ódio e todo o desejo de matar.

Com a boca cheia de pão e queijo, Meyer disse-lhe:

– Procurei fazer com que Giacomo fosse comigo e levasse também você. Os alemães não serão muito mais amáveis para com ele do que o seriam para comigo. Ele poderia ser fuzilado como espião.

– E o que foi que Giacomo lhe disse?

– Apenas riu e me disse que conhecia os alemães melhor do que eu. Espero que tenha razão. A que horas você o vê, geralmente?

Ela deu de ombros e fez um gesto com as mãos:

– Varia. Às vezes pela manhã, logo cedo, outras vezes tarde da noite. Mas ele sempre vem.

Meyer olhou-a ironicamente, por cima da xícara:

– Você se sente contente com esse arranjo, Nina?

– Sinto-me feliz com Giacomo. Nunca conheci um homem como ele.

Meyer sorriu, azedo.

– Talvez tenha razão quanto a isso. Sabe o que ele faz lá em cima, em sua cabana?

– Reza. Pensa. Trabalha em seu jardim... quando não está trabalhando para alguém ou andando pelos montes. Por quê?

– Fui até lá procurá-lo, outra noite, para falar-lhe disso. Chamei-o, mas não houve resposta, embora seu lampião estivesse aceso. Entrei e encontrei-o ajoelhado no meio do assoalho, com os braços abertos. Tinha os olhos fechados, a cabeça lançada para trás e apenas movia os lábios. Falei-lhe e não me ouviu. Aproximei-me e sacudi-o, mas seu corpo estava todo rígido. Não consegui mexê-lo. Passado um momento, fui embora.

Não houve surpresa alguma nos olhos escuros de Nina. Acenou com a cabeça e respondeu, de modo casual:

– Ele me disse que reza muito.

– E não come muito também – observou Meyer, com ligeira irritação.

– É verdade. Está muito magro. Mas disse-me que a prece lhe dá a alegria de que necessita.

– Ele devia ter mais cuidado com a saúde. Muita gente depende dele. E agora que os alemães estão aqui, vão depender muito mais. Essa história de rezar está muito bem, de certo modo... mas há homens que enlouquecem quando a coisa vai longe demais.

– O senhor acha que Giacomo está louco?

– Eu não disse isso. É estranho, apenas.

– Talvez seja porque a gente não conhece muitos homens bons. Já esquecemos como se comportam.

Meyer esboçou um sorriso e enxugou os lábios nas costas da mão.

– Talvez você tenha razão, Nina *mia* – disse, levantando-se e pondo a mochila nos ombros. – Bem, preciso ir andando. Obrigado pelo café e pelas coisas. Diga a Giacomo o que lhe disse.

– Direi.

Ele pôs-lhe as mãos nos ombros e beijou-a nos lábios. Ela não resistiu, pois gostava dele, e ele era um homem que seguia para a sua guerra particular.

– Boa sorte, *dottore*.

– Boa sorte, Nina *mia*. Você merece.

Ela ficou parada à porta, vendo-o descer apressadamente para o vale. Pensou que jamais o vira assim com ar tão jovem e animado, e no que teria acontecido se Giacomo não fosse para Gemello Minore.

Mas Giacomo lá estava e sua presença lhe enchia toda a vida – e quando apareceu, pouco antes do almoço, ela se agarrou a ele com desespero, pondo-se a chorar em seu ombro. Ele a manteve em seus braços até que toda aquela tensão se dissipasse; depois, afastou-a delicadamente e ouviu o que ela lhe contou a respeito de Aldo Meyer e de sua mensagem. Ouviu-a com ar grave e depois disse:

– Tentei fazer com que desistisse disso. Esses alemães nada são... Apenas uma patrulha de destacamento. Não aborrecerão muito pessoa alguma. Mas Meyer esperou tanto tempo pela própria guerra que não consegue ver o que o aguarda.

– Talvez isso lhe seja bom, caro mio. Eu o vi partir, e estava alegre como um menino que se dirige a uma caçada.

Nerone balançou gravemente a cabeça, o rosto anuviado:

– Meyer não foi feito para determinada companhia. Já ouvi falar em Il Lupo e bem posso imaginar de onde ele vem. É um profissional, treinado na Rússia. Deseja mais do que apenas uma vitória. Deseja um Estado comunista na Itália. Quando os alemães forem expulsos e chegarem os aliados, pleiteará o controle da administração civil. Pelo que têm feito, talvez o consiga. Meyer está no barco errado. Pensa que Il Lupo deseja apenas mais uma arma. O que ele deseja é um homem que possa ser usado mais tarde. Estou pensando no que acontecerá quando Meyer o descobrir. – Deu de ombros, sorriu e estendeu as mãos, de palmas para baixo, sobre

a mesa: – Mas, de qualquer modo, já está feito, e nós temos o nosso trabalho para realizar aqui.

Ela pôs sobre a mesa uma grande travessa de macarrão e debruçou-se sobre ele enquanto comia, observando como estava magro e quão pouca satisfação lhe causava o molho suculento.

– E o que é que você vai fazer, Giacomo?

– O que estou fazendo agora... com a diferença de que tive de incluir os alemães em meus cálculos. Anteontem, visitei a condessa.

Era algo que não lhe havia contado, e ela se sentiu tomada de ciúme. Dir-se-ia que o via voltando para um mundo que ele abandonara – um mundo em que estivera perdido e onde ela jamais poderia alcançá-lo. Mas nada lhe disse, esperando que ele contasse o restante.

– Disse-lhe que eu era inglês. Embora nada lhe dissesse, fiz com que pensasse que eu era um agente secreto que veio para cá preparar o caminho para os aliados. Recebeu-me com prazer. Ela se acha numa posição difícil. Sugeri que me nomeasse administrador de suas propriedades, para que eu pudesse conversar em termos mais ou menos iguais com o comandante alemão. Ela deu-me um quarto no alojamento dos criados.

– Você vai viver na *villa*?

– Tenho um quarto lá. Dormirei lá quando for preciso. Mas conseguirei um salvo-conduto com o comandante e poderei locomover-me livremente. Preciso disso. Toda a aldeia se converteu num acampamento militar.

– Ótimo para a condessa! – exclamou, tomada de súbita maldade. – Poderá ter um homem todas as noites.

O rosto de Nerone anuviou-se. Estendeu o braço, tomou-lhe ambas as mãos e puxou-a delicadamente para si.

– Não diga isso, *caríssima*. Ela é uma mulher estranha, solitária, com um fogo nas veias que homem algum conseguiu jamais extinguir. Isso é um tormento, não uma brincadeira. Por que erguermos o dedo contra ela quando temos tanto?

– Ela come homens, *caro mio*. E não deixarei que coma você.

– Ela terá indigestão, se tentar – disse ele, com um sorriso.

Mas quando ele se foi, o medo ainda ficou com ela, e Nina despertou várias vezes durante a noite, sonhando que Giacomo a abandonara e casara com a mulher que vivia no alto do monte, com seu ventre chato, estéril, sua boca contraída e seus olhos vorazes...

– HÁ AINDA OUTRA COISA que devo perguntar – disse Blaise Meredith, com sua voz seca. – Durante esse tempo, Giacomo cumpria quaisquer deveres religiosos? Ia à missa e recebia os Sacramentos?

Nina Sanduzzi fez um sinal afirmativo com a cabeça:

– Sempre que podia... salvo quando havia gente doente nas montanhas ou homens extraviados que precisavam ser escondidos dos alemães. Costumava assistir à missa aqui aos domingos, e eu o via, embora houvesse um acordo entre nós para que não sentássemos juntos nem nos cumprimentássemos, pois que alguns dos alemães lá estavam. Provinham, ao que parecia, de uma parte da Alemanha em que há muitos católicos. Quando queria confessar, ia pelo vale à procura do jovem padre Mário.

– Mas não de padre Anselmo?

Ela negou com um aceno de cabeça:

– Padre Anselmo não gostava dele. Às vezes trocavam palavras ásperas, quando padre Anselmo se recusava a ver os doentes depois do toque de recolher.

– E que dizia Giacomo a respeito do padre Anselmo?

– Que ele era digno de pena e que a gente devia rezar por ele... mas que os homens que o mandaram para cá seriam julgados com severidade. Costumava dizer que *Gesù* construíra a Igreja como uma casa para a sua família viver, mas que certos homens, mesmo sacerdotes, às vezes a transformavam em mercado e em cantina. Dizia que, se não fosse pelo amor de *Gesù* e pela graça do Espírito Santo, ela cairia em ruínas dentro de uma geração. Dizia que aquilo de que toda casa necessitava... era muito amor e pouca discussão. Tinha razão.

– Eu sei que tinha! – exclamou Meredith, surpreso de que sua voz soasse de modo tão veemente. – Mas diga-me uma coisa: o que Giacomo dizia e sentia a respeito dos alemães?

– Isso era uma coisa sobre a qual falava com frequência, mas que, às vezes, me era difícil de compreender. Dizia que os países são como homens e mulheres, e que o povo adquire o caráter do país em que vive. Cada país tem o seu pecado e a sua virtude especial. Os ingleses eram sentimentais, mas, ao mesmo tempo, duros e egoístas, porque viviam numa ilha e queriam conservá-la para si como sempre o haviam feito. Eram corteses. Tinham muita justiça, mas pouca caridade. Quando lutavam, lutavam com tenacidade e bravura, mas sempre se esqueciam de que muitas de suas guerras tinham nascido de seu próprio egoísmo e indiferença. Os americanos eram diferentes. Eram sentimentais e duros também, contudo mais simples do que os ingleses, porque eram mais jovens e mais ricos. Gostavam de possuir coisas, mesmo que muitas vezes não soubessem de que maneira gozá-las. Eram, como todos os jovens, inclinados à violência. Podiam facilmente ser enganados por belas palavras e coisas imponentes. E, com frequência, enganavam a si próprios, porque gostavam de palavras sonoras, mesmo que não compreendessem o seu significado. Os alemães eram, por sua vez, diferentes. Eram muito trabalhadores, amantes da ordem e da eficiência e muito orgulhosos. Mas havia neles uma grosseria e uma violência que se desencadeavam com a bebida, com os grandes discursos e com a necessidade que tinham de se impor. Giacomo costumava rir ao dizer que gostavam de sentir Deus trovejando em suas barrigas quando ouviam tocar uma música sonora...

– E isso era tudo?

– Não. Giacomo gostava de falar assim. Dizia que a gente tinha de tirar a espuma da sopa, pois, do contrário, ela azedava. Mas sempre voltava ao mesmo assunto: não importava o que fossem as pessoas, ou os países, tinham sempre de viver como uma família. Era assim que Deus os tinha feito... e se um irmão levantava uma arma contra o outro, acabariam, no fim, destruindo-se. Havia ocasiões em que cada qual tinha de engolir o seu orgulho e ceder... ser cortês quando tinha vontade de cuspir nos olhos do outro. E foi assim que procurou viver com os alemães aqui.

– E foi bem-sucedido?

– Penso que sim. Vivíamos em paz. Não éramos roubados. Uma moça podia dirigir-se com segurança ao poço e voltar para casa. Às vezes havia mortes quando os guerrilheiros encontravam uma patrulha alemã... mas isso acontecia sempre longe de Gemello. Havia toque de recolher, e ficávamos em casa à noite. Se surgia alguma complicação, Giacomo falava com o comandante, e a coisa era resolvida. Depois de algum tempo, os alemães foram embora, rumando para o sul, e os guerrilheiros os seguiram, como os lobos seguem os carneiros nos Abruzzi.

– E depois?

– Em maio, ouvimos notícias de que Roma caíra em poder dos aliados, e no começo de junho Paolo nasceu... E nasceu cego...

...Os PRIMEIROS SINAIS manifestaram-se uma manhã, já tarde, numa ocasião em que Giacomo se encontrava em sua companhia. Eram ligeiros e incertos, mas Giacomo mostrou-se tão preocupado que insistiu em chamar Carla Carres, a parteira, bem como Serafina Babinelli e Linda Tesouriero. Vieram todas correndo, ruidosas, pois que ele lhes dissera que se tratava de um caso urgente, mas quando viram que Nina se encontrava ainda de pé, sem complicação alguma, todas elas ficaram em roda, as mãos nos quadris, e riram deles. Ele, com voz zangada, exclamou, áspero:

– Vocês são idiotas... todas vocês! Fiquem com ela e não a deixem. Vou chamar o Dr. Meyer.

Olharam-no boquiabertas, e mesmo Nina Sanduzzi ficou perplexa, pois aquilo de dar à luz uma criança era coisa de mulher. Os médicos eram para gente doente, e eles sabiam que, se tudo corresse bem, o parto era uma coisa simples, embora ruidosa, seguida depois de muita alegria. Mas antes que tivesse tempo de dizer-lhe, Giacomo se foi, uma figura magra, pressaga, galgando a picada que conduzia ao caminho de San Bernardino.

Nina ficou preocupada devido à longa distância que teria de percorrer; mas as mulheres logo riram dela, afastando-lhe a preocupação. A criança chegaria antes que voltasse – e ele e o

médico poderiam embriagar-se juntos, como bons amigos deviam fazer quando um deles era pai de um forte *bambino*.

Tinham certa razão, afinal de contas. A criança nasceu, foi lavada, enrolada e colocada nos braços da mãe antes que Giacomo voltasse em companhia de Aldo Meyer. Mas eles não agiram como outros homens por ocasião de um nascimento. Giacomo beijou-a e segurou-a nos braços durante muito tempo. Aldo Meyer também a beijou, levemente, como um irmão. Depois, Giacomo tirou-lhe a criança dos braços, levou-a para a mesa e ficou segurando o candeeiro, enquanto Meyer lhe examinava o coração, espiava-lhe os ouvidos e erguia-lhe as pequenas pálpebras, debruçando-se ainda mais para observar melhor.

A parteira e as mulheres permaneciam de pé, em pequeno grupo, perto da cama, e Nina ergueu-se nos travesseiros para indagar, temerosa:

– O que há com ele? O que vocês estão olhando?

– Diga-lhe – ordenou Aldo Meyer.

– Ele é cego, *cara* – disse Giacomo Nerone, com brandura. – Nasceu com cataratas nos olhos. Foi a febre que você teve, aquela doença que produz manchas, chamada *rubella*. A mulher que a apanha no segundo ou terceiro mês de gravidez às vezes dá à luz uma criança cega ou surda.

Demorou talvez meio minuto antes que ela compreendesse bem o sentido daquelas palavras. Gritou, então, como um animal, e afundou o rosto no travesseiro, enquanto as mulheres se amontoavam em torno dela como galinhas, cacarejando palavras de conforto. Decorridos uns momentos, Giacomo acercou-se dela, pôs-lhe a criança nos braços e procurou falar-lhe, mas ela voltou a cabeça para o outro lado, pois sentia vergonha de ter dado uma criança defeituosa ao homem que tanto amava.

Muito depois, quando as mulheres já haviam ido embora, Giacomo voltou para o seu lado, em companhia de Aldo Meyer. Ela estava mais calma agora, e Meyer disse-lhe com ar sério:

– Esta é uma coisa triste, Nina, mas aconteceu e, no momento, nada se pode fazer. Se as coisas fossem diferentes, poderia levá-la para o hospital em Valenta e depois, talvez, para Nápoles, a fim de

consultar um especialista e ver se algo podia ser feito. Mas a guerra ainda não terminou. Há combates, e as estradas estão atravancadas de refugiados. Unidades alemãs, destroçadas, ainda lutam em sua retirada, e os guerrilheiros estão em seu encalço. Nápoles está em desordem, e você seria apenas outra camponesa sem ninguém para ajudá-la. Giacomo é um homem procurado, e eu estou comprometido com o meu bando nas montanhas. Assim, no momento não há outra coisa a fazer senão esperar. Quando houver de novo a paz, veremos o que se pode fazer.

– Mas o menino é cego! – Era tudo o que ela sabia pensar ou dizer.

– Os deficientes precisam de muito amor – respondeu Aldo Meyer.

Giacomo Nerone nada disse; mas ela quase sentiu o coração despedaçar-se ao ver a dor e a piedade que havia em seus olhos. Meyer continuou a falar-lhe em seu tom amável, profissional, mostrando as cataratas que surgiam nos olhos da criança, de certo modo dissipando por meio da razão o terror que a princípio a assaltara. Giacomo serviu vinho a todos e pôs-se a preparar a comida. Os dois homens comeram na mesa enquanto Nina, com o seu prato sobre o colo, falava com eles da cama. Quando o bebê choramingou, ela o levou ao seio e, ao sentir aquele pequenino e cego fardo aconchegar-se a ela, pôs-se a chorar baixinho.

Meyer partiu antes da meia-noite para dormir em sua própria casa, livre, por fim, da ameaça do campo de concentração. Quando Giacomo o conduziu à porta, Nina estava cochilando, mas ouviu nitidamente Giacomo dizer:

– Você é meu amigo, Meyer, e eu o compreendo, mesmo que não esteja de acordo. Mas conserve Il Lupo longe da aldeia. Conserve-o longe de mim.

E a voz de Meyer, ao responder, lacônica:

– Mas isso faz parte da história, homem! Você não pode detê-la! Nem eu, tampouco! Alguém tem de começar a organizar.

O restante da conversa perdeu-se quando se aproximaram da porta e saíram para a noite clara. Decorridos alguns minutos, Giacomo voltou e trancou a porta. Depois, disse em voz baixa:

– Você não pode ficar sozinha esta noite, *cara*. Ficarei com você.

Então, todo o seu desapontamento jorrou como uma fonte e ela agarrou-se a ele aos prantos, como se tivesse o coração partido como, com efeito, quase tinha.

Depois, quando voltou a se acalmar, Giacomo acomodou-a sobre os travesseiros, diminuiu a luz do candeeiro e, através dos olhos semicerrados, ela o viu fazer uma coisa estranha. Num gesto que parecia inteiramente inconsciente, ele ajoelhou-se sobre o chão de terra, fechou os olhos e abriu os braços, como os braços de Gesù pregado à cruz, enquanto seus lábios se moviam numa prece muda. Houve um momento em que todo o seu corpo pareceu tornar-se rígido como uma árvore, e quando ela o chamou, assustada, ele não respondeu. Permaneceu deitada, a observá-lo, até ser vencida pela exaustão, mergulhando então no sono.

Quando despertou, o quarto estava cheio de sol, o bebê chorava e Giacomo estava preparando o café para a refeição matinal. Aproximou-se, beijou-a, ergueu a criança nos braços e disse, com ar grave:

– Quero dizer-lhe uma coisa, Nina *mia*.

– Diga-me.

– Daremos o nome de Paolo ao menino.

– Ele é seu filho, Giacomo. Você pode dar-lhe o nome... Mas por que Paolo?

– Porque Paolo, o Apóstolo, vivia longe de Deus e, como eu, encontrou-o na estrada de Damasco. Porque, como este menino, Paolo vivia cego, mas tornou a ver graças à misericórdia de Deus.

Ela fitou-o, incrédula:

– Mas o médico disse...

– Estou lhe dizendo, *cara* – volveu ele, a voz forte e profunda como um sino. – O menino enxergará. As cataratas desaparecerão dentro de três semanas; quando um bebê começa a ver a luz, o nosso Paolo também a verá. Você segurará o candeeiro diante de seus olhos e verá como ele piscará e começará a seguir a luz. Eu lhe prometo, em nome de Deus.

– Não diga isso apenas para me consolar, *caro*. Eu não aguentaria alimentar esperança e, no fim, ser enganada.

Havia angústia em sua voz, mas ele apenas sorriu:

– Não é esperança, Nina *mia*. É uma promessa. Creia nela.

– Mas como você sabe? Como pode ter certeza?

Ele respondeu apenas:

– Quando isso acontecer, Nina, faça com que os outros pensem que também para você foi uma novidade. Não conte a ninguém a respeito desta manhã. Você me promete?

Ela, muda, confirmou com a cabeça, pensando em como poderia suportar a espera e ocultar a dúvida que sentia.

Três semanas mais tarde, no momento exato, apanhou a criança no berço e despertou-a. Ao abrir os olhos, o pequeno tinha-os claros e brilhantes como os do pai, e quando ela o ergueu para a luz, o menino piscou. Cobriu-lhe os olhos com a mão, e ele permaneceu com o olhar fixo: depois, tornou a piscar, quando ela retirou a mão.

O espanto do momento foi como uma revelação. Teve vontade de gritar, de cantar, de sair aos gritos pela rua da aldeia e dizer a todos que a promessa de Giacomo se cumprira.

Mas Giacomo já estava morto e enterrado. A gente da aldeia voltava o rosto para o outro lado, envergonhada, quando ela passava. Até mesmo Aldo Meyer fora para Roma, e ela pensou que ele jamais voltaria...

– PRECISO IR PARA CASA, agora – disse monsenhor Blaise Meredith. – É tarde, e você já me forneceu muita coisa em que pensar.

– Acredita no que lhe contei, monsenhor?

Sua voz e seus olhos o desafiavam calmamente. Ele ficou um longo momento a fitá-la; depois, respondeu com curiosa decisão:

– Sim, Nina. Não sei ainda o que isso significa. Mas creio em você.

– O senhor então olhará pelo filho de Giacomo... pela sua segurança?

– Olharei por ele.

Mal, porém, o havia dito, sua consciência o desafiou: mas de que maneira? De que maneira, santo Deus?

Para o Dr. Aldo Meyer o anoitecer estava encerrando uma tarde de estranha calma.

Logo depois do almoço sentou-se para ler os papéis de Giacomo Nerone. Aproximou-se deles hesitante e receoso, como se se acercasse de um momento de crise ou revelação. Mas quando os abriu e os pôs em ordem, começando a ler aquela caligrafia ousada, foi como se estivesse ouvindo os velhos e desafiadores argumentos de Giacomo.

Havia momentos de vergonha diante de seus próprios fracassos, momentos de lembrança pungente, de saudade de uma camaradagem que começara em conflito, que às vezes chegara a aproximar-se da amizade e que logo devia terminar em tragédia. Mas não havia amargura naqueles registros – como jamais tinha havido amargura no próprio Giacomo. Havia trechos de simplicidade quase infantil que comoveram Meyer quase até as lágrimas, bem como frases de exaltação mística, que o deixavam desorientado, como ocorrera com Giacomo quanto à explicação de seu próprio malogro.

Mas no fim havia paz, calma e certeza, que se comunicavam ao leitor mesmo ao cabo de anos. E, no último dos escritos, na carta dirigida a Aldo Meyer, havia uma grande brandura e um tom singular de perdão. O resto dos papéis era redigido em inglês, mas a carta era em italiano, e isso também constituía uma delicadeza que não podia ser facilmente esquecida.

Meu caro Aldo:

Estou em casa e é tarde. Nina dorme, finalmente, e o menino também. Amanhã cedo, antes de partir, deixarei esta nota com ela, entre os meus outros papéis, e quando tudo estiver terminado e a primeira impressão de pesar haja passado, talvez ela lhe chegue com segurança às mãos.

Encontrar-nos-emos amanhã, você e eu, mas como estranhos, cada qual entregue a uma crença oposta e a uma prática oposta. Você se sentará entre os meus juízes, caminhará entre os que irão executar-me e, quando tudo estiver terminado, assinará o certificado de minha morte.

Não o censuro por nada disso. Cada um de nós só pode seguir pelo caminho que vê diante de seus próprios pés. Cada um de nós está sujeito às consequências da própria crença – embora eu ache que chegará o dia em que virá a pensar de modo diferente. Se isso ocorrer, você odiará o que foi feito e sentir-se-á tentado a odiar-se pelo papel que representou no caso, tanto mais que não haverá ninguém a quem possa dizer que está arrependido.

Por isso, quero dizer-lhe, agora, que não o odeio. Você tem sido meu amigo, bem como amigo de Nina e do menino. Espero que sempre esteja do lado de ambos e cuide deles. Sei que amou Nina. Penso que ainda a ama. E isto será uma outra cruz em seus ombros, pois que jamais saberá se, ao participar de minha condenação, você o fez movido por suas crenças ou pelo ciúme. Mas eu sei e digo-lhe agora que morrerei considerando-o meu amigo.

Mas há ainda um serviço que quero pedir-lhe. Quando receber esta carta, procure padre Anselmo e Ana Luísa de Sanctis e diga a cada um deles que não tenho ressentimento algum pelo que fizeram e que, quando chegar à presença de Deus, como espero poder chegar, me lembrarei de ambos.

E assim, *dottore mio*, eu o deixo. Não tardará a amanhecer, e sinto frio e medo. Sei o que deve acontecer, e minha carne

se arrepiava de terror ao pensá-lo. Quase não me restam forças, e ainda preciso rezar um pouco. Uma coisa que sempre desejei foi a graça de morrer com dignidade, mas jamais, até hoje, compreendi quanto isso é difícil.

Adeus, meu amigo. Que Deus nos guarde nos momentos de treva.

GIACOMO NERONE

Ao ler a carta pela terceira vez, Meyer enxugou uma ou outra lágrima, mas depois de caminhar durante algum tempo, refletir a respeito e tornar a lê-la, a caridade que encerrava desceu sobre ele como uma absolvição. Mesmo que tivesse fracassado em tudo o mais – e seus fracassos estavam escritos no longo calendário de quinze anos –, não morreria sem amor e sem perdão. E essa era a resposta à pergunta que há tanto tempo o perseguia: ali estava a resposta por que certos grandes homens morriam e saíam da criação sem que ninguém se importasse o mínimo com eles, enquanto a lembrança de outros era guardada com carinho no âmago do coração dos humildes.

Esse pensamento permaneceu com ele durante todo o entardecer, e ainda se expandia quando alguém bateu à porta. Abriu-a e deparou-se com Blaise Meredith.

Surpreendeu-o o aspecto do sacerdote. Tinha o rosto cinzento, os lábios exangues e pequenas gotas de suor cobrindo-lhe a testa e a parte superior da boca. Mãos flácidas, voz rouca e trêmula.

– Sinto incomodá-lo, doutor. Será que poderia descansar um pouco em sua companhia?

– Mas certamente! Entre, pelo amor de Deus! O que lhe aconteceu?

Meredith sorriu desalentadamente:

– Não aconteceu nada. Estou de volta da casa de Nina. Mas é uma longa caminhada antes que se chegue à estrada, e foi um pouco demais para mim. Estarei bem dentro de um minuto!

Meyer conduziu-o para dentro da casa, fez com que se deitasse em sua cama e trouxe-lhe um forte trago de grapa.

– Beba isto. É uma droga medonha, mas porá um pouco de vida em seu corpo.

Meredith quase se afogou ao tomar a forte bebida, mas engoliu e, após alguns momentos, começou a sentir o calor estendendo-se por ele e as forças voltando aos seus membros. Meyer, de pé, ficou a fitá-lo com olhos graves.

– Seu estado me preocupa, Meredith. Isto não pode continuar. Estou meio inclinado a comunicar-me com o bispo e a fazer com que o levem para um hospital.

– Dê-me mais alguns dias, doutor. Depois disso, não terá muita importância.

– O senhor está muito doente. Por que se esforça desse jeito?

– Ficarei morto muito tempo. É melhor gastar até as últimas forças do que enferrujar.

Meyer deu de ombros, desanimado:

– A vida é sua, monsenhor. Diga-me... como foi que se saiu em sua conversa com Nina?

– Muito bem. Estou profundamente impressionado com o que me disse. Mas tenho ainda duas perguntas a fazer. Gostaria de que o senhor as respondesse... isto é, se não se importa.

– Pergunte o que quiser, meu amigo. Já fui longe demais para recuar agora.

– Obrigado. Eis a primeira pergunta: houve aqui uma erupção de rubéola no inverno de 1943? E Paolo Sanduzzi nasceu cego devido a ela?

– Sim.

– E quanto tempo decorreu antes que o senhor tornasse a ver o menino?

– Três anos... não, quase quatro. Fui para Roma, como o senhor sabe.

– Quando voltou, o menino enxergava?

– Enxergava. As cataratas tinham desaparecido.

– Do ponto de vista médico, isso era estranho?

– Inteiramente anormal. Nunca vi caso igual.

– O senhor disse a Nina algo a respeito?
– Disse. Perguntei-lhe de que maneira e quando aquilo havia ocorrido.

– E que respondeu ela?
– Apenas deu de ombros e disse, como os camponeses costumam dizer: “Aconteceu porque aconteceu.” Nossas relações, naquela ocasião, não eram tão boas como agora. Não insisti no assunto. Mas aquilo me intrigou. E ainda hoje me intriga. Por que pergunta, monsenhor?

– Nina contou-me que, no dia do nascimento do menino, depois que o senhor se foi, Giacomo rezou a noite toda... e que, pela manhã, prometeu-lhe que o garoto enxergaria normalmente, como as outras crianças... três semanas depois. Segundo ela, foi justamente o que aconteceu. As cataratas desapareceram. A criança podia distinguir entre luz e sombra. E, mais tarde, a visão se desenvolveu como nas outras crianças. Qual seria a sua opinião sobre isso, doutor?

Meyer não respondeu imediatamente. Parecia perdido em seus pensamentos. Quando falou, era como se falasse consigo mesmo.

– Então era isso que ela queria dizer ao afirmar que Giacomo realizara milagres e que ela os vira.

– Quando foi que disse isso? – indagou, incisivo, Meredith.

– Quando estávamos discutindo a respeito de sua chegada e eu procurava persuadi-la a falar com o senhor.

– Acha que estava dizendo a verdade?

– Se o dizia – respondeu, com ar grave, Meyer –, é porque era verdade. Ela não mentiria nem para salvar a própria vida.

– Como médico, qual seria a sua opinião a respeito?

– Assim, de súbito, diria que isso não poderia ocorrer.

– Mas ocorreu. O rapaz hoje enxerga.

Meyer lançou-lhe um olhar longo, penetrante; depois sorriu e balançou a cabeça:

– Sei o que o senhor quer que lhe diga, monsenhor, mas não posso dizê-lo. Não acredito em milagre, mas somente em fatos não explicados. Tudo o que posso admitir é que isso não ocorre normalmente. Poderia ir além e dizer-lhe que jamais ouvi falar em

outro caso semelhante e que não conheço nenhuma explicação médica para isso. Mas não estou preparado para dar um salto no escuro e dizer-lhe que isso é um milagre causado por intervenção divina.

– Não lhe estou pedindo que diga – respondeu, bem-humorado, Meredith. – Estou-lhe perguntando se, do ponto de vista médico, pode explicar tal fato.

– Eu não posso. Talvez outros o possam.

– Se pudessem, poderiam explicar o conhecimento antecipado que Giacomo Nerone tinha da cura?

– A clarividência é um fenômeno estabelecido, embora não explicado. Mas não pode se pedir a alguém que julgue um relato de segunda mão de algo que ocorreu quinze anos atrás.

– Mas o senhor aceita a veracidade do relato?

– Aceito.

– O senhor registraria o fato como sendo um fato inexplicado e, possivelmente, inexplicável segundo o estado atual do conhecimento médico?

– ...Do meu conhecimento médico – corrigiu Meyer, sorrindo.

– Isso basta – disse Meredith, com leve ironia. – Anotarei isso.

– E qual é sua opinião a respeito? – indagou Meyer, em tom irônico.

– Tenho o espírito aberto – respondeu, preciso, Meredith. – Procurarei provar por todos os meios possíveis, como o fará também o meu sucessor, que isso não é um milagre, mas simplesmente um fenômeno físico raro. Como isso se baseia apenas na declaração de uma única testemunha e em seu depoimento posterior, provavelmente acabaremos por nos recusar a aceitar o fato como sendo um milagre... embora, na verdade, possa sê-lo. O ponto em que diferimos, meu caro doutor, é que o senhor rejeita a possibilidade de milagres e eu a aceito. O argumento é longo, mas atrevo-me a insinuar que a minha posição é um pouco mais defensável do que a sua.

– O senhor daria um bom advogado, monsenhor – disse Meyer, afastando-se de tal suposição. – Qual a pergunta seguinte?

– Quem era Il Lupo? – perguntou Meredith, sem mais palavras. – E por que razão Nerone pediu para que o senhor o mantivesse afastado da aldeia?

Meyer olhou-o rápido, surpreso:

– Quem lhe disse isso?

– Nina. Ela estava meio adormecida, mas ouviu a conversa que o senhor e Nerone tiveram junto à porta.

– O que mais ela ouviu?

– O senhor disse: “Mas isso faz parte da história. Você não pode detê-la. Nem eu, tampouco. Alguém tem de começar a organizar...”

– E isso foi tudo?

– Foi. Pensei que pudesse dizer-me o que isso significava.

– Significava muitas coisas, monsenhor. Posso dizer-lhe apenas o que significava para mim...

...O ACAMPAMENTO FICAVA numa depressão de terreno pouco profunda, no dorso das montanhas situadas a leste. Em tempos imensamente distantes, devia ter sido a cratera de um vulcão. O topo era dentado como um serrote e os montes externos eram estéreis e cobertos de seixos, mas, em seu interior, havia um pequeno lago para onde se escoavam as águas e, em suas margens, erguiam-se pequenos bosques circundados por trechos de relva áspera e dura. As tendas achavam-se ocultas entre os arbustos, e as cabras e o gado que tinham requisitado dos camponeses locais pastavam seguros dentro da concavidade do terreno, enquanto as sentinelas descortinavam toda a região em volta abrigadas atrás das altas escarpas dentadas.

Havia apenas um caminho de acesso – a trilha de cabras que começava no rochedo de Satanás, onde se achava postada a primeira sentinela. Os vigias, de cima, podiam vê-la o dia todo – e, se um visitante fosse admitido, podiam mantê-lo sob suas vistas durante cada passo do caminho. Quando chegasse à beira da cratera seria revistado, depois dois homens o conduziriam pelas touças à tenda de Il Lupo, que era o seu chefe.

Meyer lembrava-se vividamente dele: um homem baixo, de olhos claros, rosto redondo e boca sorridente, da qual saía uma voz clara,

que ora falava no mais puro toscano, ora no mais rude dialeto provinciano. Suas roupas eram grosseiras como as de seus homens, mas tinha as mãos e os dentes imaculadamente limpos e barbeava-se com todo o cuidado diariamente. Falava pouco de seu passado, mas Meyer ficou sabendo que lutara na Espanha e depois fora para a Rússia, voltando à Itália antes de irromper a guerra. Trabalhara em Milão e Turim e, mais tarde, em Roma, embora jamais tivesse ficado muito claro em que e de que modo o fizera. Admitira que pertencia ao partido e discutia política com autoridade e versatilidade.

No dia em que Giacomo Nerone fora conduzido até a sua tenda no rochedo de Satanás, Meyer estava lá, discutindo com Il Lupo acerca de uma nova operação de patrulhamento. Os guardas declinaram o seu nome e o assunto a que vinha, e Il Lupo levantou-se e estendeu-lhe a mão:

– Então o senhor é Nerone! Muito prazer em conhecê-lo. Já me falaram muito a seu respeito. Gostaria de conversar com o senhor.

Nerone retribuiu e disse, enérgico:

– Poderíamos deixar isso para outra ocasião? Minha mulher está em trabalho de parto. Gostaria de que o doutor a visse o mais depressa possível. É uma longa caminhada daqui até lá.

– Ela teve *rubella* – apressou-se a informar Meyer. – Receamos que haja complicações.

Os olhos claros anuviaram-se, preocupados. Il Lupo esboçou um sorriso de simpatia.

– É uma pena. Uma grande pena. Eis aí uma ocasião em que seria de grande ajuda um Serviço Médico Estadual. Pode-se começar a vacinação em massa logo aos primeiros sinais de uma epidemia. Mas estou certo, Meyer, de que você não tinha soro.

– Não tinha. Só nos resta esperar e ver como a criança nasce.

– As parteiras já estão com ela?

Nerone fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Então ao menos tem quem cuide dela. De qualquer maneira, dez minutos não farão diferença alguma. Vamos tomar uma xícara de café e conversar um pouco.

– Acalme-se, Giacomo – disse Meyer, em tom cordial. – Nina é forte como um boi. Recuperaremos o tempo na descida do monte.

– Muito bem.

Sentaram-se em cadeiras de lona rasgada. Il Lupo ofereceu cigarros e gritou para que servissem café – e, após alguns momentos de tergiversação, foi direto ao assunto:

– Meyer falou-me a seu respeito. Nerone. Sei que é um oficial inglês.

– É verdade.

– É desertor.

– É certo, também.

Il Lupo deu de ombros e lançou uma nuvem de fumaça na direção do teto de lona.

– Isso, claro, pouco nos importa. Os exércitos capitalistas serviram ao seu propósito ganhando a guerra. Compete a nós estabelecer a paz que desejamos. De modo que sua história pessoal não constitui desvantagem alguma. Pelo contrário, poderia até ser-lhe favorável... em nossa companhia.

Nerone nada disse, apenas esperou, calmamente, que o outro continuasse.

Il Lupo prosseguiu, com voz tranquila, educada:

– Meyer também me falou do trabalho que o senhor realizou em Gemello. Da confiança que conseguiu inspirar no povo. Isso é excelente... como medida temporária.

– Por que temporária? – indagou, tranquilo, Nerone.

– Porque sua própria situação é temporária... e equívoca. Porque, quando terminar a guerra... como logo deverá acontecer, este país precisará de um governo forte e unido para organizá-lo e dirigi-lo.

– Isso significa um governo comunista?

– Perfeitamente. Somos a única gente que tem uma plataforma clara e a força para pô-la em prática.

– Os senhores também precisam de uma carta constitucional... de um mandato, não é certo?

Il Lupo fez um aceno afirmativo com a cabeça, amável.

– Já o possuímos. Os ingleses já tornaram claro que colaborarão com todos aqueles que os ajudarem a dirigir o país. Eles nos armaram e nos forneceram pelo menos meios razoáveis para operações militares. Os americanos têm outras ideias, mas são

politicamente imaturos e, por enquanto, podemos deixá-los de lado. Eis aí a primeira metade do mandato. A segunda, nós próprios devemos consegui-la.

– De que maneira?

– Como é que qualquer partido obtém confiança? Mostrando resultados. Estabelecendo, em meio ao caos, a ordem. Desembaraçando-se de elementos dissidentes e constituindo a união baseada na força.

– Foi o que os fascistas tentaram fazer – comentou, com voz calma, Nerone.

– Mas cometeram o erro de construir a sua ditadura apoiados num único homem. A nossa será a ditadura do proletariado.

– E o senhor gostaria de que eu participasse disso?

– Como Meyer o fez – acentuou, calmamente, Il Lupo. – Ele é, por natureza, um liberal, mas viu o fracasso do liberalismo. Não basta apenas fazer promessas de trabalho, educação e prosperidade, como recompensa pela cooperação. O povo não é assim. É naturalmente estúpido, naturalmente egoísta. Tem necessidade de disciplina imposta pela força e pelo medo. Vejamos o senhor, por exemplo. O senhor realizou um bom trabalho, mas do que lhe valeu isso? Continuará a correr de um lado para outro com uma cesta de ovos enfiada no braço, como uma dama caridosa, até o dia de sua morte... Deixarão que o senhor o faça. Mas que futuro há nisso?

Pela primeira vez desde a sua chegada, Meyer viu Nerone ficar à vontade. Seu rosto magro, moreno, abriu-se num sorriso de quem verdadeiramente se divertia.

– Não há futuro algum. Sei disso.

– Então por que fazê-lo?

– Porque o mundo, sem isso, se converte num lugar sinistro – respondeu, despreocupadamente, Nerone.

– De acordo – disse Il Lupo. – Mas, no mundo que vamos construir, não haverá necessidade disso.

– É o que receio – comentou Nerone, levantando-se. – Penso que já nos entendemos.

– Eu entendo o senhor muito bem – voltou Il Lupo, sem ressentimento. – Mas não estou certo de que o senhor me entenda.

Estamos nos transferindo para as aldeias, uma a uma, e estabelecendo a nossa própria administração. Gemello é a aldeia que vem a seguir em nossa lista. O que pretende fazer a respeito?

Nerone sorriu, recusando a proposição mesmo antes de responder.

– Poderia convocar o povo a lutar contra o senhor.

Il Lupo balançou a cabeça:

– O senhor é um soldado bom demais para fazer isso. Nós temos as armas, as munições e homens treinados para usá-las. Poderíamos derrotá-los numa tarde. Que vantagens há nisso?

– Nenhuma – respondeu, calmamente, Nerone. – Assim sendo, direi ao povo que aguarde sem violência os acontecimentos até que haja as primeiras eleições livres.

A sombra de um sorriso perpassou pelos lábios contraídos de Il Lupo.

– Nessa altura, já não se lembrarão mais das armas. Irão se lembrar apenas do pão, da *pasta* e das barras de chocolate americano.

– E dos rapazes que vocês mataram nas fossas! – exclamou Nerone, com súbita ira na voz. – Dos velhos espancados, das moças com as cabeças raspadas! A nova tirania construída sobre a tirania antiga... a liberdade empenhada em troca de uma ilusão de paz. Eles se submeterão agora, porque estão perdidos e têm medo. Mais tarde, se erguerão, num julgamento coletivo, e os expulsarão!

– Dê-se a um homem um dia de trabalho, barriga cheia à noite e uma mulher em sua cama, e ele jamais pensará no Dia do Juízo – disse Il Lupo, pondo-se de pé.

Sua figura magra pareceu crescer em estatura, enchendo a tenda.

– Há ainda uma coisa, Nerone...

– O quê?

– Não há lugar para nós dois em Gemello. Você tem de dar o fora.

Num gesto surpreendente, Nerone lançou a cabeça para trás e riu descontraído:

– Você quer ficar com os louros! Quer ver-me desacreditado e correndo como uma lebre, enquanto você entra na aldeia como o Salvador da Itália. Você é demasiado ambicioso, homem!

– Se você quer ficar – disse Il Lupo com fria deliberação –, terei de matá-lo.

– Eu sei – respondeu Giacomo Nerone.

– Você quer fazer-se de mártir, não é isso?

– Isso seria uma loucura e uma presunção – respondeu, simplesmente, Nerone. – Como qualquer homem, não desejo morrer. Mas permaneceré na terra que lavrei com minhas próprias mãos, num lugar onde encontrei amor, esperança e fé. Recuso-me a permitir que me expulsem daqui para que você tenha uma vitória barata.

– Muito bem – disse Il Lupo, sem ressentimento. – Sabemos em que pé nos encontramos.

– Importa-se que Meyer me acompanhe agora?

– De modo algum, se você esperar lá fora um momento, até que encerremos o nosso assunto.

Quando ele se retirou, Il Lupo observou, sem ênfase:

– Ele é um fanático. Terá de desaparecer.

Meyer deu de ombros, preocupado:

– É um bom sujeito. Só faz bem aos outros... não prejudica ninguém. Por que não o deixar em paz?

– Você é mole, Meyer – disse Il Lupo, em tom cordial. – Dentro de dez dias tomaremos Gemello. Você tem tempo, até lá, para fazê-lo agir sensatamente.

– Eu lavo minhas mãos – respondeu Meyer, lacônico.

– Essa é a “deixa” de Pilatos, meu caro doutor. Os judeus têm uma outra: “É aconselhável que um homem morra pelo povo.”

Ainda estava sorrindo quando Meyer se voltou e foi ao encontro de Giacomo Nerone...

...BLAISE MEREDITH permanecia deitado na cama, o corpo calmo, mas o espírito ativo, seguindo a narração fria, clínica, do médico. Quando Meyer fez uma pausa, indagou:

– Esta é uma pergunta pessoal, doutor: o senhor se tornou mesmo membro do Partido Comunista?

– Jamais tive um cartão do partido. Mas isso não vem ao caso. Não havia cartões na montanha. O importante é que eu aderi a Il Lupo e ao que ele representava: a ditadura do proletariado, a ordem imposta pela força.

– Posso perguntar por quê?

– É muito simples – respondeu Meyer, expondo o seu ponto de vista com gestos eloquentes de mãos. – Para mim, era o que mais naturalmente deveria ocorrer. Eu vira o fracasso do liberalismo. Vira as desvantagens do clericalismo. Fora vítima da ditadura de um homem. Compreendia a necessidade de que houvesse igualdade, ordem e uma redistribuição do capital. Vira também a estupidez e a obstinação dos povos miseráveis. A resposta de Il Lupo parecia-me a única possível.

– E a ameaça que ele fez a Giacomo Nerone?

– Também me parecia lógica.

– Mas o senhor não estava de acordo com ela?

– Não me agradava. Mas não discordei.

– Falou com Giacomo Nerone a respeito?

– Falei.

– E o que ele disse?

– O mais surpreendente, monsenhor, é que ele concordou com Il Lupo. – O rosto de Meyer anuviou-se ao lembrar. – Disse, simplesmente: “A gente pode acreditar nisto ou naquilo. Il Lupo está certo. Quando se quer construir um mecanismo político perfeito, jogam-se fora as partes que não funcionam. Il Lupo não acredita em Deus. Acredita no homem apenas como entidade política. De modo que ele é inteiramente lógico. O ilógico é você, Meyer. Você quer *omelettes* na primeira refeição, mas não quer quebrar os ovos.”

– O senhor tinha alguma resposta para isso?

– Não uma resposta muito boa, lamento dizê-lo. Aquilo se aproximava muito da verdade. Mas perguntei-lhe como ele conciliava a sua própria admissão de que o trabalho que realizava não tinha futuro com o fato de estar disposto a morrer por ele.

– E o que ele respondeu?

– Ressaltou que ele também tinha a própria lógica. Acreditava que Deus era perfeito e que o homem, desde a sua queda, era imperfeito, que sempre haveria desordens, males e injustiças no mundo. Não se podia criar um sistema que destruísse essas coisas, porque os homens que o dirigissem também seriam imperfeitos. A única coisa que dignificava o homem e o que afastava da autodestruição era o fato de ser filho de Deus e de estar ligado por laços fraternos à família humana. Os próprios trabalhos de Giacomo eram uma expressão desse parentesco. Entre ele e Il Lupo o conflito era inevitável, pois suas crenças eram opostas e contraditórias.

– E Il Lupo, sendo o homem que tinha as armas, devia destruí-lo?

– Perfeitamente.

– Por que razão ele não foi embora?

– Também lhe disse isso – respondeu Meyer, com ar fatigado. – Sugeri que apanhasse Nina e o menino e fosse para outro lugar. Ele se recusou. Respondeu que nada aconteceria a Nina... e que, quanto a ele, deixara de fugir havia muito.

– Sendo assim, ficou em Gemello?

– Ficou. Eu voltei para as montanhas. Na véspera do dia em que Il Lupo devia vir para cá e estabelecer sua administração, voltei. Iam usar minha casa como quartel-general, e eu precisava prepará-la para isso. Pediram-me, também, para que tivesse uma última conversa com Giacomo Nerone, para fazer com que ele mudasse de ideia...

CORRIAM AS PRIMEIRAS horas da tarde, uma tarde quente de fins de primavera, ruidosa devido ao canto das primeiras cigarras. Caminhavam ambos pelo jardim, debaixo da figueira, falando gravemente, como advogado e cliente, sobre o que aconteceria quando Il Lupo descesse com os seus homens. Não houve discussão alguma entre ambos. Nerone mantinha-se firme em sua recusa de abandonar a aldeia, e as palavras de Meyer eram uma recitação monótona do que inevitavelmente ocorreria.

– Il Lupo é bastante preciso quanto ao que será feito. Você primeiro será desacreditado e, depois, executado.

- De que modo ele pretende desacreditar-me?
 - Deverão chegar ao amanhecer. Você será preso ali pelas nove horas e trazido para cá, a fim de ser submetido a um julgamento sumário.
 - Sob qual acusação?
 - Deserção da causa aliada e cooperação com os alemães.
- Nerone esboçou um sorriso.
- Não deve ter tido muita dificuldade para provar isso. E o que mais?
 - Será condenado e conduzido para uma execução pública e imediata.
 - De que modo?
 - O pelotão de fuzilamento. Será uma corte militar. Il Lupo é cuidadoso quanto às formalidades.
 - E Nina e o menino?
 - Não lhes acontecerá absolutamente nada. Foi bastante claro quanto a isso. Não vê vantagem alguma em despertar simpatia com a punição de uma mulher e de uma criança.
 - É inteligente. Admiro-o.
 - Pediu-me que lhe dissesse que você dispõe de quase dezoito horas para sair daqui, se o desejar. Tenho comigo dinheiro suficiente para que você, Nina e o menino possam manter-se durante dois meses. Estou autorizado a assegurar-lhe que vocês, ao amanhecer, já estarão fora desta zona.
 - Vou ficar. Nada mudará esta resolução.
 - Então nada mais há a dizer, certo?
 - Nada mais. Sou-lhe grato por ter tentado demover-me. Temos sido bons amigos. Fico-lhe agradecido.
 - Ainda há uma coisa... quase ia me esquecendo.
 - O quê?
 - Onde estará amanhã às nove horas?
 - Pouparei a Il Lupo o trabalho. Virei aqui.
 - Isso não serve, sinto dizê-lo. Ele quer que sua prisão seja pública.
 - Ele não pode ter tudo. Virei aqui amanhã cedo, às nove horas, usando os meus próprios pés.

– Transmitirei a ele sua resposta.

– Obrigado.

Depois, como já tinham dito tudo o que havia a dizer e não sabiam bem de que modo despedir-se, continuaram andando em silêncio de um lado para o outro pelo caminho lajeado debaixo da figueira, até que Meyer disse, desajeitado:

– Lamento que termine assim. Não tenho mais nada com isso, mas o que vai fazer agora?

Nerone respondeu tranquila e francamente:

– Vou descer até a casa de padre Anselmo, para confessar-me. Depois, vou até a cabana apanhar algumas coisas e entregá-las a Nina. Em seguida, subirei até a *villa* e perguntarei à condessa se permitirá que Nina e o menino fiquem lá até que esteja tudo acabado. Ela é inglesa de nascimento, e Il Lupo é bastante inteligente para incorrer no desagrado da gente que lhe está dando armas. Depois... – interrompeu-se, o rosto encovado aberto num sorriso. – Depois, vou fazer minhas preces. Sou bastante feliz de ter tempo para preparar-me. Não é todo homem que sabe a hora e o lugar de sua morte. – Parou e estendeu a mão: – Adeus, Meyer. Não se acuse demais. Vou me lembrar de você na eternidade.

– Adeus, Nerone. Olharei por Nina e pelo menino.

Teve vontade de usar a velha fórmula e dizer: “Deus o guarde.” Mas lembrou-se em tempo de que, no novo mundo de Il Lupo, que agora era o seu, não haveria mais Deus. Tal frase de despedida não teria, pois, sentido, e não a disse...

...BLAISE MEREDITH indagou:

– O que aconteceu com padre Anselmo?

Meyer fez um gesto de indiferença:

– Nada demais. O velho não gostava dele. Discutiam com frequência, como sabe. Recusou-se a ouvir-lhe a confissão. Soube disso mais tarde, na aldeia.

– E a condessa?

– Esta informação não é de primeira mão. Colhi-a de Pietro, o criado, que foi meu paciente. Giacomo foi à *villa* solicitar refúgio

para Nina e o menino. Soube, também, que queria dormir lá aquela noite, para que Il Lupo não soubesse onde estava e tivesse de abrir mão de efetuar sua prisão em público. Ana Luísa de Sanctis estava, ao que parece, bastante disposta a aquiescer, mas queria cobrar um preço por isso.

– Que preço?

– Ela é uma mulher estranha – disse Meyer, maliciosamente. – Conheço-a há muito, mas não diria que a compreendo perfeitamente. É ardente por natureza e tem grande necessidade de um homem... necessidade tanto maior agora que enfrenta o terror da meia-idade. O marido decepcionou-a. Seus outros amantes vinham e iam embora como soldados em tempo de guerra. Sempre foi demasiado orgulhosa para se satisfazer com algum homem da aldeia. Nerone talvez pudesse ser o homem de que necessitava, mas já estava apaixonado por Nina Sanduzzi. Desde o começo teve ciúmes disso. De modo que toda a sua vida emocional adquiriu uma nuance de perversão. Seu preço era que Nina assinasse um documento cedendo-lhe o menino como pupilo e que Giacomo Nerone dormisse com ela aquela noite.

– Um homem na véspera da execução? – exclamou Meredith, chocado.

– Já lhe disse – prosseguiu Meyer, com voz inalterada – que para ela tudo adquire um colorido mórbido. Por isso é que esse tal pintor goza de tanta influência na *villa*. É uma espécie de alcoviteiro junto dela. Seja lá como for, o certo é que Giacomo, como se poderia esperar, recusou-se a dormir com ela. Ao que parece, a condessa foi suficientemente astuta para imaginar que ele passaria a noite em casa de Nina. E enviou um homem com uma mensagem para Il Lupo. Giacomo foi preso duas horas antes do amanhecer.

– Então é por isso que ela odeia Paolo.

– Não creio que odeie o rapaz – disse Meyer, com sombrio humor. – Na melhor das hipóteses, talvez se sinta atraída por ele. Mas ainda tem ciúmes de Nina e odeia a si mesma, embora não o saiba.

Blaise Meredith lançou as pernas para fora da cama e sentou-se, correndo os dedos por entre os cabelos ralos num gesto de cansaço e perplexidade. E, numa voz que era quase um suspiro, disse:

– É tarde. É melhor voltar para o jantar, embora Deus saiba que não tenho vontade alguma de enfrentar a ambos esta noite.

– Por que não janta aqui? – disse Meyer, impulsivamente. – Comerá mal, mas pelo menos não precisará ser cortês. Estou quase no fim de meu depoimento, e talvez lhe fosse possível obter o restante ainda esta noite. Mandarei um rapaz à *villa*, a fim de apresentar suas desculpas.

– Eu lhe ficaria grato, asseguro-lhe.

– Eu é que lhe estou grato – disse Meyer, com um sorriso. – E isso, partindo de um judeu para um inquisidor, é um grande cumprimento.

NA APARATOSA SALA de jantar da *villa*, a condessa e Nicholas Black jantavam à luz das velas, numa inquieta intimidade de conspiradores. A condessa estava irritadiça e mal-humorada. Começava a compreender quanto a situação escapava ao seu controle – com Nicholas Black a mantê-la como resgate e Meredith a colher, junto a Meyer, Nina Sanduzzi e o velho Anselmo, só Deus sabia que informações. Dentro em pouco, ele se aproximaria dela com suas perguntas secas, pedantes, e com seus olhos encovados e perscrutadores. Quer respondesse ou permanecesse muda, ela é que ficaria desacreditada, enquanto o pintor se afastaria sorrindo, de posse do prêmio.

Nicholas Black também estava irritado. Meredith forçara a mão na hora do almoço e haviam sido ditas coisas que jamais poderiam ser retiradas. Agora, encontravam-se em franca oposição e, apesar de todas as suas zombarias, Black tinha grande respeito pela influência temporal da Igreja num país latino. Se Meredith metesse na cabeça que deveria invocar o auxílio do bispo, todas as espécies de influências poderiam ser postas em ação – influências que chegariam até mesmo a Roma – e, no fim, poderia haver uma visita discreta da polícia e a revogação do seu visto de permanência no país. Os democratas-cristãos estavam no poder e atrás deles se achava o Vaticano – o velho, sutil e implacável Vaticano.

Apressou-se, pois, em valer-se do medo da condessa e a explorá-lo em benefício próprio:

– Concordo que esse sacerdote é uma terrível maçada, cara. Sinto-me culpado por tê-lo trazido cá. Você está metida numa enrascada. Gostaria de ajudá-la a livrar-se dela.

O rosto da condessa animou-se imediatamente:

– Se puder fazê-lo, Nicki...

– Estou certo de que podemos, *cara* – disse, inclinando-se sobre a mesa e dando-lhe uma palmadinha de encorajamento na mão. – Agora, ouça. O padre está aqui. Atravessado em nosso caminho. Não podemos livrar-nos dele sem que nos mostremos descorteses... e sei que você não quer isso.

– Eu sei – murmurou ela, com um aceno de cabeça, desconsolada. – Como sabe, há o bispo e...

– Sei também a respeito do bispo, *cara!* – atalhou, rápido, Black.

– Você tem de viver aqui, de modo que vale a pena ser cordial. Meredith deve ficar. Estamos de acordo quanto a isso. Mas não há nada que a impeça de ir embora, não é verdade?

– Eu... eu não compreendo.

– É simples, *cara* – disse, fazendo um gesto eloquente com a mão. – Você não tem se sentido nada bem. O próprio Meredith sabe que tem tido enxaquecas e só Deus sabe que outras enfermidades femininas. Precisa consultar seu médico imediatamente. E vai para Roma. Você tem um apartamento lá. Precisa de criados para dirigi-lo. E leva a criada e Pietro e, como um favor especial a Nina Sanduzzi, leva também o rapaz. Quer comprar-lhe roupas. Quer que ele aprenda a servir em meio a uma sociedade educada. Pode até mesmo estar pensando em fazer com que ele estude com os jesuítas... – Sorriu, sardonicamente: – Que mãe recusaria tal oportunidade? E se ela o fizesse? O rapaz trabalha para você sob contrato. A lei italiana é uma tal mixórdia que, creio, você poderia levar a melhor sobre ela, contanto que o rapaz consentisse. Competiria à mãe dizer por que queria conservá-lo aqui e que espécie de trabalho poderia encontrar para ele. Você atende também a isso, enviando à mãe, semanalmente, parte dos salários do rapaz por meio de seu mordomo aqui.

Os olhos da condessa iluminaram-se diante de um pensamento novo e encorajador, mas voltaram a anuviar-se.

– É uma ideia maravilhosa, Nicki. Mas... e você? Meredith sabe o que você quer. Ele fará tudo o que puder para criar obstáculos.

– Também já pensei nisso – respondeu o pintor, com seu sorriso irônico. – Eu ficarei aqui... pelo menos durante uma semana. Se Meredith fizer quaisquer perguntas, você poderá dizer-lhe francamente que acha que sou uma má influência para o rapaz. Quer agir como boa cristã e afastá-lo de mim. Simples, não lhe parece?

– Estupendo, Nicki! Estupendo! – exclamou, os olhos cintilantes, batendo palmas de alegria. – Amanhã farei todos os arranjos e partiremos no dia seguinte.

– Por que não amanhã?

– Não é possível, Nicki. O trem para Roma parte de Valenta pela manhã. Não haveria tempo para fazer tudo.

– É uma pena – disse Black em tom irritado. – Contudo é apenas um dia. Penso que até lá poderei fazer frente a monsenhor Meredith. É melhor que você mesma fale com o rapaz. Não deve parecer que estou envolvido no caso.

– Falarei amanhã cedo – respondeu ela, estendendo a mão e enchendo-lhe o copo de vinho. – Bebamos, querido! Depois abriremos outra garrafa e faremos uma comemoração. A que brindaremos?

Ele ergueu o copo e sorriu-lhe por sobre a borda:

– Ao amor, *cara!*

– Ao amor! – repetiu Ana Luísa de Sanctis.

Mas engasgou ao pensar: Mas quem me ama? E quem jamais me amará?

– SEREI FRANCO com o senhor, doutor – disse Meredith, terminando a comida do prato. – Neste momento, preocupa-me menos Giacomo Nerone do que seu filho. Nerone está morto e acha-se, assim o esperamos, entre os bem-aventurados. Seu filho passa por uma grave crise moral, sujeito, diariamente, ao perigo de sedução. Sinto-

me responsável por ele. Mas como me desincumbirei dessa responsabilidade?

– É um problema – observou, com ar preocupado, Meyer. – O rapaz já é quase um homem. Possui livre-arbítrio e é moralmente responsável, embora inexperiente. Não ignora, com certeza, o que está em jogo. Nos leitos matrimoniais as crianças amadurecem cedo. Penso que ele é um rapaz saudável: mas Black é um sujeito muito persuasivo.

Meredith mexia, absorto, um pedaço de pão, esmigalhando-o no prato e fazendo minúsculas figuras com as partículas cinzentas.

– Mesmo no confessionário, é difícil se chegar ao íntimo de um adolescente. São ariscos como lebres e muito mais complexos do que os adultos. Se pudesse aproximar-me da condessa ou do próprio Black, talvez conseguisse ser bem-sucedido.

– Já tentou?

– Com Black, sim. Mas o homem está cheio de amargura e ressentimento. Não pude encontrar um termo comum de acordo. Quanto à condessa, ainda não tentei.

Meyer lançou-lhe um sorriso melancólico:

– O senhor talvez constate que isso é ainda mais difícil, monsenhor. Mesmo nas condições mais favoráveis, não há lógica nas mulheres, e essa tem em si uma doença: a doença da meia-idade e de um velho amor que azedou e se transformou em vergonha. Há cura para uma dessas coisas, mas a outra... – Deteve-se um momento, franzindo a testa com ar de dúvida... – De uma coisa estou certo, Meredith. Padre algum poderá curar o seu mal.

– Como é que ela terminará, então?

– Entorpecentes, bebida ou suicídio – respondeu, categórico, Meyer. – Três palavras para a mesma coisa.

– E é essa a única resposta?

– Se quer que eu lhe diga que Deus é a resposta, monsenhor, não posso fazê-lo. Há ainda outra, mas é uma palavra feia, que talvez o senhor não gostasse de ouvir.

Para sua surpresa, Meredith ergueu o rosto pálido e sorriu-lhe, bem-humorado:

– Eis aí, Meyer, o dilema dos materialistas. Surpreende-me que tão poucos, dentre eles, o vejam. Riscam Deus do dicionário e sua única resposta para o enigma do universo é uma palavra feia.

– Diabos o levem! – exclamou Meyer, com um sorriso enviesado.
– Diabos o levem, como inquisidor abelhudo! Vamos tomar café e falar sobre Giacomo Nerone...

...ÀS OITO HORAS DA MANHÃ, prenderam Giacomo Nerone em casa de Nina. Não o trataram com demasiada grosseria, mas ensanguentaram-lhe o rosto e rasgaram-lhe a camisa, para dar a impressão de que ele havia reagido. Na verdade, porém, não esboçou reação alguma; ficou apenas parado, mudo, enquanto dois homens lhe seguravam os braços e um terceiro o agredia, ao mesmo tempo em que outros seguravam Nina, que gritava como uma selvagem e se atirou gemendo sobre a cama quando o levaram. A criança não chorou; permaneceu quieta em seu berço, mexendo, com as mãozinhas rechonchudas, nas dobras do travesseiro.

Marcharam, então, colina acima até ganhar a estrada e, para que o espetáculo melhorasse, torceram-lhe os braços atrás das costas e fizeram-no caminhar, quase dobrado, através da aldeia. O povo permanecia imóvel à porta de suas casas, mudo, olhando fixamente, e até mesmo as crianças emudeciam à sua passagem. Voz alguma se levantou em protesto, mão alguma se ergueu para ajudá-lo. Il Lupo calculara tudo com exatidão. Os famintos não davam prova de lealdade. Aquela gente tinha visto demasiados conquistadores que chegavam e iam embora. Aquela era uma terra áspera, com uma história áspera. Não era herança dos mansos.

Quando chegaram à casa de Meyer, empurraram-no rudemente para dentro e fecharam a porta. O povo veio correndo como formigas e postou-se fora, mas os guardas o fizeram retroceder, entre imprecações, de volta às suas casas. Il Lupo queria um julgamento ordeiro, sem tumultos que o perturbassem.

Dentro da sala, Giacomo Nerone ficou um momento esticando os braços endurecidos e limpando o sangue do rosto. Depois, olhou em torno. A sala estava disposta como se fosse um tribunal. Il Lupo,

Meyer e outros três homens achavam-se sentados à mesa, tendo atrás de si, enfileirados, os guardas, homens morenos, de barbas por fazer, jaquetas de couro e boinas enviesadas, de pistolas à cinta e fuzis automáticos pendendo negligentemente de suas mãos. Dois outros guardas se achavam de pé entre Nerone e a porta e, entre eles e a mesa, havia um espaço ocupado apenas por uma cadeira.

Todos os rostos estavam sérios e compenetrados como convinha a homens que presenciavam um ato histórico. Somente Il Lupo sorria, o olhar claro, delicado, como um anfitrião num jantar formal. E disse, com sua voz fria:

– Sinto que o tenham tratado mal, Nerone. Não devia ter resistido à prisão.

Nerone nada respondeu.

– O senhor tem o direito, claro, de saber quais as acusações que lhe são feitas – prosseguiu, apanhando sobre a mesa um papel e lendo-o em apurado toscano. – Giacomo Nerone, o senhor é acusado, diante deste tribunal militar, de deserção do exército inglês e de colaboração ativa com unidades alemãs em operação na região de Gemelli dei Monti. – Colocou o papel sobre a mesa e continuou: – Antes de ser julgado por tais acusações, tem a liberdade de dizer o que quiser.

Nerone fitou-o com olhos calmos:

– Minhas palavras serão anotadas?

– Certamente.

– Quanto à acusação de deserção, este tribunal não tem jurisdição alguma. Somente uma corte marcial instituída pelo exército inglês pode julgar-me por isso. O procedimento correto seria que os senhores me mantivessem sob custódia e me entregassem ao comando inglês mais próximo.

Il Lupo acenou com a cabeça, placidamente:

– Anotaremos sua objeção, que me parece bem fundada, a despeito do fato de o senhor não possuir documento algum que o identifique como soldado britânico. O senhor, porém, será julgado de acordo com a segunda acusação.

– Duvido de que os senhores tenham autoridade também para isso.

– Baseado em quê?

– Este não é um tribunal legal. Seus membros não possuem autoridade para tal.

– Discordo do senhor – respondeu Il Lupo, sereno. – Os guerrilheiros são grupos que operam em apoio dos aliados. Possuem uma identidade *de facto* como unidades militares e jurisdição sumária sobre os teatros de guerra. Sua autoridade provém, em última análise, do alto comando aliado e das autoridades de ocupação na Itália.

– Nesse caso, nada tenho a dizer.

Il Lupo fez, cortesmente, um aceno com a cabeça.

– Bem. Estamos ansiosos, claro, para que se faça justiça. Será concedido tempo para que o senhor prepare sua defesa. Proponho que se evacue a sala. Vão lhe trazer café e algo para comer. O Dr. Meyer está aqui pronto para agir como seu advogado de defesa. Como presidente deste tribunal, estou disposto a considerar quaisquer pontos que o senhor possa querer debater comigo. Está claro?

Pela primeira vez desde sua chegada, Nerone sorriu:

– Perfeitamente claro. Apreciarei o café.

A um sinal de Il Lupo, os guardas saíram para o jardim e os três homens ficaram a sós. Meyer nada disse, mas dirigiu-se ao fogão e pôs-se a preparar o café. Nerone sentou-se, e Il Lupo ofereceu-lhe um cigarro, acendendo-o. Depois, sentou-se à beira da mesa e disse, em tom amável:

– O senhor fez mal em ficar.

– Já está feito – respondeu Nerone, lacônico. – Para que discutir?

– O senhor me interessa, eis aí por quê. Admiro-o muito. Mas não consigo vê-lo desempenhando o papel de mártir.

– Foi o senhor que escolheu.

– E o senhor aceitou.

– Exatamente.

– Por quê?

– Gosto das “falas” – respondeu Nerone, com sombrio humor. – Principalmente da última: “consumatum est”.

– O senhor e sua obra! – disse Il Lupo.

Nerone deu de ombros:

– A obra não é importante. Um milhão de outros homens podem fazê-la melhor. O senhor mesmo talvez a execute melhor. A obra morre. Quantos homens Cristo curou? E quantos deles estão vivos hoje? A obra é uma expressão daquilo que um homem é, do que sente, daquilo em que acredita. Se dura, se se desenvolve, não é devido ao homem que a começou, mas porque outros homens pensam, sentem e creem da mesma maneira. Seu próprio partido é um exemplo disso. Os senhores também morrerão, como bem sabem. E depois?

– A obra prosseguirá – disse Il Lupo, os olhos claros subitamente iluminados como ante uma grande revelação. – A obra prosseguirá. Os velhos sistemas perecerão devido à sua própria corrupção, e o povo tomará conta do que lhe pertence. Aconteceu na Rússia. Acontecerá na Ásia. A América ficará isolada. A Europa será obrigada a entrar na linha. Acontecerá. Pode ser que eu não esteja aqui para ver, Nerone, mas minha pessoa não importa.

– Eis aí a diferença entre nós – respondeu Giacomo Nerone, suavemente. – O senhor diz que sua pessoa não importa. Mas eu lhe digo que a minha importa... O que me acontece é eternamente importante, porque desde a eternidade eu já estava no espírito de Deus... eu! Eu, o cego, o fútil, o tateante, o fracassado. Estava, estou, estarei!

– Acredita realmente nisso? – indagou Il Lupo, fitando-o com os olhos penetrantes como um bisturi.

– Acredito.

– Morrerá por isso?

– Parece que sim.

Il Lupo amassou a ponta do cigarro e levantou-se.

– É uma loucura monstruosa! – exclamou, em plena convicção.

– Eu sei – respondeu Nerone. – É uma loucura que já dura dois mil anos. Estou pensando se a dos senhores durará tanto.

Il Lupo não respondeu. Olhou o relógio e depois disse, enérgico:

– Tomaremos café e depois o senhor pode descansar durante a manhã. O julgamento começará à uma hora. Vai confessar-se culpado ou inocente?

– E isso importa?

– Não, realmente. As provas são claras. A execução está marcada para as três horas.

O rosto de Nerone anuviou-se momentaneamente.

– Por que tão tarde? Gostaria que isso acabasse logo.

– Lamento – respondeu Il Lupo. – Não estou sendo cruel. É apenas uma questão de política. Haverá menos tempo para tumultos ou demonstrações. Quando souberem da notícia e começarem a pensar nela, já estarão à espera do jantar. Espero que compreenda.

– Perfeitamente – disse Giacomo Nerone.

Meyer trouxe o café e os outros componentes da refeição matinal, e ficaram sentados juntos à mesa, comendo em silêncio, como uma família. Quando terminaram, Il Lupo perguntou-lhe:

– Ainda uma coisa: o senhor deseja fazer algum discurso antes da execução?

Nerone fez um gesto negativo com a cabeça:

– Jamais fiz um discurso em minha vida. Por quê?

– Isso me alegra – respondeu Il Lupo, com brandura. – Do contrário, teria de fazer com que o espancassem antes de sair. Uma coisa que não posso permitir é heroísmo.

– Não sou herói – disse Nerone.

Pela primeira vez, desde sua chegada, Meyer falou-lhe. Sem levantar os olhos da mesa, disse, com voz rouca:

– Se quiser estar a sós durante alguns momentos, use o outro quarto. Ninguém o perturbará. Eu o chamarei quando estivermos prontos para começar.

Nerone olhou com gratidão nos olhos sombrios:

– Obrigado, Meyer. Você tem sido um bom amigo. Vou me lembrar de você.

Levantou-se da mesa e dirigiu-se ao outro quarto, fechando a porta atrás de si. Os dois homens trocaram um olhar. Após um momento, Il Lupo disse, sem pressa:

– Eu o dispensarei do serviço após a execução. Se quiser ouvir o meu conselho, deixe-nos durante algum tempo. Você não foi feito para esta espécie de coisa.

– Eu sei – respondeu Meyer, com voz abafada. – Não creio o bastante... nem de um jeito, nem de outro.

– ...E O RESTO? – indagou Blaise Meredith.

As longas mãos de Meyer fizeram um gesto concludente:

– Foi bastante simples. Foi julgado e condenado. Conduziram-no monte acima, até a velha oliveira, amarraram-no a ela e o fuzilaram. Todos estavam lá, até mesmo as crianças.

– E Nina?

– Também estava. Aproximou-se dele, beijou-o e afastou-se. Nem mesmo quando atiraram proferiu uma palavra, mas, quando todos os outros se foram, ela permaneceu lá. Ainda estava lá quando o grupo de pessoas que o sepultou apareceu, naquela noite, para levá-lo.

– Quem o sepultou?

– Anselmo, a condessa, dois homens da aldeia, Nina... e eu.

Blaise Meredith franziu a testa intrigado:

– Não compreendo.

– É bastante simples. Nós três queríamos odiá-lo... mas, no fim, ele fez com que nos envergonhássemos e passamos a amá-lo.

– Contudo – insistiu Meredith –, vocês todos o temiam quando cheguei aqui.

– Eu sei – respondeu Meyer, com voz rouca. – O amor é a coisa mais terrível que existe no mundo.

Eram mais de onze horas quando Blaise Meredith deixou a casa do médico e voltou à *villa*. Antes que se fosse, Meyer mostrou-lhe a última carta de Nerone e entregou-lhe um pacote contendo o resto dos documentos. Despediram-se, e Meredith pôs-se a subir lentamente a rua cheia de pedras, à luz cinzenta do luar.

Uma sensação de solidão e de isolamento apoderou-se dele, como se estivesse caminhando para fora do próprio corpo, num lugar estranho e num outro tempo. Não havia mais dúvida nem tormentas; apenas uma grande tranquilidade. As tempestades cercavam-no por todos os lados mas ele permanecia calmo diante do ciclone, num prodígio de silêncio e de água serena.

Como Giacomo Nerone, estava no fim de sua busca. Do mesmo modo que Nerone, via como sua morte devia vir numa rajada de violência, inevitável mas breve como o pôr do sol. Receava-a, mas, mesmo assim, caminhava ao seu encontro com os próprios pés, envolto na paz de uma decisão final.

Chegou aos portões de ferro da *villa* e passou adiante, firmando o passo num esforço para vencer a última e íngreme elevação que conduzia ao lugar da execução de Nerone – o pequeno platô onde a oliveira se erguia como uma cruz negra, tendo ao fundo a alva lua. Quando lá chegou, colocou no chão o pacote e apoiou-se à árvore, sentindo o coração bater forte e, de encontro às mãos, o contato áspero do tronco. Ergueu os braços lentamente, de modo que ficaram entre os ramos emaranhados, enquanto os galhos secos lhe espetavam a pele das mãos.

Giacomo Nerone ficara assim, os punhos e os tornozelos atados, os olhos vendados, no momento da rendição final. Agora era a sua vez – a vez de Blaise Meredith, o frio sacerdote do Palácio das Congregações. Seu corpo enrijeceu, o rosto contraiu-se na agonia da decisão, enquanto lutava para concentrar toda a sua vontade naquele ato de submissão. Teve a impressão de que havia se passado muito tempo antes que conseguisse arrancar de si, com voz grave e angustiada, as palavras:

– Toma-me, ó Deus! Faze comigo o que quiseres... um milagre ou uma zombaria! Mas dá-me o rapaz... pelo amor de seu pai!

Tudo estava terminado... feito, acabado! Um homem vendera sua alma, como num leilão, ao seu Criador. Era hora de voltar para a cama, mas não para o sono. O tempo corria. Antes que amanhecesse, tinha de ler os papéis de Giacomo Nerone e escrever uma carta a Aurélio, bispo de Valenta.

Para Blaise Meredith, o formalista – pois mesmo naquele momento de clímax não podia abandonar o hábito mental de toda uma existência –, os escritos de Giacomo Nerone foram, sob muitos aspectos, um desapontamento. Nada acrescentavam à biografia do seu passado, salvo por interferência e pouco ao glossário dos pormenores conhecidos de sua vida, obras e morte Gemello Minore.

O que Aldo Meyer neles encontrara – uma recordação pungente, um vislumbre da mente de um homem outrora conhecido, outrora odiado e, finalmente, amado – se apresentava sob outro aspecto aos olhos do Advogado do Diabo. Blaise Meredith lera os escritos de centenas de santos, e todas as suas angústias, todas as suas revelações e todos os seus ardentes desabafos tinham, para ele, a familiaridade de coisas há muito conhecidas.

Ajustavam-se todos à mesma crença, a um modelo básico de penitência e devoção, à mesma progressão que ia da purgação à revelação, da revelação a uma união direta com o Todo-Poderoso no ato da prece. Era essa conformação, justamente, o que ele agora procurava, pois cada um dos examinadores e assessores também a procuraria, como ocorria em cada um dos processos que devem seguir-se à apresentação de provas ante o tribunal do bispo.

Para o biógrafo, para o dramaturgo, para o pregador, a personalidade de um homem era importante. Suas peculiaridades, esquisitices e caráter individual eram as coisas que o ligavam ao comum dos homens e faziam com que estes se voltassem para ele como padroeiro e exemplo. Mas para a Igreja, para os teólogos e

inquisidores meticulosos que a representavam, a importância residia em seu caráter como cristão – em sua semelhança com o protótipo, que era Cristo.

Assim, pois, nas lentas horas da noite, Blaise Meredith entregou-se, fria e analiticamente, àquele exame. Mas mesmo ele não conseguia fugir ao impacto pessoal – ao homem vivo que surgia das folhas amarelecidas e da caligrafia vigorosa, máscula.

Os escritos eram desarticulados: anotações apressadas de um homem dividido entre a contemplação e a ação, que ainda sentia a necessidade de esclarecer seus pensamentos e tornar suas afirmações claras para si mesmo. Meredith imaginou-o sentado, tarde da noite, numa pequena cabana de pedra, friorento, faminto, mas, não obstante, estranhamente contente, escrevendo uma ou duas páginas antes de começar a longa vigília de orações que cada vez mais se tornava um substituto para o sono.

Contudo, apesar de seu caráter errático, os escritos tinham um ritmo e uma unidade peculiares. Cresciam à medida que o homem crescia. Terminavam como o próprio homem havia terminado: com dignidade, calma e um estranho contentamento.

...ESCREVO DEVIDO à necessidade comum que o homem tem de comunicação, mesmo que seja através de uma folha de papel – e porque o conhecimento que tenho de mim mesmo é um peso sobre os meus ombros e não tenho o direito de descarregá-lo todo sobre a mulher que amo. Ela é simples e generosa. Suportaria tudo e ainda estaria pronta para mais, mas o ato de encobrir certas coisas faz parte do amor tanto quanto o da rendição. Um homem deve pagar por seus pecados; não pode tomar emprestado a absolvição a outrem...

...Nascer no seio da Igreja (e só posso falar de minha própria Igreja, pois não conheço outra) é, ao mesmo tempo, um fardo e uma consolação. O fardo é o que primeiro se sente. O fardo do rito religioso, das proibições e, mais tarde, da crença. O consolo vem depois, quando se começa a fazer perguntas – e quando somos presenteados com uma chave para todos os problemas da

existência. Aceite-se o primeiro ato de fé consciente, aceite-se a primeira premissa, e toda a lógica se acomoda em seu lugar. Pode-se pecar, mas peca-se dentro de um cosmos. É-se levado ao arrependimento pela simples ordem que nele prevalece. É-se livre dentro de um sistema, e tal sistema é seguro e consolador, contanto que a vontade esteja voltada para o primeiro ato de fé...

...Quando indivíduos católicos têm ciúmes dos descrentes, como não raro ocorre, é porque o fardo da crença jaz pesadamente sobre eles e as coerções do mundo começam a ferir. Começam por sentir-se enganados, como ocorreu comigo. Perguntam a si mesmos por que um acidente de nascimento deva fazer da fornicação um pecado para uns e uma recreação de fim de semana para outros. Diante das consequências da crença, começam por lamentar a própria crença. Alguns acabam por rejeitá-la, como se deu comigo ao sair de Oxford...

...Ser católico na Inglaterra é submeter-se a um estreito conformismo, em lugar de um conformismo mais amplo, mas nem por isso menos rígido. Se se pertence às velhas famílias, como eu, aos últimos elisabetanos, aos últimos Stuart, é possível usar a fé como uma excentricidade histórica – como certas famílias que exibem o bar sinister,* a devassidão ao tempo da Regência ou uma viúva que se entregara ao jogo de azar. Mas, em meio ao choque dos conformismos, isso não basta. Mais cedo ou mais tarde, somos forçados a voltar ao primeiro ato de fé. E se nos recusamos a isso, estamos perdidos...

...Estive muito tempo perdido, sem o saber. Sem fé somos livres, e a princípio essa é uma sensação agradável. Não existem questões de consciência, nem sujeições, exceto as sujeições impostas pelos costumes, pelas convenções e pela lei, mas estas são bastante flexíveis para a maioria dos propósitos. Só mais tarde é que chega o terror. Somos livres – mas livres em meio ao caos, num mundo inexplicado e inexplicável. Somos livres num deserto do qual não há recuo senão para dentro, para o âmago oco do nosso próprio ser. Nada há sobre o que construir, salvo a pequena rocha de nosso próprio orgulho, e isso é um nada, baseado em nada... Penso, logo

sou. Mas o que sou eu? Um acidente da desordem, indo para parte alguma.

...Há muito venho me examinando para compreender a natureza do meu ato de deserção. Na época, isso tinha um significado moral. O juramento militar termina com a invocação da Deidade. Mas, para mim, não havia Deidade alguma. Se preferia arriscar minha liberdade, minha reputação e sofrer as sanções do Estado, isso era coisa que só a mim dizia respeito. Se escapasse às sanções, tanto melhor. Mas não raciocinei assim na ocasião. Minha ação foi instintiva – uma reação irrefletida de algo que violentava minha natureza. Mas, a julgar por aquilo em que então acreditava, nada tinha que se pudesse chamar natureza. Era moldado numa forma comum, como uma centelha que sai de um forno, mas, se tal centelha estalejasse e se extinguísse, o que isso importava? Já estava perdido... e só podia mergulhar um pouco mais profundamente nas trevas...

...Depois, surgiu Nina. Despertei para ela como se desperta para as primeiras luzes matinais. Como o ato de fé, o ato do amor é uma rendição – e creio que um condiciona o outro. Em meu caso, pelo menos, assim foi. Não posso lamentar o fato de tê-la amado, pois que o amor é independente de sua expressão: foi somente a minha expressão dele que era contrária à lei moral. Isto eu lamento, e tenho confessado e rezado para ser perdoado. Mas, mesmo no pecado, o ato de amar – feito com amor – tem algo de divino. Entregar-se a ele pode ser uma falta, mas sua natureza não é modificada, e sua natureza é criadora, comunicativa, esplêndida na rendição...

...Foi no esplendor de minha rendição a Nina, e em sua rendição a mim, que primeiro compreendi que um homem poderia render-se a Deus... se existisse Deus. O momento de amor é um momento de união – de corpo e espírito –, e o ato de fé é mútuo e implícito...

...Nina tinha um Deus, eu não tinha nenhum. Ela estava em pecado, mas dentro do cosmos. Eu estava, além de no pecado, no caos... Mas nela vi tudo o que havia rejeitado, tudo de que necessitava e que, não obstante, lançara para longe de mim. Nossa

união era imperfeita devido a isso, e algum dia ela o compreenderia e poderia vir a odiar-me...

...De que modo se volta à crença, partindo da incredulidade? Partindo do pecado, é fácil: basta um ato de arrependimento. Uma criança que erra volta ao pai porque o pai lá está, porque a relação não é interrompida. Mas, na incredulidade, não existe pai, não existe relação. A gente não vem de parte alguma, não vai para parte alguma. Nossos atos mais nobres são destituídos de significado. Procurei servir ao povo. Servi-o. Mas quem era o povo? Quem era eu?

...Procurei, por meio da razão, reportar-me a uma primeira causa, a um primeiro ato, como uma criança enjeitada poderia procurar reportar-se, pelo raciocínio, à existência de seu pai. Ele devia ter existido, pois todas as crianças têm pais. Mas quem era ele? Qual o seu nome? Qual o seu aspecto? Acaso me amava... ou se esquecera de mim para sempre? Este era o verdadeiro terror e, ao olhar agora para trás, da segurança a que cheguei, temo, suo e rezo desesperadamente: "Aperta-me em Teus braços! Jamais me deixes de novo partir. Jamais ocultes Tua face de mim. É terrível viver nas trevas!"...

...De que modo me aproximei d'Ele? Só Ele sabe. Procurava-O, às cegas, e não conseguia encontrá-Lo. Rezava-Lhe, desconhecido, e Ele não me respondia. Soluçava à noite por tê-Lo perdido. Lágrimas perdidas e dor inútil. Até que, um dia, Ele lá estava de novo...

...Deveria haver uma ocasião, eu sei. Deveríamos poder dizer: "Foi esse o momento, o lugar, a maneira como ocorreu. Essa foi a minha conversão à religião. Falou-me um bom homem e tornei-me bom. Vi a criação no rosto de uma criança e acreditei." Mas não foi assim. Ele lá estava. Eu sabia que Ele lá estava, que Ele me havia criado e que ainda me amava. Não havia palavras a registrar, pedra alguma a ser talhada com um dedo incandescente, trovão algum a reboar sobre o Tabor. Eu tinha um Pai, Ele me conhecia e o mundo era uma casa que Ele havia construído para mim. Eu nascera católico, mas jamais compreendera, até aquele momento, o significado das palavras "o dom da fé". Depois daquilo, que outra

coisa eu poderia dizer, senão: "Aqui estou; guia-me; faze o que quiseres comigo. Mas, rogo-Te, fica comigo, sempre..."

...Temo por Aldo. Há muito mérito em sua cética honestidade, mas, quando os outros o apanharem, não sei o que lhe acontecerá. Essa é a diferença entre os dois absolutos – a Igreja e o comunismo. A Igreja compreende a dúvida e ensina que a fé é um dom – um dom que não se adquire nem por meio da razão, nem por meio de mérito. O comunismo não admite dúvida e diz que a crença pode ser implantada como um reflexo condicionado... Até certo ponto tem razão, mas o reflexo condicionado não responde a perguntas – e as perguntas estão sempre presentes. Onde? Onde? Por quê?...

...A questão da reparação preocupa-me grandemente, às vezes. Estou mudado. Mudei. Mas não posso mudar nenhuma das coisas que fiz. Os males que causei, as injustiças, as fornicções, os amores que recebi, que joguei fora. Essas coisas modificaram e estão modificando a vida de outras pessoas – e hoje me entristeço por elas. Mas a tristeza só não basta. Tenho de reparar, tanto quanto puder, o mal que lhes fiz. Mas de que maneira? É inverno. Os caminhos estão fechados diante e atrás de mim. Sou um prisioneiro neste pequeno mundo que construí. Posso apenas dizer: quando o caminho estiver desimpedido, farei o que se exija de mim. Mas o caminho nunca está desimpedido. Há apenas o momento presente, em que se pode viver com certeza. Por que razão temo tanto? Porque o arrependimento é apenas o começo. Há ainda uma dívida a pagar. Peço luz, rezo pela submissão, mas a resposta não é clara. Só posso prosseguir no presente...

...Meyer ri das boas obras. Diz-me que não têm continuidade. Os doentes morrem e os famintos serão famintos amanhã. Não obstante, Meyer faz o mesmo instintivamente. Por quê? Homens como Meyer duvidam da existência de Deus e, por conseguinte, duvidam de tudo, salvo da existência de uma relação pragmática entre homem e homem. Contudo tenho visto Meyer entregar-se ao seu trabalho de maneira mais completa do que eu jamais o fiz. O homem que faz o bem em meio à dúvida deve ter muito mais mérito do que aquele que o pratica à luz brilhante da fé. "Possuo outras

ovelhas que não pertencem a este rebanho...” Uma advertência contra a presunção da fé herdada.

...Nina me diz que estou emagrecendo. Não como o suficiente, não durmo o suficiente e rezo demais à noite. Procuo explicar-lhe de que modo a necessidade de alimento e de sono parece diminuir quando se está absorto neste novo milagre de Deus. Ela parece compreender melhor quando ressalto que não sente necessidade de mim, fisicamente, devido à criança que lhe enche o ventre... Pergunto a mim mesmo o que deve ser feito quanto a esta questão de casamento. Estamos, agora, separados de corpo, mas perto no coração e no espírito. Sinto que me estão sendo preparadas coisas que fogem ao meu controle e que, por conseguinte, o casamento poderia constituir uma injustiça maior do que aquela que já cometi. Estou pronto a fazer o que parece certo. Disse-lhe que tem o direito de decidir, mas que me parece sensato esperar... Receio tanto estes últimos meses – tanto amor, felicidade, consolação espiritual! Devo pagar por isso algum dia. Não sei de que modo se me exigirá o pagamento. Rezo e procuro preparar-me...

...Padre Anselmo preocupa-me. Tive uma discussão com ele e arrependo-me. Nada se resolve com ira. Devo compreender que um sacerdote é apenas um homem dotado de faculdades sacramentais. Essas faculdades independem de seu valor pessoal. Anselmo carrega a própria cruz, a carga de um erro multiplicado pelas suas consequências. Mas mesmo no pecado há um elemento de amor, e isso, eu o sei, constitui um bem que não se deve desprezar. O celibato do clero é uma disciplina antiga, mas não um artigo de fé. Compreendemos o seu valor, mas não devemos julgar demasiado asperamente os que tropeçam sob o seu peso. A pobreza é um estado que certos homens aceitam para tornar-se santos. Outros, porém, podem ser levados por ela à condenação eterna. Se houvesse uma maneira de falar com Anselmo como amigo... mas isso é outro problema, em se tratando de um sacerdote. Ele foi treinado para dirigir os fiéis, mas não para aceitar conselhos deles. Esse é um defeito do sistema...

...Hoje encontrei o homem que se chama Il Lupo. Estranho quão depressa e com que facilidade nos entendemos. Eu creio em Deus.

Ele não crê em Deus nenhum. Não obstante, as consequências de cada uma de nossas crenças são igualmente rígidas e inescapáveis. Ele é honesto quanto àquilo em que crê. Não espera que eu seja menos honesto em minha própria fé. Sabe que não pode haver coexistência entre nós. Um deve destruir o outro. Ele é o príncipe deste mundo e tem poder de vida e morte. Que poder tenho eu contra ele? “Meu reino não é deste mundo.” Eu podia reunir o povo. Podia fazer com que o povo me seguisse e resistisse ao bando de Il Lupo. Mas com que fim? O fratricídio não é cristianismo. Balas não geram amor... Il Lupo gostaria de que eu discutisse e agisse. Não devo discutir. Devo apenas aceitar. Mas receio o que possa acontecer a Meyer. Ele é um homem demasiado delicado para toda esta embrulhada. Devo procurar fazer com que veja que eu compreendo. Mais tarde, terá muito o que sofrer. O peso da dúvida é muito grande para um homem honesto...

...Tenho um filho e o menino é cego. A dor de Nina aflige-me muito. Compreendo agora como a fé pode vacilar diante do mistério da dor. Compreendo agora por que os velhos maniqueus podiam facilmente cair em sua heresia – já que é difícil compreender de que modo a dor e o mal podem entrar numa criação da qual um Deus onipotente é o único autor. Momento negro para mim. Parece-me que voltei de novo para a escuridão e rezo desesperadamente, apego-me ao primeiro ato de fé e digo: “Não posso compreender; mas creio. Ajudai-me a agarrar-me a isso!”...

...Se a fé pode remover montanhas, também pode abrir olhos cegos. Se Deus o quiser. Como posso saber o que Ele quer? Fala-me, ó Deus, pelo Teu filho... Amém...

HAVIA MAIS COISAS, muito mais, e Blaise Meredith examinou-as meticulosamente, como deve fazer um bom advogado, mas já havia encontrado a essência da coisa – e essa essência era firme e sólida. A aceitação da doutrina lá estava, uma aceitação que envolvia mente, coração e vontade. E havia sido feita a rendição segundo a qual um homem se afasta de todo apoio material para repousar, com espírito de fé, esperança e caridade, nas mãos que o formaram.

Na última página Giacomo Nerone redigira o próprio obituário:

...Se houver criatura que, após minha morte, leia o que escrevi, que saiba o seguinte de minha pessoa:

Nasci na fé; perdi-a, fui trazido de volta a ela pela mão de Deus.

Se prestei algum serviço, fui levado a isso por Ele. Não me cabe, pois, mérito algum.

Amei uma mulher e gerei um filho, e ainda os amo em Deus e para toda a eternidade.

Àqueles que injurei, rogo que me perdoem.

Àqueles que me matarão, recomendo-os a Deus como irmãos a quem amo.

Aqueles que me esquecerem farão bem. Aos que se lembrarem de mim, rogo: rezem pela alma de

GIACOMO NERONE
Que morreu na fé.

Blaise Meredith colocou as folhas amarelecidas sobre as cobertas, recostou-se nos travesseiros e cerrou os olhos. Agora sabia com segurança que chegara ao fim de sua busca. Espiara a vida de um homem e vira os seus traços típicos: um longo rio a fluir sinuoso, mas com segurança, em direção ao mar. Examinara a alma de um homem e vira-a crescer, como uma árvore, da escuridão da terra para o sol.

Vira os frutos da árvore: a sabedoria e o amor de Nina Sanduzzi, o esforçado espírito de humanidade de Aldo Meyer, o relutante arrependimento de padre Anselmo. Eram frutos bons e, em seu desabrochar, viu o sinal do cuidadoso dedo de Deus. Mas nem todos os frutos já estavam maduros. Alguns ainda podiam murchar nos ramos, outros podiam cair ainda verdes e acabar podres, pois que o jardineiro era negligente. E ele, Blaise Meredith, era o jardineiro.

Pôs-se a rezar, lenta e desesperadamente, por Ana de Sanctis, Paolo Sanduzzi e Nicholas Black, que haviam escolhido para sua

caminhada o mesmo deserto, como Giacomo Nerone. Mas antes que sua oração estivesse terminada, a velha enfermidade o acometeu, viva e dilacerante, fazendo-o gritar de dor, até que o sangue lhe subiu, quente, sufocante, à garganta.

Muito tempo depois, fraco e tonto, arrastou-se até a escrivaninha e, com mão trêmula, pôs-se a escrever:

Senhor bispo:

Estou muito doente e creio que possa morrer antes que tenha tempo de registrar inteiramente os resultados das investigações que aqui empreendi. Apesar de todas as predições médicas, sinto que a vida me foge rapidamente e oprime-me a ideia do pouco que me resta. Desejo, porém, que V. Exa. Revma. saiba que minha submissão a Deus se verificou, como V. Exa. prometeu que ocorreria, e que, se não corajoso, permaneço contente quanto ao resultado.

Antes de mais nada, permita que lhe diga o que constatei. Creio, da maneira mais firme possível, baseado no testemunho das pessoas que o conheceram e em escritos que encontrei, que Giacomo Nerone era um homem de Deus, que morreu na fé e numa atitude de martírio. O que o tribunal vier a decidir é outra coisa... uma formalidade, baseada nas regras canônicas concernentes a provas, irrelevante, parece-me, quanto aos fatos fundamentais, pois que o dedo de Deus aqui está e a levedura de bondade que existia nesse homem ainda age na vida de sua gente.

As melhores testemunhas para V. Exa. Revma. serão o Dr. Aldo Meyer e Nina Sanduzzi. Esta última apresentou provas de uma cura que bem pode ser milagrosa, embora eu duvide seriamente que seja aceita como tal pelos assessores. Os escritos de Nerone, que seguirão com esta carta, são autênticos e definitivos, constituindo, em minha opinião, sólida

corroboração quanto à reivindicação que se lhe faz de santidade heroica.

Confesso-lhe, Exa. Revma., em tom de amizade, que neste momento me preocupa menos esta causa de beatificação que o bem-estar de certas almas aqui de Gemello Minori. Falei com padre Anselmo, tomando a liberdade de insinuar que, se ele se separasse fisicamente de Rosa Benzoni, mesmo que ainda continuasse a abrigá-la em sua casa, e fizesse uma sincera confissão, V. Exa. Revma. encararia tais fatos como um indício de regeneração. Ele me causa pena. Trata-se de uma questão de dinheiro e de segurança para um homem que vive na miséria e é bastante ignorante. Prometi-lhe a quantia total de cem mil liras a ser tirada de meus bens, assim como dinheiro suficiente para a compra de uma cama e outros objetos destinados à instalação de um quarto separado para Rosa Benzoni. Parece-me, agora, que não terei tempo de cuidar dessas coisas. Poderia solicitar de V. Exa. Revma. que as fizesse por mim, usando esta carta como documento junto aos meus executores testamentários? Faltar agora à minha palavra a Anselmo seria para mim uma ideia intolerável.

Os outros assuntos dizem respeito à condessa de Sanctis, Paolo Sanduzzi, que é o filho de Giacomo Nerone, e a um pintor inglês que se acha hospedado na *villa*. O que ocorre é demasiado sórdido para que eu o relate pormenorizadamente nesta carta. Ademais, receio que V. Exa. Revma. pouco pudesse fazer a respeito. Recomendéi-os todos a Deus, pedindo-lhe aceitasse minha rendição como o preço da salvação de suas almas. Espero poder, amanhã, planejar medidas mais ativas; mas estou tão fraco e doente, que não posso contar com coisa alguma.

Tenho dois favores a pedir-lhe, esperando que V. Exa. Revma. não os ache molestos. O primeiro é pedir-lhe que escreva a S. Ema., o cardeal Marotta, explicando-lhe minha situação e apresentando-lhe minhas desculpas pelo que considero um fracasso em minha missão. Queira transmitir-lhe minhas saudações e pedir-lhe que se lembre de mim em sua

missa. O segundo é que V. Exa. Revma. permita que eu seja sepultado aqui em Gemello Minore. Certa vez pedi ao cardeal Marotta para ser sepultado na igreja de S. Ema., mas Roma é muito longe... e aqui, pela primeira vez, encontrei a mim mesmo como homem e como sacerdote.

É muito tarde, Exa., e sinto-me cansado. Não posso mais escrever. Perdoe-me e, em sua caridade, ore por mim.

Sou, de V. Exa. Revma., o mais obediente servo em Cristo.

BLAISE MEREDITH

Dobrou a carta, lacrou-a num envelope e jogou-a sobre a mesa. Depois, arrastou-se de volta à cama e dormiu, só despertando quando o sol já se achava alto sobre os verdes gramados da *villa*.

PAOLO SANDUZZI estava trabalhando no jardim do rochedo, atrás da *villa*. Os terraços tinham-se fendido em certos lugares em que a argamassa havia sido arruinada pelas intempéries, e o solo escorria monte abaixo. Quando chovia, o solo se perdia e, naquela terra fragosa, era demasiado precioso para isso. O velho jardineiro ensinara-lhe de que modo misturar a cal à negra areia vulcânica do rio, bem como de que maneira tapar e alisar as fendas com uma colher de pedreiro.

Era um trabalho novo que aprendia, uma nova profissão de que podia orgulhar-se, e lá estava ele ajoelhado, com o sol brilhando sobre suas costas, a assobiando contente. A cal queimava-lhe os dedos e fazia com que sentisse as próprias mãos ásperas e rudes, mas isso também era outro pequeno motivo de orgulho: suas mãos estavam ficando vigorosas como as de um homem. O jardineiro também se sentia satisfeito com ele. Às vezes, parava e punha-se a falar-lhe com sua voz rouca, mastigando as palavras, e dizia-lhe os nomes das plantas e como cresciam, e por que os insetos comiam umas e não outras.

À hora das refeições, na longa cozinha lajeada, o velho protegia-o do papaguear das mulheres, que gracejavam acerca de sua jovem

masculinidade e lhe diziam o que as moças fariam com ele quando o agarrassem. A única que não ria dele era Agnese, a cozinheira, uma montanha oscilante de mulher que lhe servia porções duplas de *pasta* e sempre tinha um pedaço de queijo ou uma fruta para meter-lhe nos bolsos da calça.

Ele não sabia como descrever aquilo, mas compreendia que era uma maneira boa de viver. Tinha um lugar onde estar, um trabalho a realizar, vivia no meio de gente amiga e, ainda, no fim do mês, tinha algumas liras para meter no bolso e levar à mãe. Até mesmo Roma começava a recuar numa distância cada vez mais vaga. A condessa não tornara a falar-lhe, e o pintor o deixara em paz, dirigindo-lhe apenas uma ou duas palavras amáveis ao passar. O medo que sentia deles começara a diminuir, e eles se fundiam agradavelmente em seus devaneios de fontes, moças que usavam sapatos e ruas cheias de automóveis cintilantes.

Naquele momento estava sonhando, ao som do próprio assobio e ao ruído áspero de sua colher de pedreiro sobre a pedra cinzenta, quando, subitamente, o sonho se converteu em realidade. A condessa estava de pé atrás dele e dizia-lhe, na sua voz mais suave:

– Paolo! Quero falar-lhe.

Ele ergueu-se imediatamente, largou a colher de pedreiro e desceu, ágil, das pedras, colocando-se diante dela com viva consciência de seu suor, do torso nu e de suas mãos sujas.

– Sim, senhora. Às suas ordens.

Ela lançou um rápido olhar em torno, a fim de certificar-se de que estavam a sós. Depois, disse:

– Amanhã, Paolo, parto para Roma. Não me sinto muito bem e preciso consultar meu médico. Vou levar Zita e Pietro, para que cuidem de meu apartamento, e pensei em levar também você.

Ele ficou boquiaberto e pôs-se a gaguejar diante daquela súbita maravilha – e a condessa lançou o seu riso alto e tilintante:

– Por que está tão surpreso? Eu lhe prometi, não prometi? E você tem trabalhado bem.

– Mas... mas...

– Mas você não acreditou em mim? Bem, é verdade. A única coisa que falta é você pedir permissão à sua mãe. Você lhe dirá que

ficará ausente durante uns dois meses e que parte de seu dinheiro será pago a ela aqui, cada mês. Está claro?

– Sim, senhora!

Estava claro e brilhante como o verão.

– Você lhe dirá que Pietro e Zita também vão, e que Pietro continuará a ensinar-lhe jardinagem durante todo o tempo.

– Sim, senhora. Mas...

– Mas o quê, Paolo?

Ele não sabia o que dizer, mas, afinal, conseguiu responder, atropelando rapidamente as palavras:

– Minha... mãe não gosta do inglês, o *signor Black*. Ela talvez não me deixe ir.

Ela tornou a rir, expulsando todos os receios dele:

– Diga à sua mãe, Paolo, que o *signor Black* vai ficar aqui trabalhando. E é por isso que estou levando você comigo, pois é melhor que você não o veja.

– Quando... quando poderei dizer a ela?

– Agora, se quiser. Depois volte e diga-me o que ela acha.

– Obrigado, *signora*. Obrigado, mil vezes obrigado.

Agarrou a camisa, vestiu-a tão estabandamente que a rasgou e, depois, disparou pelo caminho de cascalho abaixo, em direção aos portões de ferro. Ana Luísa de Sanctis ficou a observá-lo, sorrindo de sua impaciência de menino. Aquilo era uma coisa boa de ver, agradável de ter perto da gente na casa. Deveria ser aquilo que outras mulheres encontravam em seus filhos, no outono do casamento, quando a seiva da paixão ia secando e um marido era, talvez, um companheiro, mas não mais um amante juvenil.

Súbito, ela compreendeu claramente o que fizera – a maldade, a sujeira daquilo, a terrível condenação eterna a que fora levada pelo braço de Nicholas Black. Ao pensar nisso, sentiu o sangue gelar nas veias. Estremeceu e afastou-se, mas, ao dobrar por trás da casa, quase caiu nos braços de Blaise Meredith, que subia pelo gramado com uma pasta de papéis na mão.

Quando ele a saudou tranquilamente, ficou chocada ante o seu aspecto. O rosto parecia ter-se encovado durante a noite. Os olhos eram como brasas engastadas profundamente no crânio. A pele

tinha a cor de pergaminhos velhos e os lábios estavam exangues. Tinha as costas arqueadas, como se carregasse pesados fardos, e as longas mãos tremiam sobre o fundo negro da batina.

Por um momento, ela esqueceu os próprios pensamentos e exclamou:

– Monsenhor! O senhor está doente!

– Muito doente, lamento dizê-lo – respondeu ele. – Não creio que ainda disponha de muito tempo. Poderia caminhar um pouco comigo?

Ela teve vontade de recusar, de fugir dele e ocultar-se em seu quarto, ao alcance de seu vidrinho de esquecimento, mas ele a tomou delicadamente pelo braço, e ela se viu, de repente, caminhando a seu lado, ouvindo as palavras e respondendo-lhe numa voz que não parecia dela.

– Vi o jovem Paolo descer correndo pela estrada. Parecia estar excitado por alguma coisa.

– Estava... muito entusiasmado. Vou levá-lo comigo a Roma amanhã, se sua mãe permitir.

– Sr. Black também vai?

– Não. Permanecerá aqui.

– Mas irá ao seu encontro depois, não é assim?

– Eu... eu não sei quais são os planos dele.

– A senhora sabe – disse Meredith numa voz cansada mas gentil, que a manteve hipnotizada. – A senhora sabe, minha cara condessa, pois planejou tudo com ele. Planos terríveis. Terríveis para a senhora, para ele... e para o rapaz. Por que fez isso?

Os pés da condessa moviam-se ao ritmo monótono dos passos de ambos. Mesmo contra sua vontade, as palavras lhe saíram da boca:

– Eu... eu não sei.

– A senhora ainda quer vingar-se de Giacomo Nerone?

– Então o senhor também sabe?

– Sim. Sei.

Agora isso não importava. Nada importava. Ele podia perguntar o que quisesse e ela responderia. E quando aquilo acabasse, subiria ao

seu quarto, tomaria um banho, deitaria para dormir e jamais despertaria. Este era o seu último terror. Mas logo estaria terminado.

As palavras que o sacerdote proferiu a seguir fizeram com que ela voltasse, com um choque, à realidade. Meyer poderia tê-las dito, mas não aquele sacerdote já marcado pela morte. Na boca de Meyer, faltaria alguma coisa... um tom de intimidade, de bondade, de amor, talvez? Era difícil dizer.

– A senhora bem sabe, minha cara condessa, que a Itália é um mau país para uma mulher como a senhora. É um país de sol, agressivo em sua adoração do processo de reprodução. É um país primitivo e ardente. Predomina o símbolo masculino. A mulher que não é amada, que não tem um companheiro, que não tem filhos, é alvo da zombaria dos outros, é um tormento para si mesma. A senhora é uma mulher ardente. Tem grande necessidade de amor... grande necessidade, também, do comércio sexual que o acompanha. Tal necessidade se converteu, na senhora, num frenesi... e este frenesi a leva a atos viciosos, ao mesmo tempo que a inibe em sua própria satisfação. A senhora se sente envergonhada disso e comete coisas piores, por não saber o que fazer... Não é verdade?

– É.

Foi só isso que respondeu – mas gostaria de acrescentar: Sei de tudo isso, e o sei de uma maneira mais terrível do que o senhor. Mas não basta saber. Para onde vou? O que faço? Como encontrar aquilo de que preciso?

Meredith prosseguiu, sua voz seca tornando-se mais cálida à medida que falava:

– Eu poderia recomendar-lhe que rezasse... e isso não seria nada mau, pois a mão de Deus chega até os infernos íntimos que criamos para nós mesmos. Poderia dizer-lhe que fizesse uma confissão geral... e isso ainda seria melhor, pois lhe tranquilizaria a consciência e a poria em paz com o seu Deus e com a senhora mesma. Mas não seria uma resposta completa. A senhora continuaria ainda amedrontada, ainda insatisfeita, ainda solitária.

– O que faço, então? Diga-me! Pelo amor de Deus, diga-me!

Até que enfim aquela súplica lhe fora arrancada! Meredith respondeu-lhe, calmamente:

– Deixe este lugar durante algum tempo. Parta daqui. Não para Roma, que é uma cidade pequena e que lhe poderá ser prejudicial. Volte para Londres e fique lá algum tempo. Vou lhe dar um bilhete para entregar a um amigo meu de Westminster, que a porá em contato com um especialista que trata de problemas como os seus... problemas do corpo e do espírito. Deixe que ele cuide da senhora. Não espere muito; não espere que os resultados sejam demasiado rápidos. Vá a teatros, faça novos amigos, descubra alguma obra de caridade que a interesse... Talvez encontre também um homem, não um homem que apenas durma com a senhora, mas que se case com a senhora e que a ame. A senhora ainda é atraente... principalmente quando sorri.

– Mas e se não o encontrar? – indagou, com uma nota de pânico na voz.

– Permita que lhe diga algo muito importante – respondeu Meredith, paciente. – Não é novidade alguma a sermos solitários. Isso ocorre com todos nós, mais cedo ou mais tarde. Os amigos morrem, os membros de nossa família morrem. Amantes e maridos também. Ficamos velhos, doentes. A última e a maior solidão é a morte, com quem agora me defronto. Não existe nenhuma pílula que a cure. Não existe nenhuma fórmula mágica que a afaste. É uma condição a que os homens não podem fugir. Se procurarmos afastar-nos dela, acabaremos num inferno ainda mais tenebroso... nós mesmos. Mas se a enfrentarmos, se nos lembrarmos de que existem milhões de outras pessoas como nós... se procurarmos estender-lhes a mão e confortá-las, e não a nós mesmos, acabaremos por ver, no fim, que não estamos mais sozinhos. Estamos no seio de uma nova família, a família humana, cujo Pai é Deus Todo-Poderoso... A senhora se importa que eu agora me sente? Estou... estou muito cansado.

Coube agora à condessa tomar-lhe o braço e conduzi-lo a um pequeno banco de pedra, debaixo de uma madressilva. Meredith sentou-se, mas ela continuou de pé, olhando-o com um lento espanto e com uma piedade que jamais sentira senão por si mesma. Após um momento, perguntou-lhe:

– Como compreende tudo isso? Jamais ouvi um sacerdote falar assim.

A boca exangue de Meredith contraiu-se num sorriso fatigado:

– As pessoas exigem demasiado de nós, minha cara condessa. Somos humanos, também. Alguns, dentre nós, são estúpidos, e é necessário uma vida inteira para aprender as lições mais simples.

– O senhor é o primeiro homem, em minha vida, que já me ajudou.

– É porque a senhora tem encontrado homens errados – respondeu Meredith, com árida ironia.

Ela, então, sorriu-lhe, e Meredith viu, pela primeira vez, quão bela tinha sido.

– O senhor... o senhor ouviria a minha confissão, padre?

Meredith negou com um aceno de cabeça.

– Ainda não. Não creio que esteja preparada para ela.

Ela o fitou, contraindo a testa, quase assustada. Ele prosseguiu, grave:

– A confissão não é o divã do psiquiatra, um expediente para encorajar revelações íntimas, para promover bem-estar mediante uma catarse da memória. É um sacramento judicial, no qual se dá perdão ante a admissão da culpa e uma promessa de arrependimento e regeneração. Para a senhora, a primeira parte é fácil... já está quase feita. Quanto à segunda, precisa preparar-se, por meio da prece e da autodisciplina... começando por reparar o mal que já causou.

Ela fitou-o, com olhos perturbados:

– O senhor se refere a Nicki... ao Sr. Black?

– Refiro-me à senhora, minha cara condessa... aos seus desejos, à inveja que tem de Nina Sanduzzi e do filho. Quanto ao Sr. Black – interrompeu-se, hesitando um momento. Depois, seus olhos se anuviaram e sua boca adquiriu uma expressão dura: – Eu mesmo falarei com ele. Mas receio muito que não me dê ouvidos.

Nota

* Contrabanda (suposto emblema de vastardia, em Heráldica) *(N. do T.)*

Ao chegar à metade da aldeia, Paolo Sanduzzi pôs-se a correr, com todas as forças, ao encontro da mãe. Nina estava parada fora da ferraria, conversando com a esposa de Martino. Rosetta achava-se presente, com seus atavios domingueiros, pronta para ser levada pela primeira vez à *villa*. Nina fitou-o perplexa:

– Aonde você pensa que vai? Devia estar trabalhando. Que pressa é essa?

A resposta saiu-lhe da boca numa torrente de palavras:

– Não preciso trabalhar. A condessa me disse. Vou para Roma. Ela me disse que devia pedir sua permissão e que Pietro e Zita também vão... e que eu continuarei a aprender o meu trabalho...

– Um momento! – exclamou Nina Sanduzzi com voz áspera. – Diga tudo de novo! Quem disse que você vai para Roma?

– A condessa. Ela vai consultar o seu médico. Ficará lá dois meses.

– E ela quer levar você?

– Quer.

– Por quê?

– Ela precisa de criados, não precisa?

– Você é um jardineiro, filho. Não há jardineiros em Roma.

Os lábios do rapaz descaíram, amuados:

– Seja lá como for, ela quer levar-me. Mandou-me pedir sua permissão.

As duas mulheres olharam-se significativamente. Nina Sanduzzi respondeu, positiva:

– Então você pode voltar e dizer-lhe que não irá. Sei muito bem que quem quer você em Roma não é a condessa.

– Mas não se trata de nada disso! Ela me disse que lhe dissesse. O inglês vai ficar aqui.

– Por quanto tempo? – indagou, o ódio surgindo lentamente por trás de seu rosto clássico. – Uma semana... dez dias, talvez! Depois, fará as malas e seguirá para a grande cidade... ao seu encontro, Paolo *mio*. Esse truque não enganaria nem mesmo uma criança. – Segurou-lhe fortemente o braço: – Você não irá. Está dito. Sou sua mãe e não permitirei.

– Então irei de qualquer modo.

Ela levantou a mão e deu-lhe uma forte bofetada no rosto.

– Quando você for homem, puder pagar a própria passagem e encontrar o próprio trabalho... então poderá falar assim. Se a condessa falar comigo, eu lhe direi isso na cara. E se alguém fizer alguma tolice, pedirei ao doutor que se comunique com a polícia em Gemello Maggiore. Isso conservará o seu inglês quieto durante algum tempo. E, agora, esqueça-se disso, como um bom rapaz!

– Não esquecerei! Não esquecerei! Ela me pediu, e eu quero ir. Ela é a *padrona*, e a senhora não é ninguém. A senhora não passa... não passa da prostituta de um santo!

Desvencilhou-se dela e desceu a rua correndo, as fraldas da camisa balouçando sobre as ancas. Nina Sanduzzi ficou a olhá-lo, o rosto como o de uma máscara de mármore. A mulher de Martino esfregou o pé descalço no chão e comentou, desajeitada:

– Ele não quis ofendê-la. É apenas um menino. Ouve certas coisas...

– O pai dele era um santo – respondeu, com amargura, Nina Sanduzzi. – E o filho quer transformar-se numa *feminella*.

– De modo algum! – exclamou, com voz alta e clara, Rosetta. – Ele é apenas uma criança. Não sabe o que quer. Vou trazê-lo de volta e fazer com que diga que está arrependido.

Antes que Nina pudesse protestar, saiu correndo, rápida, em seus sapatos domingueiros, e a última coisa que viram dela foi uma agitação de saia e um par de pernas morenas a erguer-se por cima do muro que separava a estrada do rio.

NUM CANTO ENSOLARADO do jardim, Nicholas Black dava a última demão de verniz no retrato de Paolo Sanduzzi crucificado na oliveira. Ao ouvir os passos de Meredith, levantou a cabeça e enviou-lhe uma saudação irônica:

– Bom dia, Meredith. Espero que tenha dormido bem.

– Nem tanto, lamento dizê-lo. Espero que não o esteja incomodando.

– Absolutamente. Já estou terminando. Gostaria de vê-lo? Penso que é, até hoje, o meu melhor trabalho.

– Obrigado.

Meredith deu a volta, parou diante do cavalete e olhou o quadro. O pintor sorriu ao ver-lhe a expressão do rosto.

– Gostaria dele, Meredith?

– É uma blasfêmia, Sr. Black – respondeu o sacerdote, com voz fria.

– Isso depende do ponto de vista que se adote, claro. Para mim, é um símbolo. Intitulei-o: “O Sinal da Contradição.” Um título apropriado, não lhe parece?

– Muito – respondeu Meredith, afastando-se da tela. – Vim dizer-lhe, Sr. Black, que nem a condessa nem Paolo Sanduzzi irão a Roma. A condessa gostaria que o senhor deixasse a *villa* o mais breve possível.

O pintor enrubesceu, furioso:

– Ela poderia ter tido a delicadeza de me dizer pessoalmente.

– Ofereci-me para fazê-lo em seu lugar – respondeu Meredith, sereno. – Ela é uma mulher infeliz que necessita de muita ajuda.

– Ajuda que a Igreja está mais do que pronta a dar-lhe! Ela é bastante rica, creio eu.

– A Igreja também gostaria de ajudá-lo, Sr. Black... e o senhor é, com efeito, bastante pobre.

– Vá para o diabo com a sua ajuda, Meredith. Nada quero de sua pessoa. Não se importaria de ir embora agora? Estou ocupado.

– Trouxe-lhe algo que talvez possa interessá-lo.

– De que se trata? Algum folheto da Sociedade Católica da Verdade?

– Não é bem isso. Trata-se dos papéis pessoais de Giacomo Nerone. Gostaria de examiná-los?

A despeito de si mesmo, o pintor sentiu-se interessado. Limpou a mão num pedaço de pano e, sem proferir palavra, tomou a pasta de papéis das mãos de Meredith. Abriu a capa de papel manilha e examinou algumas páginas em silêncio. Depois fechou a pasta e indagou com voz estranha, tensa:

– Por que me mostra isto?

Meredith ficou intrigado pelo que havia nele de estranho, mas respondeu, simplesmente:

– Isso constitui uma documentação comovente... o registro espiritual de um homem que perdeu a fé, como o senhor, e que, depois, tornou a ela. Achei que isso poderia ajudá-lo.

Nicholas Black fitou-o um momento; depois seus lábios se abriram num sorriso que mais parecia um esgar de angústia:

– Ajudar-me! O senhor possui um maravilhoso senso de humor, Meredith! O senhor sabe o que fez, não sabe? Fez com que me expulsassem da casa. Privou-me da última oportunidade que me restava de que alguém me financiasse uma exposição que talvez pudesse restabelecer minha reputação como artista. E cobriu de lama a única coisa decente que jamais procurei fazer na vida.

Meredith olhou-o boquiaberto, atônito:

– Não o compreendo, Sr. Black.

– Então eu lhe explicarei, monsenhor – respondeu o pintor, com a mesma voz tensa. – Como todos os outros nesta maldita aldeia, o senhor está convencido de que meu único interesse por Paolo Sanduzzi é seduzi-lo. Isso é verdade, certo?

Meredith acenou afirmativamente com a cabeça, mas nada respondeu. O pintor voltou-se para o outro lado e ficou um longo tempo olhando o gramado mosqueado de sol que se estendia em direção à *villa*. Quando, afinal, falou, foi com estranha, distante suavidade:

– A ironia de tudo isso, Meredith, é que em qualquer momento, nos últimos quinze anos, o senhor poderia ter tido razão. Mas não agora. Gosto do rapaz... sim. Mas não da maneira que o senhor pensa. Vi nele tudo o que falta em minha própria natureza. Queria

levá-lo comigo, educá-lo e fazer dele o que eu jamais poderia ser... um homem completo, em corpo, intelecto e espírito. Se isso significasse renunciar a todos os impulsos da paixão e toda a necessidade que sinto de amor e afeto, estava disposto a fazê-lo. Mas o senhor jamais acreditaria nisso, não é?

Então, sem refletir, Meredith fez a observação mais brutal de toda sua vida. Respondeu, grave:

– Eu talvez acreditasse, Sr. Black, mas o senhor jamais poderia fazê-lo... exceto mediante uma graça singular de Deus. E como poderia o senhor pedi-la, se não acredita?

Nicholas Black nada respondeu. Fitava a figura de Paolo Sanduzzi pregado à oliveira negra. Decorrido um instante, voltou-se para Meredith e disse com gélida polidez:

– Quer fazer o favor de ir embora? Nada há que possa fazer por mim.

O ALMOÇO FOI UMA refeição horrível para ele. Zunia-lhe a cabeça, tinha as mãos pegajosas e, sempre que respirava profundamente, sentia uma dor aguda sob as costelas. A comida não tinha sabor, o vinho tinto tinha algo de azedo. Mas era obrigado a sorrir e a conversar com a condessa, cujo medo por ele se dissipara e se mostrava disposta a ser palradeira.

Nicholas Black não apareceu. Mandou um recado pelo criado, desculpando-se e pedindo que lhe mandassem a refeição ao quarto. A condessa tinha curiosidade de saber o que se passara entre eles, e Meredith foi obrigado a enganá-la com a delicada mentira de que haviam trocado algumas palavras ásperas e que Black, com toda a certeza, se achava demasiado desconcertado para participar do almoço.

Terminada a refeição Meredith subiu, a fim de repousar durante as horas quentes do dia. A subida das escadas lhe disse, mais claramente do que um médico, quão doente se achava. Cada degrau era um esforço, O suor cobria-lhe o rosto e o corpo, e a dor nas costelas era como uma punhalada sempre que respirava profundamente. Conhecia o bastante de medicina para saber que

isso era o que ocorria com os doentes de câncer. O desenvolvimento da moléstia e as hemorragias os debilitavam tanto, que eram atacados pela pneumonia, que os matava rapidamente. Mas, segundo todas as normas, ele ainda se achava longe dessa fase. Ainda estava de pé e desejava permanecer assim tanto tempo quanto possível.

Ao chegar ao patamar, no topo da escada, não se dirigiu diretamente ao seu quarto, mas dobrou pelo corredor, na direção do que era ocupado por Nicholas Black. Podia ouvir o pintor movendo-se em seu interior; mas, ao bater à porta, não obteve resposta. Tentou girar o trinco, mas viu que a porta estava fechada. Tornou a bater, aguardou um momento e, depois, dirigiu-se ao próprio quarto.

SOZINHO EM SEU ALTO quarto, o sol atravessando obliquamente a janela de rótula e caindo sobre a figura de Paolo Sanduzzi, Nicholas Black mergulhou silenciosamente no vazio final do desespero. Não havia loucura alguma naquele ato, nenhuma ruína violenta da razão sob o impacto de terrores inexplicáveis. Foi uma admissão simples, final, de que a vida era um enigma sem resposta, um jogo que não valia a vela que pingava suas gotas de cera sobre os seus últimos e inúteis lances.

Aqueles que ganhavam talvez tivessem de render-se um pouco mais tarde à ilusão do jogador; mas os que perdiam, como ele perdera, não tinham outro recurso senão afastar-se, tão dignamente quanto possível, das cartas espalhadas, da bebida derramada e do ar viciado pela fumaça dos últimos charutos.

Ele apostara tudo naquele último jogo: dinheiro, a proteção da condessa, a oportunidade de refazer sua reputação como artista, a esperança de justificar até mesmo a estropiada e incompleta masculinidade com que a natureza o dotara. Mas agora sabia que estivera jogando, como sempre, contra cartas marcadas e com todas as apostas feitas contra ele. Sua própria natureza, a lei, a Igreja, tudo conspirava para excluí-lo da mais simples e da mais necessária dentre todas as satisfações da existência. Ele estava a zero... falido

mesmo de esperança. Não tinha para onde ir, exceto aquele submundo de onde já fora expulso em meio a chacotas.

A Igreja o receberia de volta, mas exigiria um preço brutal: submissão do intelecto e da vontade, arrependimento e, durante toda a vida, uma amarga abstinência. Os inquisidores cinzentos, como Meredith, iriam purificá-lo implacavelmente e, depois, o impeliriam para a frente, atraindo-o com as cenouras velhas da eternidade. Não podia enfrentar tal coisa... e não a enfrentaria. Homem algum deveria ser obrigado a pagar as extravagâncias e os caprichos de um Criador sardônico.

Levantou-se, caminhou até a escrivaninha, puxou uma folha de papel, garatujou três linhas apressadas e assinou-as. Depois, apanhou uma paleta, aproximou-se do quadro que estava sobre o cavalete e pôs-se, fria e metodicamente, a cortar a tela em pedaços.

JAMAIS EM SUA VIDA Meredith se sentiu tão envergonhado. Quaisquer que tivessem sido os pecados de Nicholas Black, quaisquer que tivessem sido as loucuras de sua frustrada natureza, ele, não obstante, fora vítima de calúnia, tendo revelado, no íntimo, um impulso para o bem que não deixava de ser nobre. A bondade talvez houvesse alimentado tal impulso, a brandura talvez o houvesse desviado para um propósito melhor. Contudo, o seu único comentário, a única coisa que lhe oferecera como sacerdote, fora uma indiscrição estúpida e brutal. Não havia escusa para tal. Inventá-la seria uma hipocrisia. A caridade que julgava haver adquirido através de Giacomo Nerone fora uma monstruosa impostura, que falhara justamente no momento em que dela mais necessitava. Ele era o que fora desde o começo: um homem vazio, destituído de bondade e de espírito humanitário.

Esse pensamento o perseguiu em seu sono superficial e, quando despertou, nas horas já frias da tarde, ainda o assaltava. Havia apenas uma coisa a fazer. Devia apresentar desculpas pela sua grosseria e procurar de novo estabelecer um contato humano com Black, que devia estar sofrendo muitíssimo.

Levantou-se, lavou-se, arrumou-se e seguiu de novo pelo corredor, em direção ao quarto do pintor. Dessa vez a porta estava entreaberta, mas, quando bateu, não houve resposta alguma. Abriu-a e espiou. Não havia ninguém. A cama estava intata. Mas o retrato de Paolo Sanduzzi, sobre o cavalete junto à janela, estava em tiras.

Meredith entrou no quarto e aproximou-se para ver melhor. Ao passar pela escrivaninha, chamou-lhe a atenção uma simples folha de papel sobre a coberta de baeta verde. Na parte superior, viu o seu próprio nome:

Meu caro Meredith

Suportei durante toda a vida os gracejos do Todo-Poderoso. O seu é demais para mim. Poderá fazer, a meu respeito, o velho sermão: Galileu, tu venceste. Todos os melhores pregadores o usam.

Seu,
NICHOLAS BLACK

Os segundos passavam sem que os percebesse, enquanto ali, de pé, Meredith fitava o papel em suas mãos pálidas. De repente, porém, o pleno horror daquilo explodiu em seu entendimento – e saiu correndo do quarto, desceu as escadas, atravessou a alameda coberta de cascalho e gritou ao porteiro que lhe abrisse o portão. O velho descerrou o postigo, esfregou os olhos sonolentos e, depois, correu para o meio do caminho, para observar o amalucado monsenhor subindo, arquejante, a montanha, a batina farfalhando sobre seus calcanhares.

Era já bastante tarde quando deram pela sua falta, e mais tarde ainda quando os dois foram encontrados – Nicholas Black, oscilando de um lado para outro, dependurado de um galho da oliveira, e Blaise Meredith caído de barriga para baixo junto ao tronco. A princípio, pareciam ambos mortos, mas Aldo Meyer ouviu as débeis

pulsações do coração de Meredith e mandou chamar padre Anselmo, enquanto Pietro dirigia como um louco o automóvel da condessa rumo ao palácio do bispo, em Valenta.

AGORA A COISA QUE ele mais receava devia acontecer. Procurava explicar-se – e não se justificar, pois sabia que qualquer justificativa era impossível –, procurava explicar a Deus como aquilo acontecera e de que modo fracassara sem qualquer intenção maldosa.

Mas não havia Deus: havia apenas névoa, silêncio e, fora do silêncio, o eco de sua própria voz.

– ...Eu estava dormindo... não sabia que ele se fora. Corri à sua procura e ele já estava dependurado. Não pude descê-lo, não tive forças. Pensei que talvez ainda pudesse estar vivo e procurei rezar com ele. Disse os Atos de Contrição e de Amor... de Fé e de Caridade, na esperança de que os ouvisse e me acompanhasse na oração. Mas não ouviu. Depois, não me lembro do que aconteceu...

– Mas Deus decerto ouviu e se lembrará...

A voz chegava até ele vinda da névoa, familiar, mas distante.

– Eu fracassei. Quis ajudá-lo, mas fracassei.

– Ninguém, senão Deus, pode julgar se alguém fracassou.

– Um homem precisa julgar primeiro a si próprio.

– E depois se entregar à misericórdia divina.

A névoa desfez-se lentamente e a voz aproximou-se mais – e viu, então, inclinado sobre o leito, o rosto de Aurélio, bispo de Valenta. Estendeu a mão descarnada e o bispo segurou-a entre as suas.

– Estou morrendo, Exa.

Aurélio, o bispo, sorriu-lhe, com o seu velho, fraternal e irônico sorriso:

– Como um homem deve morrer, meu filho. Com dignidade e entre amigos.

Olhou por sobre o ombro do bispo e viu-os todos reunidos ao pé da cama. Ana Luísa de Sanctis, Aldo Meyer, Nina Sanduzzi e o velho Anselmo em sua batina cheia de manchas, com a estola sacramental em torno do pescoço. Perguntou, debilmente:

– Onde está o rapaz?

- Com Rosetta – respondeu Nina em dialeto. – Eles são amigos.
- Isso me alegra – disse Blaise Meredith.
- Não devia falar tanto – observou Meyer.
- É a minha última oportunidade, doutor – murmurou, rolando a cabeça no travesseiro e voltando-se de novo para o bispo: – Nicholas Black... V. Exa. Ihe dará um sepultamento cristão?
- Quem sou eu para repudiá-lo?
- Eu... eu dirigi uma carta a V. Exa.
- Eu a recebi. Tudo será feito.
- Como estão as laranjas?
- Amadurecendo bem.
- Deveria... enviar algumas a S. Ema... Talvez o ajudem a compreender. Um presente de minha parte.
- Farei isso.
- Poderia V. Exa. confessar-me, por favor? Estou muito cansado...

Aurélio, bispo de Valenta, tirou a ensebada estola do pescoço de padre Anselmo e colocou-a sobre os próprios ombros; depois, quando os outros saíram do quarto, inclinou-se para ouvir o restante dos últimos pecados de monsenhor Blaise Meredith. Após a absolvição, chamou os que se haviam retirado, e todos se ajoelharam ao redor da cama, segurando pequenas velas, enquanto o velho padre Anselmo lhe dava o Viático, que é o único alimento para a viagem mais longa do mundo.

Depois de recebê-lo, Meredith recostou-se no travesseiro, cerrou os olhos e cruzou as mãos, enquanto o quarto lentamente se enchia do murmúrio das velhas orações para os espíritos que partem. Decorrido muito tempo, quando já haviam terminado, Meredith abriu os olhos e disse, com voz bastante clara:

- Tive medo durante tanto tempo! Agora é fácil...
- Teve um leve estremecimento e sua cabeça pendeu frouxamente para o lado, sobre o alvo travesseiro.
- Está morto – disse Aldo Meyer.
- Está com Deus – comentou Aurélio, o bispo.

O CARDEAL EUGÊNIO MAROTTA achava-se sentado em sua cadeira de espaldar alto, atrás de sua mesa entalhada, sobre a qual seu secretário acabara de colocar a correspondência do dia. Ao seu lado, estava uma pequena caixa de madeira polida, contendo seis laranjas douradas, cada qual aninhada em algodão. Tinha nas mãos uma carta que lhe fora enviada por S. Exa. Revma., o bispo de Valenta. Ele a estava lendo, lentamente, pela terceira vez:

...Lamento informar a Vossa Eminência que monsenhor Blaise Meredith faleceu ontem, às nove horas da manhã, em plena posse de suas faculdades e após receber todos os sacramentos de nossa Santa Madre Igreja.

Sinto pela sua morte um pesar que só a morte de poucos homens me causou. Pranteio-o como a um irmão, que foi o que se tornou para mim. Possuía grande coragem, singular honestidade de espírito e uma natureza de cujas riquezas jamais se apercebeu. Sei que seu falecimento constituirá grande perda para V. Ema. e para a Igreja.

Antes de morrer, encarregou-me de apresentar a V. Exa. suas desculpas pelo que chamou o malogro de sua missão. Não foi um malogro. Suas pesquisas lançaram grande luz sobre a vida e o caráter do Servo de Deus Giacomo Nerone, provando que este era, se não no sentido canônico, pelo menos moral, um homem de grande santidade. Estou ainda em dúvida sobre se se obterá algum benefício em se apresentar esta Causa até mesmo ao Tribunal Ordinário, mas não tenho a menor dúvida sobre o bem que já se obteve devido à influência de Giacomo Nerone e do extinto monsenhor Meredith. Um sacerdote transviado voltou a Deus, uma criança foi livrada de grande dano moral e uma mulher desorientada e infeliz recebeu luzes suficientes para procurar remediar sua situação.

No sentido terreno, estas são coisas pequenas, insignificantes. Mas, no verdadeiro sentido de nossa fé, são

muito importantes, e nelas eu, que sou em geral cético, vi claramente o dedo de Deus.

As laranjas que lhe envio são um último presente de monsenhor Meredith. São de meu próprio pomar – os primeiros frutos de uma nova variedade que importamos da Califórnia. No ano que vem, se Deus quiser, esperamos ter mais dessas árvores para distribuir, em base cooperativa, aos plantadores locais. Monsenhor Meredith interessou-se muito por esse trabalho e, se tivesse vivido, creio que gostaria de participar dele. Seu pedido para que enviasse este presente foi feito em seu leito de morte. Disse ele – e o cito com exatidão: “Talvez o ajudem a compreender.” Vossa Eminência, sem dúvida, compreenderá a alusão.

O corpo de monsenhor Meredith encontra-se agora na Igreja de Nossa Senhora das Dores, em Gemello Minore, de onde sairá amanhã para ser sepultado em terra recém-consagrada, junto à tumba de Giacomo Nerone. Eu mesmo oficiarei a missa e acompanharei o sepultamento.

Serão dias, certamente, as missas usuais, e eu mesmo farei uma recomendação especial, permanente, em minhas missas, como Vossa Eminência, sem dúvida, desejará fazer nas que officiar.

É de meu conhecimento que monsenhor Meredith certa vez pediu a V. Ema. para ser sepultado em sua Igreja, em Roma. A razão da mudança que se operou em sua decisão talvez tenha algum interesse final. Na última carta que me escreveu, na véspera de sua morte, disse-me: “Roma é muito longe... e aqui, pela primeira vez, encontrei a mim mesmo como homem e como sacerdote.”

Sinto-me humilhado ao pensar que muitos dentre nós viveram muito mais e fizeram muito menos.

Seu fraternalmente em Cristo,

AURÉLIO †
Bispo de Valenta

S. Ema. pôs a carta sobre a mesa e recostou-se em sua cadeira, pensando nela. Estava ficando velho, ao que parecia. Ou talvez tivesse vivido demasiado tempo em Roma. Não sabia ler uma carta nem julgar um homem.

O homem que morrera não era o mesmo homem que enviara para lá – um pedante ressequido, com o pó das bibliotecas a cobri-lhe espessamente o coração.

O bispo que fizera o primeiro pedido, solicitando um Advogado do Diabo, não era esse Aurélio, com seu espírito incisivo e aquela ironia mais do que visível.

Ou talvez fossem os mesmos homens, e somente ele houvesse mudado – outra vítima das tentações insidiosas dos príncipes: orgulho, poder, cegueira e frieza de coração. Cristo fizera bispos e um papa – mais jamais um cardeal. A própria palavra contém mais do que uma sugestão de ilusão: *cardo*, gonzo. Como se fossem os gonzos sobre os quais foram colocadas as portas do céu. Talvez pudessem ser gonzos, mas os gonzos eram metal inútil, a menos que firmemente gravados na estrutura viva da Igreja, cujas pedras eram os pobres, os humildes, os ignorantes, os que pecavam e os que amavam, os esquecidos dos príncipes, mas jamais os esquecidos de Deus.

Aquele era um pensamento perturbador, e ele prometeu voltar a este à hora do seu exame de consciência vespertino. Era um homem metódico e agora tinha outras coisas a fazer. Tirou do bolso um caderno de notas com capa de couro e escreveu, sob a data do dia seguinte: “Recomendação na missa... Meredith.”

Depois guardou o caderno no bolso, examinou rapidamente a correspondência e tocou a campainha, ordenando que seu automóvel o aguardasse à porta. Faltavam quinze minutos para as onze. Era a segunda sexta-feira do mês, e o prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos tinha uma audiência com Sua Santidade, o papa, para tratar, entre outras coisas, da beatificação e canonização dos Servos de Deus.

fim

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

O advogado do diabo

Wikipédia do autor:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Morris_West

Goodreads do autor:

https://www.goodreads.com/author/show/32202.Morris_L_West

Skoob do autor:

<https://www.skoob.com.br/autor/431-morris-west>

BestBolso

MORRIS WEST



A
Eminência

"Morris West sempre à frente de seu tempo. Neste thriller, um cardeal argentino é forte candidato ao Vaticano." *USA Today*

A eminência

West, Morris

9788577994410

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

As vésperas do terceiro milênio, a morte do papa e a abertura do processo sucessório no Vaticano obrigam a igreja Católica a refletir sobre seu passado e a redefinir seus rumos. Em meio a situação de crise e mudança, destaca-se a figura do argentino Luca Rossini. O cardeal foi submetido à tortura e à degradação pessoal pelos militares de seu país quando ainda era um jovem sacerdote. Mesmo convivendo com revelações, dúvidas e questionamentos, Rossini é um homem firme, capaz de assumir seus próprios erros e forte candidato a sucessor do papa. Em A Eminência, Morris West demonstra sua habilidade de criar narrativas ambientadas nos bastidores da Igreja ao abordar a natureza da fé, do amor e do compromisso, mostrando como essas forças são testadas em tempos de crise – seja nos corredores do Vaticano ou no coração dos homens.

[Compre agora e leia](#)

O Diário de
ANNE FRANK

edição definitiva por Otto H. Frank e Mirjam Pressler



O Diário de Anne Frank

Frank, Anne

9788577994717

378 páginas

[Compre agora e leia](#)

12 de junho de 1942 – 1º de agosto de 1944. Ao longo deste período, a jovem Anne Frank escreveu em seu diário toda a tensão que a família Frank sofreu durante a Segunda Guerra Mundial. Ao fim de longos dias de silêncio e medo aterrorizante, eles foram descobertos pelos nazistas e deportados para campos de concentração. Anne inicialmente foi para Auschwitz, e mais tarde para Bergen-Belsen. A força da narrativa de Anne, com impressionantes relatos das atrocidades e horrores cometidos contra os judeus, faz deste livro um precioso documento. Seu diário já foi traduzido para 67 línguas, e é um dos livros mais lidos do mundo. Ele destaca sentimentos, aflições e pequenas alegrias de uma vida incomum, problemas da transformação da menina em mulher, o despertar do amor, a fé inabalável na religião e, principalmente, revela a rara nobreza de um espírito amadurecido no sofrimento. Um retrato da menina por trás do mito.

[Compre agora e leia](#)

BestBolso

Sophie Kinsella

o SEGREDO
DE EMMA
CORRIGAN

autora de *Os delírios de
consumo de Becky Bloom*



O segredo de Emma Corrigan

Kinsella, Sophie

9788577994830

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Emma Corrigan tem alguns segredinhos... Mas quem não tem? Durante uma viagem de avião bem turbulenta, Emma acredita que não sobreviverá aos solavancos, e acaba contando todos – mas todos! – os seus segredos para o homem sentado na poltrona ao lado. Quando a aeronave pousa em segurança, ela pede desculpas ao companheiro de voo pelo desabafo, pensando que nunca mais veria aquele estranho bonitão.

No dia seguinte, no entanto, ela descobre que seu colega de viagem era ninguém menos que Jack Harper, um dos fundadores da grande Corporação Panther, empresa na qual Emma trabalha como assistente de marketing. E que seu encontro desajeitado com o milionário a colocaria na maior confusão.

[Compre agora e leia](#)

BestBolso

ENGELS

A origem da
Família, *da*
Propriedade
Privada *e do*
Estado

A origem da família, da propriedade privada e do Estado

Engels, Friedrich

9788577995578

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nesta obra que é referência para a compreensão da estrutura da sociedade – desde o estado selvagem, a barbárie, até a chegada da civilização – Friedrich Engels (1820-1895) interpreta as investigações do antropólogo norte-americano Lewis Morgan e enriquece os detalhados estudos de Karl Marx sobre a análise materialista da história. Uma obra fundamental para entender a concepção do materialismo, a filosofia marxista, a institucionalização da família e o aparecimento do Estado Capitalista Moderno. Um livro atemporal, que atende a diversos questionamentos da sociedade atual.

[Compre agora e leia](#)

BestBooks

ALBERT CAMUS
PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

O HOMEM REVOLTADO

O homem revoltado

Camus, Albert

9788577995509

360 páginas

[Compre agora e leia](#)

As obras de Albert Camus (1913-1960) em geral destacam dois conceitos: o absurdo e a revolta. Em *O homem revoltado*, o autor faz vários questionamentos de ordem filosófica. Coloca-se a favor da liberdade humana e da dignidade do indivíduo, e contrário ao comunismo, aos regimes totalitários e ao terrorismo, pois incitam a revolta humana, os assassinatos e a opressão. Segundo o autor, não há crime que possa ser justificado em nome da História. A obra tem como objetivo a superação e a procura de um caminho, já que foi publicada alguns anos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Apesar da morte precoce, Camus deixou um legado para a sociedade e para cada indivíduo, iluminando os problemas da consciência humana.

[Compre agora e leia](#)